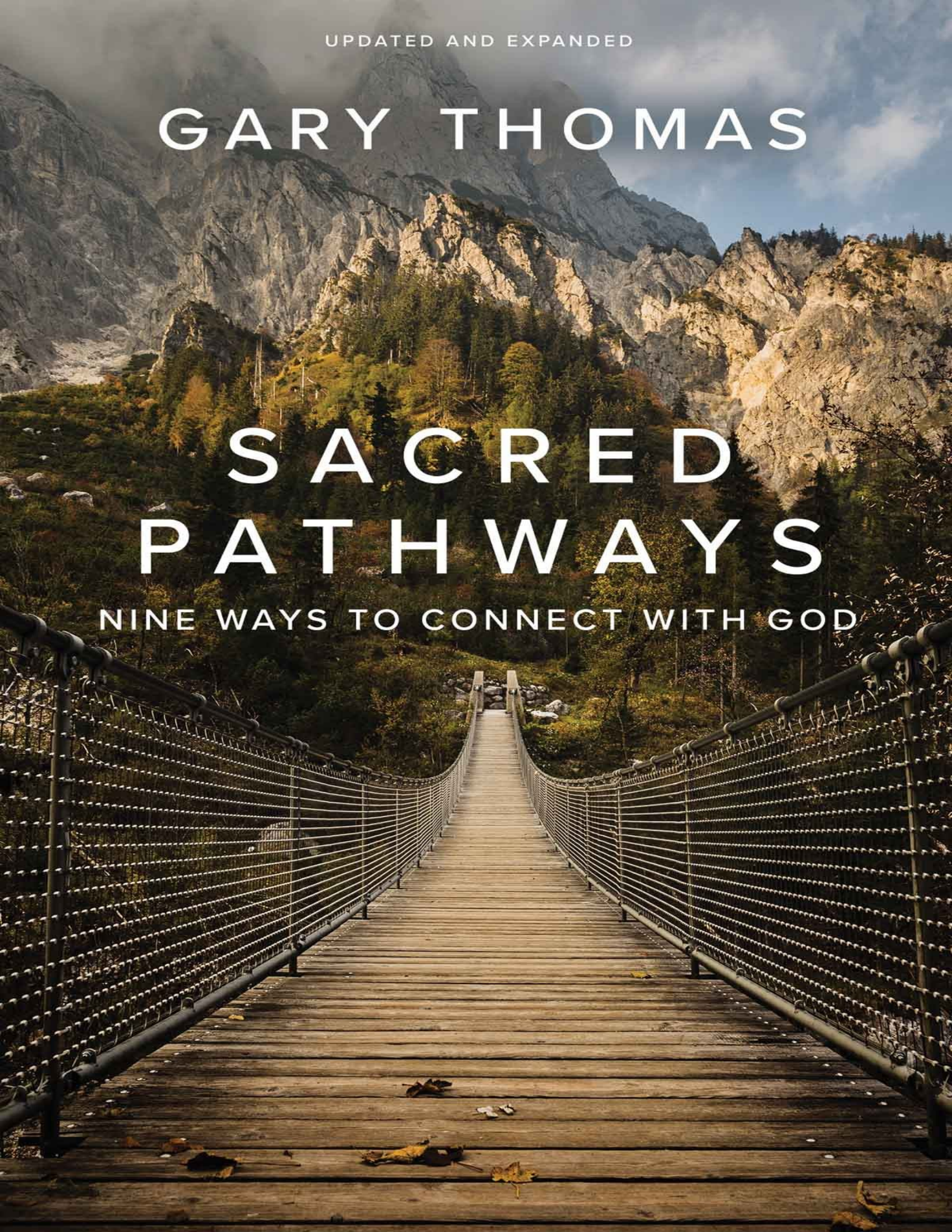


UPDATED AND EXPANDED

GARY THOMAS

SACRED PATHWAYS

NINE WAYS TO CONNECT WITH GOD



Índice

[Página de título](#)

[Direitos autorais](#)

[Conteúdo](#)

[Agradecimentos](#)

[PARTE 1: A JORNADA DA ALMA](#)

[1. Amar a Deus](#)

[2. Onde fica o seu Getsêmani?](#)

[PARTE 2: OS NOVE CAMINHOS SAGRADOS](#)

[3. Naturalistas: Amando a Deus ao Ar Livre](#)

[4. Sentidos: Amando a Deus com os Sentidos](#)

[5. Tradicionalistas: Amando a Deus através de rituais e símbolos](#)

[6. Ascetas: Amando a Deus na Solidão e na Simplicidade](#)

[7. Ativistas: Amando a Deus através do confronto](#)

[8. Cuidadores: Amando a Deus ao Amar o Próximo](#)

[9. Entusiastas: Amando a Deus com Mistério e Celebração](#)

[10. Contemplativos: Amando a Deus através da Adoração](#)

[11. Intelectuais: Amando a Deus com a Mente](#)

[PARTE 3: COMPREENDENDO SEU CAMINHO SAGRADO](#)

[12. Cuidando do Jardim da Alma](#)

[Companheiros de Jornada: Os Caminhos Sagrados e o Eneagrama](#)

[Questões para discussão e reflexão](#)

[Notas](#)

Livros de Gary Thomas

Fé autêntica

Estimar

Devoções para um Casamento Sagrado

Devoções para uma Paternidade Sagrada

Todo corpo importa

A Busca Gloriosa

Santo Disponível

Um amor para a vida toda

Amando-o bem

Preparando seu coração para o casamento

Puro Prazer

Casamento Sagrado

Parentalidade Sagrada

Caminhos Sagrados

A Busca Sagrada

Sede de Deus

Quando ir embora

SACRED PATHWAYS

NINE WAYS TO CONNECT WITH GOD

GARY THOMAS

 ZONDERVAN
BOOKS

LIVROS ZONDERVAN

Caminhos Sagrados

Direitos autorais © 1996, 2010 por Gary L. Thomas

Direitos autorais © 2020 pelo Centro de Espiritualidade Evangélica

Os pedidos de informação devem ser dirigidos a:

Zondervan, 3900 Sparks Dr. SE, Grand Rapids, Michigan 49546

Os títulos da Zondervan podem ser adquiridos em grandes quantidades para fins educacionais, comerciais, de arrecadação de fundos ou promocionais de vendas. Para obter mais informações, envie um e-mail para SpecialMarkets@Zondervan.com.

ISBN 978-0-310-36119-0 (áudio)

Edição Epub julho de 2020 9780310361183

Dados de Catalogação na Publicação da Biblioteca do Congresso

Nomes: Thomas, Gary (Gary Lee), autor.

Título: Caminhos sagrados: nove maneiras de se conectar com Deus / Gary Thomas.

Descrição: Grand Rapids: Zondervan, 2020. | Inclui referências bibliográficas. | Resumo: “Esta edição revisada e atualizada de Caminhos Sagrados irá encorajá-lo a reconhecer pontos fortes, pontos fracos e tendências em sua abordagem devocional a Deus. Gary Thomas, autor do best-seller Casamento Sagrado, mostra como aprimorar seu tempo devocional e sua vida de adoração pessoal para que você possa fortalecer sua caminhada com o Senhor” — Fornecido pela editora.

Identificadores: LCCN 2020022336 (impresso) | LCCN 2020022337 (e-book) | ISBN 9780310361176 (brochura) | ISBN 9780310361183 (e-book)

Temas: LCSH: Vida espiritual — Cristianismo. | Deus (Cristianismo) — Adoração e amor. | Temperamento — Aspectos religiosos — Cristianismo.

Classificação: LCC BV4501.3 .T47153 2020 (impresso) | LCC BV4501.3 (e-book) | DDC 248.4—dc23

Registro da Biblioteca do Congresso disponível em <https://lcn.loc.gov/2020022336>

Registro do ebook da LC disponível em <https://lcn.loc.gov/2020022337ISBN 978-0-310-36117-6> (brochura)

Todas as citações bíblicas, salvo indicação em contrário, foram extraídas da Bíblia Sagrada, Nova Versão Internacional® · NVI® · Copyright © 1973, 1978, 1984, 2011 por Biblica, Inc.® Usado com permissão da Zondervan. Todos os direitos reservados mundialmente. www.Zondervan.com. “NIV” e “Nova Versão Internacional” são marcas registradas no Escritório de Patentes e Marcas dos Estados Unidos pela Biblica, Inc.®

Quaisquer endereços de internet (sites, blogs, etc.) e números de telefone neste livro são oferecidos como recurso. Eles não representam, de forma alguma, um endosso por parte da Zondervan, nem a Zondervan garante o conteúdo desses sites e números durante a vigência deste livro.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, armazenada em sistema de recuperação ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio — eletrônico, mecânico, fotocópia, gravação ou qualquer outro — exceto para breves citações em resenhas impressas, sem a prévia autorização da editora.

Publicado em parceria com Yates & Yates, www.yates2.com.

Design da capa: Curt Diepenhorst

Fotografia da capa: Cyril Gosselin / GettyImages

Design de interiores: Emily Ghattas

Impresso nos Estados Unidos da América

20 21 22 23 24 /LSC/ 10 9 8 7 6 5 4 3 2 1

Instruções para o ebook

Nesta edição digital, utilize a função de anotações do seu dispositivo para registrar suas ideias sempre que vir as instruções entre colchetes [Suas Anotações]. Utilize a função de destaque do seu dispositivo para registrar sua resposta sempre que for solicitado a marcar, circular, sublinhar ou indicar sua(s) resposta(s) de outra forma.

Informações sobre hiperlinks externos neste ebook

Observe que as notas de rodapé deste ebook podem conter hiperlinks para sites externos como parte das citações bibliográficas. Esses hiperlinks não foram ativados pela editora, que não pode verificar a precisão desses links após a data de publicação.

*Para Allison, Kelsey e Graham:
que vocês abram
as janelas de seus corações
para o amor de Deus.*

CONTEÚDO

[Cobrir](#)

[Página de título](#)

[Direitos autorais](#)

[Agradecimentos](#)

[PARTE 1: A JORNADA DA ALMA](#)

[1. Amar a Deus](#)

[2. Onde fica o seu Getsêmani?](#)

[PARTE 2: OS NOVE CAMINHOS SAGRADOS](#)

[3. Naturalistas: Amando a Deus ao Ar Livre](#)

[4. Sentidos: Amando a Deus com os Sentidos](#)

[5. Tradicionalistas: Amando a Deus através de rituais e símbolos](#)

[6. Ascetas: Amando a Deus na Solidão e na Simplicidade](#)

[7. Ativistas: Amando a Deus através do confronto](#)

[8. Cuidadores: Amando a Deus ao Amar o Próximo](#)

[9. Entusiastas: Amando a Deus com Mistério e Celebração](#)

[10. Contemplativos: Amando a Deus através da Adoração](#)

[11. Intelectuais: Amando a Deus com a Mente](#)

[PARTE 3: COMPREENDENDO SEU CAMINHO SAGRADO](#)

[12. Cuidando do Jardim da Alma](#)

[Companheiros de Jornada: Os Caminhos Sagrados e o Eneagrama](#)

[Questões para discussão e reflexão](#)

[Notas](#)

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a diversas pessoas que revisaram este manuscrito, em especial Frederica Mathewes-Green, Dr. Brian Newman, Lisa Thomas, o Reverendo Brian Thorstad e Janet Thoma. Seus comentários contribuíram significativamente para este livro. Fui muito bem atendido pela equipe da Zondervan, principalmente por John Sloan e Dirk Buursma. Gostaria também de agradecer às muitas pessoas que assistiram aos seminários e ofereceram sugestões para enriquecer este material.

PARTE 1

A JORNADA DA ALMA

CAPÍTULO 1

AMAR A DEUS

valiosas sobre espiritualidade podem surgir nos momentos mais inesperados. Um voo de Washington, D.C. para Seattle, Washington, com estalos nos ouvidos, me ensinou uma lição que não esquecerei tão cedo. Pouco antes de embarcar na viagem, fui pega por um resfriado forte. Meus seios da face pioram quando viajo de avião, mesmo quando me sinto bem, então sabia que precisava de ajuda. Como tinha acabado de me mudar para a Virgínia, não me preocupei em procurar um médico, então um colega de trabalho me recomendou uma clínica de atendimento ambulatorial.

Nada na aparência da clínica parecia profissional ou me transmitia tranquilidade. Eu tinha sérias reservas quanto ao atendimento que receberia, mas não tinha tempo para ir a outro lugar, então fiz o possível para explicar meu dilema ao médico, esperei pela receita e fui embora.

Quando cheguei em casa, minha esposa me perguntou: "O que o médico disse?"

"Não sei", respondi. "Estava tão doente que não conseguia entendê-lo."

As sobrancelhas dela se ergueram. "Bem, o que ele receitou?"

"Não sei. Não consigo ler o que está escrito."

"Que tipo de clínica era essa?"

"Não quero saber", eu disse. "Tenho que sair da cidade amanhã."

O voo do dia seguinte foi um dos mais miseráveis da minha vida. Leva cerca de cinco horas para voar de Washington, DC, para Seattle, mas eu tinha certeza de que meu corpo, então com trinta anos, não aguentaria. Eu tinha completado quarenta e cinco anos quando aterrissei. Minha cabeça parecia pesar uns cinquenta quilos.

Tomei a medicação conforme prescrito e esperava que meus ouvidos desentupissem um pouco no dia seguinte, mas não desentupiram. Eu nem conseguiria falar direito se não procurasse ajuda, então, depois de um ou dois dias, parei em uma clínica em Portland, Oregon, na esperança de obter mais alívio. O novo médico me tranquilizou. Minha cabeça estava clareada o suficiente para que eu conseguisse entender o que ele estava falando. Quando ele soube o que havia sido prescrito para mim na Virgínia, ficou boquiaberto. "Não sei o que aquele médico estava pensando, mas não consigo imaginar prescrevendo esse remédio para o seu problema. Aparentemente, esse médico conhece apenas um ou dois remédios e está prescrevendo o mesmo para praticamente tudo."

Essa experiência me ensinou a insensatez de usar um único remédio para tratar todos os males. No entanto, levou algum tempo para que a analogia espiritual se tornasse clara. Repetidamente, damos aos cristãos a mesma prescrição espiritual: "Você quer crescer como cristão? Tudo o que você precisa fazer é cultivar um momento de silêncio e vir à igreja todo fim de semana."

Em algum momento entre o final da década de 1970 e o início da década de 1980, o "momento devocional" tornou-se um elemento essencial da maioria dos programas de discipulado e treinamento da igreja. Geralmente com duração de trinta a sessenta minutos, o momento devocional era composto, na maioria das vezes, por um breve período de adoração pessoal, seguido de oração intercessória (utilizando um caderno de orações ou

uma lista de orações intercessórias), estudo bíblico (de acordo com um método estabelecido) e, em seguida, uma oração final, seguida do compromisso de compartilhar o que aprendemos com pelo menos uma outra pessoa naquele dia. Isso é algo fácil de ensinar e, para alguns grupos, fácil de cobrar das pessoas: "Quantas vezes você teve seu momento devocional na última semana?". Qualquer resposta inferior a sete era considerada errada.

Talvez com boas intenções (quem se oporia à adoração pessoal regular, à oração e ao estudo da Bíblia?), reduzimos a vida devocional a um exercício mecânico. A.W. Tozer nos alertou sobre isso: "Todo o processo de conversão religiosa foi transformado em algo mecânico e Sem espírito. Quase nos esquecemos de que Deus é uma pessoa e, como tal, pode ser cultivado como qualquer pessoa." ¹As vítimas da "religião mecanizada" são muitas. Uma coisa é testemunhar pessoas espiritualmente vazias fora da igreja; é ainda mais triste ver cristãos *dentro* da igreja que sofrem desse mesmo vazio espiritual.

Em última análise, trata-se de nutrição espiritual. Muitos cristãos consideram o tradicional momento de silêncio espiritual útil para iniciar uma vida de devoção, mas bastante restritivo e insuficiente para construir um relacionamento contínuo e enriquecedor com Deus. Como o momento de silêncio espiritual é tudo o que lhes foi ensinado, muitos simplesmente o deixaram de lado sem buscar um substituto, pois nunca lhes foi ensinada outra maneira de se "alimentarem" espiritualmente. Assim, vivem em uma dieta de fome e depois se surpreendem ao perceberem que sempre parecem tão "famintos".

Outros persistiram, mas admitem que a rotina de suas práticas devocionais as transformou mais em uma obrigação do que em um prazer. Isso porque rotinas úteis, até mesmo prazerosas, podem se tornar monótonas com o tempo. Existem certos alimentos que eu realmente gosto, mas não quero comê-los *todos os dias*. Tenho certos percursos de corrida e treinos que aguardo com grande expectativa, mas não gostaria de correr o mesmo percurso, na mesma velocidade, na mesma distância, todas as vezes que corro.

Sair da rotina muitas vezes gera um novo entusiasmo. Uma das coisas mais revigorantes que aconteceu ao meu casamento alguns anos atrás foi eu ter quebrado o pulso. Foi uma fratura séria, que exigiu cirurgia, e nos tirou da rotina. Passamos a fazer quase tudo juntos, em parte porque eu precisava de muita ajuda. Como meu exercício se limitava a caminhadas, caminhávamos quase todos os dias. Fazíamos compras juntos. Respondíamos e-mails juntos (no início, eu não conseguia digitar). Por um tempo, Lisa até me ajudou a me vestir. (Tente *amarrar* o cadarço do sapato com uma mão só!) Ao sairmos da rotina, Lisa e eu descobrimos um amor mais profundo e renovado. O romance sempre esteve lá; apenas estava soterrado sob o peso de fazer sempre as mesmas coisas.

Percebi que muitas pessoas enfrentam o mesmo dilema em sua caminhada com Deus. Seu amor por Ele não diminuiu; elas simplesmente caíram em uma rotina entorpecedora. Suas devoções parecem meras sombras do que vêm fazendo há anos. Estão envolvidas no mesmo ministério há tanto tempo que praticamente poderiam fazê-lo dormindo. Parece que ninguém em seus pequenos grupos teve uma ideia original nos últimos três anos. Finalmente, acordam uma manhã e se perguntam: "Será que é só isso que há para conhecer a Deus?"

Momentos de tranquilidade se chocam com a realidade.

Vários anos depois de me formar na faculdade, percebi que minha vida espiritual precisava se adaptar a uma nova rotina. Eu saía de casa entre 5h e 5h30 da manhã e voltava por volta

das 17h30. Isso me deixava uma hora para jantar com a minha família, uma hora para passar um tempo com meus filhos, meia hora para colocá-los na cama e mais uma hora para pagar as contas, levar o lixo para fora, saber como estava o dia da minha esposa e atender telefonemas. Se tivéssemos uma reunião à noite, tudo ficava ainda mais apertado.

Para ter sessenta minutos de silêncio, que eram um elemento essencial e precioso da minha vida espiritual, eu teria que acordar às 4 da manhã! Conseguia ler um pouco da Bíblia diariamente antes de sair de casa e orar durante o trajeto matinal, mas sentia que estava trapaceando. As férias e os fins de semana ofereciam a oportunidade de retomar essa disciplina, mas a semana de trabalho exigia algo diferente.

Essa luta para encontrar uma nova “receita espiritual” tornou-se uma grande bênção, pois comecei a descobrir novas maneiras de nutrir minha alma. Talvez a principal lição que aprendi foi que certas partes de mim nunca são tocadas por um momento de silêncio padronizado. Minha disciplina de momentos de silêncio foi (e é) útil; no entanto, percebi que não era suficiente. Outras partes do meu ser espiritual permaneciam adormecidas.

Comecei também a perceber que outras pessoas compartilhavam da minha frustração. Para algumas pessoas, o momento de silêncio ritualístico parece muito cerebral. Outras simplesmente se entediam sentadas sozinhas em uma mesa, apenas lendo e pensando. E por que todos deveriam ser obrigados a amar a Deus da mesma maneira, afinal? Acharíamos absurdo insistir que cristãos recém-evangelizados na Morávia criassem um culto idêntico ao dos presbiterianos em Boston ou dos batistas na Geórgia. No entanto, prescrevemos o mesmo tipo de espiritualidade tanto para o agricultor em Iowa quanto para o advogado em Washington, D.C.

Cuidado para não restringir demais sua abordagem a Deus.

Esperar que todos os cristãos tenham um certo tipo de momento devocional pode causar estragos em uma igreja ou pequeno grupo. Entusiasmados com abordagens significativas (para nós) da vida cristã, às vezes presumimos que, se os outros não vivenciam o mesmo, algo deve estar errado com a fé deles. Por favor, não se intimide com as expectativas alheias. Deus quer conhecer o seu verdadeiro eu, não uma caricatura do que alguém quer que você seja. Ele o criou com uma personalidade e um temperamento espiritual específicos. Deus quer a sua adoração, de acordo com a forma como Ele o criou. Sua adoração pode ser um pouco diferente da adoração da pessoa que o trouxe a Cristo ou da pessoa que lidera seu estudo bíblico ou sua igreja.

Devo admitir que existe um limite para a abordagem individual da espiritualidade. Não é sábio nem bíblico buscar a Deus separadamente da comunidade de fé. Nossas expressões individuais de fé devem estar unidas ao culto comunitário com o corpo de Cristo. Felizmente, ao longo de seus quase dois mil anos de história, a igreja nos legou ricas e variadas tradições de amar a Deus.

Jesus aceitou a adoração da sogra de Pedro, pois ela Ele o serviu, mas recusou-se a forçar Maria, irmã de Marta, a também adorar dessa maneira. Maria teve permissão para expressar sua adoração no silêncio da veneração, não na agitação do serviço ativo. Bons diretores espirituais entendem que as pessoas têm temperamentos espirituais diferentes, que o que alimenta uma pessoa não alimenta a todos. Dar a mesma prescrição espiritual a todos os cristãos em dificuldade não é menos irresponsável do que um médico prescrever penicilina para combater todas as doenças.

Ao ler os clássicos da fé cristã e compartilhar minha jornada com outras pessoas, descobri várias maneiras pelas quais as pessoas encontram intimidade com Deus: estudando história da igreja ou teologia, cantando ou lendo hinos, dançando, caminhando na floresta. Cada prática despertou em diferentes pessoas um novo senso de vitalidade espiritual, e algo foi tocado nelas que nunca havia sido tocado antes.

Essa descoberta me levou a buscar diversos “temperamentos espirituais” como forma de explicar como cada um de nós ama a Deus de maneira diferente. Nosso temperamento espiritual deve ser distinguido do nosso temperamento pessoal, sobre o qual tanto já foi escrito. Conhecer nosso temperamento pessoal, se somos sanguíneos ou melancólicos, por exemplo, nos dirá como nos relacionamos com os outros ou como podemos escolher um cônjuge ou vocação adequados. Mas isso não nos diz necessariamente como nos relacionamos com Deus. O foco nos temperamentos espirituais é uma tentativa de nos ajudar a entender como melhor nos relacionamos com Deus para que possamos desenvolver novas maneiras de nos aproximarmos Dele. Minha busca foi influenciada principalmente por figuras bíblicas, que vivenciaram esses temperamentos nas páginas das Escrituras, e em segundo lugar por movimentos históricos dentro da igreja cristã.

Um Deus, Muitos Relacionamentos

As Escrituras nos dizem que o mesmo Deus está presente desde Gênesis até Apocalipse, embora as pessoas adorassem esse único Deus de muitas maneiras: Abraão tinha uma inclinação religiosa, construindo altares. Por onde passava, Moisés e Elias revelavam um espírito ativista em seus diversos confrontos com as forças do mal e em suas conversas com Deus. Davi celebrava a Deus com um estilo de adoração entusiasmado, enquanto seu filho Salomão expressava seu amor por Deus oferecendo sacrifícios generosos. Ezequiel e João descreveram imagens vívidas e coloridas de Deus, deslumbrantes em seu brilho sensual. Mordecai demonstrou seu amor por Deus cuidando dos outros, começando pela órfã Ester. Maria de Betânia é a clássica contemplativa, sentada aos pés de Jesus.

Essas e outras figuras bíblicas do Antigo e do Novo Testamento confirmaram para mim que, dentro da fé cristã, existem muitas maneiras diferentes e aceitáveis de demonstrar nosso amor por Deus. Nossos temperamentos nos farão sentir mais à vontade com algumas dessas expressões do que com outras — e isso é perfeitamente aceitável para Deus. De fato, ao adorarmos a Deus da maneira como Ele nos criou, estamos afirmando Sua obra como Criador.

Movimentos históricos dentro da Igreja

A segunda área que pesquisei ao buscar definir esses temperamentos espirituais foi a separação histórica da igreja em grupos que concordam em muitas questões mais amplas, mas frequentemente discordam veementemente em questões menores. Analisei diversas controvérsias na história cristã e descobri que uma maneira diferente de se relacionar com Deus — uma maneira sugerida por um temperamento espiritual — estava por trás de muitas delas. Seria simplista sugerir que tais diferenças foram a única ou mesmo a principal causa de muitas divisões e denominações na igreja, mas elas tiveram algum efeito. Consideremos apenas os últimos quinhentos anos da história da igreja. Na Idade Média, o ramo ocidental da igreja, o catolicismo romano, estava imerso no mistério dos ritos sacramentais; o culto católico romano era centrado no altar. Quando Lutero rompeu teologicamente com Roma, o culto foi alterado consideravelmente. Enfatizou o princípio *da*

sola scriptura (a suficiência das Escrituras), elevando o púlpito para demonstrar a importância da pregação da Palavra. Assim, em uma igreja da Reforma, o olhar seria atraído para um púlpito de aparência majestosa, e não para um altar ornamentado. Essa mudança criou dois estilos distintos de culto: um enfatizando a reencenação ritual da crucificação, e o outro enfatizando o discurso intelectual no conhecimento, na compreensão e na explicação da existência de Deus.

Os reformadores, contudo, divergiam entre si. Os luteranos tendiam a manter muitos dos elementos do culto romano, a menos que esses elementos fossem explicitamente rejeitados pelas Escrituras. Os calvinistas, por sua vez, tendiam a eliminar todos os elementos, a menos que fossem prescritos nas Escrituras.

As diferentes formas de amar a Deus estendiam-se até mesmo à maneira como esse amor era expresso no mundo. Os calvinistas rejeitavam a expressão monástica de amar a Deus — uma separação estrita da sociedade — e optavam, em vez disso, por expressar o amor a Deus transformando a sociedade. A linha divisória entre Igreja e Estado começou a se tornar tênue. Calvino queria que os cristãos ocupassem os importantes cargos do Estado e chegou ao ponto de permitir a execução de um herege.

Os anabatistas, por outro lado, buscavam expressar seu amor por Deus enfatizando a realidade intrínseca do evangelho. Tornaram-se separatistas e pacifistas, recusando-se a participar dos assuntos do governo secular. Em vez disso, tentaram criar uma sociedade modelo que testemunhasse ao mundo incrédulo, convidando-o a sair da sociedade secular e a se unir à comunidade de fé. Seu culto frequentemente consistia em sentar-se em silêncio diante de Deus, aguardando que o Espírito Santo falasse por meio de seu povo. Nem o púlpito nem o altar eram o foco principal. Uma igreja anabatista incentivava a partilha congregacional, crendo que o Espírito Santo de Deus falava ao seu povo, por meio do seu povo.

Mais a leste, a Igreja Ortodoxa manteve sua tradição secular de realizar um culto bastante sensual, com os fiéis tocando diversos objetos (e até mesmo se beijando ocasionalmente). Eles), ouvindo os sinos tocarem, sentindo o cheiro do incenso, observando os sacerdotes com suas vestes elaboradas e participando dos cultos em ambientes coloridos. Eram serviços voltados para o tato, que despertavam os sentidos, imersos em mistério e reverência.

Todos os cinco participantes — católicos romanos, luteranos, calvinistas, anabatistas e ortodoxos — buscavam amar a Deus, mas expressavam esse amor de maneiras distintas. Muitas diferenças tinham raízes teológicas, mas algumas também estavam relacionadas às preferências de culto.

John Wesley, um eminente anglicano, foi profundamente impactado durante uma viagem transoceânica ao testemunhar a fé dos morávios, que bravamente mantiveram a serenidade diante da morte. Em resposta, Wesley trocou uma fé baseada em credos e disciplina pela fé interior demonstrada pelos morávios e começou a pregar a necessidade de se relacionar com Deus por meio de uma transformação interior. Assim, nasceu o metodismo.

No início do século XX, o Avivamento da Rua Azusa trouxe de volta as práticas pentecostais para a vida comum da igreja. Hoje, praticamente todas as congregações foram influenciadas pela renovação carismática, independentemente de concordarem ou não com a teologia

pentecostal. O canto de coros e o bater palmas ou levantar as mãos se espalharam por praticamente todas as denominações.

Ao mesmo tempo em que a experiência interior se fundia com elementos pentecostais, outra ala da igreja começou a enfatizar as obrigações sociais do evangelho — e assim nasceu o movimento do evangelho social, com uma ala promovendo a Lei Seca e a outra endossando o socialismo. Nessa expressão do cristianismo, o que importava era amar o próximo e criar uma sociedade justa, não ter vagas experiências interiores de deleite espiritual.

Em vez de aprender com os outros, os cristãos muitas vezes optaram por se segregar, fundando uma nova igreja sempre que as preferências de culto divergiam. Essa segregação ergueu muros denominacionais e empobreceu muitos cristãos. A menos que você tenha a sorte de... Nascer na tradição certa significa ser criado para se alimentar da dieta de outra pessoa. Infelizmente, alguns cristãos tendem a questionar a legitimidade de qualquer experiência que não lhes interesse particularmente. Em vez de dizerem: "Isso não é para mim", proclamam: "Isso não deveria ser para ninguém".

Essa atitude não é muito diferente da que minha filha, que estuda em casa, expressou certa vez ao ter dificuldades com um problema de matemática que sua mãe lhe havia passado. Allison lamentou: "Isso é muito difícil. Não é justo! Aliás, acho que é antibíblico!"

É claro que não há nada de "antibíblico" na matemática, mas essa mesma abordagem é frequentemente adotada quando questionamos experiências de outros cristãos — particularmente experiências que nos parecem "estranhas". Estou falando de práticas "teologicamente neutras". Por exemplo, uma mulher pode descobrir que a queima de incenso na igreja a ajuda a orar, enquanto outra acha que usar incenso é uma distração ou simplesmente estranho. As duas podem concordar em discordar sem transformar uma preferência de culto doutrinariamente neutra em uma questão teológica.

Deus nos deu personalidades e temperamentos diferentes. É natural que essas diferenças se reflitam em nossa adoração.

Temperamentos de personalidade

Carl Jung desenvolveu quatro perfis para descrever a natureza humana. (Esses perfis foram formulados por Isabel Briggs Myers no popular teste Myers-Briggs.) Primeiro, abordamos a realidade como *extrovertidos*, que se sentem mais à vontade no mundo social, ou como *introvertidos*, que preferem se refugiar no mundo interior. Segundo, registramos as informações como pessoas *sensoriais*, usando os cinco sentidos, ou como pessoas *intuitivas*, usando a imaginação. Terceiro, organizamos e classificamos os dados como pessoas *racionais*, que usam a lógica e o intelecto, ou como pessoas *emocionais*, que organizam os dados de acordo com o impacto que eles têm sobre nós. pessoas e se relaciona com valores humanos. Finalmente, organizamos nossa realidade externa como uma pessoa *julgadora*, que é ordenada, controladora e gerenciadora, ou uma pessoa *perceptiva*, que é espontânea e flexível. Combinações desses quatro perfis podem criar dezesseis tipos de personalidade diferentes, e o teste Myers-Briggs foi desenvolvido para diferenciar esses tipos.²

Embora os temperamentos espirituais sejam diferentes dos temperamentos de personalidade, os "tipos" de Myers-Briggs podem nos indicar diferentes maneiras de nos relacionarmos com o Deus que nos criou com uma variedade de disposições e inclinações. Usando figuras bíblicas, movimentos históricos da igreja e vários temperamentos de

personalidade, podemos identificar nove temperamentos espirituais — o que eu chamo de "caminhos sagrados".

Caminhos Sagrados: Uma Visão Geral

O que é um “caminho sagrado”? De forma bem simples, descreve a maneira como nos relacionamos com Deus, como nos aproximamos Dele. Existe apenas um caminho? Não necessariamente. A maioria de nós, porém, possui naturalmente uma certa predisposição para se relacionar com Deus, que é o nosso temperamento espiritual predominante.

Aqui está uma breve visão geral dos nove temperamentos espirituais. [A Parte 2](#) deste livro examinará detalhadamente cada temperamento. Ao ler as descrições desses nove caminhos sagrados, você poderá identificar aqueles que se aplicam a você.

Naturalistas: Amando a Deus ao Ar Livre

Os naturalistas prefeririam deixar qualquer edifício, por mais belo ou austero que seja, para orar a Deus à beira de um rio. Deixem os livros para trás, esqueçam as demonstrações — deixem-nos simplesmente passear pelos bosques, montanhas ou campos abertos.

Esses cristãos acreditam que a natureza proclama claramente que “Deus existe!” Eles podem aprender mais observando uma colônia de formigas ou contemplando um lago tranquilo do que lendo um livro ou ouvindo um sermão, embora possam encontrar satisfação na leitura das parábolas de Jesus baseadas na natureza e em trechos dos Salmos.

Os naturalistas são aparentados aos contemplativos, com a diferença de que são movidos pela criação, além do mundo interior. Quando estão ao ar livre, seus corações se elevam para adorar a Deus. Um exemplo contemporâneo é a escritora Annie Dillard. Em seu livro *Holy the Firm*, Dillard escreveu: “Conheço Deus o suficiente para querer adorá-lo, por todos os meios disponíveis”.³ Um de seus principais meios era passar tempo ao ar livre. Talvez por Dillard ter se apaixonado pelo Noroeste do Pacífico, onde cresci, eu tenha uma afinidade especial por suas obras. Também morei na Virgínia, onde Dillard acampou nas Montanhas Blue Ridge e registrou aquela cena, agora famosa e comovente, de uma mariposa voando em direção à chama de uma vela.

A partir desses eventos e cenas comuns — mariposas, montanhas e o Estreito de Puget — Dillard desvendou o mistério do Deus sagrado e transcendente. Ela escreveu que visitou a Cordilheira das Cascatas “para estudar coisas difíceis, montanhas rochosas e mar salgado, e para temperar meu espírito em suas arestas”.

“Ensina-me os teus caminhos, Senhor” é, como todas as orações, uma oração precipitada, e uma que não posso deixar de recomendar. Estas montanhas — o Monte Baker, as Sisters e Shuksan, a Cordilheira Costeira Canadense e as Montanhas Olímpicas na península — são certamente a fronteira do mundo conhecido e compreendido. São altas. O fato de carregarem suas próprias massas e intempéries inimagináveis, erguendo-as no céu para que qualquer um as veja claramente, torna-as, como Chesterton disse da Eucaristia, ainda mais misteriosas por sua própria visibilidade e ausência de segredo. São a orla ocidental do real, se não consideravelmente além dele.

Assim como Dillard, os naturalistas aprendem a buscar a Deus cercando-se de tudo o que Ele criou. Observe como a beleza física que cerca Dillard reflete continuamente a fé espiritual e invisível que existe dentro dela.

Sensates: Amando a Deus com os Sentidos

Cristãos sensoriais desejam se perder na admiração, na beleza e no esplendor de Deus. Eles são particularmente atraídos pelo litúrgico, pelo majestoso, pelo grandioso. Quando esses cristãos adoram, querem ser preenchidos por imagens, sons e aromas que os envolvam

completamente. Incenso, arquitetura intrincada, música clássica e linguagem formal elevam seus corações.

Enquanto alguns cristãos podem achar esse ataque sensorial tão perturbador, esses cristãos se deleitam nele. Os cinco sentidos são a via mais eficaz que Deus usa para alcançar seus corações.

W. Phillip Keller, autor do popular livro *Um Pastor Analisa o Salmo 23*, me parece alguém com tendências sensoriais. Em seu livro *Domando a Tensão*, Keller escreve sobre ser um estudante universitário confinado a uma “casa bastante apertada e monótona” durante um inverno. Ele encontrou refúgio na imagem de um “magnífico pôr do sol. Repetidamente, me absorvi em sua beleza. Foi um tremendo alento e inspiração em meio ao que, de outra forma, teria sido um ambiente insuportável.” ⁵

No mesmo livro, Keller fala sobre o papel da música em sua vida. Durante os seus autodenominados “anos de solidão” em terras estrangeiras, Keller pegava seu violino “para aliviar a angústia e a dor interior. Uma hora tocando música fazia meu coração cantar novamente.” ⁶ Ele descobriu que “até mesmo um hábito tão simples como cantarolar ou assobiar pode transformar um dia triste em um dia cheio de nova esperança e alegria.” ⁷

Assim que Keller compreendeu plenamente o significado do *Messias de Handel*, ele começou a tocá-lo o ano todo. “Em momentos em que estou abatido ou desanimado com os sofrimentos da vida, as melodias e a mensagem desta obra me confortam.” A música, mostrando como o próprio Cristo também sentiu tanta tristeza e pesar, me elevou de uma forma que nenhuma outra força humana poderia ter feito.” ⁸

A visão e a música, entre outras coisas, desempenharam papéis fundamentais em levar Keller a novas dimensões de adoração e comunhão com Deus. Tudo o que toca os sentidos pode ser um poderoso limiar de adoração para cristãos sensoriais.

Tradicionalistas: Amando a Deus através do Ritual e do Simbolismo

Os tradicionalistas se nutrem do que muitas vezes se denomina dimensões históricas da fé: rituais, símbolos, sacramentos e sacrifícios. Esses cristãos tendem a ter uma vida de fé disciplinada. Alguns podem ser vistos por outros como legalistas, definindo sua fé principalmente por meio de condutas. Frequentemente, frequentam regularmente os cultos religiosos, pagam o dízimo, guardam o sábado e assim por diante.

Os tradicionalistas têm necessidade de rituais e estrutura. A “oração silenciosa” não estruturada dos contemplativos seria confusa e pouco satisfatória para eles.

Rod Dreher, colunista do *Dallas Morning News*, pode ser considerado um tradicionalista. Dreher cresceu frequentando cultos cristãos informais. O fervor emocional desses cultos o atraiu para a fé, mas não foi suficiente para mantê-lo engajado — e seu comprometimento diminuiu durante seus anos no internato. Um encontro com alguns escritos cristãos modernos acabou por reconduzi-lo à fé, mas desta vez ele sentiu falta de rituais e estruturas mais estabelecidos. Para sua surpresa, logo descobriu que as liturgias não eram limitadoras e sem vida, como ele imaginava, mas sim carregavam uma profundidade e uma historicidade que acrescentavam uma nova estética à sua prática religiosa. “Era mais belo do que qualquer coisa que eu já tivesse experimentado”, disse ele.

Dreher foi atraído pelo ritual da Igreja Ortodoxa, comovido pelo fato de estar recitando orações que haviam sido feitas por muitos cristãos em séculos anteriores. A estrutura dos

serviços. Isso trouxe mais disciplina à sua vida pessoal. A experiência do mesmo ritual semana após semana aprofundou sua compreensão da fé e seu compromisso com ela. Agora, Dreher afirma: "Vivo de forma mais litúrgica no meu dia a dia. Isso deu mais profundidade e riqueza à minha fé cristã."

Ascetas: Amando a Deus na Solidão e na Simplicidade

Os ascetas não desejam nada mais do que serem deixados em paz para orar. Removam a liturgia, os adornos da religião, o ruído do mundo exterior. Que não haja nada que os distraia — nada de imagens, nada de música alta — e deixem-nos sozinhos para orar em silêncio e simplicidade.

Os ascetas levam uma existência fundamentalmente interior. Mesmo quando fazem parte de um grupo de pessoas, podem parecer isolados dos outros. Frequentemente introspectivos, às vezes em excesso, sentem-se desconfortáveis em qualquer ambiente que os impeça de "escutar o silêncio".

O cantor e escritor Michael Card é um bom exemplo de temperamento ascético. Ele vive em uma casa inspirada na cultura Shaker, em uma propriedade de cem acres na zona rural de Franklin, Tennessee. Card admira a ênfase dos Shakers na simplicidade da arquitetura e do estilo de vida. Seu sonho é estabelecer um pequeno centro de retiro silencioso em sua propriedade, onde pastores, artistas e compositores possam passar um tempo com o Senhor em oração e jejum.

As letras das canções de Card, como a reprise em "The Things We Leave Behind", frequentemente defendem a vida simples: "Todo coração precisa ser libertado das posses que o prendem tão fortemente... e não podemos imaginar a liberdade que encontramos nas coisas que deixamos para trás." ⁹

Ativistas: Amando a Deus através do confronto

Os ativistas servem a um Deus de justiça, e sua passagem bíblica favorita costuma ser a história da purificação do templo por Jesus. Eles definem *adoração* como opor-se ao mal e chamar os pecadores ao arrependimento. Os cristãos frequentemente veem a igreja como um lugar para recarregar as energias, para que possam voltar ao mundo e lutar contra a injustiça.

Os ativistas podem adotar causas sociais ou evangelísticas, mas encontram seu lugar no mundo turbulento do confronto. Eles se energizam mais com a interação com os outros, mesmo em conflitos, do que estando sozinhos ou em pequenos grupos.

Francis Schaeffer é um bom exemplo desse temperamento. Embora fosse conhecido principalmente como um "pensador", os pensamentos de Schaeffer geralmente o levavam ao ativismo. Em sua obra seminal *Como Devemos Viver, Então?*, Francis Schaeffer escreveu que "como cristãos, não devemos apenas *conhecer* a visão de mundo correta... mas *agir conscientemente* de acordo com essa visão de mundo, de modo a influenciar a sociedade em todas as suas partes e facetas, em todo o espectro da vida, tanto quanto pudermos, dentro dos limites de nossa capacidade individual e coletiva".¹⁰ [Schaeffer](#) prossegue elogiando grandes ativistas cristãos como Elizabeth Fry, Lord Shaftesbury, William Wilberforce e John Wesley. Schaeffer acreditava que a verdade implica confronto e que, uma vez que uma ideia é libertada, ela tem o poder de mudar a sociedade. Seu livro " *O Que Aconteceu com a Raça Humana?*", escrito em coautoria com C. Everett Koop, foi um dos primeiros livros evangélicos contemporâneos a apontar os males do aborto e a encorajar os cristãos a uma

postura de oposição ativa. Schaeffer vivia de acordo com suas crenças; ele desempenhou um papel significativo na fundação da Care Net — uma das organizações pró-vida mais estratégicas ainda em atividade hoje.

Cuidadores: Amando a Deus ao Amar o Próximo

Os cuidadores servem a Deus servindo aos outros. Muitas vezes, afirmam ver Cristo nos pobres e necessitados, e sua fé se fortalece pela interação com outras pessoas. Esses cristãos podem considerar a vida devocional dos contemplativos e entusiastas como egoísta. Enquanto cuidar dos outros pode ser desgastante para muitos de nós, essa atividade recarrega as energias de um cuidador.

Talvez o exemplo supremo desse temperamento tenha sido Madre Teresa de Calcutá (nascida Agnes Gonxha Bojaxhiu), que aos doze anos ficou tão impressionada com os relatos de pobreza na Índia que decidiu se tornar missionária católica romana. Em 1946, como membro de uma comunidade de freiras irlandesas que trabalhavam nas favelas de Motijheel, em Calcutá, ela ouviu o chamado de Deus para mudar de rumo: “Eu deveria deixar o convento e ajudar os pobres, vivendo entre eles.” ¹¹

Em 1950, ela se naturalizou cidadã indiana e fundou as Missionárias da Caridade como parte da Arquidiocese de Calcutá. Muitos americanos não sabem que seu trabalho agora se estende a este país e a todo o mundo. Hoje, cerca de quatro mil freiras, reconhecidas por seus saris brancos, pequenos crucifixos e estilo de vida espartano, administram aproximadamente quinhentos conventos em oitenta e sete países. As freiras trabalham em conventos em áreas carentes de Nova York, Washington, Atlanta, Los Angeles e outras trinta cidades americanas, alimentando os famintos, abrigando os sem-teto e cuidando dos doentes.

Quando dedicou um convento em Charlotte, Carolina do Norte, em 1995, Madre Teresa disse: “Deus morreu por você, por mim, por aquele leproso, por aquela pessoa morrendo de fome e por aquela pessoa na rua... Não basta dizer que você ama a Deus. Você também precisa dizer que ama o seu próximo. O amor, para ser verdadeiro, precisa doer. Isso exige que as pessoas se doem até doer. Caso contrário, não é amor verdadeiro... Seja a boa nova primeiro para as pessoas da sua casa. Procure saber mais sobre o seu vizinho da porta ao lado.” ¹²

Entusiastas: Amando a Deus com Mistério e Celebração

A emoção e o mistério na adoração são a essência espiritual dos entusiastas. Assim como os sensoriais desejam estar rodeados de beleza e os intelectuais adoram se aprofundar em conceitos, os entusiastas são inspirados pela celebração alegre. Esses cristãos são verdadeiros defensores de Deus e a vida cristã. Deixem que batam palmas, gritem “Amém!” e dancem de alegria — é tudo o que pedem.

Se seus corações não forem tocados, se eles não experimentarem o poder de Deus, algo estará faltando. Eles não querem simplesmente conhecer conceitos, mas vivenciá-los, senti-los e serem tocados por eles.

Leitores mais jovens provavelmente não conhecem Ann Kiemel Anderson, uma escritora e palestrante popular da década de 1970, mas leitores mais velhos talvez a conheçam. O amor de Anderson por passar tempo com crianças, que demonstra seu espírito lúdico e infantil, seu apreço por canções festivas e sua crença no poder de Deus para realizar todas as coisas segundo a Sua vontade são características de uma verdadeira entusiasta.

Contemplativos: Amando a Deus através da Adoração

Os contemplativos se referem a Deus como seu amado, e as imagens de um Pai e Noivo amoroso melhor capturam sua visão de Deus. Suas passagens bíblicas favoritas podem vir do Cântico dos Cânticos, à medida que se aprofundam no "romance divino". O foco não está necessariamente em servir a Deus, fazer a sua vontade, realizar grandes coisas em seu nome ou mesmo obedecê-lo. Em vez disso, esses cristãos buscam amar a Deus com o amor mais puro, profundo e radiante que se possa imaginar.

É difícil dar um exemplo contemporâneo bem conhecido de um contemplativo, já que um verdadeiro contemplativo não busca os holofotes. No entanto, praticamente todo cristão conhece a história bíblica de Maria de Betânia, que se sentou e adorou aos pés de Jesus, sendo elogiada por Ele por isso. Se você gosta dessa história e se identifica com Maria, talvez você seja um contemplativo.

Intelectuais: Amando a Deus com a Mente

Os intelectuais precisam que suas mentes sejam estimuladas para que seus corações realmente se abram. É provável que estejam estudando (e, em alguns casos, argumentando a favor ou contra) temas como o calvinismo, Batismo infantil, ordenação de mulheres e predestinação. Esses cristãos vivem no mundo dos conceitos.

Alguns intelectuais, influenciados por uma personalidade tímida ou reservada, podem evitar o confronto intelectual, mas ainda assim se nutrem principalmente da atividade intelectual. A "fé" é algo que deve ser compreendido tanto quanto vivenciado. Eles podem se sentir mais próximos de Deus quando compreendem algo novo sobre Ele.

Existem muitos intelectuais cristãos respeitados em nossa época, incluindo o Dr. J.I. Packer e o Dr. R.C. Sproul. Embora o Dr. Packer tenha conquistado o respeito de teólogos acadêmicos em todo o mundo, ele continua a tornar as doutrinas acadêmicas acessíveis e úteis para as pessoas comuns. Seus livros clássicos, como *Conhecendo a Deus* e *Andando em Sintonia com o Espírito*, são estudos populares que tornam discussões teológicas complexas compreensíveis até mesmo para o cristão mais novo.^{[13](#)}

Uma das maneiras de determinar seu temperamento espiritual dominante é listar os cristãos que você mais admira e busca imitar. Como você descreveria cada um deles? Se você se vê constantemente escolhendo líderes com um temperamento espiritual específico, é possível que vocês compartilhem essa característica.

CAPÍTULO 2

ONDE ESTÁ O SEU GETSÊMANI?

Imagine Napoleão, Abraham Lincoln, Beethoven, Tim Keller, Matt Redman e William Shakespeare, tudo em uma só pessoa. O que você teria?

Rei Davi!

Pense nisso. Ele foi um general militar, um governante político, um compositor, um líder religioso, um músico e um poeta. Ele foi um verdadeiro homem da Renascença, milhares de anos antes de a cultura europeia inventar um!

Davi exemplificava o que muitos modernos considerariam qualidades contraditórias. Os estudiosos contemporâneos colocariam líderes militares e religiosos — Gengis Khan e São Francisco de Assis, por exemplo — em extremos opostos, mas Davi foi capaz de desempenhar ambos os papéis, e muito mais.

Da mesma forma, cristãos maduros frequentemente demonstram muitos, senão todos, os temperamentos espirituais. Ao descrever cada um deles em detalhes nos capítulos posteriores, você notará que cito Jesus como exemplo de todos eles. Independentemente do nosso temperamento espiritual predominante, todos nós podemos aprender muito com a forma como outros são nutridos por Deus e como outros encontram e amam a Deus.

Depois de ler este livro, você será capaz de expressar seu próprio temperamento ou temperamentos espirituais. Sabendo disso, você poderá iniciar um programa para nutrir seu espírito. O objetivo é... Aqui não se trata de autorrealização ou autoabsorção espiritual, mas de alimentar nossas almas para que possamos conhecer a Deus de uma nova maneira, amá-lo com cada célula do nosso ser e, *então, expressar esse amor estendendo a mão aos outros*. É por isso que quero apresentar a vocês o que pode soar como um conceito novo: identificar o seu Getsêmani.

Seu Getsêmani

Getsêmani ocupa um lugar sagrado na história da fé. É o local venerado onde Jesus orou pouco antes de ser preso. As igrejas normalmente não falam muito sobre Getsêmani fora da Semana da Paixão, mas a razão pela qual Getsêmani teve um papel tão importante nessa semana famosa é precisamente porque teve um papel tão grande e formativo na vida de Jesus *antes* da Semana da Paixão. Considere o relato de João em João 18:

Quando terminou de orar, Jesus saiu com seus discípulos e atravessou o vale do Cedrom. Do outro lado havia um jardim, e ele e seus discípulos entraram nele.

Ora, Judas, o traidor, conhecia aquele lugar, porque *Jesus costumava reunir-se ali com os seus discípulos*.

Lucas confirma isso: “Jesus saiu, *como de costume*, para o monte das Oliveiras, e seus discípulos o seguiram” (Lucas 22:39, grifo nosso).

Não foi por acaso que Judas encontrou Jesus no jardim; o traidor naturalmente pensou: “Onde é mais provável encontrar Jesus?” Ele tinha certeza de que Jesus buscaria consolo no jardim do Getsêmani, e ele estava certo.

Jesus usou o jardim em diversas ocasiões para se encontrar com o Pai, para obter força espiritual e para receber suas instruções. Muito antes da Semana da Paixão, o Getsêmani já era um espaço sagrado. Refúgio, renovação, cura, intimidade e comunhão — foi por isso que Jesus foi para lá, para se preparar para o que estava prestes a acontecer.

Uma coisa sabemos com certeza: a traição de Judas não pegou Jesus de surpresa. Jesus rejeitou Judas, sabendo exatamente o que o traidor estava prestes a fazer. Jesus pôde *escolher* onde passaria aquele momento crucial antes da crucificação. Quando precisou derramar seu coração diante de seu Pai celestial, a ponto de suar o que pareciam gotas de sangue, quando precisou alinhar sua vontade com a desse mesmo Pai, Jesus escolheu um lugar com o qual estava profundamente familiarizado: o jardim do Getsêmani.

Na verdade, Jesus ia lá *todos os dias* da Semana da Paixão: "Todos os dias Jesus ensinava no templo e, todas as noites, saía para passar a noite no monte chamado das Oliveiras" (Lucas 21:37).

A experiência do Getsêmani é exclusiva de Jesus. Nenhum de nós jamais terá um momento como aquele. Mas, ao usar esse espaço sagrado, Jesus deixa um exemplo a ser seguido. Quando você precisa ouvir a voz de Deus, quando precisa ser fortalecido por Deus, quando precisa receber instruções de Deus, para onde você vai?

Para alguns de vocês, pode ser um jardim, ou talvez um lugar em uma floresta próxima. Outros podem preferir um santuário. Outros ainda podem encontrar consolo na oração com um instrumento musical nas mãos. Mas você tem um lugar, ou um momento, onde se encontra melhor com Deus naqueles momentos em que mais precisa dele?

Onde fica o seu Getsêmani?

Minha oração é que, ao terminar este livro, você saiba.

Oração e ministério caminham juntos.

O que eu aprecio em usar o Getsêmani como metáfora para o encontro com Deus é que ele retrata um exemplo vívido do equilíbrio entre intimidade e missão, oração e trabalho. Não consigo pensar em nada melhor. Getsêmani, sem se comover com a comunhão íntima entre Filho e Pai. Por outro lado, este jardim é também o cenário de intensa preparação espiritual para a obra mais importante já realizada.

Em uma vida cristã saudável, oração e ministério caminham juntos. Ao cultivarmos intimidade com Deus em oração, Ele nos comunica Seu amor, mas também nos dá instruções para seguir em frente. Dessa forma, a oração alimenta nosso senso de missão e renova a urgência por trás dela. Da mesma forma, o trabalho cristão — seja evangelismo, administração, ensino, discipulado ou qualquer outra coisa — nos lembra de nossa necessidade da força de Deus e, assim, nos impulsiona ainda mais à oração.

Quando nos envolvemos demais no ministério e negligenciamos nosso tempo devocional, os resultados podem ser desastrosos. Começamos a ministrar com motivações erradas, corremos o risco de perder nossa paixão e, muitas vezes, somos tentados a fazer com que tudo gire em torno de nós, em vez de girar em torno de Deus.

O Dr. Wayne Grudem teve um vislumbre disso enquanto trabalhava na tradução final da Bíblia na versão em inglês "English Standard Version". Uma dúzia de estudiosos de todo o mundo se reuniu em Cambridge, na Inglaterra, para dar os retoques finais na tradução. Eles trabalhavam nove horas por dia, discutindo as passagens mais complexas, votando nas escolhas finais de palavras e concluindo o projeto. Discussões informais frequentemente se estendiam até a noite, enquanto os estudiosos refletiam sobre o trabalho do dia seguinte. Wayne disse que começou a acordar um pouco mais tarde a cada dia, o que lhe tirava tempo de oração.

Muitas pessoas podem não ver o perigo nisso. Afinal, Wayne passava o dia inteiro estudando e discutindo *a Bíblia*. Qual era o problema se, por um curto período, Wayne deixasse sua vida de oração se desviar um pouco?

Segundo Wayne, isso se tornou um grande problema. Depois que Deus o convenceu de que não dava a devida importância à oração, Wayne falou sobre a doença espiritual que surgiu por não cuidar do seu coração: “orgulho, falar demais”. “Eu falo muito sobre mim mesmo, secretamente espero que as pessoas me elogiem, falta de amor pelos amigos, irritabilidade, relacionamento com amigos estagnado ou em suspenso, sensação geral de mal-estar, inquietação, dificuldade para me concentrar nas Escrituras e na oração, autossuficiência, falta de paz.”²

Esses são sinais clássicos de um coração que está se afastando de Deus. Wayne dedicou-se a um trabalho muito gratificante — traduzir a Bíblia —, mas até mesmo o ato de traduzir a Bíblia pode nos deixar espiritualmente vazios se ignorarmos a importância de cultivar intimidade com Deus por meio da oração.

A imagem do Getsêmani me lembra que preciso cuidar do meu coração. Quando dou a Deus a oportunidade de falar ao meu coração, Ele me motiva a trabalhar — pelas razões certas. Trabalhando diligentemente, sou lembrado da minha necessidade de receber de Deus a minha aceitação, o seu favor e a sua força. Dessa forma, a oração e o ministério juntos se tornam uma espiral ascendente de devoção.

Devoções de Mente Pequena

Nem sempre vivi com a consciência de que todos podemos ter diferentes “Getsemanes”. Longe disso! Houve uma época em que eu era extremamente preconceituoso em relação à oração — eu sabia exatamente quando e como se devia orar; eu até conhecia os melhores livros sobre oração. Em resumo, eu era o candidato perfeito para ser humilhado por um Deus santo que tem senso de humor e um histórico de ajudar seus filhos a superarem sua arrogância e preconceito.

A obra de Deus começou quando me apaixonei por uma jovem que eu sabia ter um relacionamento dinâmico com Deus, mas que não orava de acordo com a minha disciplina estabelecida. Como as Escrituras retratam claramente Jesus acordando cedo para orar, eu estava convencido de que o “melhor” horário para orar era de manhã cedo. Lisa, no entanto, não é uma pessoa matutina. Na faculdade, ela gostava de acordar um pouco cedo. Suficiente para sair da cama, passar um pente no cabelo e ir para a primeira aula. Quando as aulas terminaram, ela almoçou, voltou para o dormitório e depois subiu no telhado para tomar sol com a Bíblia.

Eu estava tão convencido de que ela estava me traindo que, daquele jeito paquerador que os universitários costumam fazer, brinquei com ela: “Qual é, Lisa. Quem sobe no telhado na hora do almoço, deita no sol com a Bíblia ao lado e chama isso de momento de silêncio?”

Lisa não tinha uma resposta para mim até duas semanas depois. Ainda consigo ouvir a batida na porta do meu quarto no dormitório. Abri a porta, Lisa entrou, pegou minha Bíblia e a abriu em Atos 10:9: “Por volta do meio-dia do dia seguinte... Pedro subiu ao terraço para orar.”

No início, foi engraçado, depois me fez refletir e, por fim, me libertou. Durante anos, eu estive aprisionado pela ideia de que a oração, para ser sincera, precisava ser a primeira coisa do dia, com uma lista de orações intercessórias ao meu lado, e que tinha que durar

um certo tempo para ser fiel e obediente. Mas Deus usou Lisa como uma ferramenta para expandir minha compreensão do que significa orar. Até hoje, não consigo começar um dia sem orar, mas aceito melhor aqueles cujas orações mais fervorosas acontecem mais tarde ou até mesmo à noite.

Deus expandiu meu coração dando-me três filhos encantadores, mas muito diferentes entre si, cada um com uma personalidade única. Nossa filha mais velha é uma introvertida clássica que jamais pensaria em competir e gosta de conversar sobre relacionamentos; ela consegue andar de carro comigo tranquilamente e sem dizer quase nada. Nosso filho adora participar de eventos esportivos comigo, assistir a jogos ou praticar esportes comigo; já escrevemos um artigo juntos e conseguimos conversar sobre conceitos intelectuais. Minha filha caçula é a extrovertida clássica, geralmente a alma da festa. Faço coisas diferentes com cada um dos meus filhos, *e gosto disso*. Poucas coisas me magoariam mais do que ouvir que minha filha extrovertida acha que precisa fazer as mesmas coisas que eu. Comigo, assim como minha filha introvertida, ou vice-versa. Cada uma é uma relação única, e cada uma é motivo de alegria.

O que nos faz pensar que Deus seja diferente? Aliás, para Ele, não seria ainda mais diferente, já que Ele criou esses tipos de personalidade, enquanto eu simplesmente recebi meus filhos como Ele os projetou?

Existe grande liberdade na forma como podemos nos encontrar com Deus e desfrutar de Sua presença. Isso se dá por Seu desígnio e segundo a Sua vontade.

Saindo da rotina

Se você está passando por um mal-estar espiritual, talvez precise mudar sua alimentação espiritual. Se você simplesmente não consegue se livrar de um pecado específico, a resposta pode ser simples: você não sabe como se nutrir de acordo com a natureza que Deus lhe proporcionou, então está buscando "comida ruim" espiritual, na forma de pecado ou vícios, em outro lugar. Encontrar plenitude em Deus é o antídoto mais poderoso para qualquer pecado.

Algumas pessoas que leram este livro descobriram que se identificam fortemente com um tipo específico. Outras "traçaram" sua fé: "Comecei como um entusiasta, tornei-me um contemplativo e terminei como um sensorial". No entanto, dentro de todos nós, deve haver um denominador comum, que se encontra em Marcos 12:30.

Segundo Jesus, quatro elementos são essenciais para toda verdadeira expressão de fé: amar a Deus com todo o nosso *coração* (adoração), *alma* (vontade), *mente* (crença) e *força* (corpo). O intelectual não está desculpado de deixar de adorar. Nem o contemplativo está desculpado de abrigar crenças errôneas sobre Deus. Cristãos completos — que é o que todos nós somos chamados a ser — devem demonstrar adoração, crença, orientação divina e serviço.

Você pode se sentir tentado a ler apenas os capítulos que falam sobre seu temperamento espiritual específico, mas poderá descobrir que Sua vida não expressou certos temperamentos porque você nunca foi exposto a eles. Foi isso que descobri em minha busca. Ao ler todos os capítulos, você obterá uma visão muito mais abrangente de como os cristãos aprenderam a expressar seu amor por Deus. Você pode até descobrir que sua avaliação inicial de si mesmo não é tão precisa quanto pensava.

Ao entendermos nosso temperamento espiritual, podemos desenvolver as ferramentas necessárias para o nosso crescimento espiritual. Essas ferramentas serão diferentes, é claro — uma menina de dez anos que adora pintar, cantar e desenhar para Jesus terá uma maneira diferente de se relacionar com Deus do que um operário da construção civil que está tentando entender como ser cristão afeta a maneira como ele constrói casas de dez a doze horas por dia.

No entanto, precisamos ter cuidado ao falar de “ferramentas”. A linguagem é frequentemente imprecisa, e isso não é diferente quando se trata de assuntos espirituais. Seria fácil fazer uma caricatura do que estamos dizendo, reduzindo uma relação dinâmica com o Deus Santo — na qual Ele é o iniciador e o sustentador — a um conjunto de fórmulas e testes enganosos. Mas não é esse o objetivo deste estudo.

O objetivo deste livro é ajudar as pessoas a compreenderem a natureza espiritual que Deus lhes deu. Bons conselheiros espirituais não curam ninguém; eles procuram conduzir a alma aflita à presença de Deus, dissipar a confusão e os subterfúgios do pecado e do egoísmo, e permitir que o Espírito de Deus aja. E é isso que este livro se propõe a fazer.

Casada com Deus

Depois que várias pessoas de uma determinada congregação leram um dos meus livros, fui convidado a falar no retiro da igreja. Antes da minha chegada, recebi diversas cartas de vários membros. Eles expressaram suas altas expectativas. No início da primeira palestra, fiz o possível para moderá-las. "Seria muito fácil criar uma experiência transcendental ao longo deste fim de semana", eu lhes disse. "Trabalhando com o líder de louvor, definindo o cronograma certo, tendo uma progressão de ensino cuidadosamente coordenada, poderíamos criar uma experiência espiritual intensa se quiséssemos."

"Mas depois de orar bastante sobre este fim de semana, convenci-me de que não estou aqui para lhes oferecer um encontro extraordinário com Deus. Quero que falemos sobre como ser casado com Ele — sobre como, através dos altos e baixos e da rotina da vida, podemos aprender a passar tempo com Deus, desfrutar da Sua presença e sermos conformados à Sua vontade. Qualquer um pode ter um encontro com Deus. Os verdadeiramente maduros buscam ser Seus companheiros fiéis por toda a vida."

Essa é a minha perspectiva ao escrever este livro. Como aprendemos a amar a Deus, dia após dia, em todas as fases da vida? Como mantemos esse amor vivo? Como crescemos em nossa adoração e compreensão de Deus?

Fazemos isso passando tempo com ele. E, uma vez que entendermos as inúmeras maneiras pelas quais os cristãos cultivaram esse relacionamento, teremos mais ideias do que precisamos para nos motivar a caminhar mais perto e com mais frequência ao seu lado.

Vamos agora voltar nossa atenção para esses temperamentos espirituais simples, porém poderosos.

PARTE 2

OS NOVE CAMINHOS SAGRADOS

CAPÍTULO 3

NATURALISTAS

Amando a Deus ao ar livre

Você é um naturalista?

No início de cada capítulo que aborda os nove temperamentos espirituais, apresentarei um exercício para ajudá-lo(a) a determinar se esse temperamento é dominante em você. Em cada exercício, pedirei que você classifique uma série de afirmações em uma escala de 0 a 5, sendo 0 "nada verdadeiro" e 5 "muito verdadeiro". Registre seus resultados no espaço fornecido.

Você é um naturalista?

- _1. Eu me sinto mais perto de Deus quando estou rodeado por aquilo que Ele criou — as montanhas, as florestas ou o oceano.
- _2. Eu me sinto isolado se tenho que passar muito tempo dentro de casa, apenas ouvindo música ou cantando. Nada me faz sentir mais perto de Deus do que estar ao ar livre.
- _3. Prefiro adorar a Deus passando uma hora à beira de um pequeno riacho do que participando de um culto em grupo.
- _4. Se eu pudesse escapar para um jardim para rezar num dia frio, passear por um prado num dia quente e fazer uma viagem sozinha para as montanhas em outro dia, eu seria muito feliz.
- _5. Novamente, numa escala de 0 a 5, o quanto a declaração que descreve o clamor do coração do naturalista ressoa em você em comparação com as outras?

•Naturalista: deixe-me estar ao ar livre.

- Sensível: deixe-me experimentar.
- Tradicionalista: deixe-me lembrar.
- Asceta: Deixe-me ficar sozinho.
- Ativista: Deixe-me conquistar.
- Cuidador: deixe-me cuidar de você.
- Entusiasta: Deixe-me comemorar.
- Contemplativo: deixe-me sentir.
- Intelectual: Deixe-me pensar.

6. Contemplar a beleza de Deus na natureza é mais comovente para mim do que compreender novos conceitos, participar de um culto religioso formal ou me envolver em causas sociais.

Total de todas as suas respostas:

A pontuação máxima possível é 30. Quanto maior a sua pontuação, mais forte é a dominância desse temperamento espiritual em sua vida. Mas lembre-se, a maioria de nós possui mais de um temperamento espiritual. Qualquer pontuação igual ou superior a 15 indica uma tendência a esse temperamento.

Reserve um momento para registrar essa pontuação no capítulo 12 [aqui](#). Depois de revisar todos os temperamentos espirituais e anotar todas as suas pontuações nessa página, você terá um panorama completo do caminho da sua alma rumo a Deus.

Numa tarde de véspera de Natal, escapei para caminhar por um dos meus lugares favoritos na mata, nos arredores de Manassas, Virgínia. O mundo quieto e imóvel era uma mudança bem-vinda em relação à agitação das lojas de departamento e dos shoppings. A quietude criava uma sensação de expectativa pelo nascimento de Jesus, que estava muito distante da pressa e da preocupação com a agitação artificial do feriado natalino cada vez mais secularizado.

A floresta se abriu em uma clareira, e eu apertei meu casaco enquanto o vento frio lambia meu pescoço. As rajadas sopravam ao meu redor, ganhando força e, de repente, explodindo em neve. Virei as costas para o vento cortante, puxei o capuz para cobrir o pescoço e observei o vento carregar a neve pelo chão, fazendo-a percorrer uma certa distância antes de se depositar. Meu coração quase parou ao ser tomado por uma beleza tão imensa. A neve durou apenas alguns minutos. Minha esposa, a poucos quilômetros de distância, em nossa casa, não viu neve alguma. Aqueles poucos momentos preciosos me fizeram lembrar do Menino Jesus mais do que semanas em shoppings, correios e salas decoradas de forma extravagante.

Essa experiência me ajudou a começar a enxergar a criação como a catedral de Deus. Continuo a realizar a grande maioria das minhas devoções diárias em ambientes fechados, mas muitas delas estão ligadas à lembrança (e à expectativa) de adorar a Deus ao ar livre — em sua catedral. Essas memórias podem ser poderosas, permanecendo conosco muito tempo depois de sua primeira luz ter se apagado. Francisco de Assis compôs seu famoso poema “Cântico ao Irmão Sol” — talvez o clássico cristão sobre a beleza e a glória da criação — quando uma infecção ocular o deixou quase totalmente cego.

Ao ler as biografias de outros cristãos, descobri que não estou sozinho no meu desejo de adorar e aprender sobre Deus ao ar livre. Quando jovem, o grande evangelista do século XVIII, Jonathan Edwards, escreveu uma monografia sobre as aranhas voadoras do Norte. florestas americanas. Anos depois, em um dos sermões mais famosos já pregados em solo americano, Edwards usou a analogia de uma aranha pendurada em uma teia fina para descrever o dilema de um pecador impenitente nas mãos de um Deus irado. Edwards é apenas um dos muitos cristãos que aprenderam a usar a criação de Deus para compreender Deus, o Criador, e seus caminhos com homens e mulheres.

O local onde praticamos nossa fé pode ter um impacto profundo na qualidade da nossa adoração. O naturalista busca deixar a arquitetura formal e os bancos acolchoados para entrar em uma “catedral” completamente nova, um lugar que o próprio Deus construiu: a natureza.

Qualquer lugar que tenha algumas árvores, um riacho ou, no mínimo, céu aberto, pode ser a catedral de Deus. Naturalistas descobriram que estar ao ar livre pode inundar corações sedentos e amolecer até a alma mais endurecida. Embora possa ser impraticável para a maioria das congregações se reunir regularmente ao ar livre, fiéis individuais ou pequenos grupos podem encontrar grande benefício em se retirar para um lugar tranquilo para se encontrar com Deus ao ar livre.

Naturalistas na Bíblia

Deveria ser óbvio, embora as comodidades modernas tenham me ocultado essa verdade por muito tempo, que a Bíblia foi feita para ser lida ao ar livre. Muitas de suas ilustrações e alusões são baseadas na natureza, e é somente no contexto da natureza que elas recuperam seu significado e força. A expressão “*rio da vida*” parece pitoresca quando as palavras são projetadas em uma parede, mas seu poder é quase avassalador quando você está à beira de um rio de águas rápidas. “Pastagens verdejantes” podem soar quase como algo saído de um cartão-postal até que você entre em um prado intocado, longe do som de uma rodovia, rádio ou jogo de futebol.

Prefiro trocar o brilho artificial de uma tela de vídeo retroiluminada pela luz do sol que espregueia por cima de uma colina, sem dúvida. Prefiro muito mais ouvir... O uivo de um vento forte varrendo a terra é mais impactante do que o barulho do aquecedor ligando no meio de um sermão. Quando nos trancamos dentro de casa, deixamos parte da criação de Deus, e consequentemente parte da nossa compreensão, do lado de fora. O conforto artificial tem um preço.

Muitas das teofanias do Antigo Testamento, ou aparições de Deus, aconteceram no deserto.² Deus encontrou Agar no deserto, Abraão em uma montanha, Jacó na travessia de um rio e Moisés em uma sarça ardente. Era muito menos comum Deus visitar alguém em um centro urbano.

O próprio Jesus parece ter buscado a beleza da criação. No início de seu ministério, ele se mudou de Nazaré para viver em Cafarnaum, que ficava à beira do lago (Mateus 4:13). Quando chamou alguns de seus discípulos para segui-lo, ele estava caminhando junto ao Mar da Galileia (Mateus 4:18).

Jesus frequentemente ensinava no campo, e é bem possível que estivesse apontando para as imagens enquanto ensinava. Quem pode afirmar que não havia pássaros voando sobre suas cabeças quando ele falava do cuidado de Deus por eles? Ou que ele não estava apontando para flores de verdade quando falava de sua beleza? Infelizmente, transferimos o batismo do rio para a pia batismal atrás do púlpito. Ouvimos o pastor ler o Sermão da Montanha em pé no alto de uma escadaria acarpetada, em vez de sentado em uma colina coberta de grama verde. O culto passou do Monte Sinai, com todas as suas vistas, sons e cheiros, para assentos de teatro projetados para nos “proteger” de distrações externas.³ E suportamos meses de apelos para arrecadação de fundos para a construção, a fim de alcançar esse “progresso”!

Quando Deus criou um paraíso para o primeiro homem e a primeira mulher, era uma casa de veraneio? Um motel luxuoso? Um palácio suntuoso? Não. Deus escolheu passear com Adão e Eva em um jardim com árvores em abundância e um belo rio com quatro nascentes.

As Lições Espirituais da Natureza

Os naturalistas costumam aprender suas melhores lições ao ar livre. Três em particular me vêm à mente: eles visualizam as verdades bíblicas, enxergam Deus com mais clareza e aprendem a descansar.

Visualizando as Verdades Bíblicas

Certo dia, em janeiro, eu caminhava por um prado. Embora grande parte da mata ao meu redor estivesse desprovida de vegetação, a grama alta havia adquirido um tom avermelhado. Examinando uma única folha de grama, percebi que cada uma, individualmente, tinha uma cor marrom-acinzentada desagradável, mas juntas criavam uma bela tonalidade ferrugem. Imediatamente pensei na conexão entre nós, como cristãos individuais, e a natureza do corpo da igreja, que reflete a glória de Deus.

A trilha me levou até outra pequena colina, e no topo fui recebido por uma vista deslumbrante da paisagem rural da Virgínia, com suas colinas onduladas e vastos prados. Lembrei-me dos meus dias no estado de Washington, com as montanhas sempre cobertas de neve, os pinheiros, os rios e cachoeiras muito maiores, e me perguntei qual era mais bonito. Eu escolheria os prados, as colinas onduladas e os pequenos riachos da Virgínia ou as florestas de pinheiros do estado de Washington, com seus solos cobertos de samambaias e montanhas imponentes que serpenteiam as rodovias com suas bases rochosas impenetráveis? Eu não conseguia decidir — e foi então que aprendi outra lição valiosa ao ar livre: a beleza de Deus não tem limites. Enquanto eu estava na catedral de Deus, pensei: *como isso é diferente da beleza de Hollywood* — as protagonistas femininas precisam ter a mesma cor de cabelo e um corpo com formato semelhante, os homens buscam esculpir um certo físico e dominar a mesma expressão carrancuda.

Apenas vislumbrei, por um breve instante, a diferença entre um Deus infinito e homens e mulheres finitos. O vislumbre foi súbito demais para que eu o retivesse, mas forte o suficiente para me humilhar diante das minhas limitações e me encorajar com as grandes possibilidades de Deus.

As lições que podemos aprender ao ar livre estão à nossa espera todos os dias — um elenco completamente novo surge a cada mudança de estação. Jonathan Edwards gostava de analogias com a criação e intitulou uma anotação em seu caderno de “A Linguagem e as Lições da Natureza”. O fato de as rosas terem espinhos, disse ele, nos ensina que “todos os doces passageiros estão misturados com amargos”. Aranhas sugando moscas representam o diabo e a tentação; rios que correm para o oceano são símbolos de todas as coisas que tendem a Deus.

Francisco de Assis era famoso por seu cuidado com minhocas, o que lhe lembrava a descrição do Salvador humilhado no Salmo 22:6: “Sou um verme e não um homem, desprezado por todos, rejeitado pelo povo”. Bernardo de Claraval, um famoso monge cisterciense do século XII, escreveu: “Você encontrará muito mais trabalho na floresta do que jamais encontrará nos livros. A floresta e as pedras lhe ensinarão o que você nunca poderá ouvir de nenhum mestre” ²

A Antônio (nascido em 251 d.C.), um asceta que se tornou famoso pelos escritos de Atanásio, perguntaram certa vez: "Como... te contentas, pai, a quem é negado o conforto dos livros?"

Antônio respondeu: "Meu livro, filósofo, é a natureza das coisas criadas, e sempre que tenho vontade de ler as palavras de Deus, elas estão em minhas mãos." ⁶

Deus falará conosco através da criação, se tão somente estivermos dispostos a ouvir. Se você sente que seu tempo diante dos livros ou ouvindo sermões se tornou estagnado, pegue um casaco, uma bengala e saia para uma escola que nunca fecha.

Ao fazer isso, você também verá Deus com mais clareza.

Enxergando Deus com mais clareza

Em 1998, John Glenn, então com setenta e sete anos, retornou ao espaço. Quase imediatamente, ele foi tomado pela presença de Deus. "Olhar para cima e ver esse tipo de criação", declarou ele. Uma conferência de imprensa do espaço: "e não acreditar em Deus é para mim impossível." ⁷

Glenn não está sozinho. Aparentemente, os voos espaciais são um evangelizador bastante eficaz. Bryan O'Connor, um astronauta aposentado, disse que uma fé renovada "é bastante comum" entre os astronautas. "Posso dizer que senti uma admiração lá fora, olhando para a Terra, que nunca havia sentido antes." ⁸

Isso não deveria nos surpreender. "Os céus declaram a glória de Deus; o firmamento proclama a obra das suas mãos", declara o salmista (Salmo 19:1). O apóstolo Paulo escreve: "Pois desde a criação do mundo os atributos invisíveis de Deus [...] têm sido vistos claramente, sendo compreendidos por meio das coisas criadas" (Romanos 1:20).

As confissões cristãs e indivíduos têm atestado a verdade bíblica de que Deus é frequentemente revelado e encontrado ao ar livre. O Artigo 2 da Confissão Belga da tradição Reformada afirma que Deus nos é dado a conhecer "pela criação, preservação e governo do universo; que se apresenta diante de nossos olhos como um livro eloquíssimo, no qual todas as criaturas, grandes e pequenas, são como personagens que nos levam a *ver claramente as coisas invisíveis de Deus*" (itálico acrescentado).

O famoso pregador Charles Haddon Spurgeon disse o seguinte:

Oh, mas certamente, tudo o que vem da mão de um Mestre-artista como Deus tem algo de si mesmo! ... Há lugares encantadores neste belo globo que deveriam converter até mesmo um blasfemo. Eu disse, entre as montanhas: "Quem não vê Deus aqui é louco". Há coisas que Deus criou que impressionam com a sensação de sua onipotência: como podem os homens vê-las e duvidar da existência da Divindade? ⁹

John Milton, em seu famoso poema *Paraíso Perdido*, escreveu: "Na contemplação das coisas criadas / Por degraus podemos ascender a Deus." ¹⁰ E um dos grandes hinos da fé, "Quão Grande És Tu", celebra a maneira como a criação nos chama a Deus:

Quando eu vagueio pelos bosques e clareiras da floresta.

E ouça os pássaros cantando docemente nas árvores;

Quando olho para baixo, do alto da majestosa montanha,

E ouça o riacho e sinta a brisa suave;

Então canta minha alma, meu Salvador Deus, a ti,

Quão grande és tu, quão grande és tu!

A existência, a maravilha e o valor de Deus são anunciados diariamente para todos verem, se simplesmente sairmos e abrirmos nossas mentes e corações para a verdade.

Mas não é apenas a beleza de Deus que se revela exteriormente. Seu terrível e assustador terror também se manifesta. A Bíblia nos ensina que Deus é um Deus de misericórdia e graça, mas também um Deus de justiça e julgamento. Não é surpresa, portanto, que a mesma chuva que nutre a terra possa devastar o litoral em uma tempestade tropical. O mesmo sol que alimenta a vegetação na primavera pode queimar plantas frágeis no verão. O mesmo vento que nos refresca no verão pode arremessar nossas casas pelos ares durante um tornado na primavera.

Que a criação nos lembre da beleza de Deus, e que ela também nos lembre do Seu poder e juízo.

Por fim, deixemos que a natureza nos aproxime da paz de Deus, aprendendo a descansar nele.

Aprendendo a descansar

Esse aspecto da criação é particularmente caro ao meu coração. Em certa ocasião, eu estava à beira da exaustão e tinha pela frente seis semanas seguidas de cinco viagens, duas delas atravessando o país. Alguém entrou no meu escritório e me pediu para tomar uma decisão sobre uma questão relativamente simples. Eu apenas o encarei. "Entrarei em contato com você", eu disse.

Reconhecendo minha condição precária, fiz uma longa pausa para o almoço, caminhando pelo Big Chimneys Park em Falls Church, Virgínia, e depois por um bairro consolidado com árvores frondosas. E finalmente, contornando o Parque Cherry Hill. Era um dia frio, mas o frio me ajudou a despertar. As folhas estalavam sob meus pés, as árvores transmitiam sua firmeza à minha alma, e o sol distante lançava um pouco de perspectiva à minha mente perturbada.

Desabafei com Deus. Havia algo em estar ao ar livre que renovava minha alma, e consegui encarar o trabalho no escritório pelo resto do dia. Enquanto caminhava pelo parque, percebi que nem sempre precisamos de mudanças; às vezes, só precisamos descansar, e não há lugar melhor para descansar o corpo e a alma do que ao ar livre.

No Salmo 23, Davi atribui a Deus a restauração de sua alma, mas é evidente que o ambiente bucólico desempenha um papel importante. ¹¹O ar livre não pode substituir a comunhão com Deus, mas pode ser usado por Ele de maneiras poderosas. Susan Power Bratton, escritora cristã e naturalista, escreve:

Experimentar a beleza e a paz de Deus na natureza não substitui a interação direta com os poderes regeneradores do Criador, mas... a cura e a restauração tão necessárias para aliviar o estresse em nossas vidas podem fluir através da criação. Para os espiritualmente oprimidos ou socialmente feridos, um ambiente natural agradável e tranquilo pode proporcionar libertação espiritual. Descansar à beira de um rio cristalino ou sentar-se em uma encosta ensolarada em uma pradaria florida no deserto pode trazer paz e alegria a almas atormentadas ¹²

Em meio à sua agenda ministerial agitada, Jesus frequentemente buscava lugares isolados para orar e se revigorar. Ele ensinou seus discípulos a fazerem o mesmo (Marcos 6:30-32). Pode ser apenas uma coincidência neste caso, mas é interessante que Jesus e seus discípulos tenham ido de barco descansar; ser "acariciado" pela água é uma experiência extremamente revigorante. Jesus sabia que Deus é o nosso cuidador, mas a criação pode ser o cobertor quente que Deus usa para envolver nossos corações frios.

Como amar a Deus ao ar livre

Em um dia de final de verão, o sol lançava raios cristalinos sobre a água em Birch Bay, logo abaixo da fronteira canadense e a cerca de cento e sessenta quilômetros ao norte de Seattle, Washington. A água estava calma naquele dia e lambia suavemente as laterais do meu caiaque. Nem mesmo um bebê pequeno poderia estar mais confortável no seio da mãe do que eu, enquanto remava em meu caiaque naquela baía.

Steve, um amigo da faculdade que agora era pastor, aproximou seu caiaque do meu. Paramos de remar e nos deixamos embalar pelas pequenas e graciosas ondas. Então, conversamos sobre como nossas vidas haviam mudado nos últimos doze anos. Falamos sobre o que Deus estava fazendo em nossas vidas — como nos sentíamos desafiados e encorajados. Falamos sobre amigos em comum, rimos, agradecemos a Deus e simplesmente apreciamos a companhia um do outro e o mundo que Deus nos deu para desfrutar.

Enquanto remávamos de volta para a costa, fiquei maravilhado com tudo o que perdi durante minha infância. A casa onde passei a infância ficava mais ao sul da baía, à sombra do Monte Rainier. As florestas de coníferas do Noroeste do Pacífico são uma das lembranças mais marcantes da minha infância.

Eu passava muito tempo nas florestas, mas na maior parte do tempo eu estava correndo. Meu coração ainda não havia amadurecido a ponto de eu poder entrar em uma floresta e considerá-la a catedral de Deus, um lugar sagrado de oração. Em nossa era moderna, onde nascemos no ambiente asséptico de um hospital, somos levados para um berçário que consiste em paredes de gesso pintadas e transportados pelo interior em uma engenhoca de metal chamada carro, nossa capacidade de apreciar e encontrar Deus na criação é, no mínimo, limitada.

Precisamos ser despertados espiritualmente para apreciar plenamente a natureza. Elizabeth Barrett Browning compreendeu isso quando escreveu estas palavras agora famosas: “A Terra está repleta do céu, e cada arbusto comum arde com a presença de Deus; mas só quem vê, tira os sapatos; os outros sentam-se à volta e colhem amoras.” ¹³

Como podemos ser despertados para isso? Tenho algumas ideias, pois passei de um escoteiro mirim que costumava correr pelos bosques sem uma única oração nos lábios a um cristão mais maduro que viu aqueles arbustos em chamas com a presença de Deus. Aprendi que primeiro precisamos criar um espaço de tempo, silêncio e isolamento antes de podermos realmente ver a Deus. Três elementos são necessários para isso: primeiro, precisamos crer; depois, aprender a perceber; e, finalmente, receber.

Acreditar

Para evitar uma visão sentimental ou idólatra da natureza, precisamos primeiro nos converter completamente à vida em Cristo. Martinho Lutero nos diz: “Agora, se eu creio no Filho de Deus e me lembro de que Ele se fez homem, todas as criaturas me parecerão cem vezes mais belas do que antes. Então, poderei apreciar devidamente o sol, a lua, as estrelas, as árvores, as maçãs, as peras, ao refletir que Ele é o Senhor e o centro de todas as coisas.” ¹⁴ Se *não* apreciamos a natureza, talvez não apreciemos o Criador.

Lutero nos diz que é somente com o “olho da fé” que podemos ver milagres por toda a natureza, milagres que ele acreditava serem ainda maiores do que os milagres dos sacramentos. Se realmente compreendêssemos o crescimento de um grão de trigo, diz ele, morreríamos de admiração. ¹⁵

Portanto, a primeira maneira de despertar é buscar o Criador por trás da criação. Lutero chamou a criação de “máscara de Deus”. Uma máscara oculta parcialmente, mas também nos revela que algo está por trás dela.

Perceber

O segundo passo para despertar para Deus é ressuscitar elementos adormecidos da percepção. São Boaventura, um dos primeiros frades franciscanos, sugeriu uma estrutura através da qual podemos nos “educar” para buscar a Deus ao ar livre.



Primeiramente, considere a *grandeza* da criação — montanhas, céu e oceanos — que retrata claramente a imensidão do poder, da sabedoria e da bondade do Deus trino.



Em seguida, observe a *multiplicidade* da criação — uma floresta possui mais vida vegetal e animal do que você poderia examinar em uma vida inteira e nos mostra como Deus é capaz de fazer muitas coisas ao mesmo tempo. Aqueles que se perguntam como Deus pode ouvir tantas orações proferidas simultaneamente estão longe da floresta há muito tempo.



Por fim, examine a *beleza* da criação — observe a beleza das rochas e suas formas, a beleza das cores e tonalidades, a beleza dos elementos individuais (como as árvores) e a beleza da composição geral (como as florestas). A beleza de Deus não pode ser revelada por meio de uma única forma, mas é tão vasta e infinita que pode preencher um mundo inteiro de admiração. ¹⁶

A natureza também fala da abundância de Deus. Já falamos muito sobre a floresta, mas fique descalço em um deserto ou em uma praia e tente adivinhar quantos grãos de areia estão sob seus pés, à sua vista ou em todas as praias e desertos do mundo. Servimos a um Deus de abundância cuja misericórdia e amor são inesgotáveis.

Quando nosso filho, Graham, tinha dois anos, costumávamos caminhar em silêncio pelo campo de batalha de Manassas, na Virgínia. De vez em quando, eu apontava para uma árvore ou uma planta, e Graham assentia e seguia em frente. Eram caminhadas deliciosas para mim, pois podíamos estar juntos e ainda assim sermos reverentes. Quando ele se tornou pré-adolescente, era praticamente impossível para Graham e seus amigos resistirem à tentação de juntar pinhas e gravetos para armar uma “emboscada” para o resto da família enquanto caminhávamos. Ele não estava na floresta para observar; ele estava lá para brincar — e há um lugar para isso.

Para o verdadeiro naturalista cristão, a criação nada mais é do que um santuário, um lugar sagrado que convida à oração. Veja como você pode despertar sua alma com a criação. Enquanto você se desloca para o trabalho ou ao ir ao supermercado, considere dirigir alguns quarteirões a mais, ou até mesmo alguns quilômetros, se isso significar passar por uma estrada rural. Reserve um momento a mais para olhar ao seu redor e apreciar a criação de Deus. Decida que viajar será mais importante para você do que chegar ao próximo destino. Transforme isso em um evento.

Receber

Psicólogos nos dizem que o medo que uma criança sente dos animais frequentemente resulta da transferência de suas próprias agressões para o animal. Quando entramos na mata, podemos fazer o mesmo; transferimos nossas próprias ansiedades para a paisagem. Caminhadas verdadeiramente proveitosas são aquelas em que abandono meus planos assim que vejo grama e deixo Deus guiar meus pensamentos para onde Ele quiser.

Certa vez, eu caminhava por uma trilha na mata, tentando resolver um problema relacionado ao trabalho. Minha mente estava preocupada, mas, à medida que avançava pela trilha, senti Deus me corrigindo. Em poucos metros, minha mente estava clara e meu coração ouvia a Deus, amava-o, estava com ele.

A trilha fazia uma curva e começava a descer levemente. Era o início da primavera, e o leito de um riacho próximo a Bull Run, que eu havia atravessado correndo durante todo o inverno, agora estava bloqueado por uma correnteza forte. Fiquei atônito. Aquele mesmo pequeno caminho de terra que eu havia cruzado facilmente por vários meses estava agora submerso. Eu já o tinha visto assim antes, mas a repentina mudança me surpreendeu, e a voz de Deus me lembrou que as oportunidades mudam. Se eu não atravessar quando posso, talvez não consiga atravessar em outra ocasião.

Pensamentos, analogias e ideias inundaram minha mente enquanto eu caminhava ao redor do leito do riacho até a pequena ponte de madeira que o cruzava. Ali, Deus plantou novas direções em meu coração, e eu permaneci naquela ponte, desfrutando de um rico momento de adoração. Deleitei-me com a visão da água correndo sob mim, os galhos das árvores capturando folhas e pequenos gravetos, o som da água gotejando, o cheiro do ar puro. Eu não queria ir embora. No entanto, quase perdi essa bênção porque minha mente estava tão cheia quando entrei na floresta. Deus, em sua misericórdia, interveio, e saí da floresta profundamente apaixonada por um Deus que compartilha seu coração e seus propósitos comigo.

Não podemos receber a menos que reservemos um tempo para Deus falar — e então deixemos que Ele defina a pauta da nossa conversa. Descobri que minha pauta frequentemente difere da de Deus. Ele precisa ser o iniciador da minha caminhada espiritual. Ele sabe o que preciso ouvir. Quando estou consumido pelos meus problemas materiais, perco a bênção de estar ao ar livre.

Quando vier à floresta, venha para receber. Deixe suas preocupações em casa.

As tentações dos naturalistas

Como acontece com todos os temperamentos espirituais, os naturalistas precisam estar atentos a alguns perigos. ¹⁷

Individualismo

Jesus passou um tempo sozinho ao ar livre, mas o fez em preparação para retornar ao mundo. Até mesmo São Francisco enfatizou a necessidade de deixar seu amado campo e entrar na cidade para encontrar pessoas que precisavam ouvir falar de Deus. Devemos garantir que não estamos usando a criação para escapar dos deveres da vida cristã.

Ilusão Espiritual

Psicólogos descobriram que algumas pessoas que viajam por terras bíblicas ficam tão impressionadas que chegam a acreditar ser um personagem bíblico ou até mesmo o próprio Jesus. Desde a obra de Henry David Thoreau até um astronauta como John Glenn, há inúmeros testemunhos de que existe algo na criação que... Fala poderosamente às

nossas almas. Às vezes, a voz de Deus sussurra através da natureza; outras vezes, praticamente grita.

Devemos lembrar, no entanto, que tais percepções devem ser testadas com muita cautela. Qualquer coisa "recebida" em uma caminhada com Deus não deve ser considerada como autoridade, mas sim como um conselho que precisa ser avaliado. A Bíblia é o único guia seguro, e devemos nos precaver contra a busca por uma experiência que Satanás prontamente falsificará para nos desviar do caminho certo.

Idolatrando a Natureza

Alguns naturalistas podem cair na heresia do panteísmo, que é a adoração da natureza. O panteísmo é uma mentira. Não é verdade que Deus esteja em toda a natureza, ou que a natureza seja Deus. É verdade, porém, que toda vez que estou cercado pela criação, vejo que Deus *está presente*. A Bíblia nos ensina que a terra pertence ao Senhor (Salmo 24:1). O panteísmo distorce isso para dizer: "A terra pertence ao Senhor" ¹⁸—O panteísmo tem experimentado um ressurgimento devido a várias filosofias da Nova Era, e os cristãos estão, com razão, preocupados em incorporar tais ensinamentos em sua adoração. No entanto, não permitirei que a mentira do panteísmo me impeça de adorar a Deus por meio da apreciação do que Ele criou.

A distinção entre panteísmo e a verdadeira adoração cristã pode ser vista através da analogia de uma mãe que sente falta da filha que foi recentemente para a faculdade. A mãe entra no quarto da filha, dedicando um tempo para apreciar tudo o que ela deixou para trás. Ela inala o perfume agradável da filha; seus olhos se demoram nos pôsteres, na cama, em algumas roupas esquecidas. Sua filha não está no quarto, mas o quarto a faz lembrar que ela *está*. Sem dúvida, ela se sente mais próxima da filha ali do que em qualquer outro lugar da casa. Uma parte da filha ficou para trás — não materialmente, mas visivelmente — na forma como a filha organizou os móveis, como decorou as paredes, nos objetos que colecionou.

O mesmo se aplica a quem ama a Deus. Deus não está materialmente presente na natureza, mas sua atenção aos detalhes, sua imensa criatividade, sua ordem e muito mais estão claramente visíveis aos olhos perspicazes. Isso pode ser fascinante. Sem o Espírito Santo, poderíamos ser levados a cruzar a linha da idolatria e cair no panteísmo. Mas com a sã doutrina para nos instruir e o Espírito Santo para nos guiar, podemos apreciar a mensagem da natureza de que "Deus existe" sem cair na heresia do panteísmo.

Um convite

Há muitos anos, eu estava calçando meus sapatos quando meu filho se aproximou e perguntou para onde eu ia. Ele sabia que estava frio e úmido demais para ele ficar lá fora, mas queria saber para onde eu estava indo.

"O campo de batalha", eu disse.

"Por quê?", perguntou ele.

Olhei para ele e toquei em sua bochecha. "Só espero que lá fora seja muito melhor."

Como você provavelmente já deve ter percebido por este capítulo, tornei-me um naturalista à medida que minha fé se aprofundou. Adoro estar no meio de uma floresta densa, no alto de uma montanha ou em meio à água. Minha agenda não me permite estar ao ar livre tanto quanto gostaria, mas aprendi que poucos lugares são melhores para buscar a Deus com sinceridade.

Certa vez, enquanto caminhava por um prado e observava o pôr do sol, percebi que, independentemente da dor pessoal, da frustração ou do sucesso profissional, da abundância ou da escassez financeira, se eu pudesse estar ao ar livre, eu sempre seria um homem rico.

Às vezes, porém, nada acontece quando estou ao ar livre. Posso não ter nenhuma nova percepção, e Deus pode não estar particularmente presente. Isso me ensinou que a busca por experiências espirituais pode ser tão voraz quanto o desejo por comida, dinheiro ou sexo. O desejo por êxtases espirituais precisa ser controlado para que possamos desenvolver outras partes do nosso ser.

Vamos analisar oito outros temperamentos espirituais. Alguns deles têm sido ótimos complementos à minha jornada como naturalista; outros, aprendi principalmente através das experiências de outras pessoas. A experiência cristã é tão vasta que sou grato pelo tempo que Deus me deu nesta terra (e me prometeu no céu) para explorar novas e mais profundas maneiras de adorá-lo e amá-lo cada vez mais.

CAPÍTULO 4

SENSATOS

Amar a Deus com os sentidos

Você é um sensato?

Classifique as seguintes afirmações em uma escala de 0 a 5, sendo 0 "nada verdadeiro" e 5 "muito verdadeiro". Registre sua resposta no espaço antes do parágrafo.

Você é um sensorial?

- _1. Eu me sinto mais perto de Deus quando estou em uma igreja que permite que meus sentidos se aguçem — quando posso ver, cheirar, ouvir e quase sentir o gosto de sua majestade.
- _2. Eu gosto de participar de um culto litúrgico tradicional com incenso e comunhão ou eucaristia formal.
- _3. Eu teria dificuldade em adorar em um prédio de igreja simples e sem imponência ou majestade. A beleza é muito importante para mim, e tenho dificuldade em adorar através de arte ou música cristã de segunda categoria.
- _4. Novamente, numa escala de 0 a 5, o quanto a afirmação que descreve o clamor do coração do sensível ressoa em você em comparação com as outras?

•Naturalista: deixe-me ficar ao ar livre.

•**Sensível: deixe-me experimentar.**

•Tradicionalista: deixe-me lembrar.

•Asceta: Deixe-me ficar sozinho.

•Ativista: Deixe-me conquistar.

•Cuidador: deixe-me cuidar de você.

•Entusiasta: Deixe-me comemorar.

•Contemplativo: deixe-me sentir.

•Intelectual: Deixe-me pensar.

_5. Tenho uma inclinação natural por museus e concertos, em vez de passear na floresta, trabalhar em um refeitório para pessoas carentes ou ler um livro sozinho.

_6. Eu gostaria muito de usar exercícios de desenho, ícones ou música clássica tocando ao fundo para aprimorar minha vida de oração.

Total de todas as suas respostas: _

Novamente, a pontuação máxima possível é 30, mas poucos, ou talvez ninguém, alcançarão essa marca, visto que nenhum de nós se relaciona com Deus de uma única maneira. Qualquer pontuação igual ou superior a 15 indica uma tendência a esse temperamento espiritual.

Reserve um momento para registrar essa pontuação no capítulo 12 [aqui](#). Depois de revisar todos os temperamentos espirituais e anotar todas as suas pontuações nessa página, você terá um panorama completo do caminho da sua alma rumo a Deus.

Henri Nouwen, um sacerdote e prolífico escritor sobre a vida espiritual, acabara de concluir uma exaustiva turnê de palestras e estava “morto de cansaço, a ponto de mal conseguir andar”. Estava ansioso, solitário, inquieto e, em suas palavras, “muito carente”. Ao visitar o escritório de um amigo, Ele se deparou com uma reprodução de *O Retorno do Filho Pródigo, de Rembrandt*. Impressionado com o poder e a beleza da pintura, Nouwen disse ao amigo: “É linda, mais do que linda... me dá vontade de chorar e rir ao mesmo tempo... Não consigo descrever o que sinto ao olhar para ela, mas me toca profundamente.”¹

Nouwen escreve:

O abraço de Rembrandt ficou gravado em minha alma de forma muito mais profunda do que qualquer expressão passageira de apoio emocional. Ele me conectou com algo dentro de mim que transcende os altos e baixos de uma vida agitada, algo que representa o anseio constante do espírito humano... O anseio por um lar duradouro, despertado pela pintura de Rembrandt, cresceu e se intensificou, transformando o próprio pintor em um companheiro e guia fiel. Esse encontro aparentemente insignificante com uma das obras-primas de Rembrandt deu início a uma longa jornada espiritual que me levou a uma nova compreensão da minha vocação e me ofereceu novas forças para vivê-la.²

Já vi essa mesma pintura em muitas ocasiões e, confesso, não a compreendo (embora tenha tentado). Para mim, é *uma pintura*, não uma experiência espiritual. Mas, assim como me sinto como se derretesse nos braços de Deus quando saio ao ar livre, alguns crentes sentem seus corações se aquecerem para Deus na presença de belas obras de arte, música ou alguma outra experiência sensorial. De muitas maneiras, essa pintura se tornou o “Getsêmani” de Nouwen. Deus a usou para confirmar seu chamado para ministrar em uma comunidade de adultos com deficiência intelectual. O poder da arte de nos levar a uma compreensão mais profunda da verdade e da natureza de Deus tem sido gravemente negligenciado por alguns na comunidade cristã. Ao longo dos séculos, as obras de arte mais magníficas foram produzidas em nome da fé.

Ao longo da minha experiência vivendo e estudando a vida cristã, descobri que alguns cristãos são mais tocados por experiências de adoração sensoriais do que por outras formas de expressão. Por qualquer outra coisa. Por sensorial, refiro-me aos cinco sentidos: paladar, tato, olfato, audição e visão. Quando reduzimos toda a adoração cristã a mera concordância intelectual, forçamos os cristãos a adorar a Deus numa existência limitada e silenciada. Quando abraçamos o uso dos sentidos — que, afinal, foram criados por Deus — abrimos caminhos inteiramente novos para a adoração.

Esta pode ser uma mensagem difícil para os cristãos que cresceram, como eu, associando o silêncio e a ausência de estímulos sensoriais à reverência. No entanto, quando analisamos as Escrituras, descobrimos que Deus muitas vezes se manifesta de forma muito expressiva e vibrante.

O Deus Barulhento e Colorido das Escrituras

Os relatos bíblicos da glória de Deus no céu são elaborados e raramente tranquilos, para dizer o mínimo. Considere, por exemplo, a experiência narrada por Ezequiel. Ele *sente* um vento. Vê relâmpagos cintilantes rodeados por uma luz brilhante, criaturas fantásticas e um magnífico e deslumbrante trono de safira (Ezequiel 1:4, 5-14, 26-27). Ouve o som de asas como o rugido de águas impetuosas e um forte estrondo (1:24; 3:12-13). Ezequiel é então convidado a *comer* um rolo de sabor doce (3:1-3). Depois de tudo, Ezequiel fica tão impressionado — talvez o impacto sensorial seja tão grande — que se senta, atordoado, por sete dias (3:15).

Uma descrição semelhante ocorre em Ezequiel 10, onde Ezequiel presencia brasas ardentes, grande brilho, um som alto, nuvens preenchendo o templo e visões e movimentos fantásticos — rodas que brilhavam como topázio e querubins com quatro faces.

Quando a glória do Senhor retorna ao templo, lemos novamente que a voz de Deus é como “o rugido de muitas águas” (43:2), e a terra se torna radiante com a sua glória. A visão é tão grandiosa que Ezequiel cai com o rosto em terra.

Quando Jesus aparece a João no livro do Apocalipse, a experiência também é muito sensorial. Quando Jesus proclama o seu nome, João descreve-o como “uma voz forte como a de uma trombeta”. A cabeça e o cabelo de Jesus eram “brancos como a lã... e os seus olhos eram como chamas de fogo”. A voz de Jesus era “como o som de muitas águas”. O rosto de Jesus “era como o sol brilhando em todo o seu esplendor”. Como qualquer pessoa que tenta olhar diretamente para o sol sabe, tal brilho obriga-nos a desviar o olhar, e foi isso que aconteceu a João. “Caí aos seus pés como morto” (Apocalipse 1:10, 14-17).

Essas imagens de Deus em sua glória contrastam fortemente com o Jesus calmo, tranquilo e “de cartão postal” que muitas vezes é retratado hoje em dia. E não têm absolutamente nenhuma semelhança com um Jesus ferido e sangrando, sofrendo na cruz. Aqueles que pensam que apenas o silêncio é reverente podem se sentir um pouco desconfortáveis no céu, e essa é a lição que aprendemos com os sensoriais.

Para ser honesta, o temperamento sensorial é um dos mais difíceis para mim. Prefiro muito mais o ar livre ou a solidão tranquila à estimulação excessiva. No entanto, existe algo dentro de mim, dentro de cada um de nós, que se maravilha com a presença da beleza. Acredito que seja um vislumbre fugaz do nosso desejo pela transcendência celestial. Olhando por essa perspectiva, posso ao menos me abrir para o lado sensorial da adoração.

Os benefícios de um senso de beleza.

Von Ogden Vogt, um pastor do início do século passado, descreveu paralelos entre nosso contato com a beleza e com Deus — paralelos que podem nos ajudar a apreciar melhor o papel dos sentidos. ³Primeiro, a beleza desperta *humildade*. Você vai à ópera, por exemplo, e diz: “Eu jamais conseguiria escrever uma ópera como essa, mesmo que vivesse mil anos”. Lembro-me de, no início da faculdade, querer ser um escritor de ficção. Escritor, quase joguei um livro de Charles Dickens no chão de tanta frustração; a escrita era tão boa que humilhou meus próprios esforços. Essa humilhação é necessária. Uma vez que experimentamos tamanha qualidade, jamais conseguimos voltar à mediocridade, assim como, uma vez que provamos Deus, perdemos o gosto pelo mundo.

O segundo passo, segundo Vogt, nos leva da humilhação à *dignidade*. Reconhecemos que talvez não sejamos capazes de escrever tal ópera, mas há outras coisas que podemos fazer.

Uma vez que somos verdadeiramente humilhados, Deus nos ilumina sobre o que podemos fazer, e isso nos dá um novo senso de dignidade.

A terceira etapa produz *uma visão de mundo diferente*. “O indigno afunda, o verdadeiro e o bom emergem e crescem.” Os pais às vezes testemunham essa transformação quando seus filhos retornam da faculdade. Nosso filho, como muitos jovens da sua idade, foi para a faculdade com uma inclinação para o hip-hop e algumas músicas de rap. Por ser um aluno exemplar no ensino médio, ele lia bons livros que lhe eram indicados, mas não tanto por conta própria. Após apenas o primeiro ano em Notre Dame, ele voltou e disse que seu “presente dos sonhos” seria receber *as Confissões de Agostinho* no latim original. A rica experiência que teve em Notre Dame expandiu sua visão de mundo, seu gosto literário e seu senso de prazer (embora ele *ainda* prefira algumas músicas que nos fazem coçar a cabeça).

A quarta e última etapa resulta no *reconhecimento de que devemos retornar ao mundo real*. Não podemos ficar para sempre no teatro ou no museu. O culto na igreja deve dar lugar à evangelização nas ruas. Mas somos pessoas diferentes porque encontramos a beleza ou Deus.

É claro que a analogia tem seus limites. A beleza não resulta em uma moralidade aprimorada, enquanto a interação com Deus resulta, ou pelo menos deveria resultar. A busca pela beleza pode ser egoísta, enquanto Deus nos chama a morrer para nós mesmos. Mas os quatro estágios da beleza refletem o chamado de Isaías (Isaías 6:1-8) ao arrependimento, à purificação, à iluminação, e alistamento. ⁴O cristianismo sem beleza torna-se uma religião desencarnada da mente. A verdade — o pensamento — é um componente essencial do verdadeiro cristianismo. Mas o sentimento também é importante, pois somos instruídos a amar a Deus não apenas com toda a nossa mente, mas também com o nosso coração. Além disso, a verdade como conceito muitas vezes não é suficiente para as pessoas que vivem no mundo dos sentidos. Vogt escreve: “A verdade precisa ser corporificada para ser realizada. Ela precisa ser incorporada para ser compreendida. Nenhum movimento religioso jamais foi forte ou popular sem uma rica corporeidade. Uma imagem, um rito, um credo, um sentimento, uma festa, uma visão ou um sacramento sempre foram usados para incorporar sua verdade.” ⁵

Vogt reconhece que precisamos de profetas que preguem contra a idolatria e os abusos sensuais; mas também afirma que as pessoas não conseguiram compreender a verdade sem um símbolo, sacramento ou rito que lhes permitisse expressá-la. É aí que entra a beleza. Tudo o que pretende expressar a verdade celestial deve ser tão belo quanto humanamente possível.

Despertando os Sentidos

Fiquei contente por estar sentada sozinha quando recebi a comunhão na capela do Regent College pela primeira vez; caso contrário, certamente teria me envergonhado. O pão foi distribuído — uma experiência familiar. Em seguida, veio o cálice. Abri a boca e tomei um gole rápido e, pela primeira vez na vida, senti o gosto de vinho tinto.

Cresci na Igreja Batista, o que significava que celebrávamos a Ceia do Senhor com suco de uva ou até mesmo Kool-Aid (não estou brincando!), dependendo de quem celebrava a comunhão naquele mês. O vinho me pegou totalmente de surpresa. Não vou tentar descrever a minha expressão, mas ainda bem que ninguém viu. Ao sair da capela, percebi

que o gosto do vinho ainda estava na minha cabeça. O gosto continuava me lembrando dele. da verdade da Comunhão por horas depois. Essa foi talvez uma das minhas primeiras experiências com os benefícios de uma experiência sensorial vívida na adoração.

Como mencionei anteriormente, não sou uma pessoa muito sensual. Musicalmente, meu gosto é bastante rudimentar e imaturo. Consigo me identificar com o teólogo Carl F. H. Henry, que disse que ansiava pelo céu porque lá poderia cantar os grandes hinos com mais de uma nota. Para ser sincero, o incenso geralmente me desagrada. Arquitetura elaborada é linda de se visitar como turista, mas às vezes a considero uma distração (em vez de um convite) para a verdadeira adoração.

Preciso lembrar, porém, que Deus criou nossos sentidos. O prazer através dos sentidos foi ideia Dele, não de Satanás. Vejamos algumas das maneiras pelas quais os sentidos têm sido usados na adoração cristã.

Som

Para aqueles que acreditam que quanto mais silencioso um edifício, mais sagrado o ambiente, usar o som para expressar amor a Deus pode parecer paradoxal. Certamente, há uma grande necessidade de momentos de silêncio, mas também existe uma grande tradição de usar o som para servir a Deus — uma tradição que começou na Bíblia. Já mencionei as aparições bastante ruidosas de Deus a Ezequiel e João. Há muito mais. O Salmo 96 começa com: “Cantem ao Senhor um cântico novo; cantem ao Senhor, todos os [habitantes](#) da terra! Cantem ao Senhor, louvem o seu nome!”. Os Salmos 147, 149 e 150 exortam os fiéis a adorar a Deus por meio da música com instrumentos.

A recomendação das Escrituras para o uso da música no culto não deveria nos surpreender. Como nosso Criador, Deus sabe que a linguagem e a música juntas estimulam o cérebro mais do que a linguagem sozinha. Em um sentido muito real, a congregação pode estar mais “viva” durante a música especial do que durante o sermão. E eles podem se lembrar dos versículos muito tempo depois de terem esquecido o ensinamento.

A bela música faz parte da vida da igreja desde o seu início. O grande compositor Handel reconheceu o que chamou de “tonalidades transcendentais”. Qualquer tonalidade com cinco, seis, sete ou oito sustenidos era associada ao céu. Ele usava acordes específicos para evocar diversos sentimentos: Sol menor, para evocar urgência ou ciúme; Mi menor, para criar um clima de tristeza e lamento; Sol maior, para criar atmosferas que lembram a luz do sol e pastagens verdejantes; Fá menor, para provocar melancolia e desânimo.

É interessante notar que Lutero argumentava que as Escrituras deveriam ser ouvidas com os ouvidos, mais do que lidas com os olhos. Nossos corações são mais transformados e desafiados, acreditava ele, quando ouvimos a Palavra de Deus. A ciência comprovou a validade da percepção de Lutero. Quando ouvimos a leitura das Escrituras, nossas mentes ficam mais ativas do que quando apenas lemos com os olhos.

Cheiro

Qual é o cheiro da igreja? Muitos protestantes considerariam essa uma pergunta absurda. Outras tradições, no entanto, pensariam imediatamente no uso de incenso.

O olfato pode fixar memórias. Quando sinto o cheiro do shampoo Johnson's Baby, lembro-me de dar banho nos meus filhos. Uma marca específica de perfumes da minha esposa evoca lembranças dos nossos encontros românticos.

Talvez seja essa propriedade do olfato que fez com que o incenso desempenhasse um papel tão importante no culto do Antigo Testamento. O aroma familiar pode lembrar o fiel de uma época em que o culto era particularmente rico. Após o culto, os aromas persistentes lembram o crente da experiência de adoração (a forma como nossos cérebros funcionam, o olfato e a capacidade de memória estão diretamente relacionados). Com o tempo, o aroma pode condicionar o crente a entrar conscientemente na presença de Deus.

Deus ordenou a Moisés que recolhesse ofertas de especiarias para fazer incenso aromático (Êxodo 25:6). Arão foi instruído a queimar o incenso todas as manhãs (Êxodo 30:7). Eli e Salomão mantiveram viva a prática de queimar incenso. Instruções detalhadas para cultivar aromas agradáveis são dadas em Êxodo 30.

Deus profetiza em Malaquias que “em todo lugar me trarão incenso e ofertas puras” (Malaquias 1:11). O incenso foi uma das ofertas apresentadas ao menino Jesus (Mateus 2:11). O pai de João Batista, Zacarias, estava queimando incenso quando o anjo lhe apareceu e disse que sua esposa conceberia e daria à luz (Lucas 1:9-13). O incenso continua a ser oferecido a Deus no céu, juntamente com as orações dos santos, de acordo com o livro do Apocalipse. O Salmo 141:2 menciona que o incenso simboliza as orações que se elevam a Deus.

Exemplos negativos da oferta de incenso também ocorrem na Bíblia, mas estão ligados à idolatria (2 Reis 22:17; Jeremias 1:16) ou são oferecidos no contexto de uma fé perdida (Isaías 1:13). O *abuso* do incenso é rejeitado, não o seu uso.

Há poucas celebrações religiosas ortodoxas orientais sem incenso. Embora algumas igrejas luteranas e episcopais possam usar incenso, é improvável que você o encontre em uma igreja presbiteriana, e certamente não em uma batista. O uso do incenso, é claro, não esteve isento de críticas. Mesmo deixando de lado alguns dos reformadores que se opuseram veementemente ao incenso, alguns dos primeiros cristãos também tinham suas reservas. Basílio Magno, por exemplo, escreveu:

O incenso é agora uma abominação para o Senhor. Pois é verdadeiramente execrável pensar que Deus valoriza os prazeres do olfato e não compreender que a santificação do corpo, efetuada pela sobriedade da alma, é o incenso para o Senhor. O incenso corpóreo que afeta as narinas e move os sentidos é, por consequência necessária, considerado uma abominação para um Ser incorpóreo.

Basílio está certo ao insistir que Deus não se importa com o incenso que queimamos como sacrifício por nossas transgressões. Nenhuma oferta de incenso hoje apagará um único pecado. No entanto, o incenso não é usado para buscar o favor de Deus, mas para ajudar o cristão a orar. É um meio, não um fim.

Fisiologicamente, nossas mentes são aguçadas e alteradas na presença de incenso.⁹ Isso não significa tornar o uso de incenso obrigatório. De fato, alguns cristãos podem se distrair com cheiros fortes. Mas só porque algo não é um auxílio eficaz para o culto para alguns não significa que outros cristãos não possam desfrutar disso por si mesmos.

É interessante notar que muitos cristãos que rejeitam o incenso usam perfume ou colônia por motivos nada espirituais. Ou podem usar um desodorizador de carro ou escolher um xampu específico por causa do cheiro que deixam. Se o olfato pode ser usado para acolher nossos convidados ou proporcionar um mimo especial ao nosso cônjuge, por que não pode ser usado como auxílio na adoração? O uso do olfato em um contexto e sua rejeição em outro é uma distinção arbitrária e artificial.

Tocar

Durante um período da Quaresma, carreguei um prego no bolso, como um lembrete para fazer orações de intercessão e arrependimento ao longo da Quaresma. A ponta afiada me lembrava dos sofrimentos de Jesus cada vez que eu o tocava ou me inclinava e o sentia pressionando minha perna. O tato comunica, especialmente para o cristão sensorial.

O culto ortodoxo envolve beijos frequentes — na cruz, no altar, em instrumentos sagrados. O toque com os lábios é uma forma de reconhecer algo como precioso. Transmite uma mensagem poderosa, tanto interna quanto externamente. Certa vez, quando estava no sótão, tirei de uma caixa algumas roupas que nossa filha mais velha usou quando bebê. Fui inundada por ricas lembranças daquele tempo especial e, sem pensar, levei uma peça de roupa ao rosto e a beijei.

Não me desculpo por ser um pouco sentimental em relação ao meu crianças. Quanto menos devo me desculpar por me comover com a realidade da cruz! Onde, de fato, eu estaria sem a cruz? Diante disso, o que pode haver de errado com um beijo espontâneo (ou nem tão espontâneo)?

Um dos meus momentos de oração mais memoráveis aconteceu espontaneamente. Eu era um jovem universitário e queria oferecer tudo o que tinha a Deus. Sem pensar muito, ofereci a mim mesmo a Deus tocando várias partes do meu corpo. Primeiro, toquei meus dedos das mãos e dos pés, orando para que Deus os consagrasse ao Seu serviço. "Sempre que eu estender a mão, quero estender com amor. Para onde quer que eu vá, quero fazê-lo em nome de Cristo." Em seguida, toquei meus lábios. "Tudo o que eu disser, que seja a verdade e algo que traga glória ao Teu reino." Toquei meus olhos. "Ajuda-me a proteger meus olhos, permitindo que vejam apenas o que é útil para o meu interior, para que meu olhar interior não fique cego para as reais necessidades ao meu redor." E assim continuei, oferecendo as várias partes do meu corpo ao serviço de Deus.

Mais tarde, minha esposa observou que eu havia realizado gestos semelhantes à consagração de sangue descrita em Levítico 8:24, onde Moisés é descrito colocando sangue nos lóbulos das orelhas direitas, nos polegares das mãos direitas e nos dedões dos pés direitos dos filhos de Arão.

Eu não planejei essa oração com antecedência; simplesmente aconteceu. De todas as orações que já fiz, a maioria foi esquecida, mas esta permaneceu comigo ao longo dos anos.

Visão

Henri Nouwen lecionava na Escola de Divindade de Yale havia vários anos quando foi profundamente tocado por *O Retorno do Filho Pródigo, de Rembrandt*. Provavelmente, havia poucos pontos ou argumentos teológicos que Nouwen não tivesse estudado inúmeras vezes. Certamente, ele já havia lido a história do filho pródigo incontáveis vezes. Contudo, uma vez que sua alma foi cativada pela obra de Rembrandt, a verdade daquela parábola penetrou o coração de Nouwen com uma paixão totalmente nova.

Senti-me atraído pela intimidade entre as duas figuras, o vermelho quente da capa do homem, o amarelo dourado da túnica do menino e a luz misteriosa que os envolvia. Mas, acima de tudo, foram as mãos, as mãos do velho, que tocaram os ombros do menino e me alcançaram num lugar onde nunca antes havia sido alcançado.

A visão nos afeta talvez mais do que qualquer outro sentido. Cerca de um terço do nosso córtex cerebral, a parte mais alta do cérebro, é dedicado ao processamento visual.

Pesquisadores descobriram inclusive que a visão pode influenciar nossa vontade, o que tem impacto direto em nosso compromisso de viver nossa fé.

O jornalista Michael Long escreve: “Numa alquimia profunda e misteriosa, a visão por vezes combina-se com a memória para energizar a vontade. Após o seu regresso de mais de seis anos de cativeiro no Líbano, o refém americano Thomas Sutherland relatou que tentara cometer suicídio três vezes, mas que em cada uma delas, ‘a visão da minha esposa e das minhas três filhas aparecia diante de mim’, e ele não conseguia concretizar a tentativa.” ¹¹

O uso da visão na adoração e oração cristãs tem suas raízes na encarnação, embora a visão também fosse um elemento integral da adoração no Antigo Testamento. Quando Deus inaugurou a forma de adoração de Israel, Ele especialmente presenteou e chamou dois indivíduos, Bezalel e Ooliabe, dando-lhes “todo tipo de habilidades” para criar belas obras de arte em ouro, prata, bronze e madeira. Eles também desenvolveram habilidade em bordar linho fino e em confeccionar tecidos intrincados e elegantes (Êxodo 35:31-33).

A visão do templo concluído deve ter deixado os fiéis sem fôlego. Para Deus, a beleza importava. O custo envolvido na construção do templo era um sacrifício aceitável, e aqueles que usaram seus dons para construí-lo eram tidos em alta estima e considerados cheios do Espírito de Deus.

É verdade que Jesus disse à mulher junto ao poço que adorasse Deve ser feito em espírito e em verdade (João 4:23), mas ele estava confrontando a ideia errônea de que a adoração deveria se limitar a um lugar específico. Em outra ocasião, o próprio Jesus aceitou adoração generosa — a oferta de perfume caro e de aroma agradável.

Já frequentei várias igrejas que estavam apenas começando, então sei por experiência própria que você pode adorar a Deus em praticamente qualquer lugar, inclusive no refeitório de uma escola de ensino médio com um painel digital vermelho piscando acima! No entanto, o fato de podermos *adorar* em tais ambientes não significa que *devamos* fazê-lo se surgir a oportunidade de encontrar acomodações mais apropriadas.

“O interior médio de uma igreja é desinteressante”, diz Von Ogden Vogt. “Sem ser necessariamente feio em detalhes, não há nenhuma excelência imponente... Seu edifício terá um efeito, quer você queira ou não, e esse efeito de ineficácia é um dos mais lamentáveis.” ¹² Ele alerta contra a criação de um edifício que seja excessivamente confortável ou frio e sombrio.

Ironicamente, os comitês de construção raramente são escolhidos levando em consideração a capacidade arquitetônica de uma pessoa. A maioria de nós não possui a formação necessária para apreciar os diversos elementos da arquitetura grega, romana, bizantina, românica, gótica ou renascentista e aplicá-los aos dias de hoje.

Certamente não sou estudante de arquitetura, mas, como qualquer pessoa, sou afetado pelo “tom” geral de um ambiente — se ele me transmite paz ou inquietação. Grandes arquitetos da fé foram capazes de mesclar tons positivos como repouso (simbolizando a suficiência da religião), harmonia e paz, austeridade (que evoca a mortificação da carne), aconchego e brilho. ¹³ É preciso um grande arquiteto para realizar tal feito, quanto mais uma comissão de construção composta por um advogado, duas donas de casa, um banqueiro, um professor, um engenheiro e um pastor.

Algumas pessoas podem não se incomodar com uma sala cercada por cartazes anunciando o baile de formatura, a venda de anuários e o evento esportivo que se aproximam; no entanto, o cristão sensível se sentiria agredido em um lugar assim. É Seria ingenuidade

ignorar o fato de que o ambiente ao nosso redor nos afeta a todos, em maior ou menor grau. As catedrais foram construídas como um chamado à adoração, para que nossos pensamentos se elevassem aos céus ao entrarmos nelas.

Além dos templos, outros cristãos também utilizam a visão por meio de imagens ou ícones. A visão de um ícone, simbolizando a obediência de um santo, pode ajudar um cristão ortodoxo a finalmente dizer sim a uma passagem difícil das Escrituras. Em outro momento, a imagem representada pelo ícone pode conduzir o cristão à oração. Orar diante de um ícone nunca é uma forma aceitável de adoração, mas o verdadeiro cristão pode ser ajudado a se concentrar ao ser lembrado da realidade que o ícone representa.

Pode parecer sensato incentivar as crianças a fecharem os olhos para que possam se concentrar na oração, já que elas se distraem facilmente. Mas, à medida que amadurecemos, podemos descobrir que olhar para alguém (ou para a imagem de alguém) enquanto oramos por essa pessoa aumenta nossa capacidade de orar. Podemos perceber que olhar para o céu enquanto adoramos, oramos ou recitamos um salmo contribui para a sinceridade de nossas palavras, em vez de atrapalhar. Claramente, já que a visão nos afeta tanto, faríamos bem em incorporá-la à nossa adoração.

Pessoas sensoriais também podem descobrir que o desenho pode ser uma grande ajuda para a oração. Segue um exercício sugerido por um grupo cristão com sede em Londres:



Desenhe uma representação do que Deus significa para você. Em seguida, represente-se em relação a Deus da maneira que lhe parecer mais adequada. Observação: figuras simples e simbolismos básicos são

suficientes; não precisa ser uma obra de arte profissional!



Em outra folha de papel ou alterando seu primeiro desenho, descreva como você gostaria que fosse seu relacionamento com Deus.



Desenhe em qualquer uma das folhas as coisas que parecem atrapalhar esse relacionamento ideal com Deus.

•Reze suas imagens em silêncio, da maneira que lhe for mais útil. ¹⁴

Cristãos criativos podem encontrar suas próprias maneiras de incorporar o elemento da visão na oração.

Gosto

O paladar nos afeta de tal forma que o usamos para descrever muitas coisas. Dizemos que uma pessoa culta tem “bom gosto”. Uma pessoa grosseira ou vulgar “não tem bom gosto”. Uma pessoa mal-humorada ou vingativa é “amarga”. Alguém muito gentil é “doce”. Conseguir um novo emprego que exige mudança de cidade pode ser descrito como “agridoce”. Dois pesquisadores afirmaram: “Parece que as percepções que chamamos de paladar são tão poderosas, tão abrangentes em sua capacidade de evocar conjuntos de sentimentos associados, que transferimos livremente a linguagem do paladar para todas as outras partes de nossa experiência.” ¹⁵

Se assim for, por que não podemos usar o paladar para beneficiar nossa vida espiritual? Já mencionei como o vinho verdadeiro afetou minha experiência na Comunhão. Devemos ter

cuidado para que o aspecto sensorial da Comunhão não nos afaste do compromisso ao qual ela nos chama, mas para uma alma saudável, o paladar pode reforçar a experiência da Comunhão, especialmente se a apreciarmos com calma e sem pressa.

O paladar também pode ser usado em nossas orações. Algo doce pode nos lembrar da bondade de Deus; algo amargo pode nos manter orando por uma oração aparentemente não atendida. Uma mulher judia escreveu sobre ter comido um "sanduíche Hillel" durante o Seder de Pessach. Um sanduíche Hillel combina raiz-forte muito amarga com uma pasta de nozes e frutas doces. Ela afirma: "O sabor daquele sanduíche confirmou algo que nada mais em meu ambiente sequer reconhecia — a verdade da conexão entre tristeza e alegria. Eu sempre senti essa verdade em meu coração, mas em Pessach eu pude experimentá-la."

Certos trechos da Bíblia se prestam ao paladar. Mateus 7:16 nos diz que podemos conhecer uma pessoa pelos seus frutos. Pense nisso da próxima vez que você morder uma maçã particularmente deliciosa (ou podre). ou laranja. Jesus se descreve como o pão da vida. Ele nos chama de sal da terra. Ao estudarmos essas passagens e nos lembrarmos delas no dia a dia, podemos incorporar o despertar espiritual ao ato rotineiro de comer.

Deus criou o paladar; foi ideia dele. Se formos criativos, podemos encontrar maneiras de amá-lo através dele.

As tentações dos sentidos

Apesar dos muitos benefícios que podemos experimentar ao usar nossos sentidos para adorar a Deus, também existem muitos perigos. Os cristãos sensoriais devem estar especialmente atentos a três deles.

Adorar sem convicção

Os sentidos podem enganar, especialmente quando nossas emoções são levadas à loucura pela música. Na faculdade, tivemos vários concertos com artistas cristãos renomados. Alguns artistas usaram a música para transmitir uma mensagem clara; outros se concentraram apenas na música. Em alguns casos, isso seria aceitável — o entretenimento tem seu lugar —, mas, no meio desse evento, houve um apelo ao altar. As pessoas ficaram muito emocionadas após uma música específica, e muitas foram até a frente. Alguns dias depois, uma das mulheres que havia tomado essa "decisão" disse à minha esposa: "A música só me emocionou. Eu não estava falando sério". A fé dela morreu antes mesmo dos amplificadores esfriarem.

O mesmo pode acontecer conosco quando adoramos. Me impressiona a naturalidade com que consigo cantar canções de profundo, quase heroico, compromisso. É como se eu pensasse: "Enquanto eu estiver cantando, as palavras que eu digo não importam de verdade. Deus sabe que é só uma canção". Enquanto minha mente divaga, prometo me curvar diante do Senhor, proclamar o Seu nome até os confins da terra e ir tão longe a ponto de morrer para expressar a minha fé. Contudo, essas palavras podem ser cantadas com quase a mesma emoção que sinto quando estou em adoração. Pedir um hambúrguer. Quantas vezes nós, cristãos, usamos o nome do Senhor em vão durante nosso culto?

Para Deus, importa se mentimos, mesmo que estejamos cantando, e mesmo que todos ao nosso redor estejam cantando a mesma coisa. A música pode nos fazer fingir um compromisso que simplesmente não existe, tornando-nos crentes insensíveis e insinceros.

Idolatrando a Beleza

Assim como os naturalistas podem cair na idolatria se deixarem o eros se transformar em apreciação pela criação, o cristão sensorial também pode cair na idolatria se o eros se transformar em apreciação por uma catedral elaborada ou um ícone belamente pintado.

Quando os servos de Deus, meros anjos, apareceram às pessoas na Bíblia, até mesmo profetas experientes foram tentados a adorá-los. Coisas de grande beleza podem roubar nosso coração Daquele que é o único digno de adoração verdadeira e pura. Alguém pode sair de um belíssimo serviço litúrgico satisfeito com a experiência sensorial, sem ter entrado na verdadeira presença de Deus.

Adoração Adoração

Infelizmente, podemos, por engano, passar de usar nossos sentidos para adorar a Deus para usar nossos sentidos para adorar a adoração. Muitos dos grandes clássicos cristãos alertam que a adoração sensorial é imatura, ou pelo menos inferior à noite escura da alma, tão apreciada pelos contemplativos. Não concordo totalmente com essa visão, mas acredito que os sentidos podem ser muito enganosos, especialmente se confundirmos a estimulação sensorial com um verdadeiro compromisso da vontade.

Por outro lado, usar a estimulação sensorial como auxílio na adoração não significa necessariamente que o cristão seja dependente dela ou que estaria perdido sem ela. Eu consigo me virar com uma refeição por dia, mas preferiria não precisar. E não podemos negar que alguns cristãos realmente encontram nos estímulos sensoriais uma ajuda em sua fé.

Um convite para uma adoração bela

Há um século, Von Ogden Vogt fez um apelo às igrejas que serve como um encerramento apropriado para este capítulo sobre cristãos sensíveis:

De forma tranquila e natural, podemos aprimorar nosso culto público cotidiano de muitas maneiras: por meio de igrejas mais simples, mais nobres e mais belas; por meio de música religiosa mais pertinente e adequada; por meio de pontos de destaque na disposição de uma pintura, um vitral...; por meio de uma ordem litúrgica mais unificada e culminante; por meio de atenção paciente a muitos pequenos detalhes na administração dos sacramentos; por meio de orações melhor preparadas; e por meio de mais instruções para assegurar o esforço espiritual e a expectativa reverente por parte do povo. ¹⁶

Lembre-se: a visão, a audição, o paladar, o tato e o olfato são dons de Deus, muito mais do que tentações de Satanás. Usar nossos corpos para glorificar a Deus é uma resposta muito melhor do que negar o papel do corpo na adoração e depois usá-lo em áreas que levam ao pecado. O gnosticismo, que enfatiza um conhecimento especial e, portanto, faz da mente a única arena que realmente importa, foi rejeitado como heresia há séculos.

Quando eu morrer, espero ter sido capaz de amar a Deus com tudo o que sou, de ter me esforçado para dedicar minha mente à sua sabedoria e verdade, minhas mãos ao seu serviço, meus olhos à sua beleza e todo o meu ser a desfrutar da sua presença. O cristianismo se baseia na *verdade* ; essa realidade jamais mudará. Mas, muitas vezes, é a *beleza* que preenche nossas almas.

CAPÍTULO 5

TRADICIONALISTAS

Amar a Deus através de rituais e símbolos

Você é tradicionalista?

Atribua uma pontuação à série de afirmações abaixo em uma escala de 0 a 5, sendo 0 "nada verdadeiro" e 5 "muito verdadeiro". Registre sua resposta no espaço fornecido.

Você é tradicionalista?

_1. Sinto-me mais próximo de Deus quando participo de uma forma familiar de culto que me traz lembranças da minha infância. Rituais e tradições me comovem mais do que qualquer outra coisa.

_2. Começo a me sentir mais próximo de Deus quando coloco algo no altar, sacrificando-o a Ele.

_3. As palavras *tradição* e *história* me atraem muito.

_4. Participar de uma liturgia formal ou de um culto com livro de orações, desenvolver símbolos que eu possa colocar no meu carro, em casa ou no escritório, e elaborar um calendário cristão para nossa família seguir são atividades que eu gostaria de fazer.

_5. Novamente, numa escala de 0 a 5, o quanto a afirmação que descreve o clamor do coração do tradicionalista ressoa com você em comparação com as outras?

•Naturalista: deixe-me ficar ao ar livre.

•Sensível: deixe-me experimentar.

•**Tradicionalista: deixe-me lembrar.**

•Asceta: Deixe-me ficar sozinho.

•Ativista: Deixe-me conquistar.

•Cuidador: deixe-me cuidar de você.

•Entusiasta: Deixe-me comemorar.

•Contemplativo: deixe-me sentir.

•Intelectual: Deixe-me pensar.

_6. Eu realmente gostaria de desenvolver uma regra (ou ritual) pessoal de oração.

Total de todas as suas respostas: _

Qualquer pontuação igual ou superior a 15 indica uma preferência por esse temperamento espiritual. Reserve um momento para registrar essa pontuação no capítulo 12 [aqui](#), para que você tenha um panorama completo do caminho da sua alma rumo a Deus.

"*Não demorou muito*", pensei enquanto me levantava do velho banco de madeira e caminhava até a porta lateral da igreja, perto do altar. "Esses episcopais sabem mesmo como fazer um culto rápido."

O padre se virou e me viu caminhando pelo corredor. Uma expressão de nítida perplexidade tomou conta de seu rosto. Olhei de soslaio e percebi, horrorizada, que as pessoas estavam se sentando, não saindo. A missa não havia terminado; estava apenas começando.

Com o rosto mais vermelho que o vinho servido na comunhão, sentei-me no banco mais próximo. "A saudação da paz", descobri, não era uma bênção; era como o "Por favor, tirem um momento e cumprimentem a todos com um aperto de mãos" dos batistas.

A experiência foi ainda mais constrangedora porque eu não era um cristão recém-convertido na época. Eu já havia frequentado milhares de cultos. Fui criado em uma igreja batista, e durante a faculdade e o seminário, frequentei o que era basicamente uma igreja interdenominacional. Este foi meu primeiro culto litúrgico, e me senti tão desconfortável quanto quando meu grupo missionário da faculdade participou de um casamento sikh para ter uma experiência intercultural.

Se você não foi criado em um ambiente litúrgico, leva um tempo para se acostumar, mas os benefícios podem ser enormes, mesmo para alguém criado como batista. Às vezes, simplesmente sair da nossa tradição nos ajuda a entender partes familiares da fé de uma nova maneira. Ouça este comentário da poetisa e escritora presbiteriana Kathleen Norris:

Acho que sou típico de muitas pessoas da minha geração. Simplesmente parei de ir à igreja depois do ensino médio. Realmente não consigo explicar o que me fez voltar dez anos depois. Ironicamente, acho que foram os beneditinos que me mantiveram frequentando. Sou casado. Não sou católico. Mas quando comecei a participar da liturgia deles, eles cantavam ou recitavam salmos, faziam leituras bíblicas e orações quatro vezes ao dia. Poder recitar e ouvir poemas em voz alta foi uma experiência totalmente nova para mim, mesmo sendo uma prática de cerca de 1.700 anos. Isso realmente me nutriu e me tornou um presbiteriano melhor.

Kathleen agora se descreve como uma "presbiteriana beneditina". Creio que ela representa muitos cristãos que desejam permanecer em sua tradição, mas encontraram elementos de culto em outras tradições cristãs que fortalecem muito sua fé.

Algumas pessoas reagem à palavra *religião* como uma criança reage à palavra *hora de dormir*. Elas temem, com razão, uma forma de fé sem substância, por isso enfatizam: "O cristianismo é um relacionamento, não uma religião".

Contudo, no contexto de uma fé verdadeira, as práticas e os rituais religiosos podem ser uma poderosa força para o bem — um aliado, e não um inimigo, de um relacionamento rico e crescente com Deus.

O relato bíblico das práticas religiosas

Apesar de toda a nossa desconfiança em relação às práticas religiosas, devemos lembrar que Deus inventou (e, por vezes, ordenou) muitas delas. Elas marcaram a vida dos patriarcas do Antigo Testamento. Além disso, mesmo os defensores da salvação pela graça

mediante a fé, no Novo Testamento, eram praticantes assíduos de certas práticas religiosas — não para merecer a salvação, certamente, mas para nutrir a sua fé.

As práticas religiosas são a forma pela qual homens e mulheres incorporam verdades espirituais. Assim, a Bíblia contém uma rica tradição de “práticas religiosas santificadas”.

Abrão expressou sua fé construindo altares. Quando Deus lhe apareceu em Siquém e lhe disse que a terra dos cananeus um dia seria sua, Abrão construiu um altar ao Senhor. Quando se mudou dali e armou sua tenda entre Betel e Ai, Abrão construiu outro altar ao Senhor. Ele seguiu a mesma prática quando se mudou para Hebrom. Ao fazer isso, Abrão procurou dar forma à sua fé (Gênesis 12:7-8; 13:18).

Quando Deus começou a formalizar a religião de Israel, rejeitou a idolatria e ordenou a Moisés que construísse um altar de terra para ofertas (Êxodo 20:23-24). Deus estava reorientando as práticas religiosas, não as rejeitando. De fato, Arão e seus filhos receberam um altar de terra, rituais religiosos elaborados a seguir, que “distinguiriam entre o sagrado e o profano”, para que a reverência a Deus não se perdesse (Levítico 10:8-11).

Os cristãos modernos podem zombar desse simbolismo. “Essas coisas eram para os ignorantes e supersticiosos”, podemos dizer. “Certamente Deus não se importa com esse simbolismo.” Mas Ele se importa — ou pelo menos se importava muito — pois quando Nadabe e Abiú, dois filhos de Arão, “ofereceram fogo não autorizado perante o Senhor”, Deus lhes tirou a vida (Levítico 10:1-2). Depois disso, Deus deu instruções mais específicas a Moisés sobre como os sacerdotes deveriam se apresentar diante dEle.

Deus compreende que nossa reação aos símbolos muitas vezes revela a reação do nosso coração a Ele. Se somos indiferentes aos símbolos, frequentemente somos indiferentes ao que eles representam. Querendo evitar isso, Deus instruiu Moisés a seguir o modelo exato que Ele lhe dera para a construção do tabernáculo (Êxodo 25:40; Hebreus 8:5). Moisés foi instruído a não se desviar desse modelo.

Esdras também era um tradicionalista. Ele estudava a lei e ensinava seus decretos, proclamava jejuns, oferecia sacrifícios, lamentava o pecado, fazia confissões e lia a lei publicamente (Esdras 7:15; 8:21, 35; 10:7, 11; Neemias 8:3).

Muitas figuras do Novo Testamento também observavam rituais religiosos, ensinando-nos que a religião ainda tem um lugar em nossa adoração, mesmo que a essência do cristianismo seja baseada na fé. O costume de Jesus era ir à sinagoga no sábado (Lucas 4:16). (Se Jesus via a necessidade de um culto regular e formal, quanto mais nós deveríamos!) Pedro e João observavam horários regulares e fixos de oração (Atos 3:1). Paulo, o defensor da salvação pela graça mediante a fé, ainda assim observava o costume religioso em Filipos de orar à beira do rio no sábado (Atos 16:13). Ele também se submeteu voluntariamente ao ritual de purificação (Atos 21:26).

Essas figuras do Novo Testamento deixaram claro que ninguém irá não podem ser salvos somente pela religião, mas também mostraram, com seu exemplo, que os cristãos podem ser nutridos por certas práticas religiosas.

Elementos da expressão tradicionalista da fé

Sempre me lembrarei da minha primeira visita à Catedral Nacional em Washington, DC. As igrejas da minha infância geralmente eram prédios compridos com uma cruz na frente. Se você tirasse a cruz e colocasse um piso de madeira, teria um ginásio.

Essa catedral era completamente diferente. "É um castelo!", exclamou minha filha, Allison, na primeira vez que passamos de carro por ela.

As portas eram pesadas e sólidas. As pedras do chão e dos degraus me davam uma sensação de segurança, como se eu estivesse caminhando sobre um alicerce tão firme quanto a própria terra. Quando entrei pela primeira vez no santuário principal, me senti pequeno, muito menor até do que quando olhava para o céu. Há capelas laterais, algumas com velas tremeluzindo, e salões que abrigam as criptas de cristãos que morreram há muito tempo. Meus olhos repousaram no púlpito de Canterbury, tão majestoso que quase me fez rir ao pensar nos suportes de partitura atrás dos quais eu havia pregado.

Descobri que as celebrações religiosas aconteciam ao meio-dia. Mais tarde, tentei assistir a uma ou duas, ou passar uma tarde rezando em uma das capelas laterais. Rezar, porém, tornou-se difícil. A Catedral Nacional é tanto uma atração turística quanto um santuário, e logo se percebe que qualquer tipo de solidão prolongada é impossível.

Minha esposa ficou um tanto surpresa com meu interesse por esse edifício religioso. No início da minha vida, meu cristianismo se manifestava nas ruas, testemunhando para os não crentes e defendendo a justiça. Foi uma novidade me ver recolhido em uma catedral, buscando orar a Deus cercado por símbolos religiosos.

Os mesmos elementos que alguns descartaram como sem vida — porque em sua infância esses elementos eram estranhos a uma verdadeira expressão de fé — começaram a nutrir minha alma de novas maneiras e a criar uma força e uma profundidade em minha vida espiritual que antes me faltavam. Essas experiências me proporcionaram uma nova apreciação pelo temperamento tradicionalista.

Existem três elementos principais no caminho tradicionalista:

- ritual (ou padrão litúrgico)

- símbolo (ou imagem significativa)

- sacrifício

Evelyn Underhill, uma escritora cristã popular do século passado, chama esses três elementos de “sinais sensíveis de ação suprasensível”.²São maneiras pelas quais usamos o mundo físico para expressar verdades não físicas (espirituais).

Ritual

O poder dos ritos reside, simplesmente, no poder do comportamento reforçado. Protestantes, católicos romanos e cristãos ortodoxos orientais podem discordar sobre quais rituais são mais apropriados, mas todos os cristãos podem se beneficiar deles.

Gertrud Mueller Nelson, escritora e artista contemporânea, escreve o seguinte:

Deus criou um mundo de ordem com espaço, matéria, tempo, vida e seres humanos à sua imagem. Através de rituais e cerimônias, nós, seres humanos, por nossa vez, organizamos o caos. No espaço infinito, criamos um ponto fixo para nos orientarmos: um espaço sagrado. À atemporalidade impomos repetições rítmicas: a festa recorrente...

Aquilo que é demasiado vasto e amorfo, tratamos em partes menores, peças gerenciáveis. Fazemos isso por praticidade, mas também por um propósito nobre: relacionar-se com segurança com o misterioso, comunicar-se com o transcendente.

Nelson menciona então uma prática que todos já vimos nas margens de um lago ou oceano. Observamos como as crianças, assustadas pelas ondas vastas e poderosas, as “domesticam” cavando um pequeno buraco na areia perto de onde as ondas quebram e deixando a água preenchê-lo. Em essência, as crianças reagem à imensidão do mar criando um “mini-mar”, que elas podem controlar e administrar. “Elas criaram um buraco”, escreve Nelson, “para capturar algo do transcendente. Da mesma forma, não podemos nos dirigir diretamente à admiração pelo Todo-Poderoso. Como a criança diante do oceano, damos as costas ao que é demais e, lentamente, criamos a forma que conterá algo do incontível... O poder do Todo-Poderoso precisa, às vezes, ser evitado, mas também precisa ser atraído, invocado e cortejado.”⁴

Os rituais, assim como os sacramentos, nos proporcionam uma maneira de entrar na glória de Deus e, ao mesmo tempo, sermos protegidos de uma força que é grande demais para a experiência humana. Vamos analisar alguns desses rituais.

Celebrações e Comemorações

Minha filha pequena não soltava minha mão. Percebendo sua insegurança, me abaixei para falar com ela.

"E aí?", perguntei.

"Sou tão chique", disse ela, tocando o vestido, envergonhada.

Olhei em volta. Estávamos cercados por pessoas vestindo casacos de couro, camisetas coloridas, jaquetas brilhantes com logotipos de times esportivos profissionais, calças jeans — a típica multidão em uma sala de espera de prisão. Allison e eu tínhamos acabado de sair de uma missa infantil da Sexta-Feira Santa e estávamos esperando para visitar um detento. “Não tem problema”, eu disse a ela. “É Sexta-feira Santa. Eles vão presumir que você foi à igreja.”

Após uma espera excepcionalmente longa, o nome do meu amigo foi chamado e seguimos para os blocos de celas. Eu havia preparado Allison para o que ela veria: o homem que iríamos visitar estaria em uma sala envidraçada e teríamos que conversar por telefone. Finalmente, o encontramos e começamos a conversar.

“Demorou bastante”, eu disse.

“Eu estava na academia”, ele respondeu.

"Eles vão fazer alguma coisa dentro de casa para a Páscoa?", perguntei depois de algum tempo.

"É Páscoa neste fim de semana?", perguntou ele. "Pensei que tivesse sido no fim de semana passado. *Jesus de Nazaré* passou na televisão, então achei que devia ser Páscoa."

Confesso que fiquei um pouco triste. Não sou particularmente religioso nessas coisas, mas a ideia de outro crente jogando basquete na Sexta-feira Santa sem saber que a Páscoa estava chegando me entristeceu.

Essa pessoa tem dificuldade em entregar sua vida a Jesus. O desejo existe, mas surgem pressões e às vezes ela vacila. Uma boa celebração de quatro dias na época da Páscoa poderia fazer maravilhas.

Em certos momentos da história da igreja, o período que antecede a Páscoa era uma *celebração de quarenta dias*. Quarenta dias é demais para a nossa cultura agitada, então reduzimos para quatro: Quinta-feira Santa, Sexta-feira Santa, Sábado Santo e Domingo de Páscoa. Mas até isso está se tornando demais para o cristão moderno, então assistimos a Os

Dez Mandamentos no sábado à noite e comparecemos, renovados e bonitos, no domingo de manhã.

Não precisa ser assim. As práticas religiosas têm seu lugar. Podem ser rituais sem vida ou encontros transformadores, dependendo de como as encaramos. Se estivermos dispostos a nos afastar do mundo por alguns dias, podemos descobrir que Deus pode preencher nossas celebrações com um poder que jamais imaginamos existir.

Walter Wangerin prestou um grande serviço à igreja quando escreveu *Revivendo a Paixão*. O pequeno livro de Wangerin oferece uma breve meditação, baseada no Evangelho de Marcos, que conduz o leitor da Quarta-feira de Cinzas ao Domingo de Páscoa. Tricia Rhodes escreveu um livro semelhante intitulado *Contemplando a Cruz*, e Nancy Guthrie editou uma maravilhosa coletânea de leituras pascais intitulada *Jesus, Mantenha-me Perto da Cruz*. Existem agora tantos livros devocionais que um tradicionalista provavelmente poderia ler um devocional diferente para a Quaresma durante uma década inteira sem precisar repetir nenhum. Enquanto alguns cristãos argumentam que devemos ignorar essas celebrações, os tradicionalistas dirão, com razão, que devemos celebrar a Páscoa com mais entusiasmo do que qualquer outro.

Uma mãe que se esforça para tornar o Natal, a Quaresma e a Páscoa especiais está prestando um serviço cristão exemplar à sua família. Um pai que explica o significado de certos domingos e celebrações está realizando um trabalho pastoral extraordinário para seus filhos.

Isso se torna ainda mais importante em uma cultura cada vez mais pós-cristã. Minha esposa e eu nos demos conta dessa necessidade quando levamos um novo cristão à sua primeira missa de véspera de Natal. Ao chegarmos à igreja, ele perguntou: “Eu entendo por que celebramos o Natal, mas a morte e a ressurreição de Cristo não são igualmente importantes? Por que não as celebramos?”

“Sim”, eu disse. “Na Sexta-feira Santa e na Páscoa.”

“Ah, então é só isso?”, disse ele. Esse jovem havia crescido nos Estados Unidos, mas não sabia o significado da Páscoa.

Escrituras e Práticas Rituais

Meditar nas Escrituras é uma importante fonte de alimento para qualquer cristão, mas especialmente para o tradicionalista. E essa prática repetitiva foi recomendada pela primeira vez nos tempos do Antigo Testamento: “Não se aparte da tua boca o livro desta lei; antes, medita nele todos os dias.” e noite, para que tenhais o cuidado de fazer tudo o que está escrito nela” (Josué 1:8).

Certos rituais bíblicos podem adicionar um novo significado a uma prática antiga. Considere experimentar o seguinte:

Leia as Escrituras em voz alta. Fiz isso pela primeira vez em um quarto de hotel. Estava viajando e cansado. Quando tentei ler a Bíblia em silêncio, as palavras pareciam se misturar e eu não chegava a lugar nenhum. Sabia, porém, que precisava me revigorar, então me levantei, caminhei pelo quarto e comecei a ler as Escrituras em voz alta. Nesse momento, as palavras ganharam vida. Ouvir a pronúncia delas pareceu infundir-se em minha alma.

Use os Salmos. O pai da igreja primitiva Crisóstomo exortava todo cristão a ler o Salmo 62 pela manhã e o Salmo 140 à noite. Segundo Cesário de Arles, todos os cristãos conheciam os Salmos 50, 90 e 103. ⁵

Pense no poder potencial de fazer isso fielmente. Imagine ser uma menina de doze anos cuja mãe lhe apresenta a prática de orar com o Salmo 62 pela manhã e o 140 à noite. Você segue esse hábito fielmente, e o Salmo 62 a sustenta durante os turbulentos anos da adolescência. Então, você o lê no dia do seu casamento. Agora você faz parte de um casal, e as palavras do versículo 1 — “Verdadeiramente, a minha alma encontra descanso em Deus” — a lembram de basear sua satisfação em Deus, acima de tudo. Você continua lendo o Salmo 62 logo ao acordar todos os dias, e é por isso que o lê no dia em que seu primeiro filho nasce. Sem dúvida, você encontra conforto nos versículos 11 e 12, que a lembram de que Deus é forte e amoroso. Esses versículos a sustentam durante os anos “cansativos” da criação dos filhos. Então, no dia em que seu último filho sai de casa e vocês voltam a ser apenas você e seu marido, você se emociona com o versículo 9, que a lembra de que os humanos “são apenas um sopro”. Quanta verdade! A vida passou tão depressa. Você continua lendo aquele salmo, agora talvez como avó, e então se depara com aquela passagem familiar na manhã em que enterra seu marido. E o versículo 2 — “Verdadeiramente ele é a minha rocha e a minha salvação; ele é a minha fortaleza, não serei abalado” — fala com você como nunca antes. É um retorno a você e a Deus, assim como quando você era uma menina de doze anos que começou a ler os Salmos 62 e 140 pela primeira vez. Esses salmos têm sido literalmente os marcos de toda a sua vida adulta.

Alguns de vocês devem estar pensando: “*Tenho certeza de que ler os mesmos dois salmos todos os dias seria incrivelmente entediante*”, enquanto outros desejam que suas vidas tivessem sido marcadas por um ritual assim (nunca é tarde para começar um!). Se você se identifica com o segundo grupo, talvez tenha um tradicionalista latente dentro de si, apenas esperando para se manifestar. Os rituais podem unir nossos anos com o fio condutor da fé.

Comece o seu dia com a Bíblia. No início da adolescência, comecei a prática de ler um capítulo da Bíblia logo ao acordar e antes de dormir — minha primeira e última atividade consciente seria a Palavra de Deus. Ouvi falar de outro cristão que coloca a Bíblia nos sapatos à noite. Antes de se vestir na manhã seguinte, ele precisa ler as Escrituras.

O Calendário Cristão

O cristianismo se baseia na irrupção de Deus no mundo físico, mais notavelmente na encarnação, ou no nascimento de Cristo. É por isso que a celebração do calendário cristão pode ser tão útil para o culto cristão.

Ao ritualizarmos eventos históricos, não apenas o Natal e a Páscoa, mas também Pentecostes, Advento, Quaresma e Ascensão, afirmamos que nossa adoração espiritual tem fundamentos históricos. Isso também nos ajuda a manter o equilíbrio. O Advento nos lembra que há tempo para esperar; a Quaresma, tempo para nos arrependermos e lamentarmos; a Páscoa, tempo para celebrarmos; Pentecostes, tempo para sermos fortalecidos e encorajados a sair e servir. Todos nós temos nossas limitações, enfatizando alguns elementos da fé em detrimento de outros, e o calendário cristão pode nos lembrar daqueles que, de outra forma, poderíamos esquecer ou minimizar.

Gosto também de adicionar lembretes mais contemporâneos ao meu calendário, talvez uma lembrança da experiência extática de Pascal em 23 de novembro de 1664, ou da prisão e eventual martírio de Bonhoeffer em 9 de abril de 1945 — quaisquer eventos que possam ter um significado especial porque uma figura histórica influenciou minha fé. O pastor

Robert Morgan tornou isso fácil por meio de seu livro devocional intitulado " *Neste Dia: 365 Histórias Incríveis e Inspiradoras sobre Santos, Mártires e Heróis*" .

Uma regra de oração

Para dar estrutura à oração, muitos cristãos consideram útil estabelecer uma "regra" ou um "hábito" de oração, o que os ajuda a orar todos os dias.

Para desenvolver sua própria regra, você pode consultar alguns livros de orações episcopais ou ortodoxos orientais. Diferenças teológicas podem levar você a excluir ou, pelo menos, modificar certos hinos ou orações, mas com um pouco de trabalho individual, você pode desenvolver uma ferramenta útil.

Segue abaixo um exemplo de regra compilada por Marc Dunaway. Tomei a liberdade de fazer algumas omissões e algumas adições. O esboço completo, com sugestões adicionais de orações, está disponível em * *Building a Habit of Prayer** (Ben Lomond, CA: Conciliar, 1989).

Invocação

Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém.

(Breve momento de silêncio)

*Ó Deus, tenha misericórdia de mim, pecador. Ó Deus, tenha misericórdia de mim, pecador. Ó Deus, tenha misericórdia de mim, pecador. **

Oração de Purificação

Salmo 51

Senhor, purifica-me dos meus pecados e tem misericórdia de mim.

Oração ao Espírito Santo

Glória a ti, Senhor. Glória a ti.

Ó Rei Celestial, ó Consolador, Espírito da verdade, Tesouro de bens e Doador da vida, vem e habita em nós. Purifica-nos de toda mancha e salva nossas almas, ó Bom.

As Orações Triságio

Deus Santo, Deus Forte, Deus Imortal, tende piedade de nós. Deus Santo, Deus Forte, Deus Imortal, tende piedade de nós. Deus Santo, Deus Forte, Deus Imortal, tende piedade de nós.

Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo, agora e para sempre. Amém.

Ó Santíssima Trindade, tende piedade de nós. Ó Senhor, purificai-nos dos nossos pecados. Ó Mestre, perdoai as nossas iniquidades. Ó Santo, visitai e curai as nossas enfermidades por amor do vosso nome.

Senhor, tende piedade. Senhor, tende piedade. Senhor, tende piedade.

Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo, agora e para sempre. Amém.

Pai nosso, que estais nos céus, santificado seja o vosso nome; venha a nós o vosso reino; seja feita a vossa vontade, assim na terra como no céu. O pão nosso de cada dia nos dai hoje; perdoai-nos as nossas dívidas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores; e não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do mal, pois vosso é o reino, o poder e a glória para sempre. Amém.

Chamado à Adoração

Venham, adoremos e prostremo-nos diante de Deus, nosso Rei.

Venham, adoremos e prostremo-nos diante de Cristo, nosso Rei e nosso Deus.

Venham, adoremos e prostremo-nos diante do próprio Cristo, nosso Rei e nosso Deus.

Música (opcional)

“Venham, adoremos e prostremo-nos” (ou algo semelhante)

Leia ou cante um Salmo

Leia as Escrituras

Siga seu próprio cronograma.

Escolha um hino ou canção para o dia.

Intercessões

Apresente a Deus seus pedidos pessoais espontâneos ou siga sua própria lista de intercessão. Você pode querer incluir um momento para que Deus coloque alguns pedidos (ou palavras de instrução) em seu coração.

Oração de encerramento

Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo, agora e para sempre. Amém.

Senhor, tende piedade. Senhor, tende piedade. Senhor, tende piedade.

Ó Senhor, obrigado por ouvir minhas orações. Dá-me forças para te servir neste dia. Tem misericórdia de mim e salva-me, pois Tu és bom e amas a humanidade. Amém.

Algumas pessoas podem achar que esse tipo de estrutura dificulta suas orações; outras, principalmente aquelas que têm dificuldade com pensamentos dispersos ou que são novas na prática da oração, podem descobrir que essa forma ajuda a melhorar suas orações, tanto em disciplina quanto em sinceridade.

O movimento evangélico sofreu um pouco por tornar as orações informais demais. Novos cristãos muitas vezes precisam de mais orientação do que o popular "simplesmente fale com Deus e conte a Ele o que está em seu coração" para aprender a orar corretamente. Orar de acordo com uma regra pode ensinar um cristão a orar apropriadamente — com adoração, gratidão e confissão integradas à intercessão.

Uma regra alternativa de oração que considero útil é orar usando a Oração do Senhor, fazendo uma pausa em cada linha para personalizá-la. Dessa forma, uso a Oração do Senhor como estrutura para minhas próprias orações espontâneas, e parece funcionar bem.

Oração Programada

Ao longo da história cristã, os fiéis frequentemente sustentaram que a oração é importante demais para ser deixada ao acaso. Pelo contrário, os primeiros cristãos viam a reserva de horários específicos para a oração como a única maneira de serem fiéis nessa prática. Clemente de Alexandria, um escritor cristão do final do século II, relata que muitos cristãos fixavam horários para a oração, como a terceira, a sexta e a nona hora. Cânticos de louvor e leituras bíblicas eram geralmente realizados antes das refeições e do sono. A *Didaquê*, um documento cristão primitivo, afirma que os cristãos do primeiro século deveriam orar três vezes ao dia, geralmente usando a Oração do Senhor. Tertuliano, um líder cristão do início do terceiro século, incentivou a oração durante a terceira, sexta e nona horas — além das orações regulares oferecidas no início do dia e durante a noite. Tertuliano também enfatizou, no entanto, que as horas eram mais guias do que regras. Os cristãos precisam orar pelo menos três vezes ao dia, disse ele, e horários fixos podem ajudar a alcançar esse objetivo.

Quando comecei a dedicar tempo diário à oração, muitas vezes me frustrava por me esquecer da presença de Deus já na hora do almoço, mesmo depois de orar por uma hora pela manhã. Momentos de oração mais curtos, porém mais frequentes, podem, na verdade, nos ajudar a viver com uma consciência crescente da presença de Deus em nossas vidas. Quão difícil seria reservar cinco minutos pela manhã, cinco minutos ao meio-dia e cinco minutos antes ou depois do jantar para encontrar Deus em oração?

Os rituais fornecem estrutura para a nossa fé. Uma vez que aprendemos a usá-los, os tradicionalistas também podem incorporar o uso de símbolos, que lhes conferem significado.

Símbolo

Quantas vezes você já ouviu um sermão emocionante, ficou quase sem palavras com um versículo impactante ou recebeu uma nova e grande revelação, apenas para perder o efeito porque se esqueceu dela logo depois? Os símbolos podem nos ajudar a superar uma das grandes dificuldades da vida cristã: o problema da memória falha.

Dietrich Bonhoeffer, o cristão alemão executado por sua participação em um complô contra Hitler, ficou fascinado com a forma como seus companheiros prisioneiros podiam chegar tão perto da morte em um ataque aéreo e depois esquecer tudo assim que o perigo passava. Enquanto as bombas aliadas sacudiam as celas, homens descrentes clamavam a Deus por salvação; mas assim que os bombardeiros passavam e a poeira baixava, os prisioneiros voltavam a jogar cartas e a passar o tempo, esquecendo-se de suas súplicas a Deus. Bonhoeffer escreveu:

Algo que me intriga repetidamente, assim como a outras pessoas, é a rapidez com que esquecemos nossas impressões sobre uma noite de bombardeio. Mesmo poucos minutos após o sinal de cessar-fogo, quase tudo em que estávamos pensando parece evaporar. No caso de Luther, um relâmpago foi suficiente para mudar o rumo de sua vida por muitos anos. Onde está essa "memória"? Hoje? Não é a perda dessa "memória moral"... responsável pela ruína de todas as obrigações, do amor, do casamento, da amizade e da lealdade? Nada permanece, nada se mantém firme; tudo está aqui hoje e desaparece amanhã. Mas as coisas boas da vida — a verdade, a justiça e a beleza — todas as grandes conquistas precisam de tempo, constância e "memória", ou degeneram. O homem que não sente responsabilidade pelo passado nem desejo de moldar o futuro é aquele que "esquece".... Cada palavra, mesmo que o impressione por um momento, entra por um ouvido e sai pelo outro. O que fazer com ele? É um grande problema do ministério cristão.

Os símbolos nos ajudam a preservar essa "memória moral", que é tão essencial para uma vida correta.

Deus aprovou o uso de símbolos quando falou com Moisés:

"Fala aos israelitas e dize-lhes: 'Por todas as gerações, vocês farão franjas nas extremidades das suas vestes, com um cordão azul em cada franja. Essas franjas servirão de lembrete para vocês, que obedecerão aos mandamentos do Senhor, e não se prostituirão com os desejos dos seus corações e dos seus olhos. Assim, vocês se lembrarão de obedecer a todos os meus mandamentos e serão consagrados ao seu Deus.'"

NÚMEROS 15 :38-40

Consigo ouvir os gritos de resistência: "Mas somos salvos pela fé! Não precisamos desses símbolos do Antigo Testamento!" Os símbolos não têm nada a ver com a nossa salvação, mas têm tudo a ver com a compreensão dos efeitos dessa salvação em nosso dia a dia. Só porque somos salvos não significa que não precisamos de ajuda para viver vidas santas.

Um cristão que tem dificuldade em viver de acordo com sua fé enquanto Por exemplo, ao dirigir, ele poderia pendurar um símbolo — uma cruz ou um peixe — no espelho retrovisor

para lembrá-lo quando seu temperamento começar a se exaltar. (Isso certamente é preferível a colocar um adesivo cristão no para-choque traseiro do carro para todos verem e depois dirigir como um louco!) Um amigo pastor usa um lago perto de casa como símbolo. Assim que passa por ele, lembra-se de que está voltando para casa e precisa se preparar para se concentrar na esposa e nos filhos, deixando as preocupações e os problemas da igreja do outro lado do lago. Ele pode retomá-los na manhã seguinte, ao passar pelo lago a caminho do trabalho.

É possível encontrar um símbolo que atenda a praticamente todas as necessidades em todas as situações. Homens ou mulheres que falharam sexualmente podem começar a usar uma cruz como lembrete de seu compromisso de permanecerem puros. Outros podem optar por usar um anel durante certos períodos de oração intensa; toda vez que virem o anel, lembrarão de sua oração.

Um dos símbolos que Bonhoeffer considerou úteis na prisão foi fazer o sinal da cruz durante a oração. Para quem conhece seus escritos, isso é extremamente significativo. Naquele momento de sua vida, Bonhoeffer buscava um cristianismo "sem religião", mas sua experiência fracassou. Ele descobriu, assim como muitos cristãos, que os símbolos podem ser poderosos facilitadores da presença e da realidade de Deus.

Os arquitetos utilizam símbolos cristãos. As igrejas bizantinas, por exemplo, muitas vezes assemelham-se à forma de uma cruz. Outras igrejas foram construídas em formato circular, simbolizando, como escreveu o bispo Durandus no século XII, que "a igreja se estendeu por todo o círculo do mundo". Outras igrejas ainda utilizam elementos da construção para fins simbólicos. A nave de uma igreja, onde a congregação se senta, recebe seu nome da palavra latina *navis*, ou *navio*, simbolizando o navio da igreja lançado às ondas do mundo, semelhante também à imagem da arca de Noé. O coro, onde o coro se senta, [simboliza](#) a igreja triunfante.

Algumas tradições cristãs transformaram o batismo em símbolos. As vestes, chamadas de "alba", são guardadas como lembrança do batismo e usadas para cobrir o corpo após a morte. Trata-se de um simbolismo excepcionalmente belo: ser sepultado em vestes que proclamam a esperança do batismo.

Os evangélicos, naturalmente, usam pão e vinho (ou suco) como símbolos do corpo e do sangue de Cristo. Historicamente, a igreja cristã também fez grande uso de símbolos para os membros da Trindade. Cristo é frequentemente simbolizado pelo símbolo qui-ró, que se assemelha à letra *P* sobre a letra *X*. Estas são as duas primeiras letras gregas de *Cristo*. Também se usa *IHS*, as três primeiras letras gregas da palavra *Jesus*. O símbolo de um peixe, adotado pelos primeiros cristãos como um sinal secreto, é frequentemente representado contendo cinco letras (*i-ch-th-us*, que significa "peixe") — as primeiras letras das palavras gregas para Jesus (*i*), Cristo (*ch*), Deus (*th*), Filho (*u*) e Salvador (*s*). A divindade e o senhorio de Jesus foram simbolizados pela imagem de um pastor — o Bom Pastor. Sua paixão e sofrimento foram representados na imagem do Cordeiro.

Deus Pai geralmente não era simbolizado no cristianismo primitivo. Ele só seria revelado através de Cristo encarnado, portanto não havia imagens terrenas para serem copiadas. No entanto, até talvez o século XII, Deus Pai era às vezes representado por uma mão. Nos séculos XIII e XIV, um braço foi adicionado, simbolizando o braço do Senhor. Mais tarde, Deus Pai passou a ser representado como um homem idoso e, ainda mais tarde, no Ocidente, como o papa com múltiplas coroas (o papa terreno tinha apenas uma coroa) ¹¹

Não estou defendendo que retornemos a esses símbolos. Pessoalmente, concordo com os primeiros teólogos cristãos que rejeitaram as representações de Deus Pai. Algo tão indefinido quanto uma mão pode legitimamente servir à arte, mas imagens de um homem idoso não fazem justiça a Deus Pai. Uma coisa é representar Jesus, que se encarnou; é perigoso representar o Pai, a quem não vimos.

O Espírito Santo, naturalmente, é frequentemente simbolizado por uma pomba (uma reminiscência da metáfora bíblica do Espírito Santo pousando sobre a terra). Jesus) ou com fogo (lembrando o dia de Pentecostes, quando “línguas de fogo” repousaram sobre as cabeças dos discípulos; Atos 2:3). Historicamente, a Trindade tem sido simbolizada por um triângulo ou três círculos entrelaçados.¹²

A arte cristã utilizava diversos símbolos que podem ser úteis para pessoas com temperamento tradicionalista moderno em suas casas, escritórios e carros. Alguns desses símbolos incluem uma âncora (esperança, a última esperança dos marinheiros), uma flecha (martírio, dor, sofrimento), um estandarte (triunfo sobre a perseguição e a morte), um círculo (eternidade), uma coroa (soberania), uma lâmpada (sabedoria e piedade), uma palma (martírio) e o quadrado (existência terrena).¹³

A cruz tem sido frequentemente um dos principais símbolos do cristianismo, mas mesmo esse símbolo apresenta muitas variações. Qualquer pessoa que já tenha consultado um catálogo ortodoxo oriental sabe que uma cruz ortodoxa é diferente de uma usada por um protestante. E a cruz protestante certamente é muito diferente de um crucifixo católico romano. O símbolo da cruz mudou ao longo dos séculos. No início da Idade Média, Jesus era geralmente representado na cruz, simbolizando o Salvador sofredor. Na Antiguidade, no entanto, a cruz era geralmente representada sem a figura do crucificado, simbolizando a cruz vazia como um símbolo da vitória cristã.

Os primeiros artistas cristãos usavam cores simbolicamente, assim como algumas igrejas litúrgicas fazem hoje em dia. Embora esse simbolismo variasse um pouco, em geral, o branco era usado na Páscoa e no Natal e como cor da alegria. O vermelho representava a exaltação da cruz, as festas dos mártires e a paixão do Senhor. O verde simbolizava os domingos comuns e os dias de semana normais, além de servir como símbolo da vida (plantas e vegetais). O roxo era usado na Quaresma, na Semana Santa e no Advento e representava a união do amor e da dor. O preto era usado apenas na Sexta-feira Santa.

Uma forma mais sofisticada de simbolismo envolve o uso de gárgulas, que são usadas para exaltar o puro, o nobre, o belo e o bom, contrastando-os com o feio, o grosseiro e o vulgar. Algumas pessoas, no entanto, contaminaram esses símbolos com superstição. A superstição é para a religião o que a luxúria é para o amor — um substituto vazio que não possui o poder do original.

Os símbolos também se tornam perigosos se se tornarem o centro (em vez de uma lembrança) da nossa fé. Isso aconteceu na história do Antigo Testamento. Em uma dessas ocasiões, Deus ordenou a Moisés que construísse uma serpente de bronze para que Israel pudesse ser curado de uma praga de mordidas de cobra. Mais tarde na história, Israel começou a adorar a serpente, tratando-a como um deus em vez de um símbolo (Números 21:4-8; 2 Reis 18:4). Algo bom pode ser pervertido, mas a perversão está no uso do símbolo, não no símbolo em si.

Gertrud Mueller Nelson escreve lindamente sobre como rituais e símbolos trazem um senso necessário de “poesia” para o nosso culto:

O que perdemos de contato reside no aspecto poético da Igreja que nos nutriu por meio de ritos e símbolos, por meio da repetição rítmica... Ritos e símbolos utilizam os elementos comuns e terrenos de nossa existência e, ao envolvê-los, ratificam, santificam, completam. O ordinário torna-se o recipiente do divino e contém com segurança o que era incontível. O transcendente se revela naquilo que é maravilhosamente familiar: pão, vinho, fogo, cinzas, terra, água, óleo, lágrimas, sementes, cânticos, festas e jejuns, dores e alegrias... Ela extrai sua ação mais daquilo que há de mais humano em nós do que da teologia. Em sua função criativa, a Igreja fala diretamente ao coração, um coração que ouve símbolos, não vocabulário racional.

Sacrifício

O terceiro elemento da fé dos tradicionalistas — além do ritual e do uso de símbolos — é o *sacrifício*. O sacrifício está no cerne do cristianismo. Aqueles que desejam se identificar com seu Senhor, que ofereceu o sacrifício supremo, precisam compreender isso. O sacrifício mantém vivas nossas expressões idealizadas e frequentemente românticas de adoração divina, enraizada na realidade. A adoração não deve ser reduzida a mera expressão emocional, pois o cristianismo nos chama a um compromisso de vontade.

A noção de sacrifício também está no cerne do motivo pelo qual tantos tradicionalistas celebram a Quaresma. Infelizmente, vivemos em uma cultura que celebra o Carnaval, mas raramente se dedica à Quaresma! Cristãos "liberados" podem muito bem perguntar: "Por que observar a Quaresma?". Deus não precisa que abramos mão de nada; certamente, ele não "precisa" do meu chocolate ou do meu rosbife, mas às vezes preciso aprender a me privar de algo para realmente apreciar o que importa.

Certo ano, decidi abrir mão do sorvete durante a Quaresma. Como fui criada como batista, nunca havia sequer considerado observar esse período, mas nossa família resolveu experimentar. Durante essa época, eu estava viajando e parei em um supermercado para comprar algo para comer. Infelizmente, era um supermercado afastado, e os produtos pareciam ter sido trazidos do Brasil — três semanas atrás. Não havia pão de verdade, e nada que parecesse apetitoso o suficiente para levar de volta para o meu quarto de hotel.

Finalmente, cedi ao "lado negro". " *Vou pegar só um potinho de sorvete* ", pensei. Mas assim que minha mão tocou o recipiente gelado, lembrei-me do meu compromisso — e guardei o sorvete. De repente, fui lembrado vividamente do período da Quaresma. O que Jesus fez por nós invadiu minha consciência, e meu "luto e celebração" quaresmal se aprofundou.

Em suma, diria que foi uma troca fabulosa, abrir mão do sorvete para vivenciar com mais profundidade o período da Quaresma. Afinal, é disso que se trata o jejum, não é? Ele não nos garante nenhum mérito ou favor especial diante de Deus, mas Deus pode usá-lo para disciplinar nossos corações exigentes.

É claro que não podemos realmente dar nada a Deus — *tudo* é dele, inclusive a força com que nos sacrificamos —, mas a ideia de realizar um sacrifício nos lembra que somos servos de Deus e que Deus não é nosso servo.

Existem três tipos de sacrifício no Antigo Testamento: o pecado oferta, oferta pela culpa e holocausto. (Todos os sacrifícios são ofertas, mas nem todas as ofertas são sacrifícios.) ¹⁶

Algumas ofertas permitiam ao ofertante usar o item oferecido (uma cantora poderia sacrificar sua voz ao Senhor), enquanto outras eram totalmente consumidas (um alcoólatra poderia decidir nunca mais beber álcool). Nossos sacrifícios podem incluir abrir mão de algo permanentemente ou dedicar algo ao uso do Senhor. A oferta de nosso dinheiro deve

ser vista como um sacrifício — algo que damos a Deus que não pode ser usado por nós para outro propósito.

O sacrifício está no cerne de uma vida santa. Por vezes, seremos chamados a renunciar a algo que prezamos e que nos alimentou ilicitamente no passado — um relacionamento inadequado, um emprego que proporciona segurança financeira, excessos alimentares, jogos de azar, tabagismo ou alguma outra atividade.

As denúncias proféticas do sacrifício que afastam muitos cristãos de falar sobre isso como uma forma de amar a Deus são dirigidas à *degradação* do ritual, não à ideia em si. ¹⁷Deus endossa o conceito de sacrifício em todo o Antigo Testamento, e Jesus participou do sistema sacrificial no Novo Testamento, tornando-se, em última análise, um sacrifício (Romanos 3:25; 8:3). É claro que o sacrifício de Jesus tornou obsoleto o sacrifício de animais, mas o princípio permanece válido: Paulo exortou os romanos a se oferecerem como sacrifícios vivos (Romanos 12:1). É verdade que, no contexto, Paulo nos exorta a oferecer nossos dons espirituais para servir ao corpo de Cristo. Simplesmente “abrir mão” de algo poderia, na verdade, trivializar a admoestação de Paulo em vez de cumpri-la. O objetivo, porém, é compreender a natureza do sacrifício na vida cristã e como o sacrifício faz parte do que um cristão saudável faz.

Os tradicionalistas nos lembram que distorcemos nossa fé. Hoje, a fé é frequentemente vista como uma ferramenta para obter algo especial *de* Deus. Historicamente, um homem ou mulher de fé era alguém disposto a oferecer algo precioso *a* Deus. Quando o tradicionalista incorpora a ideia de sacrifício em sua vida diária, um componente essencial do cristianismo é exemplificado e preservado.

Vivendo como um tradicionalista

Como, então, amar a Deus sendo tradicionalista? Incorporando os três elementos desse temperamento em sua vida diária: faça uso abundante de símbolos, desenvolva rituais significativos e encontre áreas de sacrifício.

Eu o(a) encorajo a começar adotando uma das categorias — símbolos, por exemplo — e, aos poucos, incorporá-los à sua vida. Talvez você queira ler mais sobre os símbolos cristãos antigos para obter mais informações. À medida que os símbolos forem incorporados à sua prática religiosa, considere adicionar outra categoria. Talvez você possa adicionar um ritual por ano — uma maneira específica de começar a manhã de Natal, uma oração especial aos domingos, uma nova forma de leitura da Bíblia e assim por diante.

A glória da vida em Cristo reside no fato de estarmos iniciando uma vida que perdurará pela eternidade. Certamente não precisamos ter pressa. O significado é mais importante do que a realização. O simbolismo deve servir, e não dominar, a essência. Avance devagar e incorpore o elemento religioso à sua vida gradualmente.

As tentações dos tradicionalistas

Incorporar elementos tradicionalistas às nossas expressões de fé traz muitos benefícios, mas também apresenta perigos. Os cristãos tradicionalistas devem estar especialmente atentos a quatro deles.

Servir a Deus sem conhecê-Lo

É possível servir a Deus religiosamente por um longo tempo sem realmente conhecê-lo. Samuel é um bom exemplo desse perigo. 1 Samuel 3:1 nos diz que “o jovem Samuel servia ao Senhor sob a tutela de Eli”, mas no versículo 7, lemos: “Samuel ainda não o conhecia”.

Conhecer o SENHOR : A palavra do SENHOR ainda não lhe havia sido revelada.” Samuel estava intimamente envolvido nas práticas religiosas de Israel, mas não conhecia o Deus de Israel pessoalmente.

O mundo está cheio de religiões e de pessoas religiosas que não conhecem a Deus. A religião pode servir à fé, mas não a substitui e jamais poderá substituí-la. Expressões significativas do coração, da mente e da vontade tornam-se sem vida se não estiverem alicerçadas em uma fé profunda e inabalável.

Negligenciar as obrigações sociais

Assim como acontece com outros grupos espirituais, os tradicionalistas podem ficar tão absortos em sua fé que se esquecem das obrigações sociais inerentes a ela. Não basta cultivarmos a santidade; precisamos estender a mão e servir aos outros.

Lembrem-se da advertência de Deus aos israelitas:

“Eu odeio, eu desprezo as suas festas religiosas;

Suas montagens me dão um cheiro horrível.

Ainda que me tragas holocaustos e trigo.

ofertas,

Não os aceitarei.

Embora você traga ofertas de comunhão de primeira qualidade,

Não terei qualquer consideração por eles.

Chega de barulho de suas músicas!

Não vou ouvir a música das suas harpas.

Mas que a justiça siga seu curso como um rio,

retidão como uma correnteza que nunca seca!

A MOS 5:21-24

Substituir as obrigações sociais da fé pela religião deve ter sido uma tentação constante para Israel, pois Jeremias também adverte que a religião sozinha não basta.

“Não confiem em palavras enganosas, dizendo: ‘Este é o templo do Senhor , o templo do Senhor , o templo do Senhor ! ’ Se vocês realmente mudarem seus caminhos e suas ações, e se tratarem com justiça, se não oprimirem o estrangeiro, o órfão ou a viúva, e não derramarem sangue inocente neste lugar, e se não seguirem outros deuses para sua própria ruína, então eu os deixarei viver neste lugar.”

JEREMIAS 7 :4-7

Jesus também alertou contra as demonstrações vazias de religião. Religião sem substância, diz Jesus, é hipocrisia; ela nos transforma em “sepulcros caiados, que por fora parecem bonitos, mas por dentro estão cheios de ossos de mortos e de toda impureza” (Mateus 23:27).

Julgar os outros

Os tradicionalistas devem lembrar que Deus, e não a religião, é sagrado. Foi necessária uma visão vívida ao meio-dia para que Pedro abandonasse as proibições religiosas de alimentos que o impediam de alcançar os gentios (Atos 10). A vocação de Paulo para ministrar aos gentios o tornou particularmente cuidadoso para não elevar rituais religiosos à medida da verdadeira fé. Ele deixa claro em Colossenses 2:16-17 que as observâncias religiosas não devem ser usadas para julgar os outros: “Ninguém vos julgue pelo que comeis ou bebeis, ou por causa dos dias de festa, da lua nova ou do sábado. Essas coisas são sombra das que hão de vir; a realidade, porém, encontra-se em Cristo.” (Veja também o que ele diz aos seus

leitores em Romanos 14.) Paulo adverte Timóteo contra aqueles que, em nome da religião, proíbem os cristãos de participar de atividades que Deus criou para seu deleite e prazer (1 Timóteo 4:1-5).

Os tradicionalistas devem participar livremente desses rituais e observâncias que fortalecem sua fé. Mas só porque algo é benéfico para eles não significa que seja obrigatório para os outros. Perto do lugar onde cresci, um pastor batista conservador “chocou” alguns de seus fiéis porque gostava de cuidar do jardim nas tardes de domingo. Esse pastor passava a semana inteira estudando as Escrituras e descobriu que cuidar do jardim não era tanto trabalho, mas sim relaxamento, enquanto se preparava para o culto da noite, embora suas ações não estivessem de acordo com a visão de alguns fiéis sobre o sábado.

Os rituais podem fortalecer poderosamente a fé individual, mas também podem destruir a fé coletiva se forem usados para criticar, medir ou dividir.

Ritos de Deificação

O novo pastor proferiu sua bênção para encerrar o culto, entregando-se de corpo e alma, mas ao abrir os olhos, viu os membros da igreja de mãos dadas e a pianista caminhando até o piano. Um dos diáconos fez um gesto para que o novo pastor se retirasse, e enquanto ele o fazia, a congregação começou a cantar “Bendito Seja o Laço que Une”. A igreja cantava essa música após cada comunhão desde tempos imemoriais. Com ou sem a concordância do novo pastor, a canção permaneceria.

Neste caso, tal circunstância pode servir como uma anedota engraçada para aulas de seminário, em vez de representar qualquer dano real; em outras circunstâncias, essas atitudes podem ser letais. As pessoas tendem a praticamente endeusar algo simplesmente porque sempre foi feito assim, mesmo que já não entendam o porquê.

Nenhum símbolo ou ritual possui valor absoluto em si mesmo. Um símbolo representa uma realidade oculta. Ele está ali para evocar o misterioso. Quando o significado original se perde, o símbolo não tem mais valor do que um cupom vencido.

Descobrendo o Tradicionalismo

Durante a faculdade, eu me aprofundei no cristianismo “espontâneo”, quase ao extremo. Quanto mais “santo” você fosse, eu pensava, mais disposto estaria a “seguir o Espírito”. As pessoas que escreviam orações (e, em certo momento, pensei, até sermões) com antecedência estavam perigosamente perto de “extinguir o Espírito”.

Assim, quando entrei em contato pela primeira vez com a liturgia, as orações fixas e as diversas práticas religiosas, fiquei surpreso com a profundidade da resposta da minha alma. Tenho vontade de descrever isso como “voltar para casa”, só que, na verdade, eu nunca estive lá!

Ainda assim, senti que havia tocado nas minhas raízes. E, de fato, havia.

A fé cristã é uma fé fundamentada na história e na comunidade. Rituais, símbolos, sacramentos e sacrifícios marcaram toda a história da Igreja. Praticamente todos os símbolos, rituais ou ritos provavelmente já se tornaram obstáculos em algum momento, desviaram-se do caminho, ainda que minimamente, ou caíram na repetição mecânica, perdendo seu poder.

Mas o verdadeiro problema, descobri, não estava no símbolo, no ritual ou no rito, mas no coração humano. Muitas das obrigações religiosas das quais me senti “liberto” na minha juventude, mais tarde descobri que eram caminhos potenciais para o crescimento

espiritual. Em vez de me sentir liberto, senti-me enganado, como se me tivessem ensinado a viver a vida cristã sem me terem dado algo que me ajudasse. Agora sinto-me amparado pelo seu poder, nutrido pela sua verdade e fortalecido pela sua prática. Talvez você também.

CAPÍTULO 6

ASTECTAS

Amar a Deus na solidão e na simplicidade

Você é um asceta?

Classifique as seguintes afirmações em uma escala de 0 a 5, sendo 0 "nada verdadeiro" e 5 "muito verdadeiro". Registre sua resposta no espaço fornecido.

Você é um asceta?

- _1. Eu me sinto mais perto de Deus quando estou sozinho e não há nada que me distraia de me concentrar em sua presença.
- _2. Eu descreveria minha fé como mais “interna” do que “externa”.
- _3. As palavras *silêncio*, *solidão* e *disciplina* me atraem muito.
- _4. Fazer um retiro de uma noite em um mosteiro, onde eu pudesse passar longos períodos sozinho em um quarto pequeno, orando, estudando a Palavra de Deus e jejuando por um ou mais dias, são atividades que eu apreciaria.
- _5. Novamente, numa escala de 0 a 5, o quanto a afirmação que descreve o clamor do coração do asceta ressoa em você em comparação com as outras?

•Naturalista: deixe-me ficar ao ar livre.

•Sensível: deixe-me experimentar.

•Tradicionalista: deixe-me lembrar.

•**Asceta: Deixe-me ficar sozinho.**

•Ativista: Deixe-me conquistar.

•Cuidador: deixe-me cuidar de você.

•Entusiasta: Deixe-me comemorar.

•Contemplativo: deixe-me sentir.

•Intelectual: Deixe-me pensar.

_6. Acredito que me beneficiaria particularmente de atos como uma vigília noturna, um breve voto de silêncio ou a simplificação da minha vida.

Total de todas as suas respostas:

Qualquer pontuação igual ou superior a 15 indica uma preferência por esse temperamento espiritual. Reserve um momento para registrar essa pontuação no capítulo 12 [aqui](#), para que você tenha um panorama completo do caminho da sua alma rumo a Deus.

Vestido com uma pele de animal, João Batista desfilava pelo anfiteatro, bradando em desafio aos fariseus. Seus cabelos estavam emaranhados e seus músculos tensos. Ele pegou um punhado de terra e a lançou ao ar, e a terra o atingiu enquanto gritava, as veias do seu pescoço saltando como mangueiras de incêndio pressurizadas. Ele repreendia Herodes e exigia seu arrependimento.

A voz de John tinha dois volumes: alta e mais alta. Sua respiração pesada e ofegante tinha um tom asmático enquanto ele andava de um lado para o outro como um animal enjaulado, cuspidando saliva enquanto proferia suas denúncias.

Será que essa era uma representação precisa de João Batista? Duvido. Para começar, ele não conseguiria pregar por mais de trinta minutos naquele ritmo e volume, muito menos por horas a fio, dia após dia. Além disso, o fato de João Batista ter feito o que parecia ser um voto de nazireu, abstendo-se de álcool, evitando cadáveres, não cortando o cabelo e assim por diante, não significa que ele tenha escolhido viver à beira da loucura.

Que João Batista tenha sido retratado dessa forma nesta Paixão de Cristo não me surpreende. Nossa cultura tem dificuldade em compreender o temperamento ascético. Podemos admirar essas pessoas, mas muitas vezes suspeitamos que elas possam ser vítimas de fanatismo religioso, que consideramos um parente próximo da doença mental.

O temperamento ascético gravita em direção à solidão, à austeridade, à simplicidade e ao profundo compromisso. É o temperamento “monástico”, por assim dizer, que representa os crentes que não temem a disciplina, a severidade e a solidão — aliás, crentes que descobrem que esses elementos despertam suas almas para a presença de Deus.

É irônico que, em uma cultura onde a solidão e os sentimentos de isolamento são quase pandêmicos, a solidão nos seja tão estranha. Uma das razões é que perdemos a arte da austeridade, que dá significado e substância à nossa solidão. A palavra *austero* tem várias conotações. Pode significar moralmente rigoroso, sombrio ou grave, ou despojado ou simples. Todos esses significados são relevantes aqui e apontam por que o asceta é uma figura tão enigmática.

Grande parte da nossa solidão é forçada, não escolhida, criando isolamento em vez de intimidade espiritual com o Pai. Nossa cultura está longe de ser moralmente rigorosa. Gravitamos em direção ao trivial e ao banal em vez do sombrio e do solene, e nos orgulhamos do adorno e da complexidade em vez da simplicidade, muitas vezes porque muitos de nós tentamos desesperadamente esconder nosso verdadeiro eu. Os ascetas, talvez mais do que qualquer outro temperamento espiritual, precisam realmente ir contra a sua cultura para praticar o amor a Deus.

A Bíblia e os Ascetas

Quando criança, eu sempre fui fascinado pelos nazireus. Era isso que significava ser santo, eu pensava: abrir mão de tudo o que você tem e ter uma aparência realmente estranha.

É claro que eu estava enganado. Ser nazireu tinha menos a ver com a natureza da pessoa do que com votos feitos por um período determinado, durante o qual os fiéis concordavam em se abster de álcool, não cortar o cabelo (eu gostava dessa parte, mas meu pai nunca acreditou!) e manter distância de cadáveres. Durante o período desse voto, os nazireus eram, em essência, imagens de santidade — literalmente “separados” para um propósito

especial. Como os votos dos nazireus eram apenas por um período determinado, eles podiam deixar sua solidão para cumprir posteriormente as obrigações sociais de sua fé (Números 6).

João Batista vem imediatamente à mente quando pensamos em solidão e ascetismo, mas Jesus também tinha essas tendências. Antes de iniciar seu ministério público, Jesus passou quarenta dias em solidão e jejum (Mateus 4:1-2). Ele ensinou que a oração deveria ser feita em segredo (Mateus 6:5-6). Ele pressupôs que seus discípulos eventualmente jejuariam (Mateus 6:16-17). E ele retornou à solidão em momentos difíceis de seu ministério — após saber da morte de João Batista e quando as multidões o perseguiram, por exemplo (Mateus 14:13, 22-23).

Marcos nos conta que Jesus frequentemente buscava a solidão. “De madrugada, quando ainda estava escuro, Jesus levantou-se, saiu de casa e foi para um lugar deserto, onde orava” (Marcos 1:35). A palavra de Marcos, aqui traduzida como “lugar deserto”, também poderia significar “deserto”, conotando a aridez do ambiente. Mesmo um lugar exuberante parece austero na escuridão. Não é de se surpreender, portanto, que antes de sua maior provação, Jesus tenha encontrado conforto na escuridão, no jardim do Getsêmani, ajoelhando-se em silêncio e em particular para orar (Mateus 26:36).

É nesses tempos sombrios, intensos e solitários que as almas dos ascetas despertam. Creio que qualquer pessoa que tenha sido desafiada no ministério sabe que uma batalha intensa foi travada tanto no Getsêmani quanto no Calvário. Certamente, apenas o Calvário proporcionou o pagamento pelos nossos pecados e, portanto, foi absolutamente necessário, mas o Getsêmani foi um campo de batalha espiritual onde Jesus tomou a decisão final de ser obediente. Num ato doloroso e corajoso de abnegação, Jesus provou a têmpera da sua fé.

Quando eu pregava nas ruas dos campi universitários, as lutas mais angustiantes e difíceis aconteciam durante os momentos de oração antes de eu falar. Depois de enfrentar meus medos e dúvidas, o ato de obediência se tornava quase anticlimático. Mesmo mais tarde na vida, ao lutar com a vontade de Deus, o ato de obediência sempre me pareceu menos difícil do que a decisão anterior de obedecer. “Você não sabe para onde Deus está te guiando?”, me perguntaram certa vez.

“Sim, eu quero”, respondi. “E esse é o problema. Estou esperando que minha disposição se iguale à de Deus.”

É por isso que me identifico tanto com Jesus, sozinho e em agonia, enquanto orava no Getsêmani. É a imagem definitiva do cristianismo, a imagem de nós lutando espiritualmente enquanto Deus alinha nossa vontade com a Sua. É a imagem que alimenta o temperamento espiritual ascético.

O Antigo Testamento nos oferece diversos perfis de ascetas, não apenas no nazireu, mas também em um chamado para que os devotos lamentem. O livro dos Salmos fornece passagens preciosas para os entusiastas que amam celebrar, mas os livros de Lamentações, Daniel e Joel oferecem muitas passagens ricas para os ascetas que sabem que são chamados a lamentar.

Daniel escreve sobre orações fervorosas nas quais suplica a Deus, jejua e se senta em pano de saco e cinzas (Daniel 9:3). Joel exorta os líderes espirituais a vestirem-se de pano de saco, a lamentarem, chorarem, jejuarem e passarem a noite em vigília em oração, clamando

a Deus. O próprio Deus exorta. Israel retornará a ele com jejum, choro e luto (Joel 1:13-14; 2:12).

Certamente, há um tempo e um lugar para a austeridade e a solidão na adoração de todo cristão. Para aqueles com esse temperamento espiritual específico, porém, essas duas qualidades podem ser as formas de adoração mais preciosas.

Os Três Mundos dos Ascetas

Para definir esse temperamento com mais precisão, podemos dividi-lo em três mundos: solidão, austeridade e rigor.

Solidão

Ao longo dos anos, a solidão tornou-se uma das minhas melhores amigas. Há uma quietude e uma profundidade na solidão que me nutrem, enquanto outras atividades espirituais — como pregar, por exemplo — me esgotam. Mesmo em meio à multidão ou em uma festa, às vezes tento "escapar" para alguns momentos de solidão. Alguns podem argumentar que, ao fazer isso, estou me levando muito a sério, e talvez tenham razão. Tudo o que sei é que é nesses momentos de solidão que as cores recuperam seu brilho, a verdade recupera sua clareza e a realidade perde sua névoa. Sem um tempo sozinho, sinto que perdi minha âncora.

M. Basil Pennington, um monge do século XX, escreveu: “Se uma característica define o verdadeiro monge, é esta: ele é aquele que se recolheu, para estar de alguma forma sozinho.” ¹—Os “monges” modernos reconhecem que, mesmo que sejam casados ou trabalhem em um escritório lotado ou em um ministério eclesiástico agitado, passar algum tempo a sós é essencial para um aprofundamento na caminhada com Deus.

Para uma mãe ou um pai jovem, ou para uma criança que vive em casa, afastar-se completamente pode não ser possível; o importante, porém, é, como Pennington define, “a sensação de distanciamento”. ²A família pode criar um espaço para oração; talvez a sua igreja local permita que você tenha as chaves do santuário. O simples ato de se afastar um pouco pode servir como um chamado ou prelúdio para a adoração.

A solidão é essencial, pois os ascetas vivem existências fundamentalmente interiores. Jerônimo, um asceta do século IV, escreveu que “para mim, a cidade é uma prisão, e a solidão é o paraíso”. ³ [Embora](#) eu simpatize com a confissão de Jerônimo, também aprendi que existe uma tentação nisso. A solidão é uma ferramenta quando a usamos para recarregar as energias; se negligenciarmos “a cidade”, porém, não conseguiremos alcançar aqueles que mais precisam da nossa mensagem.

Os ascetas bem informados responderão, com razão, que as orações individuais são rios que deságuam no oceano da Igreja. Evelyn Underhill, um popular escritor e palestrante britânico sobre a vida espiritual no início do século passado, escreveu: “Cada vida cristã de oração... por mais profundamente oculta ou aparentemente solitária que seja, afetar a vida de todo o Corpo. Pelo simples fato de entrar na esfera da adoração, sua ação se soma ao sacrifício total de louvor e ação de graças em que consiste a vida invisível da Igreja.” ⁴

Historicamente, a ênfase na vida solitária que caracterizou o ascetismo primitivo gradualmente cedeu lugar ao aprendizado de viver em distanciamento dentro da sociedade. A solidão evoluiu para duplas compostas por mestre e discípulo, depois para pequenos grupos e, por fim, para comunidades maiores. Filipe Rousseau, especialista no cristianismo primitivo, escreveu: “Morrer para os outros, um dos requisitos básicos de um

asceta solitário, tornou-se mais uma disposição interior, bastante compatível com a proximidade de outros homens”.⁵ Jerônimo enfatizou particularmente o “ascetismo interior”. Segundo ele, a virgindade, o afastamento da cidade e a pobreza eram pontos de partida, não o fim, do ascetismo.⁶ Um asceta posterior levou esse distanciamento interior um passo adiante, dizendo: “Que ela encontre na cidade agitada o deserto dos monges”.⁷

Esta é a tábua de salvação para os ascetas modernos. Não precisamos encontrar um deserto para expressar nossa fé; o desapego interior nos permite encontrar um Um deserto solitário no meio da cidade mais movimentada. Durante anos, eu prosperava chegando horas antes de qualquer outra pessoa no escritório, pois o silêncio e a solidão eram essenciais para a minha fé. O início da manhã era a minha parte favorita do dia. Quando outro "madrugador" foi contratado, precisei de um tempo para me adaptar. Amigos e familiares precisarão entender que os ascetas precisam de um certo tempo sozinhos, talvez todos os dias.

Austeridade

Uma amiga da nossa família, uma jovem com dois filhos pequenos, demonstra muitas características ascéticas. Seus momentos mais íntimos com Deus acontecem quando as crianças vão para a cama, todas as luzes estão apagadas e tudo está em silêncio. Se as crianças não ficam quietas, ela costuma ir ao banheiro, abrir a torneira para abafar outros ruídos e orar a Deus ali.

Susanna Wesley, mãe de John e Charles Wesley, criou uma família numerosa, mas, como a mãe mencionada anteriormente, ansiava por um lugar austero e solitário onde pudesse encontrar-se com Deus. Sua solução? Frequentemente, ela cobria a cabeça com o avental e orava. Seus filhos aprenderam a não incomodá-la durante esse período. Enquanto os cristãos sensoriais são atraídos a Deus por meio dos sentidos, os cristãos ascetas muitas vezes se distraem com os sentidos e, por isso, tentam bloqueá-los. Os monges frequentemente escolhiam ambientes com baixos níveis de estímulos sensoriais para não se distraírem em suas orações e jejuns.⁸ Enquanto Francisco de Assis se deleitava com a beleza do campo, muitos dos padres do deserto buscavam terras áridas e desoladas. É aqui que o asceta pode divergir do naturalista.

Rigidez

Há uma década, com certo desapontamento, descobri que o que costuma ser dito sobre os reencontros de dez anos do ensino médio é verdade: as mulheres tendem a ficar mais bonitas, os homens tendem a ganhar peso e perder cabelo, e as pessoas... Ainda tentando causar uma boa impressão. Não esperava, no entanto, por um dos pequenos rumores que estavam circulando.

"Você ouviu falar do Gary?", dizia um boato. "Ele vendeu tudo o que tinha, entrou para um grupo religioso e se tornou um fanático religioso."

"Isso é verdade?", perguntou-me uma pessoa.

Eu ri. "É só impressão. A verdade é que eu fui para o seminário, me mudei para uma casa que custava 200 dólares de aluguel por mês e trabalhei para um ministério universitário que me pagava mais ou menos o que se espera de um ministério universitário."

Minha esposa ficou bastante alarmada ao ouvir o que foi dito, mas eu achei engraçado. Noventa e nove por cento da comunicação está na interpretação. Um homem que começa a

doar parte de sua renda para a igreja e suas obras, reserva duas ou três vezes por semana para frequentar os cultos, fala de Deus para as pessoas na rua e lê livros sobre Deus regularmente pode parecer um "fanático religioso" para o mundo. Se, no entanto, esse mesmo homem começasse a pagar um anel de diamantes, passasse os fins de semana saindo para encontros românticos, contasse a todos os seus colegas de trabalho sobre a linda mulher que entrou em sua vida e lesse cartas de amor repetidamente, o mundo simplesmente diria que ele está "apaixonado".

Se eu fosse escrever um livro inteiro sobre ascetismo, teria a tentação de intitulá-lo " *O Romance Divino* ". Normalmente não pensamos no ascetismo e na rigidez como aliados do romance, mas são. Os ascetas são "rígidos" apenas porque desejam reservar uma parte importante de suas vidas para a busca apaixonada por Deus.

É esse lado rigoroso da vida ascética que talvez seja o menos compreendido, não só pela nossa cultura, mas também por outros cristãos. Especialmente entre os evangélicos, que defendem a salvação pela graça mediante a fé, uma fé rigorosa pode parecer perigosamente próxima do legalismo — e, em alguns casos, pode mesmo ser. Para os ascetas saudáveis, porém, o rigor é um método precioso de expressar amor a Deus.

Em um livro sobre a vida de Francisco de Assis, G.K. Chesterton responde àqueles que perguntam "que tipo de Deus cruel poderia ter exigido sacrifício e abnegação" colocando a questão em outro contexto. Que tipo de mulher egoísta, ele pergunta, exigiria flores ou seria tão avarenta a ponto de exigir um anel de ouro para usar no dedo? "Foi porque a coisa não foi exigida que ela foi feita", escreve Chesterton, e ao fazê-lo, ele nos lembra do lado romântico do ascetismo.

Chesterton afirma que a visão popular do asceta, a da pessoa melancólica e deprimida, está errada.

A questão central sobre Francisco de Assis é que ele certamente era ascético e certamente não era melancólico... Ele devorava o jejum como um homem devora a comida. Ele se lançava na pobreza como os homens cavam loucamente em busca de ouro. E é precisamente a qualidade positiva e apaixonada dessa parte de sua personalidade que representa um desafio para a mente moderna em todo o problema da busca pelo prazer.

O verdadeiro ascetismo cristão não busca o sofrimento ou a abnegação como um fim em si mesmo, mas como um meio, uma forma de amar "algo mais para que Deus seja mais amado".¹¹ [Assim](#), a vida ascética tem estado historicamente intimamente ligada à vida contemplativa. Estou fazendo uma distinção entre as duas ao discutir temperamentos espirituais. Em nosso mundo moderno, creio que elas se separaram, mas historicamente, uma caminhava lado a lado com a outra. Os ascetas viviam vidas rigorosas de abnegação para que pudessem contemplar a Deus livremente. Sem a abnegação, os pecados da carne surgiam e tornavam impossível para o cristão concentrar-se na comunhão com Deus.

A rigidez dos ascetas conferia aos seus ensinamentos uma autoridade adicional. Os ascetas enfatizavam as ações em detrimento das palavras. O árduo trabalho no desenvolvimento da vida interior era muito mais importante do que obter um diploma, escrever um livro ou ser um orador eloquente.

De forma um tanto surpreendente, essa rigidez consigo mesmo era marcada por gentileza para com os outros. Vemos isso nos relatos históricos dos grandes ascetas. Martinho de Tours, um asceta do final do século IV, era considerado uma pessoa que não julgava nem condenava. Agostinho escreveu em *A Cidade de Deus* : "Que direi desses julgamentos que os homens pronunciam sobre os homens...? Julgamentos melancólicos e lamentáveis são eles."

¹²—E Ambrósio, outra figura conhecida do movimento ascético, era conhecido por chorar quando tinha que julgar outro cristão, “deixando um bom exemplo aos sacerdotes que o seguiram, para que intercedessem junto a Deus em vez de acusar os homens.” ¹³

O legalismo dos fariseus os levou a estabelecer padrões impossivelmente elevados que as outras pessoas eram obrigadas a seguir, enquanto os fariseus desfrutavam de outros luxos. Os verdadeiros ascetas são rigorosos consigo mesmos, mas tratam os outros com uma gentileza sobrenatural.

Atos de Ascetas

Os ascetas vivem nos três mundos da solidão, da austeridade e da rigidez por meio de diversos atos de devoção. A discussão a seguir não pretende ser exaustiva, mas deve ser útil para iniciar o temperamento ascético em um relacionamento produtivo e crescente com Deus.

Vigiando na Noite

Era uma noite clara; eu segurava minha filhinha nos braços, embalando-a suavemente de um lado para o outro, olhando para a vizinhança silenciosa. No meio da noite, depois que até mesmo o público do programa do David Letterman já tinha ido dormir, havia uma quietude, uma expectativa, uma sensação de esperar o amanhecer romper e vencer a escuridão. Muito depois de minha filha ter adormecido, eu queria ficar acordada.

Os ascetas se deleitam com essa prática de adoração silenciosa durante a noite. Muitos de nós não vivenciamos isso, exceto quando um filho doente nos obriga a ficar acordados até tarde (ou cedo demais), mas alguns cristãos descobriram que o meio da noite é um dos melhores momentos para oração e adoração.

Em vez de ficarem acordados até tarde, porém, os ascetas podem levantar-se mais cedo do que o normal, talvez um dia por semana. Se fizermos isso no fim de semana, podemos voltar para a cama para recuperar o sono perdido. “A falta de sono não é o importante, embora para alguns isso possa ser uma dimensão ascética significativa da prática”, escreve M. Basil Pennington. ¹⁴ Assim como uma adolescente pode planejar o seu dia em antecipação a um encontro ou a um evento esportivo, um cristão pode reorganizar o seu dia em antecipação a um tempo a sós com Deus.

Mais importante do que perder o sono, continua Pennington, é estar vigilante quando outros geralmente não o estão. Enquanto outros dormem, o asceta eleva sua alma a Deus. Enquanto toda a criação aguarda o sol, o asceta acolhe o Filho.

Pennington nos diz que esse espírito de vigilância pode ser levado para o banho e para o ato de se vestir, permanecendo conosco ao longo do dia. Talvez as famílias possam combinar que, uma vez por semana, ou talvez uma vez por mês, rádio, televisão e conversas desnecessárias antes do café da manhã não serão permitidas. Em vez disso, haverá um silêncio sagrado, uma expectativa que convida à presença de Deus.

Segundo Pennington, é difícil compreender o valor de tal vigília sem praticá-la. “O valor e o efeito da vigília só podem ser conhecidos pela experiência”, escreve ele. ¹⁵ Os ascetas certamente deveriam considerar incorporar vigílias noturnas em seu regime de culto.

Encorajo especialmente as pessoas que lutam contra a insônia a transformarem as noites de frustração em grandes oportunidades para oração e adoração. Muitos casos de insônia podem estar diretamente relacionados ao estresse, que pode ser aliviado pela oração íntima e pela comunhão com o Pai Celestial.

Permanecer imóvel

Um amigo meu ligou para avisar que estaria na cidade e me convidou para jantar. Eu sempre topo jantar com ele — ele é ótimo de papo — então aceitei prontamente, e fomos a um restaurante no coração do bairro chinês em Washington, DC. Colocamos a conversa em dia e meu amigo começou a me contar sobre um retiro que havia participado, no qual os participantes não podiam falar durante as primeiras 24 horas.

De todos os tipos de retiro que eu poderia imaginar para minha amiga, esse não era um deles. "Você só pode estar brincando", eu disse. "Como foi?"

"No começo, eu odiei", admitiu. "Pensei que ia enlouquecer. Tinha certeza de que seria o fim de semana mais longo da minha vida. Mas sabe, na noite seguinte disseram que poderíamos conversar por uma ou duas horas, e aí eu já não queria mais. Gostei tanto do silêncio que conversar parecia um fardo. Eu realmente adorei!"

Algumas comunidades monásticas tornaram-se famosas por seus votos de silêncio, nos quais concordam em nunca mais falar — ou pelo menos não por longos períodos. Embora isso não seja prático para muitos leigos, podemos apreciar alguns dos benefícios do silêncio adotando-o por períodos mais curtos. Nossa conversa desnecessária muitas vezes dissipa nossa energia e dispersa nossos pensamentos, desviando-os do foco em Deus. Tentar ficar em silêncio por apenas algumas horas revelará o quão distraídos nos tornamos. No início, como meu amigo, podemos detestar o silêncio. Se dermos tempo ao tempo, porém, a maioria de nós não só se acostumará com o silêncio, como também passará a apreciá-lo.

Jejum

Os mosteiros beneditinos eram frequentemente considerados "moderados" porque seu jejum praticamente perpétuo (exceto durante o período da Páscoa, quando o jejum não seria apropriado, dada a alegre celebração da ressurreição de Cristo) permitia uma refeição leve por dia. Assim como a quietude, o jejum nos revela quanto tempo e pensamento são consumidos por assuntos transitórios. O jejum pode envolver muito mais do que comida. Podemos jejuar de televisão, rádio, filmes ou certos tipos de alimentos, sobremesas, carnes e similares.

O asceta está disposto a renunciar aos "prazeres e consolações deste mundo" ¹⁶ para que possa desfrutar dos prazeres e consolações encontrados em Deus. Alugar um filme para passar o fim de semana ou ligar o rádio para suportar o trajeto para o trabalho pode se tornar um hábito. Para garantir que essas coisas não nos controlem, talvez precisemos abrir mão delas por um curto período. A pergunta que gosto de me fazer é: "Estou dependendo disso para meu alimento espiritual?" Se a resposta for sim, preciso dar um passo para trás ou corro o risco de criar uma dependência.

Obedecer

Eu tinha um amigo próximo na faculdade que dirigia no limite de velocidade (antigo) de 88 quilômetros por hora (55 milhas por hora) desde Bellingham até o sul de Seattle, uma viagem de duas a três horas (nessa velocidade). Certa vez, enquanto corríamos juntos pelo centro da cidade, percebi de repente que estava sozinho. Quando olhei para trás, ele estava esperando o semáforo abrir. Não havia nenhum carro à vista, mas se a placa indicava "Espere", meu amigo esperaria.

Desde então, perdi o contato com meu amigo, então não faço ideia se ele já experimentou a emoção de percorrer uma rodovia a 110 quilômetros por hora. Certamente, a obediência

estrita pode se tornar legalista, mas, por outro lado, me pergunto se alguns de nós não foram longe demais na direção oposta.

A obediência — submeter-se à autoridade de outro — é uma parte importante da vida monástica porque confronta o orgulho humano e nos convida a viver em humildade. Embora seja improvável que os leigos entrem na estrita obediência de uma relação mestre/discípulo vivida nos tempos monásticos, ainda podemos aprender com ela. A bênção da obediência vem através do cumprimento das autoridades governamentais e dos empregadores. As crianças podem aprender obedecendo aos pais.

Conversei com vários gerentes sobre a facilidade com que as pessoas hoje em dia estão dispostas a ultrapassar os limites da autoridade. Um gerente me contou que um trabalhador temporário, contratado por uma agência externa, mas que esperava conseguir um emprego fixo, perdeu a chance quando disse ao gerente que não gostou da forma como uma decisão foi tomada e esperava que ele a justificasse.

"Quase ri", disse o gerente, "e consegui conter as palavras que queria dizer: 'Quem você acha que se importa com *a sua* opinião aqui? Você é só um temporário!'"

Isso pode soar duro para alguns, mas há uma verdade por trás de tudo isso. Pode ser difícil para todos nós "nos submetermos" e simplesmente aceitarmos a liderança de outra pessoa. Um amigo pastor passou por uma experiência dolorosa quando ele e os anciãos de sua igreja foram forçados a demitir dois funcionários devido aos efeitos da recessão. O que doeu quase tanto quanto a demissão dos dois funcionários foi o constante questionamento por parte de alguns membros da igreja: "Vocês não pensaram em cortar gastos com material de escritório?" "E se todos os outros tirassem uma semana de folga sem remuneração?" Alguns trataram a decisão como se tivesse sido tomada em cinco minutos, sem qualquer reflexão ou oração. Eles não tinham participado de nenhuma parte da discussão, mas ainda assim presumiam que havia algo que a liderança da igreja obviamente havia deixado passar. Líderes, chefes e pastores são frequentemente questionados por pessoas que têm muito menos experiência, muito menos informação e muito menos perspectiva do que aquele que está sendo questionado.

Sei que isso pode soar radical, mas vivemos em uma sociedade muito arrogante, reforçada em parte pela noção errônea de que a opinião de todos é tão válida quanto a de qualquer outra pessoa. Essa noção errônea é fruto de Relativismo. Vivemos na era das pesquisas de opinião e somos incentivados a formar e divulgar opiniões sem embasamento. Mas há algumas questões em que minha opinião não passa de um palpite. Seria arrogante da minha parte questionar seriamente alguém que tem uma base muito mais sólida para formar sua opinião.

Sem sermos legalistas, precisamos reconhecer que a rebeldia, em qualquer nível, pode se tornar um hábito. Se alguém mina o antigo chefe, é muito mais provável que faça o mesmo com o novo. O respeito pelos outros é uma questão de caráter e um chamado à humildade. Pode exigir muita humildade trabalhar e submeter-se a um ser humano imperfeito, mas é isso que as Escrituras nos chamam a fazer. E se formos extremamente negligentes em obedecer às autoridades terrenas legítimas, é provável que também sejamos extremamente negligentes em aceitar a autoridade de Deus. É por isso que podemos aprender tanto ao redescobrir a ênfase monástica na obediência.

Um ponto importante a lembrar é que os ascetas praticam a obediência porque esse ato é uma forma de honrar a Deus, não apenas porque os líderes são dignos de obediência.

Quando o governo, os pais ou os empregadores nos orientam a agir contra a vontade de Deus, porém, o primeiro chamado à obediência é sempre à vontade de Deus.

Trabalhando

É surpreendente perceber que Jesus foi um trabalhador comum durante 90% da sua vida. Apenas uma pequena parte do seu tempo foi dedicada a um ministério público visível. A menos que queiramos acusar Jesus de ser um mau administrador do seu tempo, devemos reavaliar a nossa distinção entre trabalho secular e sagrado. Trabalhar arduamente é aceitável a Deus; feito com o espírito correto, pode fazer parte da nossa adoração a Deus. Bento exortava os seus monges a olharem para as ferramentas do mosteiro como se fossem os vasos do altar. “O monge, no seu trabalho, está a celebrar uma liturgia, a liturgia da criação.” ¹⁷

Quando reconhecemos que a força e a capacidade de trabalhar são Os dons que Deus nos concede para nos ajudar a suprir nossas necessidades e as de nossas famílias, o uso dessa energia e habilidade torna-se uma afirmação do Deus que nos criou e nos sustenta. O encanador consertando um cano debaixo da pia, o operário da construção civil dirigindo uma retroescavadeira e o piloto guiando um avião podem estar adorando a Deus por meio de seu trabalho. Para os ascetas, quanto mais árduo o trabalho, melhor.

Tirar retiros

Retiros pontuais podem ser um pilar da fé ascética. Embora os ascetas modernos possam não viver em completa solidão, ainda assim precisam reservar um tempo para se afastarem por algumas horas, um dia ou uma semana. Afastando-se da sociedade, os ascetas podem então se concentrar em se aproximar de Deus.

Antes de eu e minha esposa termos filhos, planejei alguns retiros de um dia para o outro. É possível encontrar mosteiros a poucas horas de carro. Depois que as crianças nasceram, longos períodos fora de casa se tornaram menos viáveis. Além disso, meu trabalho exige que eu viaje muito, então a última coisa que quero é passar mais um fim de semana longe de casa.

Em vez disso, descobri o valor dos retiros vespertinos. Quando morava na Virgínia, ocasionalmente escapava para a Catedral Nacional em Washington, D.C., ou passava algumas horas caminhando pelo campo de batalha de Manassas, na Virgínia. Não consigo fazer isso com a frequência que gostaria agora, ou mesmo com a intensidade que acho necessária, mas a vida nos leva por muitas fases diferentes, e precisamos aprender a adaptar nossa espiritualidade e até mesmo nosso temperamento espiritual para atender às diferentes demandas das situações de vida em constante mudança.

Viver com simplicidade

Os ascetas se esforçam para criar ambientes de vida simples. Ocasionalmente, eles até criam cômodos reservados especificamente para oração. A simplicidade no vestuário e no estilo de vida também pode ser importante. fator. Os ascetas evitam agendas lotadas e salas de devoção repletas de estatuetas.

Se você é um asceta, talvez queira criar um espaço para oração com paredes brancas e nuas e mobília simples. Provavelmente, você preferirá o silêncio, então precisará encontrar um lugar onde o barulho não seja um problema. Um relógio digital silencioso — ou nenhum relógio — pode ser preferível a um relógio com ponteiros que fazem clique a cada segundo. (Se você não entende a importância desse detalhe aparentemente pequeno — um relógio

silencioso, por exemplo — você não é um asceta; se você está sorrindo e dizendo "Sim, claro", talvez seja!)

Para alguns cristãos, pode ser difícil de entender, mas o simples ato de entrar em um cômodo tão desolado e silencioso pode levar os ascetas à adoração, assim como uma catedral ornamentada e o cheiro de incenso podem levar os cristãos sensoriais à adoração.

Suportando Dificuldades

O treinamento rigoroso pressupõe dificuldades. No desejo de se aproximar de Deus e assumir o caráter de Deus, os ascetas abraçam as dificuldades em vez de lutar contra elas.

Um dos primeiros escritores cristãos, usando o pseudônimo de Atanásio, relatou (possivelmente de forma fictícia) a história de uma mulher chamada Sinclética, cujo relato desafiou muitos cristãos da época a perseverarem em meio às dificuldades. Essa mulher sofreu dores físicas intensas, mas demonstrou grande maturidade a todos ao seu redor. Sinclética ensinou que temos uma alma infantil e inexperiente. Quando a doença chega, as dificuldades que precisamos suportar podem, na verdade, nos fortalecer. “Pois assim como os fetos no ventre materno, aperfeiçoados pela escassez de alimento e vida, alcançam maior segurança, da mesma forma os justos se afastam dos caminhos do mundo para uma jornada mais elevada.” ¹⁸

Os primeiros ascetas adotaram práticas como dormir no chão e se expor a condições climáticas adversas. Assim como um corredor olímpico poderia buscar a altitude elevada de Denver, Colorado, portanto, o asceta poderia procurar ambientes mais austeros para seu treinamento espiritual.

Em minha própria vida, descobri que a necessidade de estar aquecido quando está frio e de estar fresco quando está calor revela uma fraqueza espiritual infantil. Queremos ser mimados. Anos atrás, quando eu trabalhava nos campos, ainda menino, colhendo ruibarbo no noroeste do Pacífico, lembro-me de um trabalhador rural latino-americano repreendendo as crianças americanas suburbanas que ele supervisionava: “De manhã vocês reclamam porque as folhas estão molhadas e dão frio; à tarde reclamam porque estão com sede e está muito calor. Como vocês vão conseguir trabalhar?”

Quando a doença, o calor, o frio, a fome ou o cansaço chegarem — e eles chegarão —, podemos optar por adotar um espírito exigente e estagnar nosso crescimento espiritual, ou podemos acolhê-los, aprender com eles e amadurecer na fé. Nossa atitude fará toda a diferença.

As tentações dos ascetas

Incorporar elementos ascéticos em nossas expressões de fé traz muitos benefícios, mas também apresenta perigos. Os cristãos ascéticos devem estar especialmente atentos a três deles.

Dar ênfase excessiva à piedade pessoal

No livro de Zacarias, o povo perguntou a Deus se deveriam chorar e jejuar como haviam feito por tantos anos. O Senhor falou por meio de Zacarias: “Pergunte a todo o povo da terra e aos sacerdotes: ‘Quando vocês jejuaram e lamentaram, foi realmente por mim que jejuaram?’” (Zacarias 7:5). Em vez de demonstrações exteriores de piedade, Deus chama Israel a “praticar a verdadeira justiça; mostrar misericórdia e compaixão uns para com os outros. Não oprimam a viúva, o órfão, o estrangeiro ou o pobre” (versículos 9-10).

O desejo de buscar a solidão apresenta alguns problemas, visto que a plena expressão do cristianismo requer um foco externo. Lembre-se do papel limitado do nazireu — o voto era frequentemente feito com um fim definido em vista. Jesus passava longos períodos de oração em solidão, mas estes eram seguidos por momentos públicos de ministério. Jesus exortou seus discípulos a seguirem esse mesmo padrão — ministério seguido de recolhimento e descanso (Marcos 6:30-32). João Batista adotou o papel de asceta, mas isso também foi em preparação para um ministério público.

Nossa necessidade de renovação espiritual, portanto, deve ser equilibrada com nossa obrigação de estender a mão aos outros.

Buscando a dor por si só

O masoquismo é uma doença, não um caminho espiritual. Muitos de nós estamos acostumados a ser mimados; recusamos até mesmo o menor desconforto e exigimos alívio imediato. Outros, por meio de uma visão distorcida de si mesmos ou de uma psique doentia, buscam a dor por si só. Essa não é a lição dos antigos ascetas, nem é uma expressão adequada para os modernos.

Os ascetas saudáveis deixam claro que o ascetismo é um meio para um fim. Sempre que se torna um fim em si mesmo, é uma grave distorção de uma prática cristã consagrada pelo tempo e muito valorizada.

Buscando obter o favor de Deus

As medidas “heroicas” de fé praticadas pelo asceta podem se tornar uma tentativa de obter o favor de Deus. É inútil tentar conquistar a aprovação ou o perdão de Deus desenvolvendo uma santidade extraordinária. Estamos tão imersos no pecado — pecados de atitude, como o orgulho, bem como desejos físicos da carne — que “todos os nossos atos de justiça são como trapos imundos” (Isaías 64:6).

Caminhamos, vivemos e adoramos pela fé na obra consumada de Jesus Cristo. Os ascetas precisam se lembrar de que jejuar, dormir sobre Viver na terra ou adotar um estilo de vida simples não faz com que Deus nos ame mais. Seu amor é absoluto, e seu perdão se baseia em uma obra anterior realizada por Jesus Cristo, não nas experiências espirituais que vivenciamos hoje.

Um convite

Os ascetas têm uma importante lição para a igreja e a sociedade. Buscar a Deus implica algum tipo de separação do mundo, mesmo que essa separação se expresse apenas por um desapego interior. A vida despreocupada, idealizada por revistas de celebridades, muitas vezes resulta em pobreza de espírito (assim como a pobreza imposta muitas vezes resulta em amargura de espírito).

Os ascetas testemunham uma vida superior, uma vida do espírito. Essa vida é um convite sublime e sagrado para aqueles dispostos a trilhar o caminho menos percorrido. Uma caminhada na floresta, um desafio intelectual, uma celebração entusiasmada, o trabalho ativo em prol da justiça — tudo isso, de alguma forma, tocou meu espírito. Mas descobri que, se o elemento ascético da fé estiver completamente ausente da minha vida, uma sensação de vazio espiritual se instala. Dietrich Bonhoeffer, o grande mártir e teólogo alemão, escreveu que, se não tivermos em nós algum elemento ascético, teremos dificuldade em seguir Jesus.^{[19](#)}

As práticas ascéticas nos mantêm no caminho certo. Elas nos ajudam a avançar na jornada, independentemente do nosso temperamento predominante.

CAPÍTULO 7

ATIVISTAS

Amar a Deus através do confronto

Você é um(a) ativista?

Classifique as seguintes afirmações em uma escala de 0 a 5, sendo 0 "nada verdadeiro" e 5 "muito verdadeiro". Registre sua resposta no espaço fornecido.

Você é um ativista?

- _1. Sinto-me mais próximo de Deus quando estou cooperando com Ele na defesa da Sua justiça: escrevendo cartas para autoridades governamentais e editores de jornais, participando de piquetes em locais onde há injustiça, incentivando as pessoas a votarem ou me informando sobre assuntos da atualidade.
- _2. Fico muito frustrado quando vejo cristãos apáticos que não se tornam ativos. Dá vontade de largar tudo o que estou fazendo e ajudar a igreja a superar essa apatia.
- _3. Os termos *confronto corajoso* e *ativismo social* me atraem muito.
- _4. Atividades como confrontar um mal social, participar de uma reunião do conselho escolar local para contestar o novo currículo e fazer trabalho voluntário em uma campanha política são importantes para mim.
- _5. Novamente, numa escala de 0 a 5, o quanto a declaração que descreve o apelo sincero do ativista ressoa com você em comparação com as outras?

•Naturalista: deixe-me ficar ao ar livre.

•Sensível: deixe-me experimentar.

•Tradicionalista: deixe-me lembrar.

•Asceta: Deixe-me ficar sozinho.

•**Ativista: Deixe-me conquistar.**

•Cuidador: deixe-me cuidar de você.

•Entusiasta: Deixe-me comemorar.

•Contemplativo: deixe-me sentir.

•Intelectual: Deixe-me pensar.

- _6. Prefiro ficar na chuva por uma hora para confrontar o mal do que ficar sentado sozinho em um quarto por uma hora rezando, dar um passeio na floresta ou passar uma hora lendo um livro.

Total de todas as suas respostas:

Qualquer pontuação igual ou superior a 15 indica uma preferência por esse temperamento espiritual. Reserve um momento para registrar essa pontuação no capítulo 12 [aqui](#), para que você tenha um panorama completo do caminho da sua alma rumo a Deus.

Rob e eu passamos a maior parte da última hora em intensa oração. Não sei quando me senti tão próximo dele. Jogamos juntos no time campeão da Little League de beisebol da cidade de Puyallup. No ensino médio, passamos a participar das extenuantes corridas de cross-country. O respeito, e até mesmo o medo, da dor iminente antes dessas corridas une os meninos como a guerra une os homens.

Mas agora, na faculdade, estávamos diante de um novo desafio. Acho que nunca estivemos tão nervosos. Rob e eu olhamos para a Praça Vermelha, mudando o peso de um lado para o outro; então, instintivamente, nos ajoelhamos para amarrar os cadarços dos tênis. Olhando um para o outro, rimos. Amarrar os cadarços é um hábito natural para corredores, mas era um caso clássico de confusão nervosa simbólica diante do que estávamos prestes a fazer.

Rob deu de ombros e disse: "Não queremos que nossos sapatos caiam enquanto estivermos pregando".

A praça começou a se encher de estudantes universitários, e nós caminhamos até a fonte como dois pesos-leves encarando um ringue de boxe onde Muhammad Ali estava. Já tínhamos feito isso antes, mas pregar ao ar livre nunca é fácil, especialmente para seus colegas universitários.

A pregação ao ar livre foi meu primeiro contato com o mundo confrontador do ativismo. Hoje, não tenho certeza se defenderia tal prática. O entusiasmo e a coragem por trás dela, no entanto, são qualidades que gostaria de preservar. Embora eu não seja um ativista, pessoas com esse temperamento se unem a luminares como Elias e Moisés, que demonstraram um ativismo profundo e corajoso. Com eles e outros, podemos aprender tanto as bênçãos quanto os perigos de amar a Deus defendendo a justiça em lugares hostis.

Lições bíblicas de ativistas

Os ativistas surgiram na história da fé nas Escrituras, tanto para a glória quanto para a infâmia. Parece que poucos grupos de crentes conseguem estar tão certos em alguns momentos e tão errados em outros. Quando penso em Moisés, Elias, Habacuque e Pedro, penso em homens que me desafiaram com sua coragem e liderança, mas que também me encorajaram em meio às suas fraquezas. Vamos analisar alguns desses indivíduos para entender melhor a mentalidade ativista.

Moisés

Moisés iniciou sua trajetória como ativista (ainda que equivocada!) ao matar um egípcio em defesa de um israelita (Êxodo 2:11-12). Sua estratégia estava completamente errada, mas ele precisaria de toda essa coragem, e muito mais, nos anos seguintes. Conheci poucos ativistas que não se envergonham, como Moisés deve ter se envergonhado, ao relembrares seus primeiros dias de fé. Pode levar algum tempo para que o entusiasmo gerado pela mentalidade ativista seja temperado e amadurecido pela maturidade e pela visão de futuro. Pouco tempo depois, Moisés, o ativista, resgatou algumas jovens que estavam sendo empurradas por pastores desordeiros (Êxodo 2:17). Sempre que vemos o jovem Moisés, ele está envolvido em confrontos. Nesse caso, o conflito o levou à sua futura esposa.

Depois, há o clássico confronto de Moisés com o Faraó. Moisés não teve a vantagem de ser avisado de antemão que haveria dez pragas. Tudo o que ele sabia era que Deus lhe dissera para dizer ao Faraó: “Deixe o meu povo ir!” e que, quando obedeceu, a situação piorou ainda *mais*. O Faraó impôs um fardo ainda maior sobre os israelitas e, da noite para o dia, Moisés se tornou o homem mais odiado de Israel (Êxodo 5:1, 20-21).

Deus enviou Moisés de volta mais uma vez — e, novamente, além de alguns truques com serpentes, nada aconteceu. Foi nesse ponto que as dez pragas *começaram* (Êxodo 7:8-18). Acho que a maioria de nós desistiria por volta da terceira ou quarta praga. Consigo me ouvir dizendo: “Deus, me dá um tempo! Já fiz o que o Senhor me mandou fazer — cinco vezes. Faraó não libertou Israel, então esquece; chega. Manda outra pessoa.”

Quando Deus deu a Moisés sua missão, ele demonstrou certa relutância: “Quem sou eu para... tirar os israelitas do Egito?” A resposta de Deus foi uma repreensão implícita contra essa autossuficiência. Ele disse simplesmente: “Eu estarei contigo” (Êxodo 3:11-12). Em outras palavras, não importa quem você seja, Moisés; o que importa é quem está te enviando.

Após grande perseverança, Moisés finalmente viu Israel conquistar a liberdade. Não demorou muito, porém, para que ele adotasse a mentalidade de “só eu posso fazer isso” e começasse a se desgastar com boas causas (Êxodo 18:14). Felizmente, Moisés também tinha um coração disposto a aprender. Ao ouvir seu sogro, ele evitou a exaustão nervosa tão comum entre os ativistas. Ainda assim, sua atitude revela o perigo da mentalidade ativista — “eu e Deus contra o mundo”. Em certo momento, Moisés perguntou em desespero: “O que farei com este povo?” (Êxodo 17:4). Exasperação e fadiga são tentações particularmente fortes para os cristãos ativistas.

Elias e Eliseu

Os confrontos de Elias com os governantes de Israel rivalizam com os confrontos de Moisés com o Faraó. Elias demonstrou grande coragem em seu confronto com Acabe e os profetas de Baal, mas seu comportamento também revela orgulho. Elias pensava ser o único profeta verdadeiro que restava e o único que demonstrava verdadeiro zelo (1 Reis 18:22; 19:10). No entanto, Deus assegurou a Elias que outros sete mil ainda permaneciam fiéis à fé (1 Reis 19:18).

Elias revela sintomas clássicos de ativismo (do tipo negativo) em seus sentimentos de isolamento e exaustão (1 Reis 19:4). O ativismo é um temperamento que pode alimentar espiritualmente muitos cristãos, mas também pode exauri-los.

Eliseu, sucessor de Elias, também era um ativista e demonstrou grande maturidade em seu confronto com Hazael, que mais tarde se tornaria rei de Israel. Eliseu viu o mal que Hazael causaria e chorou por isso, mas não se deixou consumir pela situação (2 Reis 8:11-13). A maioria dos cristãos precisa aprender que, quando Deus nos chama para uma postura ativista, devemos deixar os resultados com Ele, ou seremos consumidos e guiados por resultados imediatos em vez de pelo Espírito Santo. Já vi vários ativistas que simplesmente não conseguem aceitar a derrota. Quando suas posições políticas ou As campanhas sociais falham, sua fé é abalada. Eliseu seria um bom exemplo a ser seguido por essas pessoas, em parte para evitar que reajam como Habacuque.

Habacuque

Habacuque é uma boa advertência bíblica para ativistas, uma que levei a sério muitas vezes. Já ouvi muitas orações feitas por ativistas em que Deus é mais acusado do que invocado, como se o ativista se preocupasse mais com a justiça do que o próprio Deus. Habacuque clamou:

Até quando, Senhor, terei que clamar por ajuda?

Mas você não escuta?

Ou gritar para você: "Violência!"

Mas você não economiza? . . .

Portanto, a lei está paralisada.

E a justiça nunca prevalece.

Os ímpios cercam os justos,
para que a justiça seja pervertida.

HABACUQUE 1:2, 4

A resposta de Deus a essa acusação é instrutiva. Ele diz que está agindo nos bastidores. A justiça está chegando, mesmo que Habacuque não pudesse vê-la. Os ativistas precisam aprender a mensagem do livro de Habacuque: viver pela fé (Habacuque 2:4). Situações e circunstâncias da vida podem nos levar a questionar a soberania e a bondade de Deus, mas nossa visão é limitada. Deus não é cego à injustiça, nem indiferente a ela.

O ativista deve ter cuidado para que a intercessão não se transforme em acusação. Devido à grande apatia presente no mundo, inclusive na igreja, é fácil para um ativista sentir-se isolado e sozinho. Vemos a injustiça; vemos a maldade disfarçada de bem. Nossos corações... A chama arde dentro de nós, mas, ao olharmos ao redor, a igreja parece estar adormecida. Isso pode gerar um isolamento que, se não for mantido em perspectiva, pode eventualmente se ampliar, levando à atribuição de "apatia" a Deus. O ativista pensa que não apenas a igreja não responderá, mas que até mesmo Deus está em silêncio! Quando acreditamos que nossa preocupação com a justiça supera a de Deus, caímos na ilusão de sermos messias autoproclamados. "[O orgulhoso] se ensoberbece; seus desejos não são retos; mas o justo viverá pela sua fidelidade" (Habacuque 2:4).

Confronto e Ativistas

Há alguns anos, ouvi falar de um ativista cristão local que estava divulgando todos os detalhes "ímpios" de um filme popular com classificação indicativa livre. Ele havia contado e listado todas as palavras ofensivas, o número de vezes que o nome do Senhor foi usado em vão e todos os gestos obscenos. Como um dos líderes de uma rede nacional, recebi seu pacote de informações.

"Aquele cara devia arranjar uma vida", pensei. "De todas as coisas para atacar."

Depois disso, almocei com ele, e ele insistiu no assunto novamente. Tentei não demonstrar nenhuma emoção enquanto ele me dizia: "Fui a vários pastores e perguntei se eles tinham visto aquele filme. Cada um respondeu: 'Claro, levei meus filhos.'"

Em seguida, esse ativista perguntou se eles haviam saído da igreja, ao que os pastores responderam: "Não, claro que não".

"Certo, eu poderia ter um minuto durante o culto desta semana?", perguntou o homem.

"Para quê?", perguntaram-lhe os pastores.

“Quero ler esta lista de palavras em voz alta. Não deve levar mais de um minuto”, respondeu ele, e cada pastor imediatamente disse: “De jeito nenhum eu deixaria você fazer isso!”

O rosto do homem ficou sério quando ele me olhou nos olhos e disse: “Eu disse a eles: ‘Como vocês *ousam* levar seus filhos para ouvir obscenidades que vocês não gostariam que os membros da sua congregação ouvissem?’”

A ativista prosseguiu falando sobre Romanos 12:9, que nos chama a odiar o mal e a nos apegarmos ao bem.

“Será que realmente *odiamos* o mal?”, perguntou ele, “ou estamos satisfeitos em simplesmente tolerá-lo?”

Eu não tinha levado meus filhos para ver aquele filme, mas mesmo assim saí daquele almoço com uma sensação de culpa. Senti uma crescente frieza no meu coração. Na maioria das vezes, posso resistir ao mal, mas será que realmente o odeio?

A triste verdade é que nem sempre.

O almoço com aquele ativista foi tudo menos “agradável”. Na verdade, foi bastante exaustivo. Mas esse homem foi responsável por livrar uma grande parte do norte da Virgínia de certos tipos de pornografia, e teve um papel fundamental em incentivar a igreja a se aproximar dos presos e a assumir um papel mais ativo na oposição ao aborto, e eu precisava ouvir o que ele tinha a dizer.

Ele me contou que ele e a esposa não são convidados para jantar com muita frequência, e enquanto conversávamos, eu pude entender o porquê. Se ele vê ou ouve falar de algo errado, ele vai abordar o assunto, confrontá-lo e forçar as pessoas a reavaliarem a situação. Eu não faria tudo como esse homem faz — não consigo me imaginar indo de igreja em igreja, conversando com pastores sobre levar seus filhos para assistir a um filme específico — mas o mesmo Deus que criou coelhos e mosquitos criou contemplativos e ativistas. Esse homem se alimenta de confrontos justos. Dá para ver nos olhos dele. Ele não vai fugir de uma luta.

Não, eu não gostaria que todos na igreja se comportassem como ele, mas certamente também não gostaria que todos na igreja se comportassem como eu.

Os ativistas, veja bem, são na verdade nutridos espiritualmente pela batalha, o que não é necessariamente algo ruim. O próprio Jesus disse: “Meus irmãos, que são como a terra, são como a terra, e ... “A minha missão é fazer a vontade daquele que me enviou e concluir a sua obra” (João 4:34). E, quer queiramos quer não, grande parte da obra de Jesus envolveu intensos confrontos com as autoridades religiosas da sua época.

É claro que a *maneira como* realizamos a obra de Deus determinará se estamos ou não sendo alimentados espiritualmente. Há muitos anos, Francis Schaeffer escreveu isso em *A Marca do Cristão* :

Só existe um tipo de pessoa capaz de travar as batalhas do Senhor de maneira minimamente adequada, e essa é a pessoa que, por natureza, não é beligerante. Um homem beligerante tende a agir dessa forma porque é beligerante; pelo menos é o que parece. O mundo precisa observar que, quando discordamos uns dos outros como verdadeiros cristãos, não o fazemos por amor ao cheiro de sangue, ao cheiro da arena, ao cheiro da tourada, mas sim porque precisamos fazê-lo por amor a Deus •

Assim, o exemplo de Moisés, o “ativista relutante”, é particularmente apropriado. Quando os ativistas vivem para ver a justiça e a retidão em prática, de modo que se tornem visivelmente evidentes na igreja e na sociedade, e fazem isso como uma forma de amar a

Deus, o confronto trará, na verdade, realização, não exaustão; gratidão, não raiva; e, frequentemente, um senso mais profundo de intimidade com Deus, em vez de um senso mais profundo de justiça própria.

Descobri que isso era especialmente verdade nos meus tempos de pregação ao ar livre. As tentações são abundantes em um campus universitário. Grupos de apoio mútuo podem ajudar, mas nada foi mais eficaz para afastar a tentação do que saber que eu pregaria na manhã seguinte.

Era como treinar para uma grande corrida. Ter algo para esperar me dava um motivo para deixar de lado outras atividades. O medo envolvido no confronto cria uma certa dependência de Deus que normalmente não existe. Você não apenas o ama; você precisa dele — desesperadamente. Seu maior medo é que ele vá embora e você tenha que enfrentar o desafio sozinha.

Enfrentar esse medo e dar um passo de fé, descobrindo que Deus é fiel ao intervir e te carregar, pode fazer maravilhas pela sua intimidade com Ele. Você passa a apreciá-Lo mais. Descobri que enfrentar uma provação com Deus fortalece a comunhão com Ele tanto quanto enfrentar uma provação com outro ser humano.

Em defesa de seu trabalho, os ativistas frequentemente citam a purificação do templo por Jesus. Jesus fez mais do que curar, dizem os ativistas; ele também confrontou. Ele era *santo*, o que é algo muito diferente de *ser bondoso*. Em *A Marca do Cristão*, Francis Schaeffer escreveu: “Muitas vezes as pessoas pensam que o cristianismo é apenas algo suave, apenas um tipo de amor piegas que ama o mal igualmente ao bem. Essa não é a posição bíblica. A santidade de Deus deve ser demonstrada simultaneamente com o amor.”²

É esse medo do confronto que impede muitos de se tornarem ativistas — o medo de que, assim que se posicionarem, serão alvejados. Sempre me lembrarei da primeira vez, na faculdade, em que um líder de um grupo pró-aborto escreveu uma carta particularmente mordaz ao editor, que incluía um ataque a mim. Não foi fácil. No ensino fundamental, fui eleito o “mais educado”, e levei algum tempo para perceber que ser visto como um “cara legal” e ser um cristão fiel nem sempre andam juntos.

Durante meu período como pastor universitário, conheci o líder de um grupo de direitos LGBTQ+ do campus. Esse líder costumava frequentar um grupo cristão. Perguntei a ele quais eram os objetivos do grupo. Ele olhou nos meus olhos e disse com uma frieza surpreendente: “Desfazer tudo o que vocês estão tentando fazer.”

Foi então que percebi que meu desejo de ser querido e aceito precisava ser crucificado. Nunca quero ser claramente ofensivo ou estupidamente desagradável, mas o fato é que algumas pessoas escolheram odiar a Deus e o seu reino (estou me referindo a este homem em particular, não a todos que ele representa). Se eu vou me identificar com Deus e Em seu reino, eu também serei odiado. Não podemos esperar servir a Deus fielmente e sermos amados por seus inimigos.

Meu ativismo resultou mais da obediência do que do temperamento; não me considero um ativista de coração e obtive uma pontuação muito baixa nesse quesito no teste ao final deste capítulo. No entanto, fui desafiado a ser proativo por passagens como esta em Provérbios:

Resgate aqueles que estão sendo levados para a morte;

Impeçam aqueles que cambaleiam em direção ao abate.

Se você disser: “Mas nós não sabíamos nada sobre isso”,

Aquele que pesa o coração não o percebe?
Aquele que guarda a tua vida não o sabe?
Ele não retribuirá a todos conforme o que receberam?
O que você fez?

PROVÉRBIOS 24:11-12

Outras passagens das Escrituras que falam ao coração do ativista incluem os Salmos 7, 68 e 140, bem como Ezequiel 33:1-20.

Contudo, testemunhei uma ironia nesse temperamento. Embora o ativismo e até mesmo o confronto alimentem muitos cristãos, também podem nos deixar esgotados. Elias é um exemplo clássico. Se os ativistas perceberem uma tendência ao isolamento e à acusação, fariam bem em considerar se perderam o equilíbrio e, então, certificar-se de encontrar outras maneiras de complementar seu alimento espiritual.

Após os discípulos de Jesus confrontarem os poderes de Satanás, Jesus insistiu que eles descansassem. Sem descanso, os ativistas podem adotar motivações autodestrutivas como o ódio e a raiva, em vez do amor e da compaixão. Os ativistas precisam encontrar o equilíbrio certo — aliás, o equilíbrio exemplificado por Jesus, que regularmente intercalava momentos de renovação espiritual com um ministério intenso.

Também achei útil tentar transformar meu ativismo em algo espiritual. Intimidade. Como? Thomas Merton oferece uma pista ao sugerir que os ativistas podem, na verdade, desfrutar de uma contemplação "mascarada" se estiverem ativos pelas razões certas. Alguns cristãos tentaram criar uma cisão entre o ativismo e a vocação contemplativa. Certamente, ambos os temperamentos apresentam suas diferenças, mas Merton descobriu que pelo menos uma certa síntese poderia ser alcançada.

Há muitos cristãos que servem a Deus com grande pureza de alma e perfeito sacrifício na vida ativa. Sua vocação não lhes permite encontrar a solidão, o silêncio e o ócio necessários para esvaziar completamente a mente das coisas criadas e se perder somente em Deus. Estão ocupados demais servindo-o em seus filhos na Terra. Ao mesmo tempo, suas mentes e temperamentos não os preparam para uma vida puramente contemplativa: não conheceriam a paz sem a atividade exterior...

Contudo, eles sabem encontrar Deus dedicando-se a Ele em trabalhos abnegados, nos quais conseguem permanecer em Sua presença o dia todo... Embora sejam trabalhadores ativos, são também *contemplativos ocultos, devido à grande pureza de coração que mantêm por meio da obediência, da caridade fraterna, do sacrifício e do abandono perfeito à vontade de Deus em tudo o que fazem* ^esofrem. Estão muito mais próximos de Deus do que imaginam. Desfrutam de uma espécie de contemplação "mascarada".

Merton, no entanto, enfatiza que há uma grande diferença entre os "contemplativos ocultos" e aqueles cuja vida cristã se resume à piedade e à rotina. A diferença reside no fato de que os verdadeiros ativistas cristãos "vivem para Deus e somente para o seu amor".⁴ Quando nosso ativismo é orientado pelo amor de Deus, ele é tão aceitável a Deus quanto a oração do contemplativo. Se for orientado pela confrontação por si só, podemos estar alimentando um espírito pecaminosamente divisivo em vez de servir ao Espírito Santo unificador.

Formas de Ativismo

O ativismo pode assumir muitas formas. Como escritor, fico feliz em ver que existe uma forte tradição de panfletos e publicações cristãs que confrontam falhas e lapsos tanto dentro quanto fora da igreja. O falecido Dr. Klaus Bockmuehl escreveu um pequeno, mas

fundamental artigo a esse respeito, intitulado " *Livros: Ferramentas de Deus na História da Salvação* ". ⁵ Quando Abraham Lincoln conheceu Harriet Beecher Stowe, autora de " *A Cabana do Pai Tomás* ", ele brincou: "Então esta é a mulher que começou a guerra [civil]". No século XIX, Charles Dickens defendeu a causa dos órfãos londrinos, enquanto Tolstói retratou com paixão os oprimidos. No século XX, Richard Wright, em seu romance " *Black Boy* ", abriu os olhos de muitos para as dificuldades de crescer como minoria no Mississippi rural, enquanto C.S. Lewis escreveu sua popular série " *As Crônicas de Nárnia* " como "uma espécie de pré-batismo da imaginação infantil". ⁶ Esses e muitos outros escritores mudaram o destino de milhões por meio da palavra escrita.

Outra forma de ativismo é trabalhar pela reforma social. John Wesley escreveu que "não há santidade senão a santidade social... [e] transformar [o cristianismo] em uma religião solitária é destruí-lo". ⁷ Charles Finney recusou-se a batizar cristãos que apoiavam a escravidão, enquanto William Wilberforce lutou contra a escravidão em seu próprio país, a Inglaterra. A igreja cristã muitas vezes liderou o caminho na reforma social, combatendo hoje os males do aborto, racismo, AIDS, pobreza, escravidão sexual e pornografia infantil, entre outros.

Muitas vezes pensamos que, contanto que frequentemos a igreja regularmente, doemos o dízimo de nossa renda e nos abstemos de viver voluntariamente em pecado, cumprimos nosso dever cristão. No entanto, a Bíblia está repleta de chamados para que o povo de Deus estenda a mão aos menos afortunados (Mateus 25:35-36; Tiago 1:27; e outros).

Existe, contudo, uma tensão nisso. Boas mentes cristãs discordam em muitas questões — o uso de programas de assistência social pelo governo para ajudar os pobres e a pena de morte, para citar apenas dois exemplos. Embora possamos encontrar irmãos e irmãs cristãos defendendo uma posição oposta, como cristãos e como cidadãos, temos a responsabilidade de estar plenamente informados, tomar decisões ponderadas em oração e nos envolver completamente.

O ativismo também pode nos chamar não apenas para trabalhar pela reforma social, mas também para confrontar ativamente o erro e o mal. Franky Schaeffer, ecoando os ensinamentos de seu pai, o falecido Francis Schaeffer, escreveu que às vezes "a verdade equivale a confronto". ⁸ ⁹ Ele ¹⁰ adverte que, portanto, devemos estar dispostos a desafiar e responder aos inimigos da verdade. Este é, por natureza, um trabalho de confronto: "Aqueles que desejam se unir ao ecumenismo da ortodoxia não podem ser uma maioria silenciosa. Devemos ser um grupo agressivo, combativo, obstinado, que esperneia e grita; devemos trabalhar o dobro porque somos menos" ²

Escritores, pregadores, políticos, acadêmicos, artistas e donas de casa podem ser ativistas, fiéis em suas próprias esferas, defendendo a verdade. Schaeffer argumenta que os cristãos devem estar abertos a novas ideias, mas também moldar ativamente os acontecimentos nas áreas da educação, ideologia, processo eleitoral, agenda nacional, protestos, mídia, desvios na igreja e fortalecimento da família — começando pela nossa própria. ¹⁰ Ao fazer isso, o ativismo cristão pode ir além do protesto e oferecer uma alternativa positiva. Em vez de apenas escrever cartas ao Congresso, os cristãos podem se candidatar ao Congresso. Em vez de simplesmente protestar contra a imoralidade no entretenimento, os cristãos podem se tornar parte da indústria do entretenimento.

Em um nível mais individual, testemunhei que os ativistas, por temperamento, têm uma necessidade aguda de "assumir riscos espirituais". Enquanto o resto de nós prefere jogar

pelo seguro, os ativistas muitas vezes demonstram uma necessidade quase insaciável de ver Deus agir de maneiras poderosas. Esses são os homens e mulheres que fundaram organizações sem fins lucrativos com cem dólares e uma oração, e que iniciam campanhas nacionais com entusiasmo, contra o mal sistêmico, e que realizam o que outros diziam ser impossível.

Os ativistas nunca se contentarão em jogar pelo seguro. Eles precisam experimentar a euforia de ver um Deus milagroso agir de maneiras milagrosas. Nesse sentido, o ativista guarda algumas semelhanças com o entusiasta.

Oração e Ativistas

Se existe um grupo que eu gostaria de ver envolvido em oração, são os ativistas. Felizmente, muitos dos ativistas que conheço participam regularmente de diversas formas de oração.

Oração em movimento

Muitos ativistas podem achar que a “oração em movimento” é particularmente útil. O evangelista pode interceder por um quarteirão caminhando ao redor dele enquanto ora em silêncio; a intercessora pode caminhar ao redor de um prédio do governo enquanto ora por justiça. Alguns cristãos estendem um mapa à sua frente e oram por povos não alcançados.

procissões

As procissões de Jesus, nas quais um grande número de cristãos se reunia para marchar em celebração a Jesus, ressurgiram surpreendentemente no início da década de 1990. Digo *ressurgiram* porque uma prática ancestral pode ser encontrada remontando ao período barroco (aproximadamente 1550-1750). As procissões da década de 1990 eram um tanto diferentes, pois se concentravam mais no louvor e na celebração, enquanto as procissões comunitárias anteriores tendiam a buscar algum favor espiritual e eram frequentemente eventos solenes. Elas se tornaram tão comuns que A.L. Mayer chamou o período barroco de Era das Procissões.^{[11](#)}

Intercessão

Karl Barth incentivava os cristãos a orarem com a Bíblia em uma mão e um jornal na outra. A intercessão pode, sem dúvida, ser considerada uma forma de ativismo cristão — e não apenas para fins políticos. Lembro-me de acordar cedo uma vez por semana na faculdade para participar de reuniões de oração missionária. Não levávamos jornal, mas carregávamos materiais preparados por diversos grupos missionários. Essas reuniões ainda acontecem em muitas igrejas.

A oração deve ser uma parte importante da vida do ativista. Trabalhar enquanto orar é importante e válido, mas reservar um tempo para orar também é essencial. Ativistas, por natureza atraídos a confrontar e enfrentar o mal e a injustiça regularmente, precisam da oração para se manterem focados e puros. O ódio ao pecado pode se transformar em ódio às pessoas se os ativistas se cansarem e se esgotarem espiritualmente. Em pouco tempo, ativistas com falta de oração começam a levar a apatia para o lado pessoal e podem acabar afastando a maioria dos cristãos ao seu redor. Se você é um ativista, faça um favor a si mesmo e à igreja: cultive uma vida de oração ativa.

As tentações dos ativistas

Incorporar elementos ativistas às nossas expressões de fé traz muitos benefícios, mas também apresenta perigos. Cristãos ativistas devem estar especialmente atentos a cinco deles.

Tornando-se crítico

Os ativistas podem pensar que, quanto mais santos se tornarem, mais odiarão o pecado. Isso é verdade. Onde os ativistas frequentemente erram, no entanto, é ao presumir que, quanto mais santos se tornarem, menos tolerarão os pecadores. Isso claramente não é verdade.

Como estudante dos clássicos cristãos, descobri que a maioria dos escritores espirituais concorda que, à medida que amadurecemos na fé, nos tornamos mais... Ansiamos por ver o pecado sair de nossas vidas, mas também por sermos mais compassivos com outros pecadores. Nosso amor, assim como nosso santo ódio ao pecado, deve crescer. Uma atitude crítica e arrogante não reflete a compaixão de Jesus.

Ambição e Sexo

Vou arriscar um palpite, mas, por observação pessoal e pela leitura de biografias, parece haver uma relação espiritual direta entre o nível de ambição de uma pessoa e a tentação sexual, especialmente nos homens. São inúmeras as histórias de homens cristãos que realizaram muito, mas caíram na imoralidade sexual.

Em sua essência, a ambição é frequentemente uma luta contra a impotência e pelo controle. A pessoa ambiciosa também é inerentemente egoísta. Essa busca por controle, desprovida de qualquer preocupação com o bem-estar alheio, certamente oferece um terreno fértil para a luxúria sexual, que pode encontrar um lar particularmente acolhedor em uma alma ambiciosa.

Há algum tempo, eu estava falando para um grupo de ativistas cristãos e os fiz refletir com as seguintes palavras: "As mesmas qualidades que os ajudam a ter sucesso como ativistas podem tentá-los a fracassar como cristãos".

Homens e mulheres ambiciosos precisam permitir que outros os responsabilizem. A ambição, aliada ao segredo, é um terreno fértil para o pecado sexual. Some a isso o cansaço, e é quase certo que você se envergonhará e envergonhará o ministério que Deus lhe confiou. O ativista pode enfrentar mais tentações nesse sentido do que muitos outros tipos de personalidade.

Elitismo e ressentimento

Como o ativista se alimenta do confronto, ele ou ela pode não entender por que outros o temem tanto. Até mesmo a ideia de um piquete ou de evangelização cara a cara é debilitante para alguns, embora seja muito empolgante para outros — com o resultado de que os ativistas podem ser tentados a desenvolver uma atitude elitista.

Uma boa advertência encontra-se em 1 Samuel 30. Durante uma das batalhas de Davi, muitos dos soldados se cansaram durante a perseguição a um grupo de saqueadores, então Davi os deixou vigiando os suprimentos enquanto ele e os outros partiam para concluir a tarefa. Entre os homens que continuaram a perseguição e retornaram vitoriosos, surgiu uma atitude elitista: "Porque eles não saíram conosco, não vamos compartilhar com eles os despojos que recuperamos", disseram (1 Samuel 30:22).

Davi interveio. "Não, meus irmãos, vocês não devem fazer isso com o que o Senhor nos deu. Ele nos protegeu e entregou em nossas mãos o grupo invasor que veio contra nós"

(versículo 23). Observem o que Davi está dizendo. Em outras palavras: “Vocês estão se esquecendo de algo, homens. Foi Deus, e não nossa própria força, quem nos deu esta vitória, então todos vão compartilhá-la.”

Davi “determinou isto como estatuto e ordenança” (versículo 25): tanto o que luta quanto o que guarda os suprimentos receberão a mesma recompensa. Isso reflete as inúmeras declarações do apóstolo Paulo sobre o respeito aos diferentes dons e chamados espirituais.

Preocupação com atividades e estatísticas

Quando uma criança pequena se frustra com um brinquedo preso em algo ou com um nó que não se desfaz, ela pode reagir simplesmente tentando com mais força, o que muitas vezes piora a situação. Sinceridade e esforço são duas pernas fortes, mas duas pernas não são suficientes para sustentar um banquinho. Ativistas cristãos precisam de sinceridade, esforço e oração ponderada.

Um pastor que tinha reservas quanto ao movimento da Proibição observou que “as igrejas, a longo prazo, chegariam mais longe se suas atividades fossem marcadas por menos tumulto e mais discernimento”.¹² É difícil discordar disso. Jesus é o modelo perfeito. Pedro é o exemplo de um homem que trabalhava arduamente durante o dia e orava intensamente de manhã e à noite; ele é o modelo de um homem que agiu rapidamente (cortando a orelha de um soldado, por exemplo) e que teve muito pelo que se arrepender.

Falta de ênfase na santidade pessoal

Jesus ensinou que devemos remover a trave do nosso próprio olho antes de tirarmos o cisco do olho do nosso próximo (Mateus 7:5). A reforma social começa com o indivíduo que busca reformar a sociedade. A ação social jamais poderá substituir a santidade pessoal. Aliás, a ação social sem santidade pessoal pode causar tanto mal quanto bem. A hipocrisia compromete seriamente a causa.

Uma Vocação Elevada

Embora eu não me considere um ativista de coração, tenho muito respeito pelo papel dos ativistas na igreja e no mundo. Um ego forte muitas vezes é necessário, porque o ativista frequentemente é ostracizado pelo resto da comunidade. A maioria dos cristãos que conheço se sentiria absolutamente arrasada se um artigo de jornal os menosprezasse publicamente. O ativista, por outro lado, parece apenas sorrir, achar graça da foto e seguir em frente.

Existe a tentação de se tornar orgulhoso, e nesse ponto é preciso lidar com ela, mas frequentemente me lembro de que o nosso Deus usa pessoas imperfeitas — e até mesmo transforma defeitos de caráter em ferramentas e pontos fortes úteis.

A igreja frequentemente tem tido uma relação difícil com ativistas e profetas. Lembramos com carinho daqueles que morreram, mas muitas vezes detestamos aqueles que ainda estão vivos. Isso deveria levar o ativista a amar ainda mais a Deus, porque Deus pode frequentemente estar Seu único amigo! Ser ativista é uma vocação nobre, mas precisa ser exercida com a motivação correta. Chamar o ativismo de um “caminho sagrado” pode ajudar. Somos ativos porque essa é a melhor maneira de expressarmos nosso amor por Deus. Munidos dessa atitude, um ministério bem-sucedido (e não apenas um monumento pessoal) virá em breve.

CAPÍTULO 8

CUIDADORES

Amar a Deus amando os outros

Você é um cuidador?

Classifique as seguintes afirmações em uma escala de 0 a 5, sendo 0 "nada verdadeiro" e 5 "muito verdadeiro". Registre sua resposta no espaço fornecido.

Você é um cuidador?

- _1. Sinto-me mais perto de Deus quando o vejo nos necessitados, nos pobres, nos doentes e nos encarcerados. Sinto a presença de Deus com mais intensidade quando estou sentado em silêncio ao lado da cama de alguém que está sozinho ou doente, ou quando levo uma refeição para alguém que precisa. Pode contar comigo para oferecer uma carona ou para me voluntariar em atividades de ajuda.
- _2. Estou cansado de cristãos que passam o tempo cantando músicas enquanto um vizinho doente fica sem uma refeição quente ou uma família necessitada não recebe ajuda para consertar o carro.
- _3. As palavras *serviço* e *compaixão* me atraem muito.
- _4. Eu sinto o poder de Deus quando estou aconselhando um amigo. Quem perdeu o emprego, prepara refeições ou conserta o carro de uma família necessitada, ou passa uma semana em um orfanato no México.
- _5. Novamente, numa escala de 0 a 5, o quanto a afirmação que descreve o apelo emocional do cuidador ressoa com você em comparação com as outras?

•Naturalista: deixe-me ficar ao ar livre.

•Sensível: deixe-me experimentar.

•Tradicionalista: deixe-me lembrar.

•Asceta: Deixe-me ficar sozinho.

•Ativista: Deixe-me conquistar.

•**Cuidador: deixe-me cuidar de você.**

•Entusiasta: Deixe-me comemorar.

•Contemplativo: deixe-me sentir.

•Intelectual: Deixe-me pensar.

6. Eu preferiria cuidar de alguém até que se recupere ou ajudar alguém a consertar sua casa do que dar aula em uma escola dominical para adultos, participar de um retiro de oração e jejum ou fazer uma caminhada solitária na floresta.

Total de todas as suas respostas:

Qualquer pontuação igual ou superior a 15 indica uma preferência por esse temperamento espiritual. Reserve um momento para registrar essa pontuação no capítulo 12 [aqui](#), para que você tenha um panorama completo do caminho da sua alma rumo a Deus.

“Gary, preciso de ajuda.”

Fiz uma careta. Eu sabia o que ia acontecer, mas não queria ouvir. Gordy aproximou um pouco mais a cadeira de rodas e sussurrou: “Tive um pequeno acidente.”

“Claro, sem problema, Gord”, respondi. “Vamos resolver isso.”

Eu e Gordy frequentávamos a mesma universidade, e ele estava em estágio avançado de distrofia muscular. Faltavam apenas dois anos para ele falecer de pneumonia, doença que frequentemente leva à morte de quem sofre de DM. Conforme o estado de saúde de Gordy piorava, sua necessidade de ajuda extra aumentava. Eu havia visto outro cristão cuidando dele apenas uma semana antes, durante um episódio de diarreia, e me lembro de ter pensado: “Eu jamais conseguiria fazer isso!”. Eu estava prestes a descobrir que estava enganada.

Apesar da minha falta de familiaridade com a situação, conseguimos aproveitar bastante a experiência. Como eu havia sido devidamente “iniciado”, também me tornei alguém a quem Gordy podia recorrer frequentemente quando a pessoa contratada por ele não estava disponível.

Lembro-me das coisas mais bobas. Uma vez, tirei a camisa dele e estava dobrando quando ouvi um “Gary!” muito paciente, mas muito urgente. Virei-me e segurei o Gordy antes que ele caísse para trás. Gordy riu, e eu ri, e da próxima vez que puxei a camisa por cima da cabeça dele, lembrei-me de apoiá-lo com os meus joelhos.

Lembro-me principalmente dos seus pés. Quando conheci Gordy, ele já não conseguia andar havia dez anos e usava chinelos em vez de sapatos. Como maratonista, já vi muitos pés em péssimo estado: unhas pretas, calos, unhas caídas — tudo o que se espera de quem bate os pés no asfalto por 42 quilômetros —, mas nunca tinha visto um pé tão atrofiado. Gordy ficou em silêncio. Sabia que eu veria tudo, mas não disse nada.

Certo dia, enquanto eu colocava as meias nele, percebi que Gordy era o santo em todos os nossos esforços. Ele estava me servindo e, de maneiras muito práticas, sacrificando a privacidade do próprio corpo para isso. Eu era tão vulnerável por dentro, com medo de deixar as pessoas verem minhas falhas e dificuldades, que eram vulnerabilidades que, de certa forma, podiam ser escondidas. A vulnerabilidade externa de Gordy tornou-se, em um sentido real, minha cura interior. Sua disposição em deixar que outro visse sua fraqueza revelou uma força interior inspiradora.

Numa manhã de sábado, acordei cedo e fui ao banheiro masculino. Como não é incomum em um dormitório universitário, alguém tinha bebido demais na noite anterior e não conseguira chegar ao banheiro. A única cabine adaptada para deficientes estava coberta de vômito — a sujeira estava no chão, no assento do vaso sanitário, em todos os lugares.

Normalmente, eu teria balançado a cabeça em sinal de desgosto e seguido em frente, mas uma intuição me impedia. Gordy não conseguiria simplesmente seguir em frente. A faxineira só viria na segunda-feira, e aquele era o único banheiro que ele podia usar. Eu já havia ajudado Gordy muitas vezes antes, quando ele me via, mas desta vez ele precisava de mim, mas não sabia disso e nem percebia.

Voltei arrastando os pés até a pia, passei água em várias folhas de papel-toalha e comecei a limpar. Um colega de quarto entrou, me viu de quatro e exclamou: "Cara! Limpando as fezes de outra pessoa? Qual é o seu problema? Você pirou?"

Quinze, talvez vinte minutos depois, a limpeza estava concluída. Gordy nunca soube. Seu fim de semana transcorreu normalmente, o som de sua cadeira de rodas deslizando pelo corredor continuou inabalável, mas eu estava diferente. A vida de Gordy me tocou novamente. Algo se moveu dentro de mim, e eu compreendi, não de forma idealizada, mas com plena consciência, por que os monges da antiguidade muitas vezes consideravam as pessoas com deficiência especialmente sagradas. As lições que elas podem nos ensinar são profundas.

Madre Teresa de Calcutá olhou nos olhos dos pobres, dos doentes e dos necessitados e disse que viu a imagem de Deus. Ela aprendeu a amar a Deus amando os outros. Tal afirmação pode colocar os defensores da teoria da codependência em alerta máximo, mas, deixando de lado as questões psicológicas, muitas pessoas descobriram que uma das maneiras mais profundas de amar a Deus é amar o próximo. Para os cuidadores, cuidar não é uma obrigação, mas uma forma de adoração. Ouvi dizer que Madre Teresa pedia a todos que... Os candidatos a oblatos eram questionados: "Seu trabalho lhe traz alegria?" Se a resposta fosse não, eles não eram aceitos.

Mártires não precisam se candidatar.

Exemplos bíblicos de cuidadores

Os cuidadores podem se inspirar em duas pessoas em particular ao buscarem compreender sua vocação e temperamento: Mordecai e Jesus.

Mordecai

O retrato de Mordecai no livro de Ester é o de um homem que se preocupa profundamente com os outros e que dedica livremente sua energia para ajudá-los. A primeira imagem que temos de Mordecai está em Ester 2:7, onde aprendemos que ele criou Ester depois que ela ficou órfã: "Mordecai a tomou como filha, depois que seu pai e sua mãe morreram".

O esforço de Mordecai em favor de Ester foi imenso. Mesmo depois de ela ter sido levada para o palácio do rei, ele permaneceu intimamente envolvido e preocupado com o seu bem-estar. "Todos os dias ele andava de um lado para o outro perto do pátio do harém para saber como Ester estava e o que lhe estava acontecendo" (Ester 2:11).

Um homem menos preocupado talvez simplesmente tivesse se desapegado dela. Afinal, ele havia cumprido seu dever ao acolhê-la, mas agora que ela havia ido embora, não poderia simplesmente esquecê-la e seguir com seus afazeres? Um homem menos corajoso, talvez, mas não Mordecai.

A segunda imagem que temos de Mordecai aparece mais tarde em Ester 2. Aqui, Mordecai está cuidando do rei. Ele ouve por acaso dois servos do rei tramando contra ele. Mordecai relata o que ouviu e salva o rei do mal. Em apenas dois capítulos, Mordecai cuidou de um órfão e protegeu um rei.

Mordecai não era alguém que buscava agradar a todos, e isso remove nossas suspeitas de codependência. Aprendemos no capítulo 3 que ele incorreu na ira de Hamã porque se recusou a se curvar na presença de Hamã. Mordecai serviu aos outros quando isso era claramente uma expressão de servir a Deus. Quando servir a Deus e servir aos outros entraram em conflito, Mordecai agradou a Deus.

Mordecai não cuidou apenas de um órfão e do rei; ele também cuidou de toda uma raça — o povo judeu. Quando Hamã retaliou contra Mordecai, obtendo permissão para exterminar os judeus, Mordecai “rasgou as suas vestes, vestiu-se de pano de saco e cobriu-se de cinzas, e saiu pela cidade, lamentando-se em alta voz e amargamente” (Ester 4:1).

Ao passar por tamanha humilhação e desconforto, Mordecai conseguiu comunicar a Ester a urgência do perigo que Israel corria, e Ester enviou um servo para descobrir o que estava acontecendo. Quando Ester hesitou diante da única rota de fuga, Mordecai manteve-se firme. “Não pense que, por estar na casa do rei, você será a única judia a escapar... Quem sabe se não foi para um momento como este que você chegou à posição real?” (Ester 4:13-14).

Sempre me impressionou como os verdadeiros cuidadores — pastores — podem se transformar em leões, se necessário, para cumprir sua missão. Embora fosse um cuidador, Mordecai obviamente não era um homem fraco. Ele podia ser enérgico, mesmo com aqueles que amava profundamente, quando as circunstâncias exigiam firmeza.

Vale ressaltar que, se Mordecai tivesse se recusado a cuidar da órfã Ester, todo o Israel poderia ter sido perdido, pois Mordecai não teria como chegar ao rei. Seu ato de cuidado anterior proporcionou a oportunidade para um ato de cuidado posterior, realizado em uma escala muito maior.

Por meio da insistência de Mordecai, a providência de Deus providenciou um meio para Israel se defender. Novamente, Mordecai foi o principal responsável, escrevendo cuidadosamente instruções para seus compatriotas israelitas, que foram enviadas a todas as províncias vizinhas para que os israelitas soubessem como se defender (Ester 8:8-13).

Após a vitória de Israel, o cuidado de Mordecai continuou. Ele instituiu uma festa anual para celebrar a proteção e a intervenção de Deus. Ele poderia facilmente ter erguido um monumento à sua própria fidelidade, mas, em vez disso, decretou que os israelitas celebrassem enviando presentes uns aos outros e dando presentes aos pobres. Em vez de pensar em si mesmo, Mordecai inventou novas maneiras de cuidar dos necessitados (Ester 9:20-22).

Em todos os momentos, Mordecai cuidou dos outros — primeiro de um órfão, depois de um rei, depois de uma nação e, por fim, dos pobres. Seu epitáfio, o último versículo de Ester, é apropriado: “Mordecai, o judeu, era o segundo em posição depois do rei Xerxes, o mais importante entre os judeus e muito estimado por seus compatriotas, porque trabalhava para o bem do seu povo e defendia o bem-estar de todos os judeus” (Ester 10:3).

Quem poderia desejar uma homenagem mais nobre?

Jesus

Por ser o único homem verdadeiramente íntegro que já viveu, Jesus demonstrou todas as qualidades espirituais descritas neste livro. Nós, como pessoas fragmentadas e quebradas, carecemos da profundidade e amplitude reveladas na vida de Jesus — uma vida que brilha na área de ser um cuidador exemplar. Jesus cuidou dos doentes, dos possesores por

demônios e dos perdidos; ele exortou seus seguidores a darem aos pobres e teve grande compaixão pelas multidões (Mateus 4:23-24; 6:2; 9:35-36).

Embora muitas pessoas presumam que “religião” e cuidado com o próximo andam de mãos dadas, isso só se tornou realidade graças a Jesus. Ele é o líder religioso conhecido por associar o amor a Deus ao amor ao próximo — especialmente aos oprimidos. O islamismo foi fundado em meio à guerra e tem um tom confrontador em sua mensagem (embora, reconhecidamente, uma das “cinco obrigações” seja doar um quarenta avos — 2,5% — da renda aos pobres); a moralidade do budismo se baseia em evitar o mal, não em aliviar o sofrimento alheio. o sofrimento alheio (já que, no pensamento budista, o sofrimento é uma ilusão); e os hindus se preocupam em evitar o karma negativo e, assim, escapar do ciclo da vida, morte e renascimento.

Entrelaçar o amor a Deus com o amor ao próximo e adotar uma moralidade “positiva” (“Façam aos outros o que vocês querem que eles façam a vocês” [Mateus 7:12]) em vez de uma negativa (“Não façam aos outros o que vocês não querem que eles façam a vocês”) era uma mensagem radical nos dias de Jesus — uma expansão dos apelos do Antigo Testamento, de base judaica, à misericórdia social. A disseminação da mensagem de Jesus é a principal razão pela qual as pessoas hoje presumem que religião e compaixão devem estar intrinsecamente ligadas.

Uma imagem em particular revela o coração protetor de Jesus. Quando soube que João Batista havia sido decapitado, Jesus percebeu que seu ministério terreno havia tomado um rumo sério rumo ao Calvário. Uma morte torturante o aguardava em breve. E antes dessa provação, ele precisava garantir que um grupo de discípulos indisciplinados fosse treinado para dar continuidade à sua mensagem após sua partida. Se algum homem mereceu a solidão, esse homem foi Jesus. Se alguma vez houve um momento para estabelecer limites legítimos — para orar e refletir sobre tudo o que estava acontecendo — esse momento era agora.

As multidões necessitadas e insaciáveis, porém, o seguiam. Imagine um vendedor de sorvetes entrando em um grupo de crianças famintas que se agarravam às suas roupas. Foi assim que Jesus deve ter se sentido ao olhar para as multidões e ver que elas ainda queriam mais. Mesmo assim, quando Jesus as viu, “teve compaixão delas e curou os seus enfermos” (Mateus 14:14).

Surpreendentemente, o ministério de Jesus continuou por várias horas. Jesus, ainda cansado, ainda imerso em pensamentos sobre a gravidade dos acontecimentos do dia, continuou a dar, a curar e a ensinar. As multidões permaneceram ali tempo suficiente para sentirem fome — o que, pensaram os discípulos, era uma ótima desculpa para se livrarem daquelas pessoas. Lembrem-se, Jesus não estava ali para sempre. O único que estava cansado; seus discípulos também deviam estar cansados. Provavelmente havia um pouco de interesse próprio em suas vozes quando disseram: “Vamos, Jesus, o povo está com fome. Não está na hora de mandá-los embora?” (Mateus 14:15, paráfrase).

Compaixão hipócrita. Os discípulos queriam paz, descanso e tranquilidade para si mesmos, mas fingiam se importar com a multidão. Jesus, com o coração cheio de compaixão, olhou para eles e disse: “Eles não precisam ir embora. Deem-lhes vocês mesmos algo para comer” (versículo 16).

Consigo ver as sobrelhas franzidas. Consigo imaginar os cálculos dos discípulos: “Se tivermos que alimentar essa multidão, estamos falando de dias de ajuntamento e

preparação, dias antes de podermos descansar! Dias antes de podermos comer em paz! Certamente ele não está falando sério!” Então eles sacam a carta na manga.

“Temos aqui apenas cinco pães e dois peixes” (versículo 17). Suficiente para os discípulos, talvez, mas certamente não para milhares de pessoas.

Sem dúvida, Jesus também estava com fome. Revestido de carne humana, ele estava sujeito a dores, fome e exaustão física. Realizar grandes milagres devia ser muito cansativo, certamente muito mais desgastante do que simplesmente estalar os dedos e ver tudo se mover. Mesmo assim, Jesus se esforçou mais uma vez, realizou outro milagre — este à beira da exaustão — e alimentou as pessoas, sacrificando novamente sua própria necessidade de descanso e revigoramento antes de despedi-las.

O fato de Jesus precisar de um tempo sozinho é enfatizado por seus movimentos após alimentar a multidão. Mateus nos conta: “Imediatamente, Jesus fez com que os discípulos entrassem no barco e fossem na frente dele para o outro lado, enquanto ele despedia a multidão. Depois de despedir a multidão, subiu sozinho a um monte para orar” (versículos 22-23).

Jesus colocou suas próprias necessidades abaixo das necessidades dos outros. Ele tinha uma missão mais importante a cumprir do que qualquer pessoa que já viveu, e mesmo assim encontrou tempo para cuidar das necessidades básicas de um doente. Multidão faminta e indisciplinada. Este exemplo também me desafia hoje. É tão fácil ignorar as necessidades dos outros ao nosso redor porque temos “coisas mais importantes” para fazer, mas Jesus definiu essas mesmas necessidades como parte central da nossa missão. Não preciso citar toda a parábola do bom samaritano para nos lembrarmos de que cuidar de “questões espirituais” não é desculpa para nos recusarmos a sujar as mãos.

Exortações bíblicas para cuidar dos outros

Os desafios bíblicos para amar a Deus cuidando dos outros são inúmeros. A história do bom samaritano é provavelmente uma das parábolas mais populares de todo o Novo Testamento (Lucas 10:30-35). Seu significado é claro: ninguém é tão importante ou tão sábio a ponto de se eximir da ajuda prática. Jesus enfatizou a compaixão em tantos de seus ensinamentos que não é surpresa que seus seguidores também nos incentivem a amar a Deus dessa maneira.

João nos diz que “sabemos que passamos da morte para a vida, porque nos amamos uns aos outros” (1 João 3:14). De fato, a falta de amor ao próximo coloca em questão se realmente amamos a Deus: “Se alguém tiver recursos materiais e vir seu irmão ou irmã em necessidade, mas não se compadecer dele, como pode permanecer nele o amor de Deus?” (1 João 3:17).

Paulo se une a João ao exortar os cristãos a cuidarem uns dos outros: “Em humildade, considerem os outros superiores a si mesmos, não buscando cada um os seus próprios interesses, mas cada um também os interesses dos outros” (Filipenses 2:3-4). O autor de Hebreus equipara o amor ao próximo ao amor a Deus: “Deus não é injusto; ele não se esquecerá do trabalho de vocês e do amor que demonstraram por ele, ajudando os santos e continuando a ajudá-los” (Hebreus 6:10). Mais tarde, esse mesmo autor lembra aos crentes que, ao cuidarmos de estranhos, podemos estar, na verdade, hospedando anjos (Hebreus 13:2).

Tiago diz que a religião “pura e imaculada” é “cuidar dos órfãos e das viúvas nas suas aflições” (Tiago 1:27). Pedro nos exorta a sermos hospitaleiros e a usarmos os dons que Deus nos deu para servir uns aos outros (1 Pedro 4:9-10).

A abrangência desse ensinamento e o fato de ser repetido por tantos autores do Novo Testamento não nos deixam dúvidas quanto à importância de amar a Deus amando aqueles que Ele criou. Embora algumas pessoas se destaquem nessa forma de amar a Deus, isso deve fazer parte da vida de todo cristão.

Um versículo em particular me desafiou profundamente. A tarde em que sua verdade me impactou é uma que não esquecerei tão cedo. A cidade de Sodoma é frequentemente mencionada nos círculos cristãos como a cidade perversa, mas qual foi realmente o pecado mais grave de Sodoma? Ouçam Ezequiel: “Ora, este foi o pecado de tua irmã Sodoma: ela e suas filhas eram arrogantes, ricas em comida e despreocupadas; não ajudavam os pobres e necessitados” (Ezequiel 16:49).

Sem dúvida, tenho muito orgulho da minha vida. Em escala mundial, certamente sou “excessivamente bem alimentado”. Também preciso admitir uma certa indiferença. Sendo essas três coisas verdadeiras, a única coisa que me impede de cometer o pecado de Sodoma, a representação bíblica da maldade em sua forma mais vil, é se estou ou não “ajudando os pobres e necessitados”.

Gostamos de definir santidade evitando transgressões, mas, na Bíblia, o pecado de omissão (não fazer o que devemos fazer) está no mesmo nível do pecado de comissão (fazer algo que não devemos fazer).

Padrões de cuidado

Tenho grande admiração por aqueles que assumiram a tarefa de cuidar dos necessitados. Lembro-me de um estagiário da pastoral universitária que morava em um prédio de apartamentos que eu administrava quando trabalhava lá. Ele ia para o seminário. Dois homens profundamente perturbados se mudaram para a casa ao lado.

Se não eram drogas, era álcool. Várias noites por semana, o estagiário encontrava um de seus vizinhos murmurando palavras ininteligíveis ou desmaiado no corredor. Ele o pegava, o colocava no carro e o levava para o centro de desintoxicação. (Se você nunca transportou uma pessoa embriagada, talvez não consiga imaginar o risco de usar seu próprio carro para isso.)

Quando o estagiário recebeu um telefonema de uma organização religiosa em outro estado, ele contou a boa notícia aos seus vizinhos. “Ei”, disseram eles, “quem vai nos levar para a clínica de desintoxicação quando a gente fizer besteira?”

Mais recentemente, ouvi o testemunho de um casal extraordinário que acolheu em sua casa um bebê com graves danos cerebrais. Gail Kelley e seu marido contaram a história de Manuel (abreviação de Emmanuel), um filho adotivo com deficiência grave, fruto de uma relação incestuosa e que sofreu danos ainda no útero devido a um medicamento mal prescrito. Certa noite, Gail ficou acordada até tarde com Manuel, que sofria convulsões repetidas. Cada convulsão destruía mais células cerebrais, e as lágrimas de Gail molharam os cabelos negros de Manuel ao perceber que ele não tinha muitas células cerebrais restantes para perder.

Uma convulsão de três minutos às 3h30 da manhã deu início a um calvário horrível. Uma convulsão de dois minutos e meio ocorreu às 3h34. Uma convulsão terrivelmente longa,

com duração de cinco minutos, aconteceu às 3h44. Poucos minutos depois, às 3h56, outra convulsão de três minutos se abateu sobre a paciente.

A cada convulsão, movimentos espasmódicos exagerados tomavam conta dos braços de Manuel. No início, suas pernas estavam rígidas e tensas, e depois começaram a tremer e se agitar. A cabeça de Manuel se contraía e se sacudia incontrolavelmente. Seu olho esquerdo alternava entre fechar e se mover em todas as direções, enquanto o olho direito vibrava ritmicamente. Às vezes, Manuel engasgava ou saliva escorria do canto esquerdo da boca. Então, quando a convulsão terminava, a língua de Manuel... tremia suavemente, recuando ligeiramente, e a convulsão era como se dois braços gigantes o tivessem delicadamente acalmado.

Mais duas convulsões ocorreram, uma às 4h da manhã e outra às 4h20. Exausta, assustada e debilitada, Gail começou a chorar incontrolavelmente. Ela temia que Manuel morresse em seus braços em breve, então implorou a Deus: “Não tive tempo suficiente com ele. Por favor, Deus, não o leve de mim agora.”

Gail “ouviu” o que ela acreditava ser a resposta de Deus: “Tudo o que fizerem a um destes meus irmãos, mesmo que ao menor deles, a mim o fizeram. Deus está com vocês. Emanuel.”

“Mas como podemos realizar tal tarefa?”, perguntou Gail, a realidade do que estava por vir tornando-se clara. “Você não vê? Eu não sei o que estou fazendo!”

“Eu vos darei graça suficiente para suprir as necessidades de cada dia.”

Gail sentiu-se fraca, mas então percebeu o Espírito de Deus envolvendo lentamente todo o cômodo. Seus olhos ainda estavam fechados quando ela se deu conta da presença de Deus de uma forma que nunca havia experimentado antes. Ela teve medo de abri-los. A presença de Deus parecia tão intensa que ela se perguntou se Jesus seria visível naquele mesmo cômodo. Estaria ela preparada para isso?

Sentindo como se uma corrente elétrica percorresse seu corpo, Gail ergueu lentamente a cabeça e abriu os olhos. “Eu esperava ter o menino Jesus em meus braços em vez de Manuel”, disse ela. A presença de Deus era tão avassaladora que ela começou a olhar ao redor do quarto, tentando encontrar a presença real de Jesus que se manifestava diante dela.

“Meus olhos pararam quando completei o círculo”, disse ela. “Encarei Manuel e soube.”

Gail relaxou e proferiu uma breve oração, louvor e agradecimento. Em poucos minutos, as convulsões de Manuel cessaram e Gail e Manuel adormeceram profundamente.

Gail e seu marido estão cuidando de uma criança que muitas pessoas diriam não ter o direito de viver. Manuel nunca vai andar ou falar. Embora Gail tenha mostrado fotos para demonstrar que o menino de três anos e meio parece reconhecer as pessoas ao seu redor, alguns médicos questionam se ele sequer consegue entender o que está acontecendo. Mas Deus sabe, e Gail e seu marido sabem, e Manuel é um canal que leva uma sensação mais profunda da presença de Deus para a vida de Gail.

Não precisamos limitar nossa definição de cuidar apenas a cuidar de pessoas doentes. O temperamento do cuidador abrange muitas maneiras diferentes de amar a Deus servindo ao próximo. Alguns podem interpretar o ato de cuidar como sentar-se silenciosamente ao lado da cama de uma pessoa idosa, outros como trabalhar em uma equipe de resgate voluntária ou consertar uma casa. Algumas atividades a serem consideradas incluem:

- “adotar” um prisioneiro

- Ajudar um amigo a superar uma crise pessoal
- emprestar dinheiro
- Ajudar alguém que luta contra o abuso de substâncias.
- trabalho voluntário em uma equipe de resgate
- Ajudar uma pessoa analfabeta a aprender a ler
- doar tempo em um abrigo para mulheres vítimas de violência doméstica.
- aconselhamento em um centro de atendimento à gravidez
- Trabalhar em um refeitório para sem-teto
- consertando o carro de alguém
- consertar uma casa
- Fazendo gravações para cegos
- pesquisar a cura para uma doença
- Ajudar alguém a reconfigurar seu sistema de computador.
- observando os filhos de alguns pais cansados.



Oferecer aconselhamento financeiro para quem tem dificuldades em gerir o dinheiro.

Em seu livro *Conspiração da Bondade*, Steve Sjogren sugere misturar serviço com evangelismo. ¹Imagine a surpresa de Os vizinhos elogiam você por oferecer bebidas refrescantes no trânsito da hora do rush; por fornecer chocolate quente, café e biscoitos em um campus universitário; por distribuir picolés ou copos de Gatorade gratuitos para corredores, ciclistas ou famílias no parque local; por recolher folhas e cortar a grama em comunidades de idosos; por fornecer lenha e gravetos gratuitos para os necessitados; e por remover a neve das calçadas e entradas de garagem.

Com a inspiração do Espírito nos impulsionando, não há limite para o número de oportunidades disponíveis para aqueles que buscam cuidar dos outros. Seja como um prelúdio para a evangelização ou como um serviço que demonstra o amor de Jesus aos outros, é uma poderosa representação do evangelho em ação.

Cuidadores como profetas

Cuidar dos outros é uma atividade profética. Sendo nós criaturas egocêntricas, preocupar-nos com os outros é uma resposta antinatural e demonstra a presença sobrenatural de Deus. De forma concreta, então, quem cuida testemunha a existência de Deus ao demonstrar o Seu amor através do ato de cuidar.

Segundo a Bíblia, nossa resposta humana natural é o egoísmo. As evidências bíblicas são abundantes: Ló tomando a melhor propriedade (Gênesis 13:5-12); Jacó tramando para obter o direito de primogenitura de Esaú (Gênesis 25:29-34); Tiago e João querendo sentar-se à direita de Jesus e os outros discípulos reagindo com ressentimento (Marcos 10:35-41); o sacerdote e o levita passando pelo homem ferido enquanto viajavam para Jericó (Lucas 10:30-35).

Poderíamos acrescentar os nossos próprios exemplos. Lembro-me de ter participado de uma reunião no ensino médio do que se chamava "Key Club", uma organização de serviço público, e um dos meus amigos comentou: "O Key Club é para pessoas que não têm absolutamente nada para fazer com o seu tempo." *Por quê? Será que um estudante do ensino médio, bastante ativo, deveria se importar com o que acontece em um lar de idosos?*, ele se perguntava.

Atos de egoísmo podem persistir no casamento e na carreira, pois ficamos ocupados demais para nos importarmos. Certa vez, fiquei profundamente comovido quando fui convidado a palestrar no Swarthmore College durante a semana de evangelização "Por que Jesus?". Ao chegar lá, vários alunos estavam reunidos para orar às 17h. "Vocês fazem isso uma vez por semana?", perguntei, bastante impressionado com a devoção deles.

"Não", disseram eles. "Todos os dias."

Eles não têm um pastor no campus que os acompanhe. A escola é considerada pequena demais pelos ministérios nacionais. Em vez disso, os líderes estudantis pedem a pastores e obreiros cristãos locais que venham pregar em seus encontros semanais.

Uma jovem compartilhou, durante os pedidos de oração, sobre um estudo bíblico investigativo que havia conduzido na noite anterior. Outras duas estudantes falaram sobre uma sessão de acompanhamento de duas horas e sobre uma mesa de leitura que frequentariam no campus no dia seguinte.

Ao começar a calcular mentalmente as horas que esses estudantes sem liderança dedicavam à obra de Deus, senti-me humilde e envergonhado. Na faculdade, fisicamente você está no auge. Pode jogar futebol o dia todo sem sofrer com dores musculares por uma semana depois. Pode fazer longas caminhadas ou ir ao cinema até tarde da noite sem precisar de babá. Pode fazer todo tipo de coisa, e ainda assim esses estudantes se dedicavam a alcançar os perdidos.

Um jovem estava noivo e o casamento estava marcado para o verão: "Faltam 116 dias", nos disseram.

"Deus", orou um universitário, "ajude-o a encontrar 116 maneiras de te servir em vez de apenas esperar pelo casamento".

"Amém", orou o noivo.

Esses universitários eram a prova de um toque sobrenatural que os havia libertado de seu egoísmo natural e pecaminoso.

No entanto, em vez de confrontar nosso egoísmo, alguns cristãos Algumas organizações podem até tentar explorar isso. Em vez de nos chamar ao sacrifício por amor a Jesus Cristo, uma agência nacional de ajuda humanitária veiculou um anúncio incentivando os cristãos a

ajudá-la a acabar com a fome porque “Isso fará você se sentir bem”. A mensagem “Você se sentirá bem com isso” foi repetida diversas vezes ao longo do anúncio. Como observou Robert Wuthnow, professor de sociologia da Universidade de Princeton, é difícil imaginar Jesus dizendo: “Tome a sua cruz e siga-me; isso fará você se sentir bem” ²

Os cristãos que demonstram compaixão por amarem a Deus apaixonadamente falarão, assim, profeticamente a uma cultura egoísta — e, por vezes, a uma igreja egoísta. O egoísmo distorce o verdadeiro sacrifício, e o sacrifício está no cerne do verdadeiro cuidado. Madre Teresa de Calcutá disse: “O amor verdadeiro é sempre doloroso e fere: só então é real e puro” ³ Precisamos passar pela dor do sacrifício antes de experimentarmos a alegria da obediência.

O cuidado “profético”, portanto, exige que cuidemos por amor a Deus, ou seja, que cuidemos dos outros porque sabemos que Deus nos ama muito. Wuthnow relata que estudos acadêmicos sugerem que as crenças religiosas mais propícias ao cuidado e à compaixão são um “Deus pessoal com quem se possa sentir próximo e um sistema de crenças que afirme o valor pessoal de cada um”. Ele continua observando que “na medida em que se pode mensurar tais coisas em estudos empíricos, a percepção de que se está recebendo amor de Deus parece, de fato, estar associada a uma maior disposição para cuidar dos outros” ⁴

Assim, o cuidado se torna um caminho *sagrado* .

As tentações dos cuidadores

Incorporar elementos de cuidado ao nosso dia a dia em nossas expressões de fé traz muitos benefícios, mas também apresenta riscos. Cristãos que se dedicam ao cuidado devem estar especialmente atentos a quatro deles.

Julgamento

Quando somos alimentados espiritualmente ao demonstrar cuidado com os outros, precisamos nos lembrar da lição de Marta. Podemos pensar que os contemplativos são “tão voltados para o céu que não servem para nada na Terra” e que as reuniões de oração são uma perda de tempo se não estivermos garantindo que os Smith, com uma mãe doente, recebam refeições quentes regularmente, mas Jesus disse a Marta em termos muito diretos que há um lugar para se sentar aos seus pés em adoração (Lucas 10:41-42).

Cuidar dos outros não nos dá o direito de julgar aqueles que servem a Deus de maneiras diferentes. É verdade que todos os cristãos são chamados a cuidar uns dos outros, mas existem diferentes formas de cumprir essa obrigação. Não nos cabe julgar a validade da adoração de outra pessoa.

Servir a nós mesmos servindo aos outros

Algumas pessoas com baixa autoestima podem sentir a necessidade de servir aos outros para validar sua existência. O cuidado, como *temperamento*, significa que expressamos nosso amor a Deus estendendo a mão aos outros; é a imagem de um coração transbordando de amor e se espalhando para aqueles ao nosso redor. O cuidado, como *doença* , é na verdade um ato de tomar; é um ato de engano expresso no amor aos outros para que eles nos amem ou precisem de nós em troca.

Uma terapeuta disse: “Detesto quando as mulheres se envolvem em organizações de voluntariado para cuidar dos desamparados porque não estão cuidando dos seus próprios

problemas. Fazemos coisas terríveis a pessoas que já têm problemas suficientes, sem querer que elas também atendam às nossas necessidades.” ⁵

Um padre de Los Angeles ganhou notoriedade nacional como “o ministro dos apertos de mão com dólares”. Sua ideia de ajudar os pobres era percorrer a área mais pobre da cidade todos os domingos à tarde, distribuindo notas de um dólar aos moradores de rua. Uma assistente social observou, com ironia, que esse passeio “não faz nada pelas pessoas, mas faz muito pelo padre Chase” ⁶

Mantendo definições restritas

Ativistas e cuidadores podem ter mais em comum do que você imagina. Muitos cuidadores podem, inclusive, ser levados a se tornarem ativistas. Alguém que cuida de pessoas pobres em áreas urbanas desfavorecidas pode, eventualmente, se envolver na reforma de estruturas governamentais que representam um obstáculo.

Pode ser tentador, no entanto, para um cuidador julgar as motivações de um ativista; mas ambos podem trabalhar juntos — um para ajudar a resolver o problema subjacente, o outro para oferecer conforto até que o problema seja resolvido. Cuidado para não definir cuidado de forma restrita e, assim, perder a distinção entre cuidado de longo prazo, voltado para a resolução de problemas, e cuidado de curto prazo, voltado para o alívio de problemas. Ambos têm seu lugar no trabalho do Reino.

Negligenciar aqueles que nos são mais próximos

Em nosso zelo por amar a Deus amando o próximo, devemos lembrar que Deus prioriza o lar. Paulo escreve a Timóteo: “Quem não cuida de seus parentes, e especialmente dos de sua própria família, negou a fé e é pior que um descrente” (1 Timóteo 5:8). Se realmente amamos a Deus e não apenas servimos para satisfazer nossas próprias necessidades, nos contentaremos em cuidar primeiro daqueles que estão em casa. Uma jovem dona de casa com filhos pequenos pode revolucionar sua perspectiva se perceber que cuidar dos filhos é uma parte essencial de sua adoração. Um jovem pai precisa aprender que mudar o mundo começa trocando fraldas em sua própria casa.

O chamado dos cuidadores

Uma coisa é dizer que acreditamos; outra é demonstrar compaixão pelos outros, fazer-nos inconvenientes por causa da nossa fé. Embora esse cuidado seja obrigação de todo crente, alguns cristãos terão uma certa resistência. Um dom e chamado especiais para esse tipo de serviço. Esses atos de misericórdia são uma maneira prática de demonstrarem seu amor por Deus, mas também de crescerem nesse amor. Os cuidadores podem ouvir a voz de Deus com mais clareza ao trocar a fralda de um adulto do que quando estão sentados em silêncio em oração.

Este é um chamado elevado e sagrado. Não será tão visível quanto pregar para multidões, mas acredito que seja particularmente precioso para o nosso Pai celestial.

CAPÍTULO 9

ENTUSIASTAS

Amar a Deus com Mistério e Celebração

Você é um entusiasta?

Classifique as seguintes afirmações em uma escala de 0 a 5, sendo 0 "nada verdadeiro" e 5 "muito verdadeiro". Registre sua resposta no espaço fornecido.

Você é um entusiasta?

_1. Sinto-me mais perto de Deus quando meu coração se enche de alegria e sinto vontade de explodir de felicidade, adorá-Lo o dia todo e clamar Seu nome. Celebrar a Deus e Seu amor é a minha forma favorita de adoração.

_2. Sinto-me mais energizado quando corro um risco espiritual em nome de Deus ou quando vejo Deus agir de forma sobrenatural. Tradições e rituais me deixam entediado; sirvo a um Deus sobrenatural e me emociono ao vê-lo agir de maneiras inesperadas.

_3. As palavras *celebração* e *alegria* me atraem muito.

_4. Eu gostaria de participar de uma oficina sobre como adorar através da dança ou de uma sessão de louvor com música contemporânea. Espero que Deus se manifeste de maneiras inesperadas.

_5. Novamente, numa escala de 0 a 5, o quanto a afirmação que descreve o anseio do entusiasta ressoa com você em comparação com as outras?

•Naturalista: deixe-me ficar ao ar livre.

•Sensível: deixe-me experimentar.

•Tradicionalista: deixe-me lembrar.

•Asceta: Deixe-me ficar sozinho.

•Ativista: Deixe-me conquistar.

•Cuidador: deixe-me cuidar de você.

•**Entusiasta: Deixe-me comemorar.**

•Contemplativo: deixe-me sentir.

•Intelectual: Deixe-me pensar.

_6. Gasto mais dinheiro com downloads de música e conteúdo religioso do que com livros.

Total de todas as suas respostas: _

Qualquer pontuação igual ou superior a 15 indica uma preferência por esse temperamento espiritual. Reserve um momento para registrar essa pontuação no capítulo 12 [aqui](#), para que você tenha um panorama completo do caminho da sua alma rumo a Deus.

Há lugares piores para morrer, pensei, olhando para o sol que iluminava o topo da Crystal Mountain, no estado de Washington. Alguns amigos se ofereceram para me levar naquela que seria minha primeira e última descida de esqui alpino. Eu já tinha idade suficiente para saber que um corpo deslizando montanha abaixo, passando por árvores e pedras, com apenas dois pedaços finos de madeira — nenhum deles com freios — como contato com o solo, representava alguns perigos; a possibilidade de morte era o que mais me preocupava.

Depois de eu ficar enrolando um pouco, fazendo o possível para ignorar as crianças de cinco anos que passavam por mim em cima do que pareciam réguas, meus amigos decidiram que a melhor maneira de eu aprender era ir até o topo da montanha. "Se ele conseguir chegar até o topo", pensaram eles, "ele vai ter que descer."

Pesquisei sobre a Montanha de Cristal e tentei decidir o que preferia: uma humilhação lenta e prolongada diante de amigos que provavelmente jamais esqueceriam minha recusa, ou uma morte e desmembramento relativamente rápidos. Escolhi a segunda opção.

A borda da montanha parecia um precipício nevado que levava a um inferno congelado. Engoli o medo e comprimi uma corrida que normalmente levaria cinco minutos em uma hora e meia. Avisei meus amigos que queria ter certeza de não encontrar ninguém. Eles estavam mais preocupados com as minhas costas do que com o que estava à minha frente. "Fique longe do meio da trilha", alertou um deles.

"Eles estão indo um pouco mais rápido ali, não é?", eu disse.

"Sim, eles estão se mudando."

Eu percebia que o esqui tinha potencial para ser um esporte incrivelmente divertido, mas naquela época me faltava a disposição para me soltar e descer a montanha. Não dá para esquiar direito se você precisa controlar a velocidade a cada cinco metros. Para chegar ao pé da montanha antes do jantar, você precisa colocar os bastões debaixo dos braços, apontar os esquis para baixo e ir com tudo — ou pelo menos é o que me dizem.

Esquiadores de downhill me lembram cristãos entusiastas. Quase me senti tentado a intitular este capítulo de "Amando a Deus com Entusiasmo". Entusiastas apreciam uma forma festiva de adoração, assim como muitas das formas mais sobrenaturais de fé. Pessoas com esse temperamento espiritual gostam de se entregar e experimentar Deus no limiar da emoção e do deslumbramento.

Isso faz do entusiasta um dos temperamentos espirituais mais controversos. Uma análise honesta das Escrituras, no entanto, Revela claramente pessoas de fé cujas experiências envolveram generosas doses de mistério, celebração e eventos sobrenaturais.

Compreendo o medo que muitas pessoas sentem. Experiências sobrenaturais podem facilmente degenerar em caos. Minha resposta não é negar isso — é a mais pura verdade —, mas sugerir que é precisamente por isso que a igreja deve ensinar sobre experiências legítimas e biblicamente ordenadas do sobrenatural. Se a igreja cristã não santificar e supervisionar as práticas ensinadas e utilizadas por Jesus e os apóstolos, estaremos tentando as pessoas a vivenciarem esse tipo de coisa fora da igreja, onde a heresia é praticamente certa. A melhor proteção contra a meditação da Nova Era, por exemplo, é a

meditação cristã com fundamentos bíblicos. Alguns cristãos podem negar a fome do coração pelo transcendente, mas não podem sufocar esse desejo. Podemos ensinar às pessoas o caminho que Deus nos ordena para chegarmos à Sua presença, ou deixá-las tropeçar e descobrir por conta própria. Se essas são as duas opções, então não há dúvida de onde acabarei — adotando as práticas, mas também as restrições, dos primeiros apóstolos. Para começar a definir o temperamento entusiasta, quero trazer à sua mente duas palavras: *mistério* e *celebração*. Essas duas palavras nos ajudam a entender o que alimenta esse tipo de cristão. Analisaremos cada elemento individualmente.

O Mistério da Fé

“Gary, como posso conhecer a vontade de Deus?”

“Existem quatro maneiras de discernirmos a vontade de Deus”, comecei, mas por dentro eu pensava: “*De onde veio isso?*”. Felizmente, quatro pontos me vieram à mente quando terminei. Conversei com dezenas de professores e conselheiros que passaram pela mesma situação.

“Deus”, orei em outra ocasião, “isso não parece ser a melhor maneira de discernir a sua direção, mas se o Senhor realmente quer que eu comece este estágio, preciso quitar essas contas. Mais especificamente, preciso de trezentos dólares até o final da semana.”

No dia seguinte, recebi um telefonema de um amigo próximo. “Gary”, disse ele, “Jill e eu temos orado. Acharmos que Deus quer que lhe demos um presente.” O presente era um cheque de trezentos dólares.

Provavelmente todos nós, seja recebendo ou dando, já vivenciamos algo semelhante a essas duas situações. Em uma ocasião, podemos estar usando um dom que Deus nos deu e dizer algo que soa profundo e, em seguida, pensar: “De onde veio isso?”. Ou uma oração é milagrosamente atendida de uma forma que faz a coincidência parecer impossível.

Não há como negar que o cristianismo tem seu lado “misterioso”. Adoramos e servimos a um Deus sobrenatural que se manifesta a nós de maneiras sobrenaturais. Nesse sentido, todo cristão carregará algumas marcas de entusiasmo. Mas os entusiastas, *por temperamento*, são particularmente nutridos por tais experiências. Os entusiastas anseiam por preservar o mistério da fé. Eles entendem que há certas coisas sobre Deus e o cristianismo que simplesmente não podemos compreender completamente. Quando essa compreensão está enraizada no anti-intelectualismo, torna-se perigosa. Quando está enraizada na humildade, na compreensão de que Deus é espírito e nós somos carne, que Deus está no controle e nós não, é uma resposta saudável a uma relação fantástica entre dois seres desiguais.

Enquanto os tradicionalistas se sentem confortados pelo fato de a oferta ser passada todos os domingos precisamente às 10h34, o entusiasta provavelmente ora para que Deus se manifeste de uma maneira tão nova, singular e inesperada que ninguém sequer se *lembre* da oferta. O ritual pode, por vezes, parecer estagnado para um entusiasta; ele quer... Veja novas evidências de Deus agindo, falando, dirigindo e interagindo com os adoradores.

Aceitar o mistério da fé tem seus pontos fortes e seus perigos, pois, embora haja muito mistério e atividade sobrenatural nas Escrituras, também existem fortes advertências contra manifestações impróprias do que é popularmente chamado de “espiritualidade”. Antes de abordarmos as bênçãos do mistério, vejamos algumas dessas advertências.

Os avisos

Muitas manifestações espirituais são expressamente proibidas para o cristão. Estas incluem a lista encontrada em Deuteronômio 18:10-12: fazer crianças passarem pelo fogo, feitiçaria, adivinhação, interpretação de presságios, bruxaria, conjuração de feitiços, atuação como médium ou espírita e contato com os mortos. As Escrituras são claras: “Quem pratica essas coisas é detestável ao Senhor”. As nações pagãs se baseavam nessas práticas, mas o povo de Javé deveria se basear na revelação do profeta (versículo 15), em última instância, Jesus Cristo (Atos 3:20-23).

Uma segunda advertência pode ser inferida do conhecimento de Deus como Criador. Deus nos deu mentes sãs e uma revelação bíblica sólida. Estas não são, de forma alguma, inferiores a “ouvir a voz de Deus”. Sugerir o contrário é criar uma cisão entre Deus, o Criador, e Deus, o Redentor. Provavelmente todos nós já conhecemos cristãos que tiveram que “perguntar a Deus” se deveriam sair para jantar ou qual rua deveriam pegar para voltar para casa.

“Quer ir comer um hambúrguer?”, perguntamos.

“Só um segundo”, diz ele, virando-se e inclinando a cabeça. Após alguns instantes de silêncio, responde: “Não, não posso”.

“Por que não?”

“Deus me disse para não fazer isso.”

É ainda mais provável que tenhamos conhecido cristãos (talvez nós mesmos!) que estabeleceram uma espécie de “proteção” — à la Gideão — antes de aceitar um emprego ou tomar uma decisão. A resposta de Deus à proteção de Gideão é claramente apresentada nas Escrituras como uma concessão, e não como uma regra a ser seguida (Juízes 6:36-40). Mesmo assim, para o bem ou para o mal, parece haver algo dentro de nós que precisa de mais do que mera razão para nos guiar.

Como podemos equilibrar mistério e razão? O fracasso do rei Saul é uma boa lição. Saul se meteu em grandes problemas quando desobedeceu a uma revelação clara e ofereceu um sacrifício por conta própria porque se sentiu compelido a fazê-lo (1 Samuel 13:12). Deus, que nos deu a mente, não nos despreza por usá-la, mas se ira quando a negligenciamos. Certamente, Deus não espera que aceitemos sem questionar qualquer compulsão que nos seja imposta, especialmente se tivermos revelações escritas em contrário.

As Bênçãos

Além das advertências das Escrituras, existem muitas maneiras pelas quais o “mistério” se tornou parte da fé. Vejamos três em particular: o uso de sonhos, a expectativa e a oração.

Sonhos

Uma das maneiras pelas quais Deus agiu e continua a agir em mistério é através dos sonhos. De fato, a maioria dos cristãos pode apontar um ou dois sonhos muito significativos em suas próprias vidas.

Certa noite, há alguns anos, perto do fim de umas férias na Costa Oeste, acordei de um sonho particularmente vívido. Sonhei que meu chefe da época havia se demitido e vi seu sucessor, um homem magro de cabelos claros. Ao acordar, orei fervorosamente e fiquei pensando nisso intermitentemente até contar para minha esposa.

Depois que voltei ao trabalho, descobri que na mesma noite de Meu sonho era que meu chefe fosse transferido para uma função diferente na organização e que um novo presidente fosse contratado. Ele considerou isso inaceitável e, após muita negociação,

acabou renunciando. Seu sucessor foi nomeado algumas semanas depois — um homem magro de cabelos claros.

Por que tive esse sonho? Ele serviu a pelo menos dois propósitos. Primeiro, permitiu-me interceder por um homem de quem eu gostava muito em um momento de grande angústia para ele. Segundo, preparou-me para grandes mudanças que estavam prestes a acontecer em minha vida. Tive mais tempo para me preparar para as consequências, mesmo sem ter como saber, por meios "mundanos", o que estava acontecendo.

Conversei com muitos outros cristãos que ouviram a voz de Deus em seus sonhos. Um sonho pode ter fornecido uma direção clara, uma nova perspectiva sobre uma luta contínua, ou um encorajamento ou uma repreensão, e conversei com muitos cuja fé foi fortalecida por tais experiências.

Que Deus fala por meio de sonhos está bem estabelecido nas Escrituras. Deus falou com Jacó, José, Salomão e Daniel por meio de sonhos (Gênesis 28:10-15; 37:1-11; 1 Reis 3:5-10; Daniel 7:1). Joel profetizou que, quando o Espírito de Deus fosse derramado sobre os crentes, “os vossos anciãos teriam sonhos, e os vossos jovens teriam visões” (Joel 2:28).

O Novo Testamento também contém relatos de Deus falando com pessoas por meio de sonhos, incluindo José e os Magos do Oriente (Mateus 1:20; 2:12). Há também diversas visões (que diferem dos sonhos porque a pessoa que as recebe está acordada) no Novo Testamento. Saulo (Paulo), Ananias, Cornélio e Pedro receberam visões (Atos 9:3-8, 10-16; 10:3-6, 9-18; 16:9).

A ideia de Deus falar através de um sonho é consistente com a natureza de Deus. Ele está sempre nos buscando, falando conosco mesmo enquanto dormimos, dando evidências de sua natureza infinita e ilimitada em contraste com nossa existência finita e limitada. Deus tem muito a nos dizer, mas muitas vezes estamos ocupados demais para ouvir. Nossas mentes tendem a ficar sobrecarregadas. Estamos ocupados durante o dia, ou às vezes estamos tão absortos em nossas próprias orações e planos que perdemos a capacidade de ouvir. Os sonhos são uma forma de Deus "intervir" e nos transmitir algo que talvez não estejamos dispostos a ouvir durante o dia.

Tudo isso precisa ser contextualizado. Eu jamais aceitaria um sonho que contradissesse a revelação das Escrituras. Eu não tomaria uma decisão importante baseada unicamente em um sonho. Mas descobri que Deus pode me dar discernimento sobre uma situação ou me alertar quando estou aberto a receber algo em um sonho.

A ideia de que Deus fala por meio de sonhos está tão firmemente estabelecida na história da Igreja quanto nas Escrituras. A mãe de Agostinho teve um sonho no qual seu filho rebelde se converteu à fé, e esse sonho lhe deu a inspiração necessária para continuar orando até que Agostinho se voltasse para a fé em Cristo. Luminárias da Igreja como Justino Mártir, Irineu, Clemente de Alexandria, Tertuliano, Atanásio, Basílio Magno, Gregório de Nazianzo, Gregório de Nissa, João Crisóstomo, Ambrósio, Agostinho, Jerônimo e muitos outros aceitaram, em diferentes graus, a ideia de Deus falar por meio de sonhos específicos.

John Wesley escreveu em seu diário: “O que tenho a dizer a respeito de visões ou sonhos é o seguinte: conheço várias pessoas em quem essa grande transformação ocorreu em um sonho, ou durante uma forte representação mental de Cristo, seja na cruz ou em glória. Este é o fato; que cada um julgue como quiser.” ²Vinte anos depois, Wesley reconheceu o medo

que muitos têm dos sonhos e admitiu que Satanás pode imitar sonhos legítimos. Ainda assim, ele acreditava que os sonhos têm seu lugar:

O perigo era dar demasiada importância a circunstâncias extraordinárias, como gritos, convulsões, visões, transe; como se estas fossem essenciais ao trabalho interior... Talvez o perigo seja dar-lhes pouca importância; condená-las por completo; imaginar que elas Não tinham nada de Deus neles e eram um obstáculo à sua obra. Enquanto que a verdade é que, [...] para fortalecer e encorajar os que creem, e para tornar a sua obra mais evidente, [Deus] agraciou alguns deles com sonhos divinos, outros com êxtases e visões.³

Assim que buscamos sonhos por si mesmos, nos afastamos do verdadeiro cristianismo e nos aproximamos de uma espiritualidade circense. Por outro lado, não faz sentido negar completamente a utilidade de algo só porque pode ser usado de forma abusiva.

Vamos analisar algumas formas de ajuda e proteção relacionadas aos nossos sonhos.

A importância de ouvir

Muitos de nós não damos atenção aos nossos sonhos porque descartamos a possibilidade de Deus falar conosco por meio deles. E, na verdade, a grande maioria dos nossos sonhos não são mensagens de Deus — falaremos mais sobre isso daqui a pouco. Mesmo assim, o uso bíblico e histórico dos sonhos é tão comum que os cristãos deveriam ao menos considerar a possibilidade de Deus falar conosco dessa maneira. Se não estivermos atentos, podemos perder um aviso importante ou uma palavra de instrução.

A importância de escrever um diário

A maioria dos sonhos se perde em minutos se não forem anotados. Escrever em um diário demonstra que levamos a sério a orientação de Deus e nos proporciona a oportunidade de refletir e avaliar o que ouvimos. Também nos ajuda a explicar o sonho para alguém e a perceber se estamos nos enganando quanto ao seu significado.

A importância do significado

Os sonhos nos quais Deus estava claramente falando em minha vida foram inconfundíveis em sua "interpretação". Se Deus está falando, eu não preciso decifrar os sonhos. Eu acordo com a compreensão. Este é um ponto importante, e tem precedentes bíblicos. Na Bíblia, membros de fora da comunidade de fé, como Faraó e Nabucodonosor, precisavam que um membro da comunidade de fé interpretasse seus sonhos (José e Daniel, respectivamente; Gênesis 41:15; Daniel 2:17-19). Mas pessoas pertencentes a Deus, como José e Paulo, pareciam ter a interpretação clara em suas mentes assim que acordavam (Gênesis 37:5; Atos 16:9-10).

Portanto, devemos distinguir entre as escolas de pensamento que "interpretam" os sonhos por meio da psicanálise e do simbolismo, e uma compreensão bíblica de receber tanto o sonho quanto o seu significado ao acordar. Se a interpretação não for clara ao acordar, não se apegue demais a qualquer percepção e aguarde por confirmações adicionais.

A importância da comunidade

Qualquer tentativa de crescer nessa área da espiritualidade cristã à parte do corpo de Cristo é inegavelmente perigosa. Sem o alicerce firme da verdade bíblica como nosso padrão absoluto, a sabedoria da tradição e da história cristãs como nossa orientação geral e a supervisão contemporânea de outros crentes para prestação de contas, podemos facilmente ser desviados. Se você não está conectado a uma igreja local, seu primeiro passo para o crescimento espiritual deve ser encontrar uma.

A importância da perspectiva

Ao começar a aceitar a possibilidade de Deus falar através dos sonhos, você pode se lembrar de muito mais detalhes dos seus sonhos do que antes. Aliás, o simples ato de repassar seus sonhos ao acordar já começará a torná-lo mais consciente deles depois de apenas alguns dias. Contudo, como sonhamos todas as noites, a prática de ouvir através dos sonhos pode se tornar perigosa. Eis o porquê.

Tertuliano acreditava que os sonhos provêm de três fontes: o funcionamento natural da nossa alma, demônios ou Deus. ⁴O funcionamento natural Os processos da nossa alma provavelmente representam 98% ou mais dos nossos sonhos, e as duas últimas categorias compõem os 2% restantes. Se adotarmos a visão de Tertuliano sobre as três fontes dos sonhos, descobriremos que duas delas podem nos desviar do caminho certo. Se o sonho é o resultado natural dos medos, pesadelos e ansiedades da nossa alma, certamente não queremos que nossas vidas sejam guiadas por esses medos e ansiedades. Até mesmo as esperanças da nossa alma podem nos desviar se os nossos sonhos pessoais entrarem em conflito com a vontade de Deus para nós.

E porque, pelo menos segundo Tertuliano, Satanás pode usar nossos sonhos para se disfarçar de anjo de luz, devemos ter especial cuidado com o que aceitamos. Li o relato de uma mulher cujo sonho foi analisado por um conselheiro cristão, e a suposta mensagem do sonho era que ela deveria prosseguir com o pedido de divórcio. É precisamente esse tipo de ocorrência que me deixa tão apreensivo em relação à “interpretação” de sonhos. Não apenas as fontes dos sonhos são suspeitas, mas também as nossas interpretações. As Escrituras são claras quanto aos motivos legítimos para o divórcio, que são definidos de forma muito restrita, e certamente um sonho jamais deve ser usado para contradizer o ensinamento claro das Escrituras.

Deus claramente usa sonhos nas Escrituras, e eu constatei, tanto em minha própria vida quanto na experiência de outros, que Deus pode continuar, ainda que de forma limitada, a usá-los hoje. Mas devemos evitar reduzir nossa fé a acordar todas as manhãs e pensar: “*O que Deus estava me dizendo ontem à noite?*”. Isso é um claro abuso de uma prática que Deus usa raramente para guiar seu povo. Se quisermos ouvir a voz de Deus, o primeiro lugar a consultar são as Escrituras.

Os sonhos também podem nos apontar para outro aspecto de vivermos nossa fé “misteriosa”, a importância da expectativa.

Expectativa

Quando era jovem universitário, eu me reunia com vários estudantes todas as sextas-feiras à tarde no último andar de um dormitório para orar. Nós ligávamos para [nome da pessoa/organização]. Essas reuniões, conhecidas como “a Sala Superior”, eram momentos poderosos de preparação para nossos encontros de sexta-feira à noite no campus.

Um dos elementos que davam energia a esses longos momentos de oração era a expectativa. Esperávamos que Deus quisesse fazer algo, e muitas vezes Ele atendia a essa expectativa e até a superava. O tema de nossas orações frequentemente coincidia com o tema das reuniões de sexta à noite, mesmo quando aqueles que organizavam as reuniões não faziam ideia do que estávamos orando do outro lado do campus. Isso acontecia com tanta frequência que minha futura esposa (na época, namorada) normalmente me perguntava, ao entrarmos na sala de reuniões: “Então, sobre o que vamos ouvir esta noite?”

Os entusiastas "precisam" dessa expectativa em sua fé. Um programa planejado no qual Deus não é convidado a agir — mesmo que Ele esteja inclinado a fazê-lo — pareceria insuportavelmente sufocante. O desafio é que a igreja, como instituição, precisa de alguns limites. Se todos que sentissem Deus agindo através deles proferissem uma declaração ou palavra de instrução, o culto logo se assemelharia a um carnaval. Paulo abordou isso detalhadamente em sua correspondência com os Coríntios. É por isso que geralmente encorajo os entusiastas a incorporarem a expectativa em sua vida pessoal — no dia a dia de sua caminhada com Deus.

Para cultivar o mistério da expectativa, os entusiastas fariam bem em despertar e pedir a Deus que coloque alguém em seu caminho a quem possam ministrar. Essa sensação de estar vigilante, seja quando se trata de uma oportunidade evangelística ou de uma chance de encorajar um crente desanimado, energiza a fé dos entusiastas porque eles veem Deus agindo de maneiras visíveis.

As necessidades do mundo real são grandes e conhecidas por Deus. Ao cooperarmos com Ele, podemos agir de maneiras sobrenaturais. Essa realidade se tornou ainda mais clara para mim quando eu caminhava pelo shopping um dia, ajudando um amigo a escolher um ursinho de pelúcia para colocar no caixão de seu filho natimorto. Estávamos dilacerados por dentro, tentando manter uma conversa normal com os vendedores das lojas. Embora emocionalmente estivéssemos feridos e arrasados, com lágrimas nos olhos.

Percebi que praticamente toda vez que entro em um shopping, as chances são grandes de que alguém esteja se sentindo exatamente como eu e meu amigo nos sentíamos naquele dia. Talvez tenham acabado de descobrir que têm câncer ou que um ente querido tem câncer; talvez estejam passando por um divórcio ou seus pais estejam se divorciando. Um cônjuge pode ter acabado de ser demitido, enquanto outro pode suspeitar que o outro está tendo um caso. Inúmeras crises profundas estão acontecendo na vida das pessoas, mas em nossa correria e falta de expectativa, perdemos oportunidades de ministrar às pessoas de maneiras sobrenaturais.

Assumir riscos espirituais é outra maneira de fomentar essa expectativa. Iniciar uma conversa com um desconhecido na esperança de compartilhar o evangelho ou dar um passo de fé em uma situação desconhecida pode fortalecer a fé de um entusiasta. Não queremos cair no pecado da presunção aqui, como se Deus fosse obrigado a proporcionar tal entusiasmo diariamente ou mesmo mensalmente. Por outro lado, a complacência e a tibieza não são menos pecados do que a presunção.

Esteja disposto a se esforçar. Não fuja de situações em que os obstáculos naturais parecem intransponíveis. Abra espaço em sua vida para que Deus aja. Se as finanças estão apertadas e você precisa fazer uma compra importante, dê a Deus a oportunidade de prover primeiro. Se as finanças são abundantes, esteja aberto a sinais de como você pode atender às necessidades de outra pessoa.

Oração

Existe algo mais misterioso do que a oração? A oração nos leva a invocar um Ser que não podemos ver e a pedir-Lhe que altere aquilo que podemos ver. Os entusiastas precisam criar momentos de oração em suas vidas, aprendendo a confiar que Deus agirá de maneiras inesperadas.

No entanto, existe um elemento de mistério contra o qual muitos entusiastas às vezes se rebelam — o mistério das orações não atendidas ou, talvez mais apropriadamente, das orações que são atendidas com um não. Porque Deus às vezes responde às nossas orações com um sim, isso pode se tornar inebriante, especialmente para os entusiastas, e essa inebriação pode se tornar tão viciante que começamos a exigir que Deus responda a todas as orações com um sim. Quando uma oração não é respondida da maneira que desejamos, podemos presumir erroneamente que deve haver algum pecado oculto, falta de fé ou algum outro detalhe insignificante que nos leva a horas de introspecção infrutífera.

Já foi dito antes, mas vale a pena repetir: exigir que Deus responda a todas as nossas orações com um sim é pedir sua onipotência (poder) sem ter o benefício de sua onisciência (conhecimento). Olhando para trás, sou grato por Deus ter dito não a algumas das minhas orações. O mistério da fé nos chama a amar e servir a um Deus que nem sempre podemos compreender. O entusiasta ama essa verdade quando o resultado é satisfatório, quando Deus responde de maneiras que nos fazem tremer. É muito menos emocionante, porém, quando o mistério nos leva a crer que Deus é silencioso, indiferente ou até cruel. Mistério é mistério. Tem seus elementos estimulantes, assim como seus elementos frustrantes. Não podemos esperar um sem o outro.

A necessidade de maturidade levará praticamente todos os entusiastas a atravessar esse desfiladeiro de orações não respondidas, onde a expectativa se esgota e o único mistério parece ser onde Deus está escondido. Compreenda que este é um caminho necessário rumo à santidade e que geralmente tem um fim — no tempo de Deus, é claro.

Atos de Celebração

Além do mistério, o entusiasta se alimenta da celebração. Como a celebração é mais ruidosa e alegre na presença de outros, os entusiastas tendem a ser mais sociáveis. O asceta gosta de ficar sozinho; os entusiastas geralmente querem se reunir com o máximo de pessoas possível.

Sempre me lembrarei da manhã em que terminei meu primeiro livro publicado. Eu vinha escrevendo há nove anos, me preparando para aquele dia. Em certo momento, recebi mais de 150 rejeições consecutivas de diversos artigos e propostas. Depois de inúmeros começos em falso e livros concluídos que nunca saíram da gaveta, eu estava dando os retoques finais em um manuscrito que já tinha contrato assinado.

Era de manhã cedo e não havia mais ninguém no escritório. Maravilhei-me com o que Deus me havia dado: a força para perseverar, insights que iam além da minha capacidade natural, portas abertas com uma editora. Assim que o pacote estava pronto para ser enviado, passei um tempo celebrando diante de Deus como não fazia há anos. Lembrei-me da manhã, alguns anos antes, em que acordei e senti Deus me impelindo: “Escreva, escreva, escreva”, e eu reclamei: “Para quê? Ninguém está lendo!”

Mas agora Deus havia intervindo. Eu conhecia o chamado para sacrificar horas de lazer, para perseverar além da dúvida, para renunciar ao meu desejo de dormir até mais tarde — mas agora vinha a parte divertida.

Agora era hora de festejar.

Quem me conhece sabe que o chamado para celebrar pode ser mais difícil para mim do que o chamado para o sacrifício. Não sou uma pessoa que celebra naturalmente. Provavelmente, enfatizo mais o chamado do evangelho em nossas vidas do que seus

benefícios. É da minha natureza. Mas estou tentando aprender com o entusiasta. Estou tentando entender como participar do reconhecimento alegre de que servimos a um Deus absolutamente maravilhoso e temos tanto para celebrar.

A celebração pode assumir muitas formas diferentes e daria um livro inteiro só para ela, então vamos abordar apenas alguns exemplos de como a celebração pode ser incorporada e incentivada em nossa fé e adoração: adoração entusiasmada, envolvimento em atividades criativas e encontros sociais.

Adoração Entusiasmada

A celebração tem um longo histórico nas Escrituras. Havia três grandes festas prescritas no Antigo Testamento — a Páscoa, as Semanas (Pentecostes) e a Festa dos Tabernáculos — e diversas outras celebrações religiosas. Estas podiam ser eventos elaborados. A Festa dos Tabernáculos, por exemplo, envolvia uma celebração de sete dias na qual os israelitas eram instruídos a se alegrarem (Deuteronômio 16:13-15).

A celebração programada também deu lugar à celebração individual e espontânea. Davi, o homem segundo o coração de Deus, dançou com entusiasmo diante da arca da aliança. Quando sua esposa o desprezou por isso, ele respondeu que o Senhor o havia escolhido e, em resposta, ele celebraria e “se tornaria ainda mais indigno do que isso” (2 Samuel 6:22).

Davi também designou cantores e músicos para que adorassem a Deus e “fizessem um som alegre” (1 Crônicas 15:16). Um estilo de adoração musical e festivo era uma das marcas registradas da era de Davi: “Davi e todos os israelitas se alegravam diante de Deus com todas as suas forças, com cânticos, harpas, liras, tamborins, címbalos e trombetas” (1 Crônicas 13:8). Muitos anos depois, Israel ainda usava os instrumentos encomendados por Davi (2 Crônicas 29:26).

Jesus também incentivou estilos de adoração festivos. Ele e seus discípulos não apenas participavam do canto de hinos (Mateus 26:30), mas quando os líderes religiosos reclamaram da celebração ruidosa do povo por sua entrada em Jerusalém, Jesus disse: “Eu lhes digo... se [o povo] se calar, as pedras clamarão” (Lucas 19:40).

Esse estilo festivo também se estende ao culto apostólico do Novo Testamento. Atos 2 menciona o falar em línguas e prevê o recebimento de sonhos, o testemunho de sinais e a experiência de maravilhas. Paulo e Silas cantam hinos enquanto estão na prisão (Atos 16:25), e Paulo exorta os efésios a usarem salmos, hinos e cânticos espirituais em seu culto (Efésios 5:19).

De acordo com o livro do Apocalipse, a adoração no céu envolve clamar “em alta voz” e o rugido de uma grande multidão gritando “Aleluia!” (Apocalipse 7:10; 19:1-6).

Tudo isso me diz que minha relutância em celebrar com entusiasmo é mais uma fraqueza pessoal do que um sinal de maturidade. É algo que preciso superar, e não algo de que me orgulhar. Quando Jesus diz: “Se eles se calarem, as pedras clamarão”, eu me sinto convencido. Temos ainda mais motivos para celebrar o Cristo ressuscitado hoje do que quando Jesus entrou em Jerusalém antes da crucificação.

Contudo, existem algumas advertências dadas aos participantes. Embora os apóstolos participassem de atividades sobrenaturais, ainda assim consideravam necessário incluir observâncias religiosas formais e estruturadas em seu culto (como os momentos de oração, Atos 3:1). Paulo enfatizou que a ordem era extremamente importante (1 Coríntios 14:40), e Apocalipse 19:20 nos diz que milagres e sinais podem enganar, assim como inspirar. Além

disso, Simão é repreendido por buscar um dom sobrenatural em vez do Doador (Atos 8:18-23).

É importante ressaltar também que a celebração religiosa ainda deve incluir reverência. Em meio à celebração do retorno da arca da aliança a Israel, aqueles que a carregavam certamente tinham o coração leve, mesmo carregando um fardo pesado. Música festiva — com tamborins, harpas, címbalos e trombetas — preenchia o ar. Davi e os israelitas celebraram “com todas as suas forças”. No meio dessa alegre celebração, a arca balançou levemente, e Uzá, esquecendo-se do que carregava, estendeu a mão para tocá-la e morreu instantaneamente (1 Crônicas 13:8-10).

Em meio a uma celebração, é fácil esquecer quão temível e majestoso Deus é. Sem reverência, porém, a celebração degenera em trivialidade superficial. É interessante notar que, em um salmo posterior, registrado em 1 Crônicas 16 — após a morte de Uzá — Davi inclui tanto celebração quanto reverência: “Cantem ao Senhor, cantem louvores a ele... Tremam diante dele, toda a terra!” (1 Crônicas 16). 16:9, 30). Davi havia aprendido sua lição: a celebração nunca deve perder contato com o que Jacó chamou de “Temor de Isaque” (Gênesis 31:42), o profundo reconhecimento da majestade de Deus demonstrado por Isaque.

O ato de celebrar nos lembra que temos muito a agradecer. Deus é digno de grande louvor, e quem mais cantará esse louvor senão aqueles que creem? Havia um grupo de monges gregos do século V conhecido como os “insones” porque frequentemente passavam o dia e a noite inteiros em louvor ininterrupto a Deus. A maioria de nós talvez não tenha forças para isso, mas lembremo-nos de que Deus é digno de ainda mais. Mesmo o nosso melhor (embora aceitável para Ele) sempre será muito aquém do que Deus merece. Mas, mais do que uma obrigação, a celebração é um privilégio. A adoração festiva leva à alegria, que é uma virtude fundamental que conduz à força espiritual (Neemias 8:10).

Criando

Uma das coisas mais difíceis que já fiz foi celebrar o funeral de um jovem que morreu de complicações decorrentes da AIDS. Ele nunca se casou e não teve filhos. Como tinha uma ficha criminal extensa, com antecedentes criminais tão longos que daria para preencher a tela de um computador, acabou morrendo na prisão. Os últimos anos de sua vida foram um verdadeiro tormento. Ele simplesmente não conseguia aprender a viver sem heroína (que foi como o vírus HIV entrou em seu organismo).

Este jovem tinha um grande potencial, mas morreu com a maior parte desse potencial por cumprir. Os cristãos acreditam, com razão, que a vida é um dom que Deus nos dá e que não devemos desperdiçá-la. Celebramos a Deus usando a vida que Ele nos deu para criar outras coisas. Seja construindo um negócio, escrevendo um poema, pintando um quadro ou plantando um jardim, criar algo pode ser uma experiência profundamente sagrada. Muito mais do que simples hobbies, essas atividades podem ser poderosas expressões de adoração. Uma das mais poderosas é... Um dos antídotos para o vício é a participação em diferentes atividades que tiram os viciados de si mesmos e os levam a atos criativos e construtivos.

Cristãos saudáveis criam. É da natureza do nosso Deus criar. Ele é apresentado em Gênesis 1 como o Criador de tudo. Uma das últimas imagens que nos são dadas no livro do

Apocalipse é a de Deus criando o novo céu e a nova terra. A Bíblia é literalmente estruturada em torno do ato de Deus criar.

Com o Espírito de Deus habitando em nós, também temos a necessidade de criar. Eu não criarei as mesmas coisas que minha esposa ou meus filhos criam, mas todos nós devemos encontrar alguma participação no ato da criação. É para isso que fomos feitos.

Ao considerar a criação como um ato de adoração, é preferível escolher algo em que você seja relativamente bom, ou pelo menos tenha inclinação para isso; a frustração é um obstáculo eficaz à adoração. Sem cair no perfeccionismo, faça o seu melhor para criar algo que brilhe para a glória de Deus. Deus lhe deu sua mente, suas mãos, sua força e sua habilidade; crie algo para devolver essa mente, força e habilidade a Deus.

Refleta cuidadosamente sobre como você pode cooperar com Deus para criar algo novo — como aquela paisagem pode ser restaurada, como um novo programa educacional pode restaurar vidas e esperança para os jovens, como uma escultura pode refletir a beleza de um tema celestial, como até mesmo um cirurgião plástico pode criar uma nova vida para uma criança com uma deformidade grave.

Reunindo-se

Quando o pastor Bill Hybels, da região de Chicago, usou o conceito de “caminhos sagrados” para falar a um grande grupo de pastores, ele contou a história de um pastor sincero que o procurou com um ar de derrota. O pastor explicou que havia decidido passar o fim de semana em um retiro de oração e estudo. Ele encontrou um local Com o mínimo de distrações possível, preparou-se para o que esperava ser uma experiência transcendental. Conforme os minutos se arrastavam, o pastor percebeu que não conseguiria passar a noite, muito menos um fim de semana inteiro. Desistiu, voltou para casa e foi até Bill em tom de confissão: “Como posso ser um pastor que ensina outros a orar se não consigo passar nem um fim de semana sozinho?”

Sabendo que esse pastor era uma pessoa muito sociável, Bill respondeu: “Você já pensou em trazer alguns amigos com você nesses retiros?”

O pastor olhou para ele com espanto e perguntou: “Isso é legal?”

Eis a liberdade por trás da abordagem dos “caminhos sagrados”: Será que Deus realmente se importa se você ora melhor em grupo ou sozinho — ou simplesmente que você esteja orando? Ele se preocupa se você prefere adorar caminhando pela floresta, passeando por um museu ou isolado em um quarto asséptico, sozinho — ou simplesmente que você esteja adorando? Ele se incomoda se alguém considera o estudo bíblico em um grupo como o de Beth Moore mais proveitoso do que estar sozinho com seus comentários e dicionários bíblicos — ou Ele se preocupa mais com o fato de a Palavra ser parte integrante da vida diária de cada crente?

Algumas pessoas veem os entusiastas como aqueles que trilham o “caminho relacional”. Embora eu valorize muito a solidão e acredite que todos podem se beneficiar dessa prática, como introvertido, é fácil para mim dizer isso. Os entusiastas, em geral, preferem passar mais tempo com outras pessoas do que sozinhos. Eles podem orar e adorar melhor em grupo. Se esse for o seu caso, meu conselho é: abrace essa ideia. Peça a amigos para se encontrarem com você uma, duas ou até três vezes por semana para orarem juntos, se você sabe que, ao fazer isso, se envolverá mais frequentemente em oração.

As tentações dos entusiastas

Embora o temperamento entusiasta aponte para muitas qualidades empolgantes, também existem diversas fraquezas inerentes sobre as quais os entusiastas precisam ser alertados.

Em busca de experiências por si só.

Buscar experiências milagrosas simplesmente pelo prazer de vivenciá-las nos torna viciados em drogas espirituais, que querem "ficar chapados". Este livro trata de aprender a amar a Deus, não de aprender a participar de um circo espiritual.

Os entusiastas precisam ter um cuidado especial para permanecerem fiéis à busca e ao amor a Deus, em vez de estarem sempre em busca de novas experiências. Quando buscamos "experiências espirituais" por si mesmas, elas podem, na verdade, se tornar e ser usadas para o mal.

Ser independente

Os entusiastas, talvez mais do que qualquer outro tipo de temperamento, precisam estar enraizados em uma igreja forte que possa responsabilizar cada fiel individualmente. Experiências sobrenaturais fora da supervisão da igreja são uma receita certa para o desastre. Morton Kelsey, que escreveu inúmeros livros sobre espiritualidade, observa: "A ideia de que a opinião religiosa de cada pessoa tem o mesmo valor é um absurdo, pois existe um corpo de conhecimento testado pelo tempo que pode ser transmitido pela igreja aos fiéis." ⁵

Embora as Escrituras sejam nossa autoridade final, é insensato ignorar a sabedoria aprendida com os crentes do passado e aplicada pelos crentes do presente. O apóstolo Paulo, que experimentou uma realidade espiritual que a maioria de nós só pode sonhar, fez questão de buscar o conselho e o apoio dos apóstolos em Jerusalém (Atos 15:1-21; Gálatas 2:1-10).

Equiparar "Bons Sentimentos" a "Boa Adoração"

A adoração pura é um ato de nossa vontade, no qual oferecemos nossa lealdade, louvor e gratidão a Deus. O simples fato de nos sentirmos bem durante um momento de adoração não significa que tenhamos oferecido nossa vontade de maneira apropriada. Por outro lado, o simples fato de nos sentirmos tristes ou desanimados não significa que não estejamos adorando a Deus de forma eficaz.

Os sentimentos vêm e vão. Os entusiastas não devem se desculpar por apreciá-los, mas devem evitar tornar-se dependentes deles.

A mensagem dos entusiastas

Às vezes, a vida pode sugar nossa alegria mais rápido do que ela pode ser reposta. Certa vez, eu conversava com um amigo que havia passado por dificuldades financeiras. Depois de muita luta, ele começou a se recuperar. Mas, justamente quando começava a ter novas esperanças, a empresa para a qual trabalhava recebeu uma avaliação de um consultor, o demitiu e lhe ofereceu outro cargo com um salário consideravelmente menor.

É difícil — e pode até parecer inadequado — manter-se positivo e entusiasmado diante de tantas mudanças. Por isso, o temperamento entusiasta costuma ser visto como desagradável, ingênuo ou imaturo. "Espere só até que eles abram os olhos", diriam alguns cínicos. "Aí eles não serão tão otimistas assim."

No início da minha carreira como escritor, lembro-me de conversar com um autor já publicado sobre uma ideia para um livro. Ele me contou todas as coisas ruins sobre o mercado editorial e basicamente disse que eu estava perdendo meu tempo. Um pastor

ouviu nossa conversa. Eu não o conhecia, mas sempre me lembrarei de suas palavras: “Não desista. Se Deus está te chamando para isso, vai acontecer.”

Para mim, aquele pastor era a voz do entusiasta. Em um tom cínico Em um mundo deprimido, os entusiastas apontam para a fé, o mistério e a expectativa. Quando a situação parece impossível, eles dizem: “Agora Deus *realmente* vai agir”. Deus nem sempre age da maneira que esperamos ou da maneira que desejamos, mas o desespero e o cinismo obscurecem a fé verdadeira tanto quanto o otimismo ingênuo obscurece a vida real.

Às vezes, Deus age de maneiras estranhas e poderosas. Pessoas são curadas milagrosamente; vidas são transformadas drasticamente; corações são desafiados, convencidos e encorajados por meio de um evento sobrenatural.

Uma amiga minha estava chorando no altar da conferência que havia participado, sabendo que Deus a estava chamando para libertar-se de seus medos em relação aos filhos e entregá-los a Ele. Enquanto ela estava ajoelhada orando, um pastor ansioso, que não tinha absolutamente nenhuma maneira terrena de saber o que estava acontecendo, aproximou-se e disse: “Estou muito nervoso em dizer isso, mas acredito que Deus quer que você ouça esta passagem das Escrituras.”

O pastor se voltou para a passagem em que Ana abandona Samuel. Minha amiga ficou emocionada, sabendo que Deus havia lido seu coração e estava lhe mostrando o caminho.

Eu sei, para cada história impactante como essa, existem pelo menos uma dúzia de casos em que as pessoas erram feio e dizem coisas sem sentido. Mas nada disso nega o fato de que as Escrituras e a história da Igreja estão repletas de relatos em que Deus age de forma misteriosa e poderosa, às vezes confrontando nações inteiras, outras vezes alcançando apenas um indivíduo. E meu amigo ficou profundamente encorajado por essa passagem oportuna.

Pessoalmente, não me considero um grande entusiasta. Prefiro caminhadas meditativas na floresta a celebrações barulhentas. Prefiro refletir sobre a verdade de uma passagem bíblica a dar ouvidos a um sonho. Mas devo admitir que não celebro a Deus nem um décimo do quanto Ele merece ser celebrado. E tenho uma tendência pecaminosa a recair em... Um “ateísmo” prático, que consiste em acreditar em Deus, mas sem esperar que ele aja de maneiras sobrenaturais.

Acredito que os entusiastas possuem um dom precioso e uma vocação especial, e espero que nunca deixem de celebrar e nunca deixem de acreditar, mesmo na noite mais escura.

CAPÍTULO 10

CONTEMPLATIVOS

Amar a Deus através da adoração

Você é um artista contemplativo?

Classifique as seguintes afirmações em uma escala de 0 a 5, sendo 0 "nada verdadeiro" e 5 "muito verdadeiro". Registre sua resposta no espaço fornecido.

Você é uma pessoa contemplativa?

_1. Sinto-me mais próximo de Deus quando minhas emoções são despertadas, quando Deus toca meu coração silenciosamente, me diz que me ama e me faz sentir como se eu fosse seu amigo mais íntimo. Prefiro estar a sós com Deus contemplando seu amor do que participar de uma liturgia formal ou me distrair com uma caminhada ao ar livre.

_2. Os momentos mais difíceis na minha fé são aqueles em que não consigo sentir a presença de Deus dentro de mim.

_3. As palavras *amante*, *intimidade* e *coração* me atraem muito.

_4. Eu realmente gosto de ter trinta minutos diários de tempo ininterrupto para sentar em oração silenciosa e "dar as mãos" a Deus, escrevendo cartas de amor para Ele e desfrutando de Sua presença.

_5. Novamente, numa escala de 0 a 5, o quanto a afirmação que descreve o clamor do coração do contemplativo ressoa em você em comparação com as outras?

•Naturalista: deixe-me estar ao ar livre.

•Sensível: deixe-me experimentar.

•Tradicionalista: deixe-me lembrar.

•Asceta: Deixe-me ficar sozinho.

•Ativista: Deixe-me conquistar.

•Cuidador: deixe-me cuidar de você.

•Entusiasta: Deixe-me comemorar.

•**Contemplativo: deixe-me sentir.**

•Intelectual: Deixe-me pensar.

_6. Quando penso em Deus, penso em amor, amizade e adoração mais do que em qualquer outra coisa.

Total de todas as suas respostas: _

Qualquer pontuação igual ou superior a 15 indica uma preferência por esse temperamento espiritual. Reserve um momento para registrar essa pontuação no capítulo 12 [aqui](#), para que você tenha um panorama completo do caminho da sua alma rumo a Deus.

Larry Crabb, autor de best-sellers e conselheiro cristão, provavelmente já participou de milhares de almoços e jantares sociais ao longo da vida, mas um em especial ficará marcado em sua memória. Durante uma palestra em uma conferência sobre jornada espiritual na Universidade Biola (na Califórnia), Larry compartilhou uma refeição com o Dr. James Houston, professor do Regent College (Vancouver, Colúmbia Britânica). Nas palavras de Larry: “Quando eu estava com ele, [...] senti algo vindo dele que tocou uma parte da minha alma que raramente é tocada...”. Fui para o meu quarto e literalmente chorei. Caí de joelhos e disse: ‘Senhor, pagarei qualquer preço para saber quem Tu és.’

Ao ler sobre esse encontro em uma publicação do Regent College, sorri com cumplicidade. Tive uma experiência semelhante nas aulas do Dr. Houston quando estudava no Regent College. Há algo nos homens e mulheres que se dedicam a conhecer a Deus que toca nossas almas de uma maneira profunda.

Pela aparência, pela fala e pelo caráter, o Dr. Houston tem todas as características de um cavalheiro inglês. Quando a Regent estava sendo construída a partir de duas antigas casas de fraternidade, o Dr. Houston removeu o papel de parede antigo usando camisa de mangas curtas e gravata. Ao observá-lo, não há nada de “místico” ou afeminado nele, de forma alguma, mas lembro-me de ter ficado fascinado ao ouvi-lo falar com tanta franqueza e abertura sobre “dar as mãos a Deus”.

De mãos dadas com Deus?

“Assim como dois amantes não fazem nada além de olhar nos olhos um do outro, assim nós olhamos com amor para o nosso Pai celestial e temos a alegria do nosso coração satisfeita.”

Ouvi essas palavras antes de o Dr. Houston me apresentar a Teresa de Ávila. Minha vida de oração, naquela época, consistia em uma lista de intercessões cada vez maior. Eu a dividia em dias diferentes para ter bastante tempo para “lutar” em oração. Mas o tipo de oração de que o Dr. Houston falava não tinha nada a ver com luta. Ele falava sobre dar as mãos e construir, em suas palavras, uma “amizade transformadora”. Essa foi uma das minhas primeiras introduções ao caminho da contemplação.

O contemplativo busca realizar a primeira obra de adoração a Deus. Deus é conhecido e descrito como o esposo celestial em quem se encontra toda a alegria do contemplativo. Ativistas e cuidadores são marcados pela obediência e pelo serviço; intelectuais, pela compreensão; enquanto entusiastas, pelo deleite. Os contemplativos buscam contemplar amorosamente a face de Deus e serem arrebatados pelo êxtase da experiência amorosa. Eles são marcados pela adoração.

A representação bíblica dos contemplativos

Uma das melhores descrições do papel dos contemplativos encontra-se na bênção de Moisés dirigida à tribo de Benjamim:

“Que o amado do Senhor descanse seguro nele,

pois ele o protege o dia todo,

E aquele a quem o Senhor ama repousa entre os seus ombros.”

“Repousar entre os ombros de Deus” é o passatempo favorito dos contemplativos. Eles querem desfrutar de Deus e aprender a amá-lo de maneiras cada vez mais profundas. Os contemplativos nos lembram que Deus não busca servos obedientes, porém impassíveis, mas sim aqueles que experimentam um amor apaixonado tão forte que queima todos os outros laços. Até mesmo o Antigo Testamento descreve uma relação de amor entre Deus e seu povo escolhido:

O Senhor não vos escolheu por serdes mais numerosos do que os outros povos, pois éreis o menor de todos os povos. Mas foi porque o Senhor vos amou e cumpriu o juramento que fez aos vossos antepassados que vos tirou com mão poderosa e vos resgatou da terra da escravidão.

DE EUTERONOMIA 7:7-8

Preste atenção especialmente às passagens-chave do Salmo 63 de Davi.

Tu, Deus, és o meu Deus,
Eu te procuro com fervor;
Eu anseio por você,
Todo o meu ser anseia por você,
em uma terra seca e ressequida
onde não há água...
Porque o teu amor é melhor que a vida,
Meus lábios te glorificarão...
Ficarei plenamente satisfeito, como se estivesse saboreando a mais rica das iguarias;
Com lábios cantantes, minha boca te louvará.
Na minha cama, eu me lembro de você;
Penso em você durante as vigílias da noite...
Eu me apego a você;
A tua mão direita me sustenta.

Salmo 63 :1, 3, 5-6, 8

Com essas palavras apaixonadas e sinceras, Davi cumpre a ordem dada à comunidade de fé em Deuteronomio 6:5: “Ame o Senhor, o seu Deus, de todo o seu coração, de toda a sua alma e de todas as suas forças”. Uma devoção superficial e calculada não basta para o nosso Deus. “Assim diz o Senhor: ‘Este povo se aproxima de mim com a boca e me honra com os lábios, mas o seu coração está longe de mim’” (Isaías 29:13).

O amor de Deus por seu povo é tão intenso que, quando Israel se afasta de Deus, o ato é frequentemente comparado à traição do adultério. Em Jeremias, Deus recorda com carinho o relacionamento de amor que teve com Israel: “Lembro-me da devoção da tua mocidade, de como me amaste como noiva e me seguiste pelo deserto” (Jeremias 2:2). Deus sente nossa rejeição tão profundamente que sua dor com o nosso afastamento não é menor do que a de um marido que descobre a infidelidade da esposa. Podemos pensar: *Deus não precisa de mim!* Na realidade, é claro, ele não precisa precisar de nós, mas escolhe precisar de nós no sentido de que sente profundamente nossa rejeição ou nosso retorno apaixonado.

Houve uma época na minha vida em que eu pensava que o cristianismo se resumia à obediência, e que a questão fundamental era se eu iria para o céu ou para o inferno. Conforme fui amadurecendo, descobri que o cristianismo tem a ver com intimidade com o Pai, e que a obediência flui do amor apaixonado. Passei a me relacionar com o céu e o inferno menos como lugares e mais como descrições de comunhão ou separação de Deus.

(Estou falando figurativamente, é claro. Tanto o céu quanto o inferno têm uma existência literal separada, independente desse sentido de relacionamento.)

Infelizmente, ao longo da história da fé, alguns homens e mulheres bem-intencionados não conseguiram compreender a profundidade e o chamado dessa relação de amor com Deus, preferindo transformar a fé em listas éticas de "faça isso" e "não faça aquilo". Essa obediência mecânica, desprovida de adoração, não é a fé que Jesus representou. Quando uma mulher derrama extravagantemente um perfume caro sobre a cabeça de Jesus, alguns discípulos protestam veementemente, mas Jesus defende seu ato como uma oferta de amor aceitável, aceitável até mesmo mais do que dar aos pobres. O ato é tão repleto de adoração e amor, e tão aceitável aos olhos de Jesus, que Ele promete: "Em todo o mundo, onde quer que este evangelho seja pregado, também o que ela fez será contado, para sua memória" (Mateus 26:13).

Não é incomum que os contemplativos sejam incompreendidos e julgados pelos outros. Marta, ocupada em seu serviço a Jesus, viu-se repreendida, não por cumprir seu dever, mas por julgar Maria, uma contemplativa (Lucas 10:38-42). Jesus não estava disposto a distrair Maria de sua vocação de contemplar amorosamente a face do Senhor.

O ativista pode ter dificuldade em aceitar a contemplação como um caminho legítimo para a adoração. O tradicionalista pode achar a contemplação superficial. O intelectual pode considerar a adoração contemplativa um verdadeiro mistério. O entusiasta pode achá-la entediante. Mas para Deus, a adoração contemplativa é preciosa, valorizada e recompensada.

Amados de Deus

Para alcançar a devoção contemplativa, os cristãos devem começar por esvaziar suas vidas daquilo que sufoca o seu desejo. por Deus. Essas coisas podem não ser necessariamente pecaminosas; o excesso de atividades, por si só, pode matar a contemplação sincera. Em *Sede de Deus*, escrevo longamente sobre "cultivar a quietude" e a disciplina cristã da submissão; portanto, aqui nos lembremos de outro escritor, Thomas Merton:

O fato é que a contemplação não será concedida àqueles que voluntariamente se mantêm distantes de Deus, que limitam sua vida interior a alguns exercícios rotineiros de piedade e a alguns atos externos de culto e serviço realizados por obrigação...

Deus não se manifesta a essas almas porque elas não o buscam com verdadeiro desejo. ²

Embora eu tenha explicado anteriormente que minha disciplina de uma hora diária de silêncio precisou ser alterada em alguns aspectos, descobri que algum tipo de momento de silêncio ainda é essencial, mesmo que seja apenas para direcionar meu desejo de servir e agradar a Deus durante o resto do dia. A manhã é o momento crucial para mim, pois ela influencia o restante do meu dia com o que Merton chama de "desejo verdadeiro".

Tomás de Aquino explica que a contemplação será negada a um homem na proporção em que ele pertence ao mundo. Não podemos nos obrigar a amar a Deus, mas podemos preparar o caminho e, segundo Aquino, o desejo é o mais importante na vida contemplativa.

No estudo da espiritualidade cristã, a verdadeira contemplação é, na verdade, uma experiência com começo e fim pela qual os cristãos passam. A contemplação geralmente não é considerada um estado de vida em que alguém existe, então estou adaptando um pouco o termo quando o uso como um rótulo para um temperamento espiritual.

Eis como um escritor explica a descrição que Agostinho faz dessa experiência:

O ato de contemplação é [caracterizado por Agostinho] como “a percepção de Algo Imutável”, acompanhada de uma maravilhosa alegria interior. Seu efeito sobre a alma é fazê-la sentir desprezo pelas coisas exteriores e ser arrebatada pelas coisas interiores. Mas, após o breve momento de percepção, a alma, sobrecarregada pelo fardo de sua fraqueza, retorna ao seu nível ordinário e à sua experiência normal: e esse retorno, por assim dizer, do outro mundo é motivo de tristeza e de anseio por uma renovação da experiência. Aqui se enfatiza o testemunho de todos os místicos quanto à natureza transitória do ato de contemplação.

Fui tentado a chamar esse temperamento de “Amado”, porque a contemplação cristã tem menos a ver com experiência mística do que com adoração. Jesus foi enfático ao afirmar que a vida espiritual se baseia no amor, não em leis. O maior mandamento, disse ele, é amar o Senhor nosso Deus com todo o nosso coração, alma, mente e força (Marcos 12:30). Jesus disse aos seus discípulos: “Já não os chamo servos... Em vez disso, chamei-os amigos” (João 15:15).

Servo é uma palavra que indica ação; *amigo* é uma palavra que indica presença. O que os servos fazem? Cozinham, limpam e assim por diante. Um amigo, no entanto, é algo que você é, não algo que você faz. Um servo é Marta; um amigo é Maria.

Para os nossos propósitos, descreverei a contemplação como uma forma de “oração de mãos dadas”, na qual o cristão repousa na presença de Deus. Thomas Merton escreve que “há tantos cristãos que praticamente não têm ideia do imenso amor de Deus por eles e do poder desse Amor para lhes fazer o bem, para lhes trazer felicidade”.⁵ Mas os contemplativos vivem para esse amor. Eles não desejam nada mais do que um pouco de privacidade e silêncio para contemplar a face de seu amado celestial e entregar-se completamente a Deus.

É impossível compreender o contemplativo sem ele. Essa motivação é o amor. Muitas pessoas pensam nos místicos como solitários ou até mesmo, em um contexto ascético, como masoquistas. Mas, na verdade, os contemplativos simplesmente querem se banhar no oceano de amor que Deus tem por seus filhos, enquanto o resto de nós parece tristemente satisfeito em experimentar esse amor gota a gota.

Sem hesitação, sem qualquer senso de obrigação, os contemplativos apreciam Jesus com adoração pura. O tempo é um dos melhores presentes que podemos dar a Deus, e os contemplativos desejam dar-Lhe bastante tempo.

É importante mencionar outra distinção crucial para a adoração dos contemplativos. Os contemplativos buscam a percepção do ser ou da presença de Deus, mas isso é algo diferente de uma visão divina da essência de Deus. Pode ser que Paulo e Moisés tenham sido agraciados com tais experiências, mas esses são eventos verdadeiramente incomuns, miraculosos e, sem dúvida, muito raros. Quando falo em buscar a face de Deus, então, geralmente não me refiro tanto a ver a face de Deus em si, mas sim a estar consciente de sua presença.

Atos de Contemplativos

Existem muitas formas de oração e atividade que os contemplativos podem utilizar, além da oração contemplativa em geral. Vejamos algumas delas.

A Oração de Jesus

Historicamente, os contemplativos da Igreja Ortodoxa têm feito grande uso da Oração de Jesus. Encontram-se diversas versões ao longo dos séculos e em diferentes países, mas

talvez a mais popular seja esta: “Senhor Jesus Cristo, Filho de Deus, tende piedade de mim, pecador”. Às vezes, uma versão ainda mais curta é utilizada. Pode-se usar essa forma. Cassiano, um famoso monge do século V, usava a oração: “Vem em meu auxílio, Deus; Senhor, apressa-te em me socorrer.” ⁶

O propósito da Oração de Jesus é praticar a presença de Deus. A utilidade dessa oração foi comprovada ao longo dos séculos. Ela também foi ocasionalmente usada de forma abusiva, tornando-se um fim em si mesma. Um monge, por exemplo, começou recitando-a 10.000 vezes por dia, chegando eventualmente a mais de 100.000 vezes diárias. Isso apenas demonstra que uma boa prática pode ser levada ao absurdo. Se estivermos tão preocupados com a quantidade de vezes que repetimos algo, deixamos de nos concentrar no porquê de estarmos dizendo aquilo. (Gostaria de saber quem estava contando!)

O principal objetivo da Oração de Jesus é nos ajudar a lembrar de Deus. Reconhecendo que nossa mente naturalmente divaga, a Oração de Jesus nos lembra constantemente de tudo o que é fundamentalmente verdadeiro: Jesus é o Senhor, Ele é o Filho de Deus, somos pecadores e precisamos da Sua misericórdia. Quando realmente sabemos quem somos e quem Ele é, a vida se transforma.

Quando estou ansioso (antes de uma palestra ou sermão importante, por exemplo), assustado, tenso, espiritualmente vazio ou enfrentando tentações, e não sei como orar, descobri que a Oração de Jesus me chama a uma humilde dependência de Deus. Percebi que ela realmente me ajuda a "praticar a presença de Deus". Ela tem todos os elementos de uma oração adequada: reconhecer Jesus como Senhor, pedir humildemente por sua ajuda e misericórdia e admitir o pecado. A forma mais pura de oração se dirige ao Pai em nome de Jesus. Mas a Oração de Jesus é um lembrete de que Jesus é o Senhor, de que sou pecador e de que preciso de sua misericórdia.

Atos Secretos de Devoção

Era uma noite fria de dezembro. O dia seguinte era véspera de Natal. Como eu era um jovem universitário que ainda morava com meus pais durante os intervalos e férias, eu tinha que sair escondido da casa deles, pegando uma mochila antes de sair silenciosamente. Um jovem na rua no meio da noite geralmente significa problemas, ou pelo menos papel higiênico no caminho. as árvores. Eu já tinha feito a minha parte nisso, mas desta vez a minha intenção era diferente. Eu queria dar um presente a Jesus.

Mais cedo naquele dia, eu havia escolhido um presunto em um supermercado local e rabiscado "Feliz Natal" na sacola. Agora, eu o estava deixando na varanda da frente da casa de uma família com dificuldades financeiras que havia perdido o pai para um caso extraconjugal apenas alguns meses antes. Até agora, muitos anos depois, nunca contei a ninguém sobre esse ato. Eu estava praticando meu primeiro ato secreto de devoção. (Agora acho que perdi um!)

Gosto de encorajar todos os cristãos, mas especialmente aqueles que são predominantemente contemplativos, a se envolverem em "atos secretos de devoção". Um ato secreto de devoção é algo que você faz — dar um presente anônimo, ajudar alguém "nos bastidores", enviar um cartão — sem que ninguém, nem mesmo a pessoa que se beneficia, saiba que você teve algo a ver com isso.

A importância do segredo reside em garantir que você o esteja fazendo por amor a Deus, e somente por amor a Deus. Qualquer relacionamento íntimo tem seus segredos; marido e

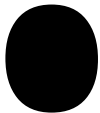
mulher compartilham coisas entre si que jamais compartilhariam com mais ninguém. Em nosso relacionamento — e romance — com Deus, parte da intimidade é compartilhar segredos com Ele. Da parte de Deus, esses segredos podem ser algo que Ele compartilhou conosco ou fez por nós, e que não devemos compartilhar com mais ninguém. (Jesus certa vez curou um homem e lhe disse para não contar a ninguém sobre isso — Marcos 8:26; veja também o versículo 30.) Da nossa parte, pode ser um serviço que prestamos e que ninguém jamais saberá. Alguns exemplos de atos secretos de devoção podem incluir:

- Oferecer uma doação anônima em dinheiro a alguém necessitado.
- Elaborar um poema ou carta escrita para Deus e depois queimada.
- cantar uma determinada canção somente na presença de Deus
- Fazer uma caminhada “secreta” ou uma vigília noturna na presença de Deus.



Estabelecer um lugar secreto de devoção onde você vá frequentemente para encontrar-se com Deus.

- Participar de orações intercessórias intensivas e jejum



Fazer um voto de renunciar a algo permanentemente ou por um período de tempo para simbolizar como suas necessidades mais importantes são atendidas em Deus.



Adotar um símbolo do seu amor por Deus, que você carrega no bolso ou usa como colar ou anel.



Trabalhando “nos bastidores” para ajudar uma pessoa desempregada a conseguir um emprego.

- Enviar uma mensagem anônima de encorajamento a um pastor ou amigo.



Plantar uma árvore ou semear flores silvestres num campo para celebrar Deus, o Criador.

Com a prática, você vai se lembrar de muitos outros atos secretos de devoção por conta própria.

Oração Dançante

Ao falar em *dança*, não me refiro a movimentos corporais, embora alguns contemplativos possam achar essa atividade significativa. Em vez disso, quero dizer que, assim como a mulher tradicionalmente permite que o homem conduza na dança de salão, também permitimos que Deus nos conduza em nossas orações.

A intercessão vigorosa, a luta em oração e a apresentação de nossos pedidos a Deus têm seu lugar. Mas permitir que Deus fale e nos apresente pedidos também tem seu lugar. A

oração em movimento é aquela em que permitimos que Deus nos guie. É presunçoso supor que sequer sabemos pelo que mais precisamos orar; quão necessário é, então, deixar Deus assumir a liderança.

É aqui que nós, no Ocidente, podemos crescer mais na oração. A oração ocidental é tão motivada e centrada no ser humano — *nós* decidimos quando orar, como orar e sobre o que orar. Quando tivermos dito o que tínhamos a dizer, levantamo-nos e seguimos o nosso próprio caminho.

A oração em forma de dança é um ato de humildade: “Senhor, eu não sei como orar ou sobre o que orar. Estou me colocando diante de Ti. Sobre o que devemos conversar?” Deus pode nos conduzir ao arrependimento, à celebração, à intercessão, à introspecção ou a inúmeras outras coisas. O elemento importante na oração em forma de dança é estarmos quietos o suficiente para que Deus possa nos guiar, como um bom dançarino, enquanto oramos.

Para nutrir meu relacionamento com Deus, preciso aprender a ouvir Sua voz, a me colocar no Seu lugar e a buscar compreender Sua perspectiva. Há momentos em que preciso abrir meu coração para Ele, mas jamais quero que minha vida de oração se transforme em um monólogo.

Contemple esta imagem — *dançando com Deus* — e deixe o Espírito Santo guiá-lo enquanto você ora.

Oração Centrante

A oração contemplativa tem sido praticada ao longo dos séculos como um auxílio prático para cristãos cujas mentes se dispersam quando desejam simplesmente contemplar e absorver a presença de Deus. Ela tem sido um pilar da espiritualidade ortodoxa oriental, mas também tem sido amplamente praticada entre católicos romanos, bem como por muitos protestantes. Na oração contemplativa, você escolhe uma palavra (*Jesus* ou *Pai* , por exemplo, ou talvez *esperança* ou *amor*) como foco para a oração contemplativa; à medida que sua mente se dispersa, você repete a palavra para trazer seus pensamentos de volta a Deus.

É difícil descrever isso para a mente ocidental. Pensamos: “Bem, o que eu faço agora?”. Mas a oração contemplativa é um ato contemplativo no qual você não faz *nada* ; você simplesmente repousa na presença de Deus. Concentrar-se em Deus Pai, Filho e Espírito Santo, ou na beleza da Trindade, ajuda você a ter uma âncora para sua contemplação, para que seus pensamentos não dispersem em busca de mais estímulos. Conforme os pensamentos se dispersam, você simplesmente repete a palavra em seu coração, centrando-se mais uma vez, para trazê-lo de volta ao foco.

Fui atacado por alguns que acreditam que esta é uma prática perigosa, que beira a espiritualidade da Nova Era ou o movimento da Meditação Transcendental. Os cristãos praticavam a oração contemplativa muito antes de a MT perverter qualquer forma dela. Se os cristãos evitassem tudo o que as falsas religiões tentaram cooptar, não poderíamos jejuar (muitas outras falsas religiões jejuam), nem orar ou pregar, e certamente não poderíamos celebrar o Natal.

Acredito que denegrir a oração contemplativa como “meditação com mantra” revela uma profunda incompreensão e uma deturpação de uma prática valiosa nas tradições cristãs orientais. Dito isso, meu conselho seria: se esse tipo de oração lhe causa nervosismo, não a

pratique! Eu pessoalmente não pratico a oração contemplativa, mas isso se deve às minhas próprias fraquezas e limitações. Certamente não se trata de orgulho ou de uma condenação daquilo que se mostrou útil para tantos fiéis ao longo dos séculos.

Algumas tradições cristãs consideram as orações ansiosas e prolixas dos crentes ocidentais como uma distração em vez de uma ferramenta eficaz. João Clímaco (final do século VI ao início do século VII), autor de uma obra clássica sobre a vida cristã, expressou isso da seguinte maneira:

Que não haja elegância estudada nas palavras de sua oração... não se lance em longos discursos que desperdiçam sua mente em esforços para obter eloquência. Uma só palavra proferida pelo publicano tocou a misericórdia de Deus; uma única palavra cheia de fé salvou o bom ladrão. Muitas palavras na oração frequentemente enchem a mente de imagens e a distraem, enquanto muitas vezes uma única palavra a leva à lembrança ¹

O propósito da oração contemplativa não é cultivar sentimentos ou criar uma “experiência espiritual”; é simplesmente repousar e desfrutar da bendita presença de Deus. Para aqueles que questionam isso, basta olharmos para o exemplo humano. O amor mais profundo é muitas vezes aquele que nos permite repousar na presença de outra pessoa sem dizer ou fazer nada. Qualquer coisa, simplesmente desfrutar da companhia um do outro. Se um marido pode sentir isso com sua esposa, ou uma irmã com seu irmão, ou uma mãe com seu bebê, por que os cristãos não podem desfrutar disso com seu Deus?

Oração do Coração

O desafio dos contemplativos é ir além do exercício puramente intelectual que compõe de 90 a 100% de nossas orações. Quando nós, ocidentais, pensamos em *oração*, a maioria de nós pensa em falar com Deus. Outros cristãos, no entanto, descobriram que existe uma oração do coração que, embora não substitua a oração da mente, é um ingrediente essencial para uma vida plena de oração.

Deus nos criou com mais do que faculdades intelectuais ou cerebrais, contudo, fazemos pouco para desenvolver o elemento emocional do nosso ser. Um escritor descreve isso da seguinte maneira:

Jamais alcançaríamos a verdadeira paz e plenitude se apenas nossas faculdades cerebrais estivessem envolvidas na conversa com Deus. E, no entanto, é um fato que, em comparação com o treinamento racional e cognitivo avassalador, recebemos muito pouca educação em nosso desenvolvimento emocional. Frequentemente, a dimensão afetiva dos adultos é infantil ou de uma crueza que beira a bárbara ²

A oração do coração não nos chama a abandonar a mente. Mas nos chama a usar a mente para nos concentrarmos no coração. O que sentimos ao entrar na presença de Deus? Nossa adoração está centrada em Deus ou em outra coisa? Estamos contentes em desfrutar da presença de Deus ou estamos inquietos demais para aquietar a mente por alguns minutos? O fato de nossa fé não dever ser governada por nossos sentimentos não significa que os sentimentos sejam irrelevantes ou mesmo sem importância. Deus criou nossas emoções com um propósito. É verdade que não podemos confiar totalmente nelas, mas também é verdade que bloqueamos parte de nosso verdadeiro eu se as ignorarmos completamente.

A oração do coração, assim como a oração contemplativa, é mais uma oração de "ser" do que de "fazer". Seu objetivo não é obter uma resposta de Deus, fazer um pedido a Deus, receber uma revelação de Deus ou mesmo expressar nosso compromisso com Deus. Em vez disso, a oração do coração se concentra na ligação emocional com Deus, ou na adoração a Deus. Ela desenvolve e amadurece a faculdade afetiva de nossas almas, tão frequentemente

debilitada em nossa sociedade. Seu objetivo é amar a Deus, expandir nossos corações para que Deus nos reconheça cada vez mais. A oração contemplativa se concentra em estar com Deus e em ter plena consciência de Sua presença.

Estações da Cruz

Recordar as estações da Via Sacra tem sido historicamente um método popular de contemplação. Os cristãos simplesmente oram percorrendo os vários eventos que cercam a crucificação de Jesus, talvez começando pelo Getsêmani e prosseguindo a partir dali:

a sentença de morte dada a Jesus

Jesus recebendo a sua cruz

Jesus caindo

Simão ajudando Jesus a carregar a cruz.

Jesus caindo pela segunda vez

Mulheres de luto por Jesus

Jesus caindo novamente

Jesus sendo despojado de suas vestes

Jesus sendo pregado na cruz

Jesus chamando João e Maria

Jesus morrendo na cruz

Jesus sendo retirado da cruz

Jesus sendo colocado no túmulo

Ao percorrer as estações da Via Sacra, em cada ponto, faça uma pausa e visualize a verdade das Escrituras em sua mente. O quê? O que estava acontecendo? O que você pode aprender com o sacrifício e a obediência de Jesus? Não há orações específicas para cada estação, então deixe o Espírito Santo guiá-lo em suas orações.

Rezar seguindo as estações dará uma estrutura concreta às suas orações contemplativas, ao mesmo tempo que permitirá insights e pedidos espontâneos.

Oração Meditativa

Inácio de Loyola, em *seus Exercícios Espirituais*, contribuiu para popularizar a oração mental. Em seu livro, ele oferece diversos exemplos de oração mental ou contemplativa, e aqueles que se interessam particularmente por esse tipo de oração fariam bem em adquirir um exemplar desse clássico.

Inácio fala sobre a reflexão em oração de um texto bíblico ou de um tema específico, ou sobre o uso em oração de um objeto (algo que se pode ver, saborear, tocar, ouvir ou cheirar), refletindo sobre suas lições práticas. Cada momento de oração deve começar com a humilde submissão da vontade a Deus e terminar com o retorno a Deus em um encontro pessoal genuíno.

Muitas dessas formas de oração podem parecer novas — e um tanto desconfortáveis — para alguns. A dificuldade de escrever sobre elas é semelhante a receber como tema “Como se apaixonar”. Os relacionamentos, incluindo o nosso relacionamento com Deus, são dinâmicos. Os exercícios que mencionei provaram ser úteis na vida de outros cristãos, mas a verdade empolgante é que todos os cristãos podem construir suas próprias histórias na jornada de amar a Deus.

As tentações dos contemplativos

Incorporar elementos contemplativos em nossas expressões de fé traz muitos benefícios, mas também apresenta perigos. Os cristãos contemplativos devem estar especialmente atentos a quatro deles.

Perder o equilíbrio

Em nosso desejo saudável de encontrar alegria e amor em Deus, às vezes limitamos a maneira como Deus pode revelar seu amor. Deus quer que nos deleitemos nele, sim, mas também quer que nos deleitemos nas pessoas e no mundo que ele criou. Os contemplativos às vezes cometem o erro de criar uma dicotomia secular/sagrado, na qual seu amor por Deus os impede de desfrutar da companhia de outros ou de algo que Deus criou.

Os contemplativos saudáveis compreenderão que relacionamentos humanos ricos são uma forma de desfrutar do amor de Deus, assim como a oração solitária e íntima. Boa música, a beleza da natureza, a arte e o lazer contêm pequenas celebrações de Deus como Criador, para que possamos amá-Lo enquanto apreciamos a maravilha de Sua criação.

Não exclua o prazer de outras coisas além de Deus em seu zelo por amá-Lo com mais paixão. Deus pode se revelar a nós tanto em uma conversa com um irmão na fé quanto quando estamos de joelhos em oração.

Absorvendo o ego

Algumas formas de contemplação se afastam dos preceitos do cristianismo ortodoxo, e os contemplativos devem estar atentos a elas. Em particular, devemos evitar qualquer meditação que convoque nosso ego a ser absorvido por Deus, em vez de nos encorajar a nos relacionarmos com Ele. Deus é sempre Deus, e nós somos sempre humanos — e “os dois jamais se encontrarão”. Podemos nos relacionar com Deus, mas não podemos ser absorvidos por Ele. Tal insensatez não é pensamento cristão.

Cuidado com práticas que falam simplesmente em “esvaziar-se” e criar um vácuo. Um cristão deseja ser cheio do Espírito Santo, não esvaziado. Jesus falou de um homem que foi liberto de um demônio, mas que ficou em pior situação porque, permanecendo vazio, logo foi possuído por uma legião de demônios (Mateus 12:43-45).

Esquecendo a virtude

Historicamente, o papel contemplativo surgiu do ascetismo por esta razão: grandes místicos sustentavam que não há progresso na fé sem uma diminuição do vício. Não podemos contemplar a face gloriosa de Deus enquanto desejamos em nossos corações os prazeres pecaminosos do mundo. Os contemplativos devem ir além de uma paixão adolescente para que incorporem autodisciplina e autocontrole em suas vidas. Assim como o casamento deve levar duas pessoas além de uma simples paixão para um compromisso baseado no sacrifício pessoal, os contemplativos devem ir além da mera meditação (o fracasso de algumas religiões orientais e passageiras) para um alinhamento de sua vontade com a vontade de Deus e para a conformidade com Jesus Cristo.

Viciando-se em experiências espirituais

Os antigos viam a contemplação como um prenúncio das alegrias celestiais. Raramente era descrita como algo que pudesse ser esperado que continuasse indefinidamente na Terra. Os sentimentos espirituais podem ser tão intensos — Agostinho certa vez os descreveu como uma “santa embriaguez” — que não queremos deixá-los ir. Os contemplativos terão que aceitar que, assim como os corpos terrenos têm seus limites, as almas e as emoções terrenas também os têm. Devemos ser gratos pelas alegrias espirituais que recebemos, mas

também tolerantes com sua natureza transitória. Devemos também ter cuidado com a “gula espiritual”, na qual começamos a buscar os sentimentos em vez de Deus.

A Mensagem dos Contemplativos

Ao crescer, parecia-me que os “gigantes” da fé cristã eram os homens e mulheres que haviam realizado grandes coisas para Deus — os grandes líderes, autores, pregadores e servos. Seus diplomas, realizações e currículos eram longos e elaborados assuntos. Talvez tivessem iniciado movimentos inteiros ou levado dezenas de milhares de pessoas à salvação. Podia-se “julgar” a santidade de uma pessoa pelo tempo que levava para apresentá-la antes que ela falasse.

Os contemplativos nos apontam numa direção completamente nova. Todo o nosso trabalho pode nos parecer absolutamente essencial, mas pergunto-me se isso não se deve apenas a uma visão inflada da nossa própria importância. Ou talvez o nosso trabalho seja mais uma tentativa de validar a nossa própria existência do que uma expressão do nosso verdadeiro amor por Deus.

Os contemplativos nos lembram de um fato surpreendente: existe algo que cada cristão pode fazer e ninguém mais pode — oferecer seu amor e afeição pessoal a Deus. Deus pode levantar muitos evangelistas, mestres, escritores e testemunhas, mas somente eu posso oferecer meu amor e afeição pessoal a Ele. Meu cônjuge, pastor ou colega de trabalho não podem fazer isso por mim. Somente eu posso dar a Deus esse amor, um amor que Ele tanto deseja.

Imagine que você tivesse seis filhos. Cinco deles te amavam profundamente, enviavam cartões e cartas regularmente e faziam questão de te lembrar constantemente de sua devoção. O outro filho foi embora há alguns anos, dizendo: “Eu te odeio e nunca mais quero te ver. Para mim, eu não tenho pais”. O amor dos cinco apagaria completamente a dor que você sentiria pela alienação daquele filho rebelde? Certamente que não. Incrivelmente, o mesmo acontece com Deus. Só porque Ele tem a devoção da minha esposa, de Rick Warren ou de Beth Moore, não significa que Ele não deseje a minha. E eu sou a única pessoa que pode lhe dar *meu* amor e adoração.

Os contemplativos e místicos talvez sempre sejam vistos com desconfiança porque seu serviço a Deus é muito privado, mas esse amor privado é prezado por Deus. M. Basil Pennington descreveu isso desta forma:

Já me deparei diversas vezes com essa situação em terapia de casal. O casal está infeliz. A esposa está insatisfeita e o marido não consegue entender o porquê. Ele então começa um longo relato de tudo o que... Ele está fazendo tudo por ela. Está trabalhando em dois ou três empregos, construindo uma casa nova, comprando tudo para ela. Mas a tudo isso a esposa responde calmamente: Se ao menos ele parasse por alguns minutos e se dedicasse a mim! Às vezes penso que Deus, ao nos ver correndo para fazer o bem, diz para si mesmo: Se ao menos eles parassem por alguns minutos e se dedicassem a mim! ¹⁰

Cabe a cada um de nós amar a Deus com esse tipo de fervor.

CAPÍTULO 11

INTELECTUAIS

Amar a Deus com a mente

Você é um intelectual?

Classifique as seguintes afirmações em uma escala de 0 a 5, sendo 0 "nada verdadeiro" e 5 "muito verdadeiro". Registre sua resposta no espaço fornecido.

Você é um intelectual?

- _1. Eu me sinto mais perto de Deus quando aprendo algo novo sobre Ele que eu não entendia antes. Minha mente precisa ser estimulada. É muito importante para mim saber exatamente no que acredito.
- _2. Eu me frustro quando a igreja se concentra demais em sentimentos e experiências espirituais. De importância muito maior é a necessidade de compreender a fé cristã e ter uma doutrina correta.
- _3. As palavras *conceitos* e *verdade* me atraem muito.
- _4. Eu me sinto próximo de Deus quando participo de um período de estudo ininterrupto — lendo a Palavra de Deus ou bons livros cristãos e, em seguida, talvez tendo a oportunidade de ensinar ou participar de uma discussão com um pequeno grupo.
- _5. Novamente, numa escala de 0 a 5, o quanto a afirmação que descreve o clamor do coração do intelectual ressoa com você em comparação com as outras?

•Naturalista: deixe-me estar ao ar livre.

•Sensível: deixe-me experimentar.

•Tradicionalista: deixe-me lembrar.

•Asceta: Deixe-me ficar sozinho.

•Ativista: Deixe-me conquistar.

•Cuidador: deixe-me cuidar de você.

•Entusiasta: Deixe-me comemorar.

•Contemplativo: deixe-me sentir.

•**Intelectual: Deixe-me pensar.**

- _6. Gasto mais dinheiro com livros do que com música.

Total de todas as suas respostas: _

Qualquer pontuação igual ou superior a 15 indica uma preferência por esse temperamento espiritual. Reserve um momento para registrar essa pontuação no capítulo 12 [aqui](#), para que você tenha um panorama completo do caminho da sua alma rumo a Deus.

“Não, não, não”, disse o pastor, balançando a cabeça. “Tenho certeza de que ficava no canto noroeste.”

“Sinto muito”, disse o outro pastor, aquele que dirigia o carro, “mas eu sempre defendi a perspectiva do sudeste”.

O primeiro pastor olhou para o atlas mais uma vez. “Não, não pode ser”, disse ele, apontando para um local próximo ao canto sudeste. “Tem que ser aqui”, e seu dedo percorreu o mapa de cima para baixo.

Era difícil não sorrir enquanto nosso carro seguia para o norte. Era um dia quente de verão e estávamos a caminho de uma convenção denominacional onde faríamos uma apresentação conjunta. À medida que outros carros passavam, Eu conseguia imaginar as conversas — os últimos resultados do beisebol, as fusões empresariais mais recentes ou talvez alguma fofoca de Hollywood. Mas eu tinha quase certeza de que nem um em um milhão de pessoas em um carro conseguiria adivinhar o que os homens no nosso carro estavam discutindo: um debate de tirar o fôlego sobre a localização do Portão das Ovelhas na Jerusalém antiga! E pensar que, na minha ignorância teológica, eu sempre achei que o verdadeiro debate era entre calvinistas e arminianos, ou pré-milenistas, pós-milenistas e amilenistas. Quem diria que as pessoas realmente debatiam a localização do Portão das Ovelhas? (Entre nós, eu nem sabia que existia *um* Portão das Ovelhas.)

Essas discussões um tanto tolas explicam em parte por que tanto desprezo é frequentemente direcionado à busca intelectual em alguns setores da igreja. Provavelmente todos nós já ouvimos alguém dizer, com grande condescendência na voz: “A fé de fulano está toda na cabeça dele”. Embora uma cabeça cheia de informações, dissociada de um coração repleto de paixão, *seja* um grande perigo, a verdade é que o próprio Jesus exaltou o papel do intelecto quando nos exortou a amar o Senhor nosso Deus com todo o nosso coração, alma, *mente* e força (Marcos 12:30).

Para alguns entusiastas e contemplativos, é difícil compreender o quão poderosamente alguns de nós podemos ser atraídos ao Senhor por meio de uma mente estimulada. Quando as mentes dos intelectuais são despertadas, quando compreendem algo novo sobre Deus ou sobre seus caminhos com seus filhos, então sua adoração se liberta.

Não se deixe enganar pelo título “*intelectual*”. Não tem nada a ver com QI. Em vez disso, descreve aqueles crentes cujos corações se aquecem mais para Deus quando compreendem novos conceitos, adquirem novas perspectivas e uma compreensão mais profunda. “Cristãos conceituais” talvez seja um título ainda melhor, para ser sincero. Se você não estimular a mente deles, a adoração deles nunca decolará.

O pastor e comentarista John MacArthur é um exemplo clássico desse temperamento. Ele escreveu:

Para mim, pessoalmente, o elemento mais importante na música de adoração é o conteúdo lírico. O acompanhamento musical deve ser apropriado e memorável, mas são as palavras que [carregam](#) a verdade. Quando as palavras transbordam de rica vida teológica e precisão bíblica, elas enriquecem a mente e isso desencadeia uma experiência genuína de glorificar a Deus.

Assim como o contemplativo pode passar horas desfrutando da presença de Deus, um intelectual pode passar longos períodos contemplando um versículo ou conceito desafiador. Certa vez, eu estava imerso no livro de Jó e fui repentinamente surpreendido ao ler os versículos 6 a 8 de Jó 35:

“Se você pecar, como isso o afetará?”

Se os seus pecados são muitos, o que isso lhe causa?

Se você é justo, o que você lhe dará?

Ou o que ele recebe de tua mão?

Sua maldade afeta apenas seres humanos como você.

e a tua retidão apenas para os outros.”

Eu sabia que havia algo precioso por trás daquelas palavras. A princípio, não tinha certeza do que a passagem queria dizer, mas sabia que havia algo ali, e os versículos proporcionaram muitas reflexões e meditações agradáveis nos dias seguintes, assim como uma canção recém-aprendida pode alimentar a devoção de um entusiasta.

Descobri que, para crescer em Cristo, preciso que minha mente seja estimulada por passagens bíblicas como as citadas acima. Preciso ser desafiado e experimentar "o poder de amar as perguntas difíceis", como meu amigo John Rankin gosta de dizer. Se não estou aprendendo coisas novas sobre Deus, meu relacionamento com Ele parece estagnado.

Muitos livros do Novo Testamento (as cartas de João, Gálatas e Judas, por exemplo) defendem com veemência tanto o pensamento correto quanto a conduta correta. Intelectuais nos lembram da nobre vocação de amar a Deus com a nossa mente. Nossa cultura nem sempre pensa na mente quando pensa em amor e devoção. Farmácias não vendem cérebros de chocolate no Dia dos Namorados — é sempre o coração que é exaltado quando se fala de amor —, mas, biblicamente falando, cérebros de chocolate seriam perfeitamente aceitáveis. A Bíblia é enfática ao afirmar que a nossa mente é um dos elementos-chave no amor que demonstramos a Deus.

A busca intelectual e o serviço desempenharam um papel fundamental no avanço da obra de Deus. Um autor destacou que a principal razão pela qual a igreja primitiva foi tão bem-sucedida em seu testemunho ao mundo pagão foi que ela não apenas sobreviveu e pereceu ao mundo, mas também o superou em pensamento.² [Embora](#) os grandes pensadores cristãos compartilhassem divergências fundamentais entre si, luminares como Agostinho, Calvino, Erasmo, Tomás de Aquino, Pascal e outros ajudaram o cristianismo não apenas a acompanhar o avanço acadêmico, mas também a impulsioná-lo. Seria difícil superestimar a influência da escolástica na história do cristianismo. Baseando-se na obra fundamental de Agostinho, do século IV, foi em grande parte a teologia escolástica que coroou a Alta Idade Média e conduziu a igreja para fora da Idade das Trevas. O poderoso pensamento que impulsionou a Reforma logo se seguiria.

Tomás de Aquino, o grande teólogo da Alta Idade Média (muitos teólogos reformados gostam de acreditar que o pensamento de Aquino estava em consonância com o pensamento reformado que se seguiria), colocou esse aspecto da história em perspectiva quando argumentou que a oração, em todos os casos, deve incluir, entre outras coisas, [uma](#) *ascensão da mente a Deus*.

Portanto, qualquer forma de cristianismo que rejeite ou mesmo diminua a importância da mente não é um cristianismo bíblico.

A visão bíblica dos intelectuais

Você já viu um púlpito com a imagem de uma águia esculpida em madeira? O púlpito ornamentado proclama simbolicamente a verdade de que a palavra de Deus destrói as obras de Satanás. As águias são predadoras naturais da serpente. Ao longo dos séculos, e de fato em toda a Escritura, a proclamação da palavra de Deus recebe alta prioridade como componente essencial na guerra contra os poderes das trevas.

Quando Moisés abençoou a tribo de Levi, ele abençoou uma tribo que “ensina os teus preceitos a Jacó e a tua lei a Israel” (Deuteronômio 33:10). Os levitas foram liberados de outros deveres para que pudessem se dedicar ao único dever de estudar e ensinar — amar a Deus com a mente.

Personagens bíblicos também desempenharam esse papel. A Bíblia é clara ao afirmar que “Salomão demonstrou seu amor pelo Senhor ” (1 Reis 3:3). Uma das maneiras pelas quais ele amava a Deus era usando seu intelecto para a glória de Deus. É particularmente interessante notar que Salomão não limitou sua mente a palavras de sabedoria religiosa; ele também explorou o mundo natural, pois Deus é o Criador natural de tudo.

[Salomão] falou sobre a vida vegetal, desde o cedro do Líbano até o hissopo que cresce nas paredes. Ele também falou sobre animais e pássaros, répteis e peixes. De todas as nações vinham pessoas para ouvir a sabedoria de Salomão, enviadas por todos os reis do mundo, que tinham ouvido falar de sua sabedoria.

1 Reis 4:33-34

Um professor de biologia pode amar a Deus com a mente tanto quanto um professor de teologia sistemática. Visto que Deus criou tudo, qualquer estudo que explore, examine e explique o mundo natural pode lançar luz sobre a natureza de nosso Deus e nos ajudar a conhecê-lo melhor.

Palavras de sabedoria podem ser parte ativa da adoração ou, como no caso do Salmo 49, um chamado à adoração:

Ouçam isto, todos vocês, povos;
Escutem, todos vocês que vivem neste mundo,
tanto baixas quanto altas,
ricos e pobres igualmente:
Minha boca proferirá palavras de sabedoria;
A meditação do meu coração lhe dará entendimento.
Vou dar ouvidos a um provérbio;
Com a harpa, exporei meu enigma.

Salmo 49 :1-4

O sermão é uma parte crucial do culto geral. Ele não precede nem sucede o louvor — ele é o próprio louvor.

Grande parte do livro de Provérbios enfatiza a importância de uma mente treinada para buscarmos amar verdadeiramente a Deus:

Que os sábios ouçam e ampliem seu conhecimento.
E que os sensatos busquem orientação—
para compreender provérbios e parábolas,
Os ditos e enigmas dos sábios.
O temor do Senhor é o princípio da sabedoria.
Mas os tolos desprezam a sabedoria e a instrução.

No livro de Provérbios, somos instruídos a “clamar por entendimento” e a “buscá-lo como a um tesouro escondido” (2:3-4). Também nos é dito: “O princípio da sabedoria é este: adquira sabedoria; e, com tudo o que você tem, adquira entendimento” (4:7). Pensar corretamente — conformar nossos pensamentos aos pensamentos de Deus — apoia e incentiva uma vida correta.

Precisamos parar e lembrar o quão radical isso é. Nossa cultura nos diz para buscarmos fama e fortuna, riqueza e poder. A Bíblia nos diz que nossa primeira busca, nossa vocação primordial, é adquirir sabedoria e entendimento.

O próprio Jesus revelou tendências intelectuais. Aos doze anos, foi encontrado discutindo a lei no templo (Lucas 2:46). O ensino foi uma parte importante de seu ministério. Embora fosse enfático em sua denúncia dos artifícios intelectuais que afastavam as pessoas de Deus, Jesus compreendia que a mente, assim como o coração, precisava ser transformada. Ele exortava seus seguidores a amarem a Deus com toda a sua mente (Marcos 12:30).

Será que estamos fazendo isso? Será que estamos realmente buscando eliminar todas as nossas ideias erradas sobre Deus e oferecer a Ele uma mente que foi completamente redimida?

Formação Intelectual

A primeira vez que visitei o Regent College, passei por ele de carro sem perceber. Na época, o Regent funcionava em algumas casas de fraternidade adaptadas, bem ao lado do campus da Universidade da Colúmbia Britânica. A livraria ficava em um trailer. O que eu sabia sobre o Regent era por causa dos professores que lecionavam lá — professores como o Dr. Bruce Waltke e o Dr. J.I. Packer. Eu não fazia ideia de que eles pudessem dar aulas em um lugar como aquele.

A Regent passou por uma transformação física enorme, mas a falta de instalações nos primeiros tempos não nos incomodava muito em meados da década de 1980. Eram o ensino e os relacionamentos que nos faziam voltar. Lembro-me de quando meus colegas e eu nos formamos e seguimos caminhos diferentes. Um amigo com quem eu costumava almoçar e Um amigo meu deixou um bilhete para mim nos meus livros quando saiu do “campus” pela última vez. Ambos sabíamos que a probabilidade de nos encontrarmos novamente era muito pequena. Ele estava indo lecionar em uma escola metodista no Canadá; eu estava voltando para a vida nos Estados Unidos. Outro amigo estava voltando para Hong Kong, na esperança de preparar os cristãos de lá para o retorno do país ao controle chinês. Outro amigo — que havia se tornado mais sóbrio, mas fortalecido, depois de ter seu trabalho praticamente destruído durante um seminário — estava se preparando para se tornar pastor na região de Vancouver.

Ao percorrer a escola pela última vez, fiquei impressionado com o que havia sido conquistado nos últimos dois ou três anos na vida de tantas pessoas. Homens e mulheres estavam saindo de lá transformados. Nossas mentes haviam sido estimuladas e nossos corações desafiados, e agora estávamos prontos para iniciar nossos próprios esforços, ainda que modestos, com o objetivo de alcançar o mesmo em outras pessoas. Esse processo continua até hoje.

Mais recentemente, participei da cerimônia de formatura do Western Seminary em Portland, Oregon, onde tenho a alegria de servir como professor adjunto. Os testemunhos

dos formandos emocionaram a mim e à minha esposa profundamente — literalmente. O seminário pode ter a reputação de ser um “cemitério”, mas isso não se aplica a nenhuma das instituições com as quais tive a bênção de estar associado. Em países ao redor do mundo, a igreja cristã está avançando com a educação voltada para o desenvolvimento da mente cristã. É uma realidade emocionante e uma profunda fonte de força para a igreja professa.

Embora todos possam se beneficiar dessa experiência, os intelectuais, em especial, obterão grandes vantagens com a formação teológica formal. Uma boa instituição de ensino irá capacitá-lo a prosseguir seus estudos após a graduação, mas nada substitui a construção de uma base sólida.

Isso está ficando cada vez mais fácil de fazer. Se forem dois ou três anos Se os requisitos para um mestrado não forem viáveis, considere tirar um ano de folga do trabalho e fazer um curso de um ano. Você também pode considerar fazer cursos de verão — muitos seminários e faculdades bíblicas oferecem cursos de uma semana que contam como créditos para um curso de um ano. Esses cursos de uma semana podem fornecer material suficiente para estudar durante um ano inteiro, se você reservar um tempo para elaborar uma lista de livros relacionados que gostaria de ler nos meses seguintes ao curso.

Imagine o quanto você se tornaria um cristão mais forte se escolhesse um tema por ano para estudo aprofundado. Em poucos anos, você poderia ter um bom conhecimento de diversas verdades importantes. É evidente que a igreja seria uma instituição muito mais forte se nos dedicássemos com um pouco mais de fervor ao desenvolvimento da mente que Deus nos deu.

Se tempo e dinheiro forem um obstáculo para você frequentar uma escola, sempre pode considerar cursos de extensão online. Você pode começar pequenos grupos de estudo na sua igreja, usando videoaulas de professores renomados. Estudar em grupo é sempre útil; descobri que a discussão é um método valioso para aprimorar meus próprios pensamentos e crenças.

Se as pessoas ao seu redor não demonstrarem interesse, você pode transformar seu trajeto para o trabalho em um período produtivo de estudo, ouvindo sermões ou palestras no carro. Uma das melhores coisas da internet é a quantidade de recursos de áudio gratuitos e de alta qualidade disponíveis atualmente. Se você gosta de um pastor ou pregador em particular e estiver disposto a procurar com atenção, provavelmente encontrará uma lista de downloads gratuitos ou de baixo custo para estudos futuros.

Em todos os anos que passei indo trabalhar de carro, não me lembro de uma única previsão de trânsito ou meteorológica que tenha mudado o rumo da minha vida ou me redirecionado para o propósito de Deus. No entanto, ao passar um ano ouvindo os homens e mulheres a quem Deus deu grande discernimento, posso me tornar uma pessoa melhor.

As disciplinas

Intelectuais podem buscar ampliar sua fé adquirindo uma compreensão das disciplinas básicas da formação teológica. Essas disciplinas incluem história da igreja, estudos bíblicos, teologia sistemática, ética e apologética. Uma formação teológica completa também incluiria algumas outras disciplinas, mas essas cinco constituem um bom ponto de partida para a construção de uma mente cristã bem fundamentada.

Existem inúmeros livros que abordam cada uma dessas disciplinas, embora você possa não encontrar muitos deles em uma livraria cristã local. Um pastor com formação teológica poderá se reunir com você e, em poucos minutos, fazer várias sugestões. Ao começar a ler, você encontrará notas de rodapé e notas finais que o direcionarão a obras semelhantes. Para começar, você pode considerar o seguinte.

História da Igreja

A história da Igreja contém inúmeras histórias comoventes e verdadeiras de grande fé, compromisso e devoção. Mais do que isso, ela conecta a mente ao coração. Uma coisa é ler as palavras apaixonadas de homens ou mulheres dedicados à evangelização; outra é ler que eles foram para um país estrangeiro como missionários com seus pertences em um caixão porque não esperavam viver mais de dezoito meses no novo clima.

Quando o escritor de Eclesiastes escreveu que não há nada de novo debaixo do sol (Eclesiastes 1:9), ele estava prevendo o crescimento e o desenvolvimento da igreja. Ao longo de seus dois mil anos de história, a igreja enfrentou as mesmas heresias sob muitos nomes diferentes. A igreja também superou muitas das mesmas lutas e lidou com as mesmas questões de reação e equilíbrio. Um homem ou uma mulher com um amplo conhecimento da história da igreja seria uma adição valiosa à liderança de qualquer igreja.

Os dois volumes de Kenneth Scott Latourette intitulados *História do Cristianismo* são leitura obrigatória em seminários e faculdades bíblicas há vários anos, embora possam ser um pouco extensos para aqueles que têm apenas um interesse superficial no assunto. Uma alternativa mais acessível é *a História da Igreja em Linguagem Simples*, de Bruce Shelley.

Clyde Manschreck compilou documentos originais em sua série de dois volumes intitulada *Uma História do Cristianismo: Leituras sobre a História da Igreja*. A série intitulada *A História da Igreja da Coleção Pelican* também contém algumas obras úteis, e são livros de bolso pequenos que podem ser facilmente transportados para onde quer que você vá.

Além dessas introduções, você pode encontrar muitos livros que abordam um segmento específico da história da igreja. Leitores norte-americanos podem se interessar por *Turning Point*, de Mark Noll, ou por *A History of Christianity in the United States and Canada*.

A história da Igreja é um alicerce essencial para a construção do pensamento teológico. Tentar compreender a teologia sem a história da Igreja é como tentar entender os acontecimentos mundiais lendo manchetes e ignorando os artigos. Você terá uma ideia geral do que se trata, mas pouca noção de como tudo se encaixa.

Estudos Bíblicos

Gostaria que houvesse alguma forma de fazer a página começar a dançar agora mesmo para sinalizar a importância desta seção em particular. Na ausência da internet, porém, permitam-me afirmar que acredito que 90% das dificuldades na vida cristã são causadas por não compreendermos as Escrituras suficientemente bem. Noventa por cento. Acredito que os estudos bíblicos são cruciais.

De modo geral, podemos dividir os estudos bíblicos em três componentes: leitura das Escrituras, estudo metódico de porções das Escrituras (frequentemente chamado de “exegese”) e leitura de livros que nos ajudam a compreender o que as Escrituras dizem. É uma boa prática para todo cristão ter algum tipo de programa para ler a Bíblia regularmente, seja uma vez por ano ou a cada três anos. Você não precisa necessariamente começar por Gênesis e terminar com Apocalipse. Já experimentei várias abordagens

diferentes. Você pode ler um livro do Antigo Testamento — Gênesis, por exemplo — e depois um livro do Novo Testamento — Mateus. Em seguida, voltar e ler Êxodo, depois Marcos, e assim por diante. Como há aproximadamente o dobro de livros no Antigo Testamento do que no Novo Testamento, encontrei um cronograma útil que começa com Gênesis, Salmos e Mateus, e depois segue cada livro em sua ordem — Êxodo, Provérbios, Marcos, e assim por diante. Isso divide os Evangelhos e alguns dos relatos mais difíceis do Antigo Testamento.

Não consigo dizer quantas vezes Deus, providencialmente, colocou diante de mim algo que eu realmente precisava ouvir exatamente no momento em que lia. Um programa regular de leitura oferece a Deus uma ótima ferramenta para falar a verdade aos nossos corações. Não conheci um único cristão que leia as Escrituras diariamente e que não esteja entusiasmado com os seus efeitos.

Se você acha que pode ter uma inclinação intelectual para a espiritualidade, este é o ponto de partida. Comece a ler as Escrituras *diariamente*. Mesmo que você não seja uma pessoa intelectual, a leitura diária das Escrituras deve fazer parte da vida de todo cristão.

Também nos beneficiaremos ao irmos além da leitura direta e dedicarmos um estudo cuidadoso a passagens específicas. Um excelente livro para nos preparar para essa tarefa é "*Como Ler a Bíblia e Compreender Seu Significado*", de Gordon Fee e Douglas Stuart. Outro livro útil nesse sentido é "*Conhecendo as Escrituras*", de R.C. Sproul.

Ao começar a estudar livros individuais, você pode consultar alguns bons comentários e, em seguida, adicionar outros livros sobre a história cultural do período que está estudando, incluindo dicionários bíblicos e atlas. Seu objetivo é aumentar sua compreensão do que as passagens individuais realmente significam e ensinam.

A Bíblia tem sessenta e seis livros. Se começarmos a dedicar cerca de seis meses por ano a estudar cada livro da Bíblia minuciosamente, analisando cada passagem, lendo os comentários relacionados e nos esforçando ao máximo para compreendê-lo, podemos estudar a Bíblia inteira durante a nossa vida.

Teologia Sistemática

Teologia sistemática é o estudo das doutrinas cristãs — salvação, os últimos tempos e temas semelhantes. Há dois excelentes livros para começar: **Concise Theology**, de J.I. Packer, e **Essential Truths of the Christian Faith**, de R.C. Sproul. Ambos os volumes oferecem uma introdução ou revisão da doutrina cristã.

Ao analisar os dois volumes seguintes, você encontrará tendências teológicas específicas dentro de cada teologia sistemática. Existem os clássicos — *a Suma Teológica de Tomás de Aquino* e *as Institutas da Religião Cristã* de Calvino, entre muitos outros — e seu pastor também pode ajudá-lo a encontrar uma boa obra, seja em um único volume ou em vários volumes, que explique as crenças da sua própria tradição.

A teologia sistemática abordará alguns ou todos os seguintes tópicos: Deus, revelação, Jesus, o Espírito Santo, a humanidade, a salvação, a igreja e a escatologia (últimas coisas). Além de coletâneas gerais de teologias sistemáticas, você pode ler volumes que se concentram em apenas um desses tópicos (por exemplo, a igreja ou a natureza de Deus).

Ética

O cristianismo diz respeito ao que acreditamos, mas também à forma como nos comportamos. O estudo da ética cristã busca fornecer uma estrutura a partir da qual os

cristãos possam tomar decisões baseadas na oração. A ética procura responder à pergunta do Antigo Testamento (tornada famosa por Francis Schaeffer): Como devemos, então, viver?

Um homem que realiza um importante trabalho pastoral em presídios me disse que ainda não conheceu um estuprador ou assassino que não esteja convencido de que está a caminho do céu. "Eu acredito que Jesus é Deus. É claro que vou para o céu", eles lhe dizem, e ainda assim demonstram pouco remorso por seus atos anteriores. O estudo da ética nos lembra da necessidade de transformação cristã. A salvação é mais do que simplesmente escapar do inferno; é sobre ser transformado — *mudado* — aqui na Terra.

Ética Evangélica, de John Jefferson Davis, *Princípios de Conduta*, de John Murray, *Acima de Todos os Poderes Terrenos*, de David Wells, ou o clássico *A Abolição do Homem*, de C.S. Lewis. Além desses volumes introdutórios, você também pode considerar livros que se concentrem em um tema específico, como pobreza, ética sexual e outros assuntos semelhantes.

Com o passar do tempo, os cristãos devem se envolver ativa e cada vez mais em questões sociais, não apenas para seu próprio benefício, mas para o benefício da sociedade como um todo. A tecnologia está abrindo caminhos totalmente novos para o debate ético: Quando começa a vida? Como sabemos quando a vida natural termina? Uma guerra nuclear pode ser considerada uma "guerra justa"? Como viver de forma responsável em um mundo onde tantos necessitam de ajuda?

Essas são questões que muitos cristãos enfrentam diariamente. Precisamos de pessoas com grande capacidade intelectual para apresentar os problemas, sugerir algumas diretrizes e nos ajudar a compreender as Escrituras e a vontade de Deus sobre o assunto.

Apologética

Quando eu costumava ir trabalhar de carro, gostava de passar o tempo ouvindo fitas cassete (o que demonstra que não faço esse trajeto há quase duas décadas). Calculava que o tempo de deslocamento aumentava meu dia em cerca de duas horas. Em vez de simplesmente passar o tempo, eu conseguia aproveitá-lo. Uma fita em particular, algo me empolgou como poucos. Era a gravação de um "Fórum de Marte" com o pastor cristão John Rankin debatendo com Patricia Ireland, presidente da Organização Nacional para as Mulheres.

O Reverendo Rankin fez um trabalho excepcional, conquistando uma plateia hostil no Smith College. Sua capacidade de entrar em um ambiente secular e explicar a verdade e a excelência das crenças cristãs me deixou em profundo espanto. Tenho grande respeito por aqueles que conseguem apresentar a fé cristã de maneira eficaz.

Às vezes, Deus pode nos chamar para fora da nossa zona de conforto, e precisamos estar preparados. Pouco depois de ouvir a gravação do Reverendo Rankin, um grupo de estudantes do Swarthmore College me pediu para dar uma palestra evangelística sobre a visão de Jesus a respeito das mulheres. Nunca me considerei um apologista particularmente eficaz, e tentei convencer os líderes a convidarem John Rankin, mas um dos alunos tinha me ouvido falar em algum lugar e insistiu para que eu fosse. Refleti mais sobre o assunto e finalmente aceitei.

Quando se está acostumado a falar com cristãos, é um desafio enfrentar uma plateia que busca cada ponto fraco possível. Esses são os tipos de discussões geralmente conhecidos

como "apologética". A apologética se preocupa com a forma como explicamos e defendemos a fé em meio à incredulidade. Também envolve a defesa da verdadeira doutrina cristã diante da heresia, especialmente aquela propagada por seitas cristãs ou não cristãs. Podemos chamar esses dois ramos de apologética "externa" e "interna". A primeira defende a fé contra aqueles que acreditam que o cristianismo é falso; a segunda a defende daqueles que se dizem cristãos, mas que seguem ensinamentos contrários à verdadeira doutrina cristã.

Um livro recente que pode muito bem se tornar um clássico da apologética é *Reason for God*, de Tim Keller, que habilmente dá continuidade à tradição estabelecida por C.S. Lewis com *Mere Christianity*. O *Handbook of Christian Apologetics*, de Peter Kreeft e Ronald Tacelli, foi descrito como Um “curso virtual de autoestudo em um único volume sobre apologética essencial”, e em *Por que alguém deveria acreditar em alguma coisa?*, James Sire usa material testado em universidades para ajudar estudantes universitários a abordar a natureza da crença e outras questões.

Para uma história da apologética, você pode consultar * *Classical Reading in Christian Apologetics, AD 100–1800**, editado por Russ Bush. Obras introdutórias a serem consideradas incluem **Apologetics: An Introduction**, de William Lane Craig, e **Christian Apologetics**, de Norman Geisler.

Para um exemplo positivo de um apologeta contemporâneo, recomendo que você ouça alguns dos fóruns de Mars Hill com John Rankin. Os DVDs estão disponíveis através do Instituto de Educação Teológica (www.teinetwork.com). John foi formado no Seminário Teológico Gordon-Conwell e na Escola de Divindade de Harvard, portanto, suas apresentações não são apenas espiritualmente sensíveis, mas também bem fundamentadas e racionais.

Credos

O falecido Dr. Klaus Bockmuehl, professor de teologia e ética no Regent College, costumava observar que precisamos ser lembrados de algumas doutrinas a cada vinte minutos. Os credos nos ajudam a fazer isso e, portanto, podem ser ferramentas poderosas para o crescimento espiritual. Os credos também revelam a mentira na afirmação popular, porém equivocada: "Contanto que façamos a coisa certa, não importa no que acreditamos". Como saber o que é certo se não sabemos no que acreditamos? Uma vez que descartamos credos, dogmas ou certas crenças, perdemos a capacidade de determinar se o que estamos fazendo é certo e podemos ser levados à prática diabólica de servir a Satanás enquanto pensamos que estamos servindo a Deus.

Por mais que possamos hesitar ao falar sobre a importância dos credos — “essa coisa complexa”, como alguns diriam —, os intelectuais nos lembram que eles desempenham um papel crucial no avanço da... Igreja. Dorothy Sayers, uma popular escritora britânica durante a Segunda Guerra Mundial, escreveu palavras que permanecem tão relevantes hoje como quando foram escritas pela primeira vez:

É pior do que inútil para os cristãos falarem sobre a importância da moral cristã, a menos que estejam preparados para se posicionarem sobre os fundamentos da teologia cristã. É mentira dizer que o dogma não importa; ele importa enormemente. É fatal deixar as pessoas suporem que o cristianismo é apenas um modo de sentir; é vital insistir que ele é, antes de tudo, uma explicação racional do universo. É inútil apresentar o cristianismo como uma aspiração vagamente idealista, simples e consoladora; pelo contrário, é uma doutrina dura, rigorosa, exigente e complexa, imersa em um

realismo drástico e intransigente. E é fatal imaginar que todos sabem muito bem o que é o cristianismo e precisam apenas de um pouco de incentivo para praticá-lo. A dura realidade é que... nem uma em cem pessoas tem a menor ideia do que a igreja ensina sobre Deus, o homem, a sociedade ou a pessoa de Jesus Cristo.

O que acreditamos sobre Deus influencia a maneira como o servimos, da mesma forma que o que acreditamos sobre uma pessoa influencia a maneira como a tratamos. Lembro-me de estar sentado ao lado de um homem de aparência humilde durante um intervalo de almoço em uma conferência. Estávamos tendo uma conversa agradável, mas algo me incomodava. Ele me parecia familiar, mas eu não conseguia me lembrar de onde o conhecia. Seu crachá tinha apenas o primeiro nome. De repente, me dei conta e percebi que estava falando com um ex-senador dos Estados Unidos. "Por acaso o senhor é...?", perguntei, mencionando seu nome completo.

"Na verdade, sim", disse o senador, "mas não conte a ninguém."

Imediatamente, aqueles que estavam perto o suficiente para ouvir o que estava acontecendo mudaram o comportamento deles. Aquele homem de roupas casuais passou a receber um novo nível de respeito. As pessoas se tornaram mais cuidadosas com as palavras. Foi interessante observar como as pessoas começaram a agir de forma diferente durante aquele almoço ao descobrirem quem ele era. Idealmente, talvez nem sempre ajamos assim, mas até mesmo o apóstolo Paulo tinha respeito por certas posições. Em um exemplo, ele responde de forma um tanto displicente a um indivíduo, apenas para se desculpar quando lhe informam que aquele homem era o sumo sacerdote (Atos 23:1-5).

De maneira semelhante, o que sabemos sobre Deus influenciará a forma como o tratamos. Se enxergarmos nosso Criador apenas como um "bom amigo" ou como um senhor severo e juiz vingativo, nossas vidas serão moldadas de acordo com essa visão. A doutrina influencia nossas ações tanto quanto os óculos influenciam nossa visão. Portanto, os credos são essenciais para nos ajudar a amar a Deus como Ele merece ser amado.

Os intelectuais de hoje servem a Deus explicando o que é a fé cristã e o que ela significa. Ambas as partes são essenciais. Jesus é Deus (esta é uma afirmação crucial da fé), mas o que essa verdade significa para a minha vida?

Os credos são coleções dessas declarações de crença. Eles podem ou não ser exaustivos. O Credo Niceno é um credo fundamental do cristianismo, mas esse credo não abrange, por exemplo, todos os pontos de fé que os cristãos precisam compreender.

Existem credos "ecumênicos", elaborados para toda a Igreja visível e por ela aceitos, e credos "domésticos", escritos para segmentos específicos da Igreja — o presbiterianismo ou o catolicismo romano, por exemplo. Intelectuais podem querer se familiarizar com os principais credos, mesmo que não façam parte de sua tradição. O Credo dos Apóstolos, o Credo Niceno, o Credo Atanasiano, a Confissão de Augsburgo e a Confissão de Westminster, juntos, constituem um bom ponto de partida. Para estudos mais aprofundados, consulte a obra em três volumes de Philip Schaff intitulada *Creeeds of Christendom ou Early Christian Creeeds*, de J.N.D. Kelly.

Desenvolvendo-se como um intelectual

Se você obtiver uma pontuação alta em inteligência no teste de temperamento espiritual, ou mesmo se simplesmente desejar começar a desenvolver sua mente como forma de amar a Deus, escolha uma disciplina que lhe interesse mais. Você se sente atraído pelos desafios da apologética ou é o tipo de pessoa que se inspira mais nas histórias da história cristã?

Precisa aprimorar seu conhecimento geral da Bíblia ou começar a aplicar sua fé na área da ética?

Este é um chamado para a vida toda. Temos todo o tempo que Deus nos dá nesta terra para começarmos a entregar nossas mentes, pouco a pouco, à verdade de Deus. Quando eu morrer, quero que minhas ações, pensamentos e crenças estejam em conformidade com a imagem de Cristo. Isso não acontecerá por acaso. Felizmente, temos um grande mestre, o Espírito Santo, e um conjunto de ensinamentos confiável e autoritativo, a Bíblia, para nos ajudar a alcançar esse objetivo.

As tentações dos intelectuais

Incorporar elementos intelectuais às nossas expressões de fé traz muitos benefícios, mas também apresenta perigos. Os cristãos intelectuais devem estar especialmente atentos a três deles.

Apaixonando a controvérsia

Timóteo pode ter sido um intelectual que apreciava controvérsias. As duas cartas de Paulo a Timóteo contêm várias fortes exortações para evitar aqueles que “se dedicam a mitos e genealogias intermináveis”, que “promovem especulações controversas em vez de promover a obra de Deus, que é pela fé” (1 Timóteo 1:4). “São orgulhosos e nada entendem. Têm um interesse doentio em controvérsias e discussões sobre palavras, que resultam em inveja, contendas, conversas maliciosas, suspeitas malignas e atritos constantes entre pessoas de mente corrupta, que foram roubadas da verdade” (1 Timóteo 6:4-5).

Essas são tanto advertências de Paulo aos seguidores de Timóteo quanto exortações ao próprio Timóteo. Mas em 2 Timóteo, as advertências parecem se tornar pessoais:

Não se envolvam em discussões tolas e sem sentido, pois vocês sabem que elas geram contendas. E o servo do Senhor não deve ser briguento, mas sim amável para com todos, apto para ensinar, paciente. Deve instruir com mansidão os que se opõem, na esperança de que Deus lhes conceda o arrependimento para conhecerem a verdade.

2 TIMOTHY 2:23-25

Talvez Paulo tenha percebido que Timóteo estava gostando demais de corrigir os outros. Chega um ponto em que paramos de ensinar e começamos a discutir. É uma linha tênue, mas devemos ter cuidado para não a cruzar. Discussões desprovidas de amor — isto é, argumentos que visam derrotar em vez de realmente se importar com o bem-estar do outro — não são piedosas. Paulo escreve: “Ainda que eu tenha o dom da profecia, e conheça todos os mistérios e toda a ciência, [...] se não tiver amor, nada serei” (1 Coríntios 13:2).

Paulo foi igualmente direto com outro jovem líder, Tito: “Evite discussões tolas, genealogias, contendas e discussões sobre a lei, pois são inúteis e sem proveito” (Tito 3:9). Paulo considerava essa divisão um pecado muito, muito grave: “Adverta uma pessoa que causa divisões, e depois adverte-a uma segunda vez. Depois disso, afaste-se dela. Você pode ter certeza de que...” Essas pessoas são perversas e pecadoras; elas mesmas se condenam” (versículos 10-11).

A marca de um cristão é o amor e a graça, não demonstrações orgulhosas de conhecimento. Saber em vez de fazer

Os intelectuais precisam lembrar que saber o que é certo não substitui a prática do que é certo; pelo contrário, saber o que é certo nos impõe uma obrigação maior de adequar nossas vidas ao nosso entendimento. Tiago adverte que os mestres estão sujeitos a um julgamento mais rigoroso (Tiago 3:1).

Segundo o livro de Provérbios, a pessoa verdadeiramente sábia é aquela que aplica ativamente os princípios da justiça que aprendeu. O pensamento correto é essencial para uma vida cristã saudável, e a ação correta é igualmente fundamental.

Sentir orgulho

"Gary", sussurrou minha esposa, "é melhor você resgatar o pastor."

Levamos um jovem à igreja que estava debatendo acaloradamente com o pastor, apontando a "heresia" no sermão dele. Esse jovem tem uma mente brilhante, mas tão crítica quanto perspicaz, e infelizmente seu discernimento ainda não acompanhou seu intelecto.

O orgulho é uma falha comum entre aqueles que se consideram superiores intelectualmente. Ele se manifesta no desejo generalizado de corrigir praticamente todos. Algumas pessoas parecem incapazes de se conter e julgar as falhas intelectuais alheias. Dá a impressão de que sua autoestima vem da capacidade de demonstrar sua superioridade intelectual.

Se Deus lhe deu uma mente excepcionalmente boa, lembre-se de que Ele a confiou a você para que servisse à igreja, não para se exaltar. Alguém com uma bela voz ainda pode ser desagradável. Se ele cantar em momentos inapropriados, e alguém com uma mente superior ainda pode ser ofensivo se não aprender o momento e o lugar certos para dialogar adequadamente com os outros.

Uma Vocação Elevada

A igreja cristã produziu alguns dos pensadores mais brilhantes da história. Contudo, não precisamos aspirar às alturas alcançadas por João Calvino ou Blaise Pascal para causar impacto. Crentes com inclinação intelectual podem desempenhar um papel crucial no reino de Deus, testemunhando a sua verdade em comunidades por todo o mundo por meio de aulas de Escola Dominical para adultos, blogs e conversas com amigos e vizinhos.

Como alguém que definitivamente tem uma inclinação intelectual, anseio pelo estímulo de uma mente cativada pela verdade de Deus. Sou nutrido por versículos que me levam a um estado de profunda reflexão e me alegro quando alguém me ajuda a compreender algo que eu não entendia antes.

Em resumo, nunca aprendi nada sobre Deus que não me aproximasse Dele. Tenho certeza de que esse pode ser o testemunho de todo cristão que busca sinceramente a face de Deus, expandindo seu entendimento.

PARTE 3

COMPREENDENDO SEU CAMINHO SAGRADO

CAPÍTULO 12

CUIDANDO DO JARDIM DA ALMA

Imagine duas mulheres plantando hortas. No mesmo dia, elas preparam a terra e plantam as sementes. Uma delas, então, negligencia sua horta e espera que os vegetais cresçam. A outra mulher trabalha em sua horta regularmente. Ela coloca gaiolas ao redor das mudas de tomate, finca estacas ao lado das hortaliças que vão crescer bastante e coloca redes ao redor das plantas que atraem coelhos e outros animais.

Vários meses depois, as duas mulheres saem para a colheita. Uma delas encontra tomates apodrecendo no chão, feijões cujas trepadeiras se espalharam entre as outras plantas, ervas daninhas que sufocaram a maioria das cenouras — todas atacadas por pássaros e esquilos. Ela colhe um punhado de alimentos e conclui que plantar uma horta não valeu a pena — a comida não é tão boa, a colheita é pequena e, bem, os supermercados são muito mais convenientes.

Sua vizinha, no entanto, colhe uma cesta cheia de legumes frescos quase todos os dias, e todos têm um sabor muito melhor do que os legumes do supermercado. Ela calcula que, no final das contas, provavelmente economizou de 15 a 20% nas compras do supermercado durante os meses de verão. Ambas plantaram, mas apenas uma cuidou da horta.

Conheci cristãos que dedicaram suas vidas a seguir Jesus mais ou menos na mesma época, mas a influência que esse compromisso teve em suas vidas logo se tornou marcadamente diferente. Uma pessoa vivia uma vida de autoabsorção. O cristianismo fazia sentido, mas tornou-se quase uma conveniência — não havia necessidade de levá-lo muito a sério ou de reorganizar a vida em torno dele. A outra pessoa adotou uma abordagem diferente. Ela encontrou maneiras de tornar o estudo da Bíblia uma parte regular de sua vida. Manteve sua vida de oração renovada e variada. Novas características de seu caráter vieram à tona e, antes que percebesse, as pessoas estavam lhe pedindo conselhos e orientação.

Ambos plantaram um jardim espiritual, mas apenas um cuidou dele.

Alguns de nós vivemos com a impressão equivocada de que nossa fé precisa apenas ser plantada, e não cultivada. Tornar-se um cristão maduro, pensam alguns, é como crescer dois metros de altura — ou acontece ou não. Essa não é a visão daqueles que escreveram os clássicos da nossa fé, nem a de muitos pastores ou professores experientes. Tampouco é a visão dos autores das Escrituras (veja, por exemplo, Filipenses 2:12-13; 1 Timóteo 4:15-16; Tiago 1:4; 2 Pedro 1:5-11).

Um movimento espiritual clássico da Idade Média encorajou os cristãos a pensarem em sua alma como um jardim. Espero que este livro possa expandir essa imagem, ajudando-nos a cuidar do jardim de nossas almas por meio da compreensão de nossos temperamentos espirituais. A primeira pergunta que devemos nos fazer, então, é: “Como estou me saindo nesse aspecto? Tenho realmente cuidado do meu jardim, ou apenas o plantei?”

Pode ser útil dar um passo atrás e avaliar sua vida devocional atual, começando pelo seu momento de silêncio. O que você está fazendo agora e como está funcionando? A perspectiva de outro momento de silêncio te anima? Te faz sentir culpado(a)? Seus momentos de silêncio se complementam ou estão começando a parecer mais um fardo do que uma bênção?

Alguns cristãos podem descobrir que um momento devocional tradicional — vinte a trinta minutos de estudo bíblico, seguidos de vinte a trinta minutos de oração e adoração — é a melhor maneira de se relacionarem com Deus em 90% das vezes. Esses cristãos podem Basta procurar atividades complementares para os 10% restantes do tempo. Outros cristãos podem sentir que precisam de uma transformação espiritual completa. Compreender seu temperamento espiritual influenciará muito o conteúdo de seu tempo devocional.

Entendendo seu Caminho Sagrado

Agora que você aprendeu sobre cada um dos nove temperamentos espirituais, está pronto para determinar sua personalidade espiritual. Lembre-se de que você provavelmente terá mais de um temperamento dominante.

Além disso, os temperamentos espirituais podem evoluir com o tempo. Assim como um casal expressará seu amor um pelo outro de maneira diferente aos cinquenta anos do que aos vinte, nosso relacionamento de amor com Deus também passa por mudanças à medida que amadurecemos e caminhamos pela vida. As avaliações dos capítulos 3 a 11 descrevem onde você está agora e quais atividades serão mais úteis para o seu crescimento espiritual hoje. Você poderá então incorporar e aprender com outros temperamentos.

Você já preencheu sua pontuação para cada um dos temperamentos:

_Naturalista
_Sensato
_Tradicionalista
_Ascético
_Ativista
_Cuidador
_Entusiasta
_Contemplativo
_Intelectual

Quanto maior a sua pontuação em cada categoria, mais ela corresponde à sua personalidade. Liste cada temperamento em ordem de importância na sua vida:

[Suas anotações]

Descobrir nossas fortes tendências e temperamento espiritual predominante nos fornece as informações necessárias para construir um plano abrangente de crescimento espiritual.

A interação de nossos temperamentos espirituais

Quando fiz o teste, obtive a pontuação mais alta na categoria naturalista, seguida pela intelectual. O temperamento ascético ficou em terceiro lugar, com uma pontuação alta. Portanto, posso presumir razoavelmente que, para ter saúde espiritual, preciso passar bastante tempo ao ar livre (naturalista). Em segundo lugar, preciso me envolver em atividades que desafiem minha mente (intelectual). Por fim, posso ter certeza de que tenho uma forte necessidade de disciplina e solidão (ascético).

Se eu estivesse lendo este livro pela primeira vez, voltaria e releria os três capítulos correspondentes aos meus três temperamentos mais fortes. Poderia então começar a escrever uma “prescrição espiritual” com base em algumas das sugestões desses capítulos.

Pelo menos uma vez por semana, gostaria de dedicar algum tempo a uma caminhada de oração pela floresta. Regularmente, precisarei garantir que estou estudando. Talvez precise baixar mais ensinamentos ou encomendar mais livros. Além disso, devo começar a respeitar minha necessidade de disciplina e solidão.

Não estou sugerindo que alimentemos nossas almas apenas com o que elas desejam — e assim corramos o risco de encolhê-las. Há tempo e lugar para nos aventurarmos em novas experiências, mas poucos de nós queremos experimentar uma refeição nova e exótica todas as noites. Uma vez que tenhamos descoberto o que nos atrai para a presença de Deus, podemos explorar novas áreas de nutrição, sabendo que sempre haverá algo testado e comprovado em que podemos confiar.

Isso nos dá uma visão de longo prazo da espiritualidade cristã. Por exemplo, às vezes luto com as exigências de um trabalho muito visível e voltado para o contato com pessoas. Frequentemente, falo em banquetes e conferências. Se há algo que me deixa esgotado depois de um tempo, é ficar confinado a um quarto de hotel apertado e falar em público para grandes grupos — principalmente as conversas informais antes e depois, nas quais nunca me sinto particularmente à vontade.

No entanto, meu trabalho exige que eu faça isso. É para isso que Deus me chamou agora, então preciso reservar um tempo para o meu alimento espiritual dentro desse contexto. Para manter minha sanidade, preciso reservar um tempo para sair quando estou viajando (não é um problema em retiros, mas é mais difícil em conferências), e quase sempre rejeito a ideia de dormir na casa de alguém. Eu preciso — não apenas quero — de tempo sozinha, sem quaisquer exigências de decoro ou polidez. Caso contrário, ficarei frustrada com minhas responsabilidades e incapaz de cumprir meu chamado.

Num retiro recente para homens, viajei até o local com outros três homens, conversando o tempo todo. Falei naquela noite e duas vezes no sábado de manhã, mas na tarde de sábado, consegui me retirar. Decidi correr dez milhas em um campo de batalha local. Alguns homens haviam me convidado para correr comigo, o que eu aceitei, mas quando disse que planejava correr cerca de dez milhas, eles responderam em tom de brincadeira: “Vamos orar por você. Divirta-se.” Depois, fiquei grata por poder ficar sozinha naquela tarde — no meio da mata, orando sozinha, suando ao sol, conversando com Deus. Foi o momento perfeito de renovação para mim, me dando a energia necessária para o resto do fim de semana. Alguns cristãos se revigoram reunindo-se para conversar sobre o que aconteceu ou simplesmente relaxando e curtindo a companhia uns dos outros. Eu prefiro ficar sozinha, para pensar, orar e desacelerar aos poucos.

Antes, eu lutava com essa necessidade, me perguntando se estava sendo egoísta. No entanto, agora sei que, se eu servir a Deus com fervor por duas semanas ou dez anos e depois ficar esgotado por longos períodos, não terei sido um bom administrador da minha vida. Quero servir a Deus fielmente por cinquenta, sessenta ou setenta anos, o que significa que preciso considerar como posso ser espiritualmente revigorado.

Em seu leito de morte, um grande evangelista cristão disse: “Deus me deu uma mensagem e um cavalo para carregá-la. Eu espanquei o cavalo até a morte, e agora não posso mais carregar a mensagem”. O cavalo era seu corpo, mas também poderia ter sido sua alma.

Conheci muitos homens e mulheres tementes a Deus que se esgotaram antes mesmo de atingirem seus anos mais produtivos. Às vezes, o esgotamento os levou a abandonar o ministério e nunca mais olhar para trás. Outros buscaram refúgio em atividades ilícitas e

trouxeram escândalo para a igreja de Cristo. Se Deus permitir, quero servi-Lo com o mesmo zelo aos sessenta, setenta e oitenta anos como agora. Daqui a vinte anos, não quero ter adquirido experiência vital e preciosa, mas ter perdido minha motivação e alegria.

Se cuidarmos do nosso jardim, teremos comida em abundância para alimentar os outros. Se dedicarmos apenas uma atenção superficial ao nosso jardim, talvez tenhamos o suficiente para nos alimentarmos sozinhos. Se o negligenciarmos completamente, teremos comida suficiente para todos. Nosso jardim, ficaremos com tanta fome que nos tornaremos cristãos "consumidores", alimentando-nos dos outros.

Descobrir nossa natureza espiritual é um meio pelo qual podemos alcançar os fins desejados: conhecer a Deus e obedecer ao Seu chamado em nossas vidas. Os puritanos chamavam o sábado de "dia de mercado da alma", um dia especial para cuidar do nosso mundo interior e dedicar mais tempo à nossa comunhão com Deus. O problema é que alguns de nós tentam pegar um atalho e cumprir o chamado de Deus sem receber o Seu alimento. Esse caminho leva ao desastre. Outra tentação é julgar uma natureza espiritual como superior a outra.

Tolerância aos Temperamentos

Durante meu primeiro ano de faculdade, comecei a ficar muito entusiasmado com o estudo da Bíblia — não apenas lê-la, mas estudá-la de verdade. Comecei com o livro de Romanos e passei horas debruçado sobre os primeiros versículos. A carta começa com Paulo escrevendo: "Paulo, servo de Cristo Jesus, chamado para ser apóstolo". Isso me impulsionou a passar vários dias estudando as palavras *servo* e *apóstolo*. Eu ainda não havia estudado grego, mas pesquisei em comentários, concordâncias e estudos de palavras.

O líder do meu pequeno grupo descobriu o que eu estava fazendo e levantou algumas questões. "O melhor tipo de estudo bíblico", disse ele, "é indutivo, não dedutivo. Você precisa descobrir por si mesmo o que a Bíblia significa, e não deixar que outras pessoas lhe digam o que ela significa por meio de comentários." Na opinião dele, eu estava infringindo uma regra fundamental. O método "santo" de estudo bíblico era sentar-se diante de uma Bíblia aberta e interpretá-la à luz da própria experiência.

Durante esse período, eu era tão míope quanto meu líder. Achava que um colega do grupo de estudo bíblico estava "trapaceando" porque fazia caminhadas na beira da baía ou pela mata e as considerava como "momentos de tranquilidade". " *Esse não é um momento de silêncio*", pensei. " *Você precisa de uma lista de orações intercessórias e um caderno de estudo bíblico para ter um verdadeiro momento de silêncio.*"

Meu líder e eu precisávamos ser mais tolerantes. Todo caminho espiritual verdadeiro tem Jesus Cristo no centro, mas em Cristo existem muitas maneiras de expressarmos nossa fé. Talvez meu líder de estudo bíblico não gostasse de usar comentários ou estudos de palavras, mas o método dele era mais santo que o meu? O método do meu amigo de caminhar à beira da baía era menos santo que o meu de orar mencionando uma lista de familiares, outros cristãos, países estrangeiros e amigos que não conheciam o Senhor?

Tenho receio de usar a palavra *tolerância* porque ela tem sido muito deturpada nos dias de hoje. A tolerância não é a principal virtude que nossa cultura a considera, nem justifica aceitar o que a Bíblia considera comportamento abominável. No entanto, é uma virtude importante, especialmente quando se trata de tolerar diferentes temperamentos espirituais.

Personalidades diferentes muitas vezes têm dificuldade em trabalhar e conviver juntas. Algumas combinações são receitas para o desastre. Mas, embora estejamos falando de temperamentos espirituais e não de tipos de personalidade, o princípio geral é o mesmo. É difícil para nós entendermos — e ainda mais difícil apreciarmos — pessoas que abordam algo (neste caso, Alguém) de maneira diferente da nossa.

Devemos ter cuidado para não invalidar a expressão de fé de outra pessoa simplesmente por ser diferente da nossa. Os pastores, em especial, devem ser sensíveis ao temperamento espiritual de seus membros. No século XVII, Richard Baxter escreveu o clássico definitivo sobre o trabalho pastoral — e "*O Pastor Reformado*" ainda é lido em muitos seminários hoje como um modelo de ministério pastoral eficaz. Baxter enfatiza a importância de dar atenção individual a cada membro da igreja. A aplicação disso hoje, creio eu, é respeitar as diferentes maneiras pelas quais as pessoas nutrem suas almas.

Como escritora, palestrante e discipuladora, tive que tentar compreender O que motiva as pessoas? Devo confessar que certos temperamentos espirituais me incomodam. Se eu estivesse em uma igreja cheia de pessoas com um ou dois temperamentos específicos, acho que enlouqueceria. Mas isso não significa que eu acredite que esses temperamentos espirituais sejam menos válidos do que os que predominam na minha vida.

Pais, seus filhos podem amar a Deus de uma maneira totalmente diferente da maneira como vocês aprenderam a amá-Lo. Maridos e esposas, seus cônjuges podem amar a Deus de uma maneira que vocês simplesmente não entendem. Pastor, os membros da sua igreja podem ter uma expressão de devoção completamente diferente daquela com a qual você está familiarizado. Podemos ainda respeitar esses cristãos "diferentes"? Podemos, em humildade cristã, encorajar outros a nutrir suas almas da maneira que for mais eficaz para eles, contanto que permaneçam fiéis à ortodoxia e à fé cristã histórica? Espero que todos respondamos que sim.

Um perigo relacionado à intolerância é a segregação. Ao ensinar este material em diversos contextos, tornei-me mais sensível à profundidade dos sentimentos com que os cristãos encaram suas formas preferidas de adorar a Deus. Em uma igreja, uma mulher veio até mim e disse: "O que devo fazer quando perceber que estou na igreja completamente errada para o meu temperamento?"

Acredito que empobreceríamos seriamente a igreja de Deus se criássemos "A Primeira Igreja do Ativista", "A Segunda Igreja do Tradicionalista" ou "A Capela ao Ar Livre do Naturalista". Precisamos aprender uns com os outros, em vez de nos isolarmos em nossas próprias experiências limitadas. Conforme meus filhos cresciam, passei a ser grato por, através de outros membros da congregação, eles testemunharem uma variedade de expressões de devoção pessoal. Que tristeza se eu os tivesse limitado à minha pequena experiência de adoração, permitindo que convivessem apenas com pessoas iguais a nós.

Eu também acho que as pessoas esperam demais de suas igrejas. Um pastor que analisou este livro em seus estágios iniciais escreveu na margem: "Acho que você me disse por que os pastores ouvem tantas críticas sobre..." Cultos religiosos com tão pouco louvor: um tipo específico de culto agradará apenas a um nono dos cristãos!

Meu amigo pastor tem razão: cada igreja é repleta de temperamentos conflitantes. É irrazoável esperar que as necessidades espirituais de todos sejam plenamente atendidas por um culto de uma hora a cada sete dias. Espero que este livro facilite para as pessoas complementarem o culto comunitário com seus próprios momentos devocionais regulares.

Assim, durante o culto, elas poderão se concentrar no chamado coletivo da fé cristã e em como podem alcançar outras pessoas.

É idolatria exigir que um único professor lhe dê tudo o que você precisa para crescer na fé. Um pastor frequentemente recebe a responsabilidade de ensinar cem ou mais pessoas, todas em diferentes estágios de vida, profissão e fé. Também é questionável presumir que uma vida plena de adoração possa ser desenvolvida em apenas sessenta minutos semanais de encontros da igreja. Se todas as suas necessidades de adoração podem ser atendidas em uma hora por semana, sua necessidade de adoração é muito pequena!

Uma abordagem mais saudável é desenvolver uma vida de fé, oração e adoração que alimente a vida da igreja. Em vez de criticar o culto, aprenda a contribuir para ele. Talvez sua perspectiva não esteja representada, mas talvez aqueles responsáveis por conduzir o culto possam aprender com a sua maneira de ser. Eles podem não querer incorporar sua sugestão em todos os cultos, mas talvez a considerem de vez em quando.

Espero que este livro nos ensine que existe mais de uma receita espiritual para o crescimento. Deus é maior — muito, muito maior — do que podemos imaginar com nossa experiência limitada.

Como está o seu jardim?

Fomos criados para amar a Deus. Pense nisso por um minuto: *Fomos criados para amar a Deus*. Como os dois jardineiros mencionados no... No início deste capítulo, cada um de nós se encontra diante de um terreno baldio. Deus vasculhará os céus e a terra para nos prover o que precisamos para plantar e manter um belo jardim de amor, intimidade e comunhão com Ele. Não passa um segundo sequer de nossa existência sem que Deus pense em como direcionar nossos corações para Ele. Nem um único segundo.

A alegria quase inacreditável é que você pode desfrutar de um relacionamento com Deus que Ele não terá com mais ninguém. *E Deus anseia ardentemente, apaixonadamente, que esse relacionamento comece.* Deus está tão ansioso para amar e conhecer você quanto estava para conhecer Moisés, Davi e Maria. Você não é menos precioso para Ele do que esses heróis da fé. Mas cada um desses santos dedicou tempo a cultivar e fortalecer seu relacionamento com Deus. Cada um fez do conhecimento de Deus a principal paixão de seu coração.

Você responderá a este mesmo convite hoje?

COMPANHEIROS NA JORNADA: OS CAMINHOS SAGRADOS E O ENEAGRAMA

Quando estou escrevendo um livro, geralmente me sinto como um arquiteto projetando uma casa. Como deve ser a porta da frente (abertura)? Onde fica o telhado (tema)? Qual deve ser a distância entre as paredes (pensando no público)? Quantos cômodos (capítulos)?

Escrever *Caminhos Sagrados* foi diferente em todos os sentidos. Senti-me mais como uma arqueóloga do que como uma arquiteta, desempoeirando os ossos de algo que já existia. Não quero parecer muito mística, mas o processo de escrita pareceu mais *uma descoberta* do que *um projeto*. Na minha proposta inicial para a editora, pensei que simplesmente discutiria maneiras de aproveitar momentos de tranquilidade criativa. Então, aparentemente do nada, esses nove temperamentos começaram a surgir. Quando conversei com minha editora sobre isso, ela me incentivou a explorá-los. "Isso é bom, original e criativo", disse ela, e assim surgiram os nove caminhos sagrados.

Desde a publicação da primeira edição de *Caminhos Sagrados* em 1996, entrevistadores e leitores entusiasmados frequentemente me perguntam sobre a origem desses caminhos. Costumo usar a analogia da arqueologia. Com certa apreensão, por não querer dar uma impressão errada, não afirmo ter inspiração divina bíblica, mas também não posso, em sua consciência, reivindicar a autoria completa. Acredito sinceramente que um dom do Espírito de Deus me ajudou a escrever estas palavras.

As fontes naturais que utilizei foram principalmente personagens bíblicos e passagens ocasionais de clássicos cristãos focados em direção espiritual. Mais tarde, percebi como muitos dos caminhos pareciam se correlacionar com diferenças denominacionais ou mesmo com as diferentes vertentes das tradições cristãs. Embora tenha sido interessante analisar os caminhos à luz do teste Myers-Briggs, esse teste não foi um fator determinante na elaboração das nove descrições.

A Era do Eneagrama

É uma feliz coincidência que existam nove caminhos sagrados e nove pontos no Eneagrama. Não consultei o Eneagrama ao escrever *Caminhos Sagrados*, em grande parte porque, no início da década de 1990, poucas pessoas sequer falavam sobre o Eneagrama. Eu tinha ouvido falar vagamente dele, mas não estava nada familiarizado com ele.

Agora, tendo estudado um pouco o Eneagrama, não acredito que seja possível estabelecer uma correlação direta entre os números do Eneagrama e os caminhos sagrados. Alguns parecem se encaixar naturalmente — cuidadores costumam ser do tipo 2, por exemplo; os do tipo 5 parecem se assemelhar a ascetas ou intelectuais; os do tipo 6 poderiam se encaixar bem com os tradicionalistas; os do tipo 7 podem tender para o caminho do entusiasta; e muitos do tipo 8 podem sentir alguma atração pelo caminho do ativista — mas acho que você distorceria tanto o Eneagrama quanto os caminhos ao tentar forçar uma comparação direta.

O que eu cheguei a acreditar é que o Eneagrama e os caminhos têm propósitos diferentes, mas complementares. De acordo com os especialistas em Eneagrama Ian Morgan Cron e

Suzanne Stabile, “O O propósito do Eneagrama é desenvolver o autoconhecimento e aprender a reconhecer e desidentificar-se das partes de nossa personalidade que nos limitam, para que possamos nos reunir com nosso eu mais verdadeiro e melhor.”¹ Os caminhos sagrados têm tudo a ver com descobrir a melhor maneira de se relacionar ou se conectar com Deus. Compreender-se melhor *pode* ajudá-lo a se relacionar melhor com Deus, assim como conectar-se com Deus pode ajudá-lo a se compreender muito melhor. Esses são objetivos complementares, mas não idênticos.

O Dr. Shane Wood, professor de estudos do Novo Testamento no Ozark Christian College, é versado no Eneagrama e também está familiarizado com os caminhos. Nós dois tivemos algumas discussões esclarecedoras sobre como eles melhor cooperam. O Dr. Wood encontra a conexão em Mateus 22:37-39, onde Jesus é questionado sobre o maior mandamento da lei. “A resposta de Jesus é surpreendente”, diz o Dr. Wood. “Ele começa com o grande Shemá de Deuteronômio 6: ‘Ame o Senhor, o seu Deus, de todo o seu coração, de toda a sua alma e de toda a sua mente’. Até aqui, nenhuma surpresa. Mas então vem a estranha frase no versículo 39: ‘E o segundo é semelhante ao primeiro’ — ao que eu pergunto: *O que no mundo poderia ser semelhante ao primeiro, isto é, amar a Deus de todo o meu coração?* Jesus continua: ‘Ame o seu próximo *como a si mesmo*’.”

“É nessas duas últimas linhas que vejo uma ligação entre os caminhos sagrados e o Eneagrama, pois se não soubermos como nos amar, ou em outras palavras, ‘compreender a nós mesmos’ — o Eneagrama — então não saberemos como amar o nosso próximo, e não saberemos como amar a Deus, que é o primeiro e maior mandamento e o objetivo dos caminhos sagrados.”

Uma das metáforas favoritas do Dr. Wood para o uso do Eneagrama é que todos nós estamos “aprisionados” por nossas feridas da infância e precisamos ser capazes de compreender as paredes dessa prisão para que possamos “explorar o que nos alegrará e nos libertará em nossa relação com Deus”. Nessa perspectiva, poderíamos chamar o Eneagrama de a chave que abre as portas. A porta através da qual você se encontra com Deus da maneira mais satisfatória e íntima.

Em *Caminhos Sagrados*, menciono o maior mandamento, conforme citado em Marcos 12:30-31, que aborda quatro dimensões pelas quais nos dedicamos a Deus: coração, alma, mente e força. O Dr. Wood destaca que o Eneagrama é composto por três tríades: a tríade do coração (2, 3, 4), a tríade da cabeça (5, 6, 7) e a tríade do corpo (8, 9, 1). Ele afirma: “O que falta ao Eneagrama, porém, é algo que se concentre na alma. Um GPS precisa saber de onde você está partindo e para onde está indo. O Eneagrama é o *ponto de partida*, as camadas de mecanismos de defesa, e as Escrituras nos revelam nosso *destino* — a conexão com o Deus trino. Contudo, muitas vezes um GPS oferece várias rotas para o mesmo lugar, e é aí que vejo a importância dos caminhos sagrados.”

Cirurgiões Espirituais

Ao lidar com um paciente gravemente enfermo, os médicos frequentemente prescrevem diferentes medicamentos simultaneamente para tratar problemas distintos. Por exemplo, uma prescrição alivia a dor, enquanto outra relaxa os músculos. O sábio cirurgião espiritual também dispõe de uma variedade de recursos para cuidar da alma em todas as suas necessidades. Às vezes, é preciso tratar a “dor” espiritual; outras vezes, pode ser necessário conduzir a alma ao relaxamento.

O Eneagrama aborda a dor. O estudioso do Eneagrama, Richard Rohr, escreve: “Com o Eneagrama, a questão é: por que, em nosso encontro com a vida, nós, seres humanos, tantas vezes nos deparamos com nós mesmos em vez de fazermos uma ruptura com Deus, com o Totalmente Outro?” ²Com base nessa percepção, poderíamos dizer que *o Eneagrama remove os obstáculos que podem nos impedir de buscar ou mesmo tendo consciência de qualquer caminho específico*. O Eneagrama é o remédio que lida com a dor para que a cirurgia espiritual possa começar.

Uma vez libertados da dor e do cativeiro, podemos ser libertados para a alegria e a liberdade de nos relacionarmos com Deus ao longo de nossos caminhos sagrados.

Se você conhece o Eneagrama, sabe que, além de atribuir um dos nove números (cada número com uma "asa"), existem três "tríades" nas quais os números são agrupados. Mentores espirituais costumam recomendar certas práticas espirituais (reconhecidas ao longo dos tempos) que podem ajudar a trazer cura para cada tríade. Não escrevi os caminhos pensando tanto em "cura", mas sim em "deleite" e "conexão", embora, é claro, deleitar-se em Deus e conectar-se com Deus sejam experiências curativas.

Rohr recomenda que a "tríade visceral" do Eneagrama (números 8, 9 e 1) encontre cura espiritual no que eu chamaria de caminhos sagrados ascéticos ou contemplativos. Duvido que Rohr esteja familiarizado com esses caminhos, então estou aplicando seu conselho geral de que a tríade visceral busque os tipos de atividades que caracterizam o que eu chamo de ascetas e contemplativos na estrutura dos caminhos sagrados. Dito isso, também acho que muitos tipos 8 provavelmente se sentiriam em casa no caminho do ativismo.

A tríade do coração (2, 3, 4) pode se sentir mais confortável nos caminhos do cuidador ou do entusiasta, mas pode *precisar* dos caminhos ascético e contemplativo para superar sua tendência de depender dos outros.

A tríade da cabeça (5, 6, 7) pode gravitar em direção à via intelectual. No entanto, quando Rohr escreve que “formas concretas de meditação (por exemplo, observar imagens), nas quais eles podem captar algo, também atraem essas pessoas”, ele está descrevendo a via sensorial. ³Ler esses relatos me faz pensar que a tríade da cabeça também pode se sentir confortável na via tradicionalista. O que eles podem *precisar*, no entanto (em oposição ao *que desejam*), seria o ativismo. caminho — sair da própria cabeça e focar nas necessidades dos outros.

As artes de cura, tanto médicas quanto espirituais, são chamadas de "artes" por um motivo. Elas se baseiam na ciência e na aplicação criativa. Isso não é menos verdadeiro para a cirurgia espiritual. Tudo o que podemos fazer é fornecer as ferramentas (o Eneagrama e os caminhos sagrados), mas cabe ao cirurgião espiritual aplicar a verdade de forma criativa.

O mesmo cinzel e a mesma lima usados por Michelangelo estavam disponíveis para qualquer escultor do século XVI, com resultados muito diferentes, mas, é claro, Michelangelo criou obras incomparáveis. Por quê? Ele dominou *tanto* a ciência quanto a arte.

Acorde, dorminhoco

Agostinho escreveu, de forma memorável: “Assim, com o fardo deste mundo presente, fui agradavelmente retido, como em sono.”⁴ Ao longo dos séculos, muitos escritores e pensadores clássicos concordaram com Agostinho, frequentemente comparando nossa existência à de pessoas que caminham sonâmbulas pela vida, alheias ao que traz

verdadeira vida e verdadeira alegria — até mesmo verdadeira felicidade. Estamos desesperados, mas cegos, e por isso gastamos muita energia procurando amor nos lugares errados.

Para descrever esse fenômeno, o Dr. Wood cita Efésios 5:14:

“Acorda, dorminhoco,

ressuscitar dos mortos,

E Cristo fará resplandecer a sua luz sobre vocês.”

O Eneagrama tem tudo a ver com "nos despertar". Nesse sentido, se você é um Tipo 2 no Eneagrama, pode tentar trilhar um caminho sagrado não correspondente, porque você pode ser um Tipo 2 em todos os sentidos. motivos errados. O Dr. Wood sugere: “O Eneagrama parte da ideia de que todos nós somos sonâmbulos, movendo-nos automaticamente em nosso espaço espiritual, tentando lidar com a dor de estarmos separados de Deus. Para os tipos 2, então, o *cuidado* não é o caminho de volta para casa, mas sim a forma como estão singularmente quebrados, singularmente aprisionados. O que um tipo 2 precisa é encontrar maneiras únicas de trilhar o caminho dos ascetas, porque eles estão em constante estado de comparação com os outros para definir sua identidade — enquanto a solidão do caminho ascético os desafia a encontrar sua identidade *não* em comparação com os outros, mas somente em Deus, na solidão. Da mesma forma, os tipos 8 parecem seguir o caminho do ativismo, mas o ponto singular do Eneagrama é que os tipos 8 fazem isso como um mecanismo de defesa, acreditando que mais e mais confrontos os ajudarão a voltar para casa, quando na realidade isso simplesmente os aprisiona ainda mais. O que os tipos 8 podem precisar, então, é trilhar o caminho do cuidado, indicado pela linha que conecta os tipos 8 aos tipos 2 no Eneagrama. Em outras palavras, Os paralelos entre os eneatis e os caminhos podem ter menos a ver com a aparência do tipo em comparação com os caminhos e mais com quais caminhos irão contrariar as crenças falsas encontradas em cada eneatis.”

O Dr. Wood descreve o objetivo do Eneagrama como "curar a si mesmo para que você possa curar os outros". Acredito que o objetivo dos caminhos é se preencher com Deus para que você possa levar outros a Ele e representá-Lo bem. Novamente, dois objetivos complementares.

Tanto os caminhos quanto o Eneagrama apontam para comunidades mais saudáveis. O Dr. Wood afirma: "Se você não sabe como se conectar com a imagem de Deus em você, então você ignorará a imagem de Deus nos outros". Isso leva ao julgamento, preconceito, ódio e malícia em vez de compaixão, encorajamento, bondade, amor e união.

Tanto o Eneagrama quanto os caminhos me ajudam a apreciar o projeto divino de Deus e sua habilidade em criar pessoas diferentes. Em termos fundamentais, quero dizer que não devo *julgar* -los, mas *apreciar* -los e adorar a Deus de acordo com isso. As flores são belas; as montanhas, majestosas; os escorpiões, intrigantes; e o oceano, transcendente — e, no entanto, todos são belos à sua maneira. O Eneagrama e os caminhos sagrados, quando aplicados corretamente, proporcionarão maior liberdade pessoal e maior respeito pelos outros, duas necessidades urgentes na igreja atual. Não há criador como Deus, que moldou tantas facetas, nuances e cores de beleza no mundo físico e nas pessoas.

Isso nos leva a uma observação importante feita por inúmeros estudiosos do Eneagrama, que enfatizam algo sobre o Eneagrama que acredito ser igualmente verdadeiro para os caminhos: não devemos avaliar ou comparar nossos números. Nenhum número (ou

caminho) é "melhor" que outro. Todos nós somos imperfeitos e todos podemos ser dádivas para a igreja de Deus. Cada caminho tem bênçãos e cada caminho tem suas próprias tentações. A igreja se enriquece quando a adoração é vivenciada por meio de todos os nove caminhos, em vez de se discutir se o caminho intelectual é mais "bíblico" do que, digamos, o sensorial. A igreja é uma representação maior de Deus do que qualquer indivíduo, por mais devoto que seja.

Outra conexão entre o Eneagrama e os caminhos é que a maioria dos autores que escrevem sobre o Eneagrama afirma que todos nós temos um pouco de cada número dentro de nós. Da mesma forma, a maioria dos cristãos desfruta da experiência de vários caminhos. Eu uso a palavra " *mistura* " de forma mais fluida do que acredito que os autores que escrevem sobre o Eneagrama usam (embora, para ser justo, eles falem sobre asas), e certamente falo da fluidez dos caminhos (crescer como um entusiasta, passar para um tradicionalista ou naturalista, terminar como um contemplativo) de uma maneira que nenhum autor que eu conheça jamaisalaria sobre a "fluidez" do Eneagrama. Com o Eneagrama, você está praticamente ligado ao seu número para a vida toda; os caminhos podem ser muito mais sazonais.

Outra grande diferença entre os dois é que, enquanto o Eneagrama Os números muitas vezes se originam (pelo menos em parte) de "feridas originais" ou "feridas da infância" (duas maneiras diferentes de tentar descrever o mesmo conceito geral), os caminhos não têm nada a ver com feridas; eles são inteiramente sobre o que nos traz mais alegria, intimidade e conexão com Deus. Em vez de os caminhos se originarem da dor, eles são traçados pela alegria — não pelo que nos fizeram, mas pelo que gostamos de fazer.

Abrindo Janelas para Deus

Uma frase comum que ouço dos entusiastas do Eneagrama é: "Você só pode levar as pessoas até onde você chegou". Isso serve para responder à pergunta: "Por que me dar ao trabalho de lidar com minhas mágoas, entender minhas fraquezas e descobrir meus talentos?" — porque, de fato, é um trabalho árduo. Se você quer usar o Eneagrama como ferramenta de transformação, prepare-se para muito esforço. Familiarizar-se com ele apenas para criar uma "brincadeira" para entreter amigos e convidados em um jantar pode fazer mais mal do que bem.

Mas esta frase — "Você só pode levar as pessoas até onde você chegou" — pode ser onde os caminhos e o Eneagrama divergem. A formação espiritual não se trata de elevar as pessoas ao nosso nível; trata-se de abrir a janela para Deus e permitir que Ele eleve as pessoas ao Seu nível. Eu não posso ser todos os nove caminhos (embora eu acredite que Jesus os tenha demonstrado todos), mas posso apontar o caminho das pessoas e esperar que Deus lhes dê discernimento e alegria por meio de uma via que eu mesmo nunca experimentei. Não preciso ser um contemplativo para saber o quão rico esse caminho é para tantos.

E para mim, essa é a alegria de guiar as pessoas para longe de si mesmas e em direção a Deus. Em Sua presença encontramos nossa maior alegria e satisfação. É por isso que amo ensinar nos caminhos sagrados. Ajudar as pessoas Conectar-se com o Deus para o qual foram criados é uma das maiores e mais elevadas honras neste planeta bom, porém imperfeito.

Jamais me esquecerei do convite que recebi para visitar uma igreja nos arredores de Joanesburgo, na África do Sul. A liderança local havia lido, estudado e apreciado *o livro*

Caminhos Sagrados e construído uma capela projetada para acomodar, em diferentes graus, os nove caminhos. A igreja era grande o suficiente para que se reunissem em um auditório aos domingos de manhã, mas a capela fora destinada à oração individual durante a semana. Estar lá foi uma das minhas primeiras experiências tentando comunicar a verdade em um contexto verdadeiramente intercultural, no qual eu falava um idioma diferente. Ao sair de Joanesburgo, eu realmente não tinha certeza de como tinha sido a experiência. Mas, enquanto eu estava sentada no avião, durante a longa viagem de volta aos Estados Unidos, pude ouvir a voz suave de Deus: “Ensinar os outros a me amar e a se relacionar comigo é um dos melhores presentes que você poderia me dar”. Independentemente de ter tido sucesso ou não, Deus conhecia meu coração e meu objetivo, e isso o agradava.

Da mesma forma, oro para que muitos peguem este livro e abracem a alegria de todas as alegrias — relacionar-se com Deus da maneira como Ele os criou para se relacionarem com Ele e, então, ensinar outros a fazerem o mesmo. Não há propósito maior na vida do que este.

QUESTÕES PARA DISCUSSÃO E REFLEXÃO

Compilado por Gary Thomas e Lynette Marie Galisewski

Capítulo 1: Amando a Deus

1. Você aprendeu sobre um "momento de silêncio" (um tempo devocional diário a sós com Deus, estudando a Bíblia e orando) no início da sua jornada de fé? Se sim, como isso foi descrito? Tem sido útil para você?
2. Seus momentos devocionais evoluíram com o passar dos anos? Tornaram-se uma parte cada vez mais importante da sua vida ou estão gradualmente desaparecendo?
3. De que forma sua formação religiosa influenciou a maneira como você passa tempo a sós com Deus? Quais foram os aspectos positivos e negativos dessa influência?
4. Antes de prosseguir, quais você acha que são seus principais caminhos neurais? Você já pensou neles dessa forma antes?

Capítulo 2: Onde está o teu Getsêmani?

1. Você conseguiu identificar o seu próprio "Getsêmani", um lugar ou uma atividade que tem sido consistentemente enriquecedora e útil para construir intimidade com Deus no dia a dia? Descreva-a.
2. Você tende a priorizar mais o serviço do que a oração, ou a oração do que o serviço? Como essa escolha afetou sua caminhada espiritual? Você acha que precisa mudar algo? Se sim, o que isso envolveria?
3. Descreva uma situação em que você se sentiu estagnado(a) em sua prática devocional. O que te ajudou a sair dessa situação?
4. De que forma a ideia de Gary de estar "casado" com Deus em vez de "namorar" com Ele oferece orientação para construir uma vida de devoção a longo prazo?

Capítulo 3: Naturalistas

1. Quais aspectos do caminho do naturalista para se conectar com Deus lhe parecem mais úteis ou intrigantes? Quais lhe parecem menos interessantes?
2. Você considera o ar livre principalmente um lugar de admiração espiritual, um lugar de recreação ou um refúgio para escapar do ambiente interno? Compartilhe alguns dos seus momentos favoritos ao ar livre.

3. Leia os Salmos 8 e 23. De que forma estar em contato com a natureza desperta em **Davi** a consciência e a gratidão por Deus?

4. Fale sobre algumas das lições que você aprendeu passando tempo ao ar livre. Estar ao ar livre era simplesmente um lugar onde você podia ouvir a voz de Deus, ou Deus usou algo natural (a forma de uma árvore, uma colônia de formigas, etc.)? O movimento, a cor do arco-íris, serve para inspirar, instruir ou desafiar você? O que poderia ajudá-lo a se tornar mais receptivo a isso no futuro?

5. Existem outras tentações que os naturalistas podem enfrentar além daquelas mencionadas por Gary? Se sim, quais seriam?

6. Como você aconselharia alguém que não tem uma inclinação particular para o naturalismo a explorar o uso da natureza para suas devoções pessoais?

Capítulo 4: Sensíveis

1. Quais aspectos do caminho do ser sensorial para se conectar com Deus lhe parecem mais úteis ou intrigantes? Quais aspectos lhe parecem menos interessantes?

2. Você já teve um momento "Henri Nouwen", em que Deus usou uma pintura, fotografia ou música deslumbrante para abrir seu coração para Ele de uma maneira nova? Se sim, descreva.

3. Ao ler Ezequiel 1:4–28; 3:1–3, considere cada um destes sentidos:

• visão

• som

• tocar

• cheiro

• gosto

Como a visão de Deus no céu, segundo Ezequiel, incorpora cada um dos seus sentidos? Ao ler este texto, seus sentidos são estimulados a atraí-lo para uma presença de Deus mais plena? Se sim, descreva.

4. Você acha que a beleza (em qualquer forma) te transporta para a presença de Deus, ou te distrai de se concentrar nele? Por quê?

5. Como as igrejas podem fazer um trabalho melhor ao incorporar os cinco sentidos em seus cultos?

6. Crie uma experiência "sensorial" (usando todos os cinco sentidos) para interagir com Deus. Quais foram suas reações a essa experiência? Ela aumentou ou diminuiu sua percepção da presença de Deus?

Capítulo 5: Tradicionalistas

1. Quais aspectos do caminho tradicionalista para se conectar com Deus lhe parecem mais úteis ou intrigantes? Quais aspectos lhe parecem menos interessantes?

2. Como o desenvolvimento dos três elementos do caminho tradicionalista pode aprimorar sua consciência e adoração a Deus?

- ritual (ou padrão litúrgico)

- símbolo (ou imagem significativa)

- sacrifício

3. Por que você acha que a religião geralmente é vista como um perigo em vez de um caminho para a adoração íntima de Deus? Quais são as características de uma religião que está divorciada da verdadeira fé?

4. Leia Êxodo 12:21-27. Deus estava realizando algo grandioso na vida da nação hebraica, libertando-a da escravidão no Egito. Ele queria que eles guardassem esse evento na memória como uma verdadeira obra de Deus em sua história, para que jamais se esquecessem de seu resgate milagroso.

- O que ele os chama a fazer como *ritual* ? (Veja também Êxodo 12:1-14.)

- Que *símbolo(s)* ele utiliza como gatilho para a lembrança?

- Que *sacrifício* foi envolvido?

5. Leia Lucas 22:7-20. A última refeição de Jesus antes de ir para a cruz foi a celebração da Páscoa, na qual ele instituiu uma nova comemoração para seus seguidores. O que o pão e o vinho simbolizam? Quais são os paralelos entre o derramamento do sangue do cordeiro na Páscoa e o derramamento do próprio sangue de Jesus (veja também Isaías 53)? Como a Ceia do Senhor pode adquirir um novo significado ao acolhermos os elementos que Jesus nos deu em memória dele?

6 • Como manter um horário fixo para oração ou adotar uma regra de oração pode ajudar alguém que nunca aprendeu a orar? Existem perigos nessas duas abordagens à oração? Quais são os benefícios potenciais?

7 • Nas [páginas 94 a 97](#), Gary discute várias tentações do tradicionalista. Alguma delas lhe parece familiar? Se sim, descreva.

8 • Crie uma experiência tradicionalista esta semana, como participar de um culto litúrgico, orar seguindo um cronograma ou uma regra de oração, ou desenvolver alguns símbolos que sejam significativos para você. Descreva o que você fez e como isso foi útil (ou prejudicial).

Capítulo 6: Ascetas

1 • Quais aspectos do caminho do asceta para se conectar com Deus lhe parecem mais úteis ou intrigantes? Quais lhe parecem menos interessantes?

2 • De que forma o desenvolvimento de cada uma dessas três disciplinas pode fortalecer sua conexão com Deus?

•solidão

•austeridade

•rigor

3 • Leia Mateus 4:1-11. Antes de iniciar seu ministério público, Jesus buscou o Pai em solidão, austeridade e rigor no deserto da Judeia. Com o que Satanás o tentou? Como Jesus respondeu? Satanás prometeu a Jesus coisas que ele receberia no tempo e à maneira perfeitos de Deus, mas o tentou a escolher o caminho mais fácil, evitando a dor (especialmente a cruz). Ao refletir sobre algumas das maneiras pelas quais Satanás o tentou, o que esse episódio na vida de Jesus pode lhe ensinar sobre como perseverar nas dificuldades envolvidas no cumprimento do propósito de Deus para sua vida?

4 • Onde estava Amós quando Deus o chamou (ver Amós 1:1)? E Ezequiel (ver Ezequiel 1:1)? E João Batista (ver Lucas 1:80)? Como as práticas dos ascetas podem nos preparar para o ministério?

5. A quais tentações dos ascetas você tem maior probabilidade de sucumbir?

•dar ênfase excessiva à piedade pessoal

•buscar a dor por si só

• buscando obter o favor de Deus por meio de seus esforços

6. O que você acha que Dietrich Bonhoeffer quis dizer quando escreveu que, se não tivermos algum elemento ascético em nós, teremos dificuldade em seguir a Cristo?
• Você acredita que essa afirmação seja verdadeira? Por quê?

7. Crie uma experiência ascética esta semana adotando uma das seguintes práticas: uma vigília noturna, um período de silêncio, um jejum, uma obra para o Senhor,
• um retiro pessoal, uma dificuldade que você suporte intencionalmente. Descreva sua experiência.

Capítulo 7: Ativistas

1. Quais aspectos da trajetória do ativista em busca de conexão com Deus lhe parecem mais úteis ou intrigantes? Quais aspectos lhe parecem menos interessantes?

2. Leia Isaías 58:6-12. Deus está chamando seu povo para fora da complacência de buscar apenas a santidade pessoal (através do jejum e das obrigações religiosas) e
• os exortando a se preocuparem profundamente também com as injustiças sociais. Nesta passagem, quais são as questões que mais preocupam a Deus? A que ações Deus chama Israel? Quais são os benefícios pessoais prometidos que acompanham nossa obediência ao plano de Deus?

3. Gary constantemente nos alerta contra a arrogância, o ceticismo ou a dureza em nossos esforços para promover mudanças na sociedade por amor a Jesus. Como
• abraçar a verdade de Miquéias 6:8 nos ajudaria a evitar isso?

4. Você consegue pensar em algum ativista contemporâneo que te inspire? O que há nele ou nela que torna a fé dessa pessoa contagiante? Pense em alguém que te
• cause repulsa. Existe algo que torne a expressão de fé dessa pessoa prejudicial ou problemática, ou você simplesmente não simpatiza com ativistas? Este capítulo mudou sua visão sobre ativistas de alguma forma? Se sim, como?

5. Para muitos de nós, é mais fácil passar despercebido em meio a confrontos e desfrutar da paz da nossa caminhada pessoal com Deus. Em Lucas 19:45-48, o que
• motivou Jesus a se manifestar ativamente contra a injustiça e a iniquidade? O que te inspira a ser mais ativo nessa luta?

6. Discuta a diferença entre ser um ativista por *temperamento* e ser um ativista por
• *obrigação ocasional*.

7. Como a igreja pode ajudar os ativistas a expressarem sua fé como parte da devoção,
• evitando as tentações sobre as quais Gary alerta nas [páginas 135-38](#)?

8. Considerando a sua área de preocupação, o que você pode fazer esta semana para agir de acordo com a sua convicção? Ore sobre isso e peça a Deus sabedoria, motivação e a atitude corretas para honrá-lo em seu ativismo. Registre seus pensamentos ou descobertas aqui.

Capítulo 8: Cuidadores

1. Quais aspectos da jornada do cuidador para se conectar com Deus lhe parecem mais úteis ou intrigantes? Quais aspectos lhe parecem menos interessantes?

2. Jesus, o cuidador por excelência, foi singular entre os líderes religiosos em seu chamado para cuidar dos pobres e necessitados. Em seu primeiro sermão, ao iniciar seu ministério público, Jesus cita uma profecia messiânica de Isaías. Leia Lucas 4:16-21. Quão fielmente o foco do ministério de Jesus reflete a ênfase da igreja hoje? Como adotar a mentalidade de Jesus pode nos ajudar a construir vidas mais íntimas com nosso Pai celestial?

3. Existe alguma diferença entre amar os outros como um ato de obediência e amar os outros como um ato de adoração a Deus?

4. Leia Mateus 25:31-46. Esses versículos nos chamam a ver Jesus nas pessoas ao nosso redor e a tratá-las com o cuidado e a preocupação que sentiríamos se Jesus estivesse naquele lugar de necessidade. Como seriam suas interações com as pessoas necessitadas? As coisas ao seu redor mudam se você realmente abraçar essa mentalidade/estado de espírito?

5. Você já conheceu um verdadeiro cuidador — alguém que parece dedicado a amar a Deus amando os outros? O que mais te impressionou nessa pessoa?

6. Como você pode ampliar a visão que restringe o culto ao canto, incluindo *atos* que você possa realizar, como cuidar de outras pessoas? Por que você acha que o culto é frequentemente conhecido principalmente como simplesmente cantar músicas?

7. Você se identifica com alguma das tentações do cuidador descritas nas [páginas 156 a 158](#)? Em caso afirmativo, descreva e explore como os cuidadores podem se proteger contra essas falhas.

8. Planeje uma atividade de cuidado esta semana que seja totalmente voltada para a adoração — amar a Deus amando o próximo. Descreva a situação e como você sentiu a presença de Deus ao realizar esse ato.

Capítulo 9: Entusiastas

1. Quais aspectos da jornada do entusiasta para se conectar com Deus lhe parecem mais úteis ou intrigantes? Quais aspectos lhe parecem menos interessantes?

2. Gary fala sobre “o mistério da fé”. O que ele quer dizer com essa expressão e como esse conceito/experiência alimenta a caminhada do entusiasta com Deus?

3. Leia Gênesis 24:1–27. O servo de Abraão envolveu Deus de uma maneira misteriosa ao procurar a mulher certa para se casar com Isaque, filho de Abraão. Você já teve experiências semelhantes, “misteriosas” ou “coincidentes”, que só podem ser atribuídas à orquestração de Deus em sua vida? Se sim, descreva.

4. Deus já falou com você por meio de um sonho? Como você chegou à conclusão de que era realmente Deus se comunicando com você? Quais são os perigos de se abrir para esse tipo de experiência?

5. Todos nós conhecemos pessoas (ou talvez *sejamos* pessoas!) que agem como se tivessem informações privilegiadas sobre tudo o que Deus está fazendo, não apenas em suas próprias vidas, mas também na vida de todos os outros. Quais sugestões, apresentadas ao longo do capítulo, podem ajudar o entusiasta a manter o equilíbrio em sua caminhada com Deus?

6. Você já viveu em estado de expectativa, se colocando à disposição e esperando que Deus o usasse de maneiras surpreendentes ou até misteriosas? Como foi essa experiência? Que conselho você daria a alguém que se coloca à disposição, mas parece que nada de concreto acontece?

7. Leia 2 Samuel 6:1–5, 12–23. O que o impede de celebrar a Deus como Davi o fez? Por que você acha que Mical desprezou Davi por suas ações? Que lições você pode aprender com isso?

8. Você já sentiu a presença de Deus enquanto criava algo? O que você estava fazendo? Como você pode usar seus hobbies ou interesses como atos regulares de adoração?

9. Crie uma oportunidade esta semana para libertar os elementos do mistério, da celebração, da criação ou da profunda adoração. Escreva aqui sobre suas experiências e descobertas.

Capítulo 10: Contemplativos

1. Quais aspectos do caminho contemplativo para se conectar com Deus lhe parecem mais úteis ou intrigantes? Quais aspectos lhe parecem menos interessantes?

2. Sentir o profundo amor de Deus por você não é algo que você possa exigir ou forçar. É uma dádiva de Deus, uma brisa de consciência que sopra em sua alma. Como você pode içar as velas do seu coração para capturar essa brisa e deixar que ela o impulsione para a Sua presença?

3. Leia Cântico dos Cânticos 5:10-16 — um relato quase constrangedor de todas as coisas que essa mulher adora em seu amado. Apaixonar-se por Deus é acelerado quando dedicamos tempo a nos concentrar em todas as coisas que amamos e apreciamos Nele. Como é a sua “lista de amor” por Deus? Escreva-a em uma folha de papel.

4. De que forma esses “atos contemplativos” podem ajudá-lo a crescer nesse caminho de adorar a Deus de forma mais intencional?

- a oração de Jesus

- atos secretos de devoção

- oração dançante

- oração centrante

- oração do coração

- estações da cruz

- oração meditativa

5. Quais são os perigos de seguir um caminho espiritual que se alimenta de sentimentos e experiências espirituais? Como os contemplativos podem se proteger desses perigos?

6. O que alguém que não gosta de ficar sozinho pode aprender com os contemplativos? O que os ativistas podem aprender com eles? E os entusiastas? E os cuidadores? O que os contemplativos podem aprender com os outros temperamentos?

7. Reserve um tempo a sós com Deus esta semana para aquietar-se em Sua presença. Escolha um dos atos contemplativos e registre sua experiência.

Capítulo 11: Intelectuais

1. Quais aspectos do caminho do intelectual para se conectar com Deus lhe parecem mais úteis ou intrigantes? Quais aspectos lhe parecem menos interessantes?

2. Já aconteceu de você aprender algo novo sobre alguém e mudar completamente a forma como você o via e pensava sobre ele? Como esse mesmo princípio poderia ser aplicado à maneira como você pensa e adora a Deus?

3 Salomão, considerado um dos homens mais sábios que já existiram, escreveu o livro de Provérbios para instruir seus filhos nos caminhos de Deus. Leia **•** Provérbios 2:1–15. O que Salomão diz a seus filhos para buscarem e adquirirem? O que a sabedoria e o conhecimento farão por aquele que os busca verdadeiramente? Como o entendimento, a sabedoria e o conhecimento se conectam com o amor e o conhecimento de Deus?

4 Buscar conhecimento com o objetivo de acumular mais fatos ou vencer uma discussão pode ser um exercício de orgulho e resultar em arrogância. Como Deus **•** deseja usar o crescimento intelectual e a compreensão teológica para aproximá-lo Dele? Como isso pode ajudá-lo a se tornar mais semelhante a Cristo?

5 Gary se concentra em cinco disciplinas clássicas da formação teológica. Como o **•** estudo dessas áreas pode ajudá-lo a crescer em sua caminhada com Deus?

• história da igreja (histórias de fé)

• estudos bíblicos

• teologia sistemática

• ética

• apologética

6 Como os cristãos que não se consideram particularmente inteligentes ou com **•** inclinação acadêmica ainda podem atuar como intelectuais em sua jornada espiritual?

7 Leia os Salmos 64:9; 111:1-2; Eclesiastes 12:9-11. Como esses versículos nos **•** orientam a usar nossa mente para adorar a Deus? Que papel especial os intelectuais podem desempenhar no serviço à igreja de Cristo?

8 Planeje um momento de adoração intelectual e anote o que você aprendeu com **•** essa experiência — como a compreensão de novos conceitos o ajudou a adorar a Deus e desfrutar de Sua presença, expandiu seu coração ou levou a um novo respeito ou afeição por seu Pai celestial.

Capítulo 12: Cuidando do Jardim da Alma

1 Leia a analogia das duas hortas na [página 231](#). Qual delas melhor descreve o **•** cuidado que você dedica à sua alma? Como a compreensão dos caminhos sagrados pode ajudá-lo(a) a mudar (ou manter) isso?

2 • Quais são seus quatro principais caminhos? Você se surpreendeu com os resultados? Liste algumas coisas que você pode fazer em cada caminho para aumentar sua devoção nessa área.

Caminho para o seu cultivo

[Suas anotações]

3 • Algum dos outros caminhos desperta seu interesse a ponto de você querer explorá-los e desenvolvê-los? Se sim, qual(is)? O que o ajudará a crescer nessa(s) área(s)?

4 • Responda à seguinte afirmação: Quanto mais madura uma pessoa for e quanto mais tempo tiver caminhado ativa e apaixonadamente com Deus, mais temperamentos espirituais ela demonstrará. Você concorda com essa afirmação? Por quê?

5 • O estudo dos diversos caminhos para construir intimidade com Deus ajudou você a se tornar mais compreensivo e, portanto, mais tolerante com caminhos diferentes do seu? Se sim, descreva.

6 • Leia João 15:1-8. A analogia do jardim revela que, quando nos conectamos com Deus de maneira significativa, por causa do seu poder e presença em nossas vidas, teremos oportunidades produtivas e frutíferas no ministério. Como esses versículos descrevem essa interação entre o fluir de Deus em sua vida e sua influência sobre os outros?

7 • Releia a seção final deste capítulo (“Como está o seu jardim?”). Você acredita que Deus anseia ardentemente por um relacionamento de amor com você? Esse relacionamento é a principal paixão do seu coração? Converse com Deus sobre o seu relacionamento passado com Ele e sobre o seu desejo para o futuro.

NOTAS

Capítulo 1: Amando a Deus

- 1 .AW Tozer, *A Busca de Deus* (Camp Hill, PA: Christian Publications, 1982), 12–13.
- 2 .Para mais informações sobre isso, veja Morton Kelsey, *Transcend* (Rockport, MA: Element, 1981), 122.
- 3 .Annie Dillard, *Santa Firma* (Nova York: Harper, 1977), 55.
- 4 .Dillard, *Santa Firma* , 19–20.
- 5 .W. Phillip Keller, *Domando a Tensão* (Grand Rapids: Baker, 1979), 120.
- 6 .Keller, *Domando a Tensão* , 132.
- 7 .Keller, *Domando a Tensão* , 133.
- 8 .Keller, *Domando a Tensão* , 134.
- 9 .Michael Card, “The Things We Leave Behind”, Sparrow Records (1994), do álbum *Poeima* .
- 10 .Francis Schaeffer, *Como devemos viver então?* (1976; reimpressão, Wheaton, IL: Crossway, 2005), 256.
- 11 .Citado em “Madre Teresa de Calcutá”, *Charlotte Observer* (14 de junho de 1995).
- 12 .“Madre Teresa de Calcutá.”

13 J.I. Packer, *Conhecendo a Deus* (Downers Grove, IL: InterVarsity, 1973); *Caminhando em sintonia com o Espírito* (Old Tappan, NJ: Revell, 1984).

Capítulo 2: Onde está o teu Getsêmani?

- 1** Ver Susan Power Bratton, *Christianity, Wilderness and Wildlife* (Scranton, PA: University of Scranton Press, 1993), 78.
- 2** Citado em Anugrah Kumar, “Guarde seu coração acima de tudo, “O respeitado teólogo Wayne Grudem faz um alerta”, *Christian Post* , 2 de setembro de 2013, www.christianpost.com/news/guard-your-heart-above-all-else-respected-theologian-wayne-grudem-warns.html.

Capítulo 3: Naturalistas

- 1 .Ver Wayne Simsic, *Natural Prayer* (Mystic, CT: Twenty-Third Publications, 1991), 70.
- 2** Ver Susan Power Bratton, *Christianity, Wilderness and Wildlife* (Scranton, PA: University of Scranton Press, 1993), 35.

3. Ver Bratton, *Cristianismo, Natureza Selvagem e Vida Selvagem*, p. 244. Gostaria de agradecer a Bratton pela citação (que adaptei para este livro): “O batismo é transferido do rio para a pia batismal de mármore, o chamado dos discípulos é transferido da beira-mar para os serviços formais de ordenação e a oração é transferida do lugar isolado para o banco lotado da igreja.”

4. Citado em Conrad Cherry, *Nature and Religious Imagination* (Filadélfia: Fortress, 1980), 27.

5. São Bernardo de Claraval, *As Cartas de São Bernardo de Claraval*, trad. Bruno Scott James (Athens, OH: Cistercian, 1998), 156.

6. Citado em Bratton, *Cristianismo, Natureza Selvagem e Vida Selvagem*, 165.

7. Citado em Seth Borenstein, “A fé dos astronautas não se perdeu no espaço”, *Orlando Sentinel*, 7 de novembro de 1998, www.orlandosentinel.com/news/os-xpm-1998-11-07-9811060642-story.html.

8. Citado em Borenstein, “A fé dos astronautas não se perdeu no espaço”.

9. CH Spurgeon, “Deus se regozijando na nova criação” (sermão nº 2211; 5 de julho de 1891), www.ccel.org/ccel/spurgeon/sermons37.xxx.html.

10. John Milton, *Paraíso Perdido* (1667; reimpressão, Nova Iorque: Oxford University Press, 2005), 153.

11. Ver Bratton, *Cristianismo, Natureza Selvagem e Vida Selvagem*, 90–91.

12. Bratton, *Cristianismo, Natureza Selvagem e Vida Selvagem*, 93.

13. Elizabeth Barrett Browning, “Aurora Leigh” (livro sete), em *Obras-primas da poesia religiosa*, ed. James Dalton Morrison (Grand Rapids: Baker, 1977), 16.

14. Citado em H. Paul Santmire, *The Travail of Nature* (Filadélfia: Fortress, 1985), 131.

15. Santmire, *Trabalho da Natureza*, 130.

16. Ver Santmire, *Trabalho da Natureza*, 99.

17. Agradeço a Susan Power Bratton por muitas das ideias contidas nesta seção.

18. Meus agradecimentos ao Reverendo Brian Thorstad por seus comentários aqui.

Capítulo 4: Sensíveis

1. Henri Nouwen, *O Retorno do Filho Pródigo* (Nova York: Doubleday, 1994), 4.

2. Nouwen, *Retorno do Filho Pródigo*, 5.

3. Von Ogden Vogt, *Arte e Religião* (New Haven, CT: Yale University Press, 1921), 145–51.

4. Vogt, *Arte e Religião*, 148–151.

5. Vogt, *Arte e Religião*, 56.

6. Ver Harold Best, *Música através dos olhos da fé* (Nova Iorque: HarperCollins, 1993), 185.

7 Ver Philip Whitfield e Mike Stoddart, *Hearing, Taste and Smell: Pathways of Perception* (Nova Iorque: Torstar, 1985), 63.

8 .Citado em Whitfield e Stoddart, *Audição, Paladar e Olfato* , 153.

9 .Whitfield e Stoddart, *Audição, Paladar e Olfato* , 156.

10 .Nouwen, *O Retorno do Filho Pródigo* , 4.

11 .Michael Long, “O Sentido da Visão”, *National Geographic* (novembro de 1992), 8.

12 .Vogt, *Arte e Religião* , 206.

13 .Vogt, *Arte e Religião* , 205–6.

14 .Ver Henry Morgan, ed., *Approaches to Prayer* (Harrisburg, PA: Morehouse, 1991), 92.

15 .Citado em Whitfield e Stoddart, *Audição, Paladar e Olfato* , 85.

16 .Vogt, *Arte e Religião* , 77–78.

Capítulo 5: Tradicionalistas

1 .“CT conversa com Kathleen Norris”, *Christianity Today* , 22 de novembro de 1993, 36.

2 .Evelyn Underhill, *Adoração* (Nova York: Harper & Row, 1936), 20.

3 Gertrud Mueller Nelson, *Dançar com Deus: Ritual Familiar e Celebração Comunitária* (Nova York: Paulist, 1986), 25.

4 .Nelson, *Dançar com Deus* , 25–26.

5 .Citado em Joseph Jungmann, *Christian Prayer through the Centuries* (Nova York: Paulist, 1978), 30.

6 .Ver Jungmann, *A oração cristã através dos séculos* , 8.

7 .Jungmann, *A oração cristã através dos séculos* , 9.

8 .Eberhard Bethge, ed., *Cartas e documentos da prisão* (Nova York: Macmillan, 1972), 203.

9 .Ver Sidney Heath, *The Romance of Symbolism* (Londres: Francis Griffiths, 1909), 57–61.

10 .Heath, *Romance do Simbolismo* , 116.

11 .Heath, *Romance do Simbolismo* , 117–20.

12 .Heath, *Romance do Simbolismo* , 157–58.

13 .Heath, *Romance do Simbolismo* , 194–99.

14 .Heath, *Romance do Simbolismo* , 214–15.

15 .Nelson, *Dançar com Deus* , 7.

16 Ver WA Van Gemenen, “Offerings and Sacrifices in Bible Times,” in *Evangelical Dictionary of Theology* , ed. Walter Elwell (Grand Rapids: Baker, 1984), 788.

17 .Ver Underhill, *Adoração* , 53.

Capítulo 6: Ascetas

1 .M. Basil Pennington, *Um Lugar à Parte: Oração e Prática Monástica para Todos* (Nova York: Doubleday, 1983), 26.

2 .Pennington, *Um Lugar à Parte* , 26.

3 .Citado em Roger D. Sorrell, *São Francisco de Assis e a Natureza* (Nova York: Oxford University Press, 1988), 20.

4 .Evelyn Underhill, *Adoração* (Nova York: Harper, 1936), 164.

5 • Filipe Rousseau, *Ascetas, Autoridade e a Igreja: Na Era de Jerônimo e Cassiano* (Londres: Oxford University Press, 1978), 48.

6 .Rousseau, *Ascetas, Autoridade e a Igreja* , 117.

7 .Citado em Rousseau, *Ascetas, Autoridade e a Igreja* , 100.

8 • Ver Susan Power Bratton, *Christianity, Wilderness and Wildlife* (Scranton, PA: University of Scranton Press, 1993), 181.

9 .Gilbert K. Chesterton, *São Francisco de Assis* (Nova York: Doran, 1924), 118.

10 .Chesterton, *São Francisco de Assis* , 119.

11 .Felix D. Duffey, *Psiquiatria e Ascetismo* (Londres: Herder, 1950), 62.

12 .Santo Agostinho, *A Cidade de Deus* (Nova York: Modern Library, 2000), 681.

13 .Citado em Rousseau, *Ascetas, Autoridade e a Igreja* , 153.

14 .Pennington, *Um Lugar à Parte* , 41.

15 .Pennington, *Um Lugar à Parte* , 43.

16 .Pennington, *Um Lugar à Parte* , 65.

17 .Pennington, *Um Lugar à Parte* , 111.

18 • Citado em “A vida e a atividade da santa e bem-aventurada mestra Syncletica”, em *Comportamento Ascético na Antiguidade Greco-Romana: Uma Coletânea de Fontes* , ed. Vincent Wimbush (Minneapolis: Fortress, 1990), 91.

19 .Dietrich Bonhoeffer, *O Custo do Discipulado* , ed. rev. (Nova York: Simon & Schuster, 1995), 169.

Capítulo 7: Ativistas

1 .Francis A Schaeffer, *A Marca do Cristão* (Downers Grove, IL: InterVarsity, 1970), 26–27.

2 .Schaeffer, *Marcos do Cristão* , 28.

3 • Thomas Merton, *A Experiência Interior: Notas sobre a Contemplação* (Nova Iorque: HarperCollins, 2004), 63–64, • itálico original.

4 .Merton, *Experiência Interior* , 64.

5 • Klaus Bockmuehl, *Livros: As Ferramentas de Deus na História da Salvação* (Moscou, IN: Community Christian Ministries, 1992).

6 .Citado em George Sayer, *Jack: A Life of CS Lewis* (Wheaton, IL: Crossway, 2005), 318.

7 .Citado em Garth Lean, *Strangely Warmed* (Wheaton, IL: Tyndale, 1979), 62.

8 .Franky Schaeffer, *A Time for Anger: The Myth of Neutrality* (Westchester, IL: Crossway, 1982), 154.

9 .Franky Schaeffer, *Más notícias para o homem moderno* (Westchester, IL: Crossway, 1984), 96.

10 .Schaeffer, *Más notícias para o homem moderno* , 106–7.

11 .Citado em Joseph Jungmann, *Christian Prayer through the Centuries* (Nova York: Paulist, 1978), 148.

12 .Citado em Paul Carter, *The Decline and Revival of the Social Gospel* (Ithaca, NY: Cornell University Press, 1954), 82.

Capítulo 8: Cuidadores

1 .Steve Sjogren, *Conspiração da Bondade* (Ann Arbor, MI: Servant, 1993).

2 .Robert Wuthnow, *Atos de Compaixão* (Princeton, NJ: Princeton University Press, 1991), 87.

3 .Citado em Wuthnow, *Atos de Compaixão* , 105.

4 .Wuthnow, *Atos de Compaixão* , 128–29.

5 .Citado em Wuthnow, *Atos de Compaixão* , 104.

6 .Wuthnow, *Atos de Compaixão* , 106.

Capítulo 9: Entusiastas

1 .Citado em Morton Kelsey, *Transcend* (Rockport, MA: Element, 1981), 54–57.

2 .John Wesley, 20 de maio de 1739.

3 .John Wesley, 25 de novembro de 1759.

4 .Citado em Kelsey, *Transcend* , 55.

5 .Kelsey, *Transcend* , 34.

Capítulo 10: Contemplativos

1 .Gary Thomas, *Sede de Deus: Revigoração Espiritual para a Jornada Sagrada* (Eugene, OR: Harvest House, 2011).

2 .Thomas Merton, *O que é contemplação?* (Springfield, IL: Templegate, 1981), 12, 17.

3 .Merton, *O que é a contemplação?* 21–22.

4 Dom Cuthbert Butler, *Misticismo Ocidental: Os ensinamentos de Agostinho, Gregório e Bernardo sobre a*
• *Contemplação e a Vida Contemplativa* (Londres: Constable, 1922), 26.

5 .Merton, *O que é contemplação?* 7.

6 .Joseph Jungmann, *A oração cristã através dos séculos* (Nova Iorque: Paulist, 1978), 44.

7 .Citado em Dr. Gabriele Winkler, *Atitude de oração na Igreja Oriental* (Minneapolis: Life and Life, 1978), 13.

8 .Winkler, *Atitude de oração na Igreja Oriental* , 18–19.

9 .Ver Thomas, *Thirsting for God* , 183–97.

10 .M. Basil Pennington, *Daily We Touch Him* (Garden City, NY: Doubleday, 1977), 51–52.

Capítulo 11: Intelectuais

1 John MacArthur, “Por que ainda prego a Bíblia depois de quarenta anos de ministério”, em *Pregando a Cruz* , ed.
• Mark Dever et al. (Wheaton, IL: Crossway, 2007), 154.

2 .Ver Morton Kelsey, *Transcend* (Rockport, MA: Element, 1981), 37.

3 .Citado em Joseph Jungmann, *Christian Prayer through the Centuries* (Nova York: Paulist, 1978), 114.

4 .Ver Dorothy Sayers, *Credo ou Caos?* (Nova Iorque: Harcourt Brace, 1949).

5 .Sayers, *Credo ou Caos?* 28.

Companheiros de Jornada: Os Caminhos Sagrados e o Eneagrama

1 Ian Morgan Cron e Suzanne Stabile, *The Road Back to You: An Enneagram Journey to Self-Discovery* (Downers
• Grove, IL: InterVarsity, 2016), 24.

2 .Richard Rohr, *O Eneagrama: Uma Perspectiva Cristã* (Nova York: Crossroad, 2001), 21.

3 .Rohr, *O Eneagrama* , 39.

4 .William GT Shedd, ed., *Confissões de Agostinho* (Nova York: Wiley, 1860), 187, VIII.11.

GARY THOMAS

Para informações sobre a agenda de palestras de Gary ou para acessar seu blog (com posts sobre casamento e formação espiritual), visite seu site (www.garythomas.com).

Você pode segui-lo em:

Twitter: @garyLthomas

Facebook: www.facebook.com/authorgarythomas

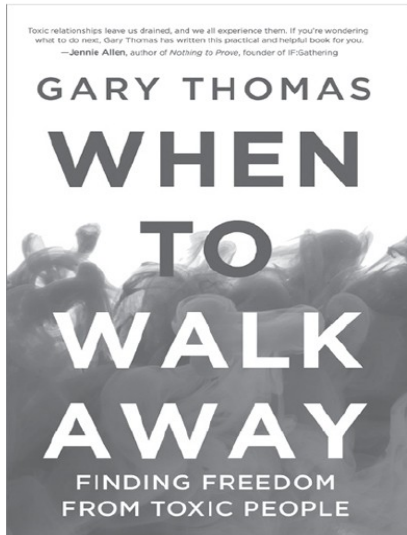
Instagram: @garythomasbooks

Para saber como convidar Gary para sua igreja, envie um e-mail para sua assistente: alli@garythomas.com.

When to Walk Away

Finding Freedom from Toxic People

Gary Thomas



Your life's calling is too important to let toxic people take it away. *When to Walk Away* draws from biblical and modern stories to equip you to handle toxic people in your life and live true to your God-given purpose.

As Christians, we often feel the guilt and responsibility of meeting the needs of unhealthy people in our lives. Whether a sibling, parent, spouse, coworker, or friend, toxic people frequently seek to frustrate our life's calling. While you're seeking first God's kingdom, they're seeking first to distract your focus and delay your work.

Instead of attempting the impossible task of mollifying toxic people, it's time we dedicate our energy to the only worthwhile effort: completing the work God has given us by investing in reliable people. It's only when we learn to say no to bad patterns that we can say yes to the good work God has planned for us.

Drawing from years of service as a pastor, Gary Thomas (bestselling author of *Sacred Marriage*) looks at biblical examples from the lives of Jesus, Paul, and Nehemiah to give you insightful, biblical takeaways that you can apply right away. You'll discover how to:

- learn the difference between difficult people and toxic people
- find refuge in God when you feel under attack
- discern when to walk away from a toxic situation
- keep a tender heart, even in unhealthy relationships
- grow your inner strength and invest in reliable people

We can't let others steal our joy or our mission. It's time to strengthen our defense, learn to set healthy boundaries, and focus on our God-given purpose. It's time to know when to walk away.

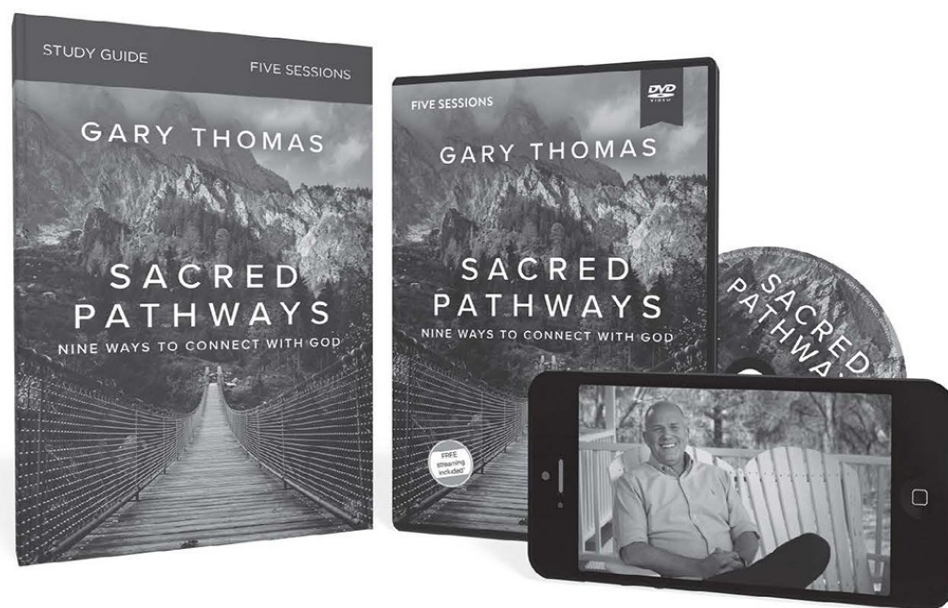
 **ZONDERVAN**
BOOKS

AVAILABLE IN STORES AND ONLINE

New Video Study for Your Church or Small Group

If you've enjoyed this book, now you can go deeper with the companion video Bible study!

In this five-session study, Gary Thomas helps you apply the principles in *Sacred Pathways* to your life. The study guide includes video notes, group discussion questions, and personal study and reflection materials for in-between sessions.



Study Guide
9780310122098

DVD with Streaming
9780310122111

Available now at your favorite bookstore, or
streaming video on StudyGateway.com.





Descobri que orações repetitivas são úteis, não porque aumentam a probabilidade de Deus ouvir minhas orações, mas porque me ajudam a compreender melhor o que estou pedindo em oração.